

**SUELI BORTOLIN**

**A LEITURA LITERÁRIA NAS BIBLIOTECAS  
MONTEIRO LOBATO DE SÃO PAULO E SALVADOR**

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista, Campus de Marília, para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação (Área de Concentração: Informação, Tecnologia e Conhecimento).

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> *Maria Helena Toledo Costa  
de Barros.*

Marília

2001

028 (81) Bortolin, Sueli.

B748L A leitura literária nas Bibliotecas Monteiro Lobato de São Paulo e Salvador/ Sueli Bortolin. - Marília, SP: [s.n.], 2001. - xiv, 233f. .; 30cm.

Orientadora: Maria Helena T. C. de Barros.  
Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista. Departamento de Ciências da Informação.

1. Biblioteca infanto-juvenil. 2. Leitura. 3. Promoção de Leitura. I. Barros, Maria Helena T.C. de. II. UNESP- Marília. Departamento de Ciências da Informação. III. Título.

**SUELI BORTOLIN**

**A LEITURA LITERÁRIA NAS BIBLIOTECAS  
MONTEIRO LOBATO DE SÃO PAULO E SALVADOR**

**BANCA EXAMINADORA**

**DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE**

Presidente e Orientadora: \_\_\_\_\_

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Helena T.C.de Barros  
(Departamento de Ciências da Informação  
UNESP de Marília)

2<sup>a</sup> Examinador \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Dagoberto Buim Arena  
(Departamento de Didática  
UNESP de Marília)

3<sup>a</sup> Examinadora: \_\_\_\_\_

Profa Dr<sup>a</sup> Plácida L. V. A. da C. Santos  
(Departamento de Ciências da Informação  
UNESP de Marília)

Marília, 30 de outubro 2001.

## DADOS CURRICULARES

### SUELI BORTOLIN

NASCIMENTO	26.04.58 - LONDRINA /Pr
FILIAÇÃO	José Bortolin Maria do Carmo Barra Rosa Bortolin
1978/1981	Curso de Graduação - Biblioteconomia Universidade Estadual de Londrina
1988	Professora Auxiliar de Ensino Superior no Departamento de Biblioteconomia na Universidade Estadual de Londrina
1989/1990	Professora Auxiliar de Ensino Superior no Centro de Estudos Superiores de Pesquisa do Paraná
1995/1996	Professora Auxiliar de Ensino Superior no Departamento de Biblioteconomia na Universidade Estadual de Londrina
1996/1997	Curso de Pós-Graduação em Gerência de Unidades de Informação em C&T, em nível de especialização, na Universidade Estadual de Londrina
1997	Professora Auxiliar de Ensino Superior na União Norte do Paraná de Ensino
1997	Professora Auxiliar de Ensino Superior no Departamento de Ciências da Informação na Universidade Estadual de Londrina
1999/2001	Professora Auxiliar de Ensino Superior no Departamento de Ciências da Informação na Universidade Estadual de Londrina

## **DEDICATÓRIA**

Para Maria e José, meus pais, que são a razão da minha existência, da minha vontade de lutar.

## AGRADECIMENTOS

À minha orientadora e professora Maria Helena T.C. de Barros, que me apontou em todos os momentos o rumo certo, com energia e delicadeza.

Aos professores do Mestrado: Plácida L.V.A. C. Santos, Barbara Fadel, Miriam Celi P. Porto Foresti e Antenor Gonçalves, pelos conhecimentos transmitidos.

À Heliete Domingues Garcia, amiga, conselheira, companheira de viagem, de almoço, de trabalho, de tristezas e alegrias. À todos os amigos do Mestrado, pelas horas de aprendizagem e também de descontração.

Às bibliotecárias Ceres Maria Soares Pimentel (Salvador) e Durvalina Soares Silva (São Paulo) e também aos funcionários das Bibliotecas Monteiro Lobato de São Paulo e Salvador, foco desta pesquisa, em especial a pedagoga Joseania Miranda Freitas, pelo apoio na biografia de Denise Tavares.

Aos especialistas em leitura e em bibliotecas infanto-juvenis: Edmir Perrotti, Ezequiel Theodoro da Silva, Geneviève Patte, Luiz Percival Leme Britto, Maria Alice Oliveira Faria, Maria Antonieta Antunes Cunha, Maria Christina de Moraes Tavares, Regina Zilberman e Roseli Teresa Silva Leme, que apesar dos inúmeros compromissos, responderam prontamente o questionário da pesquisa.

Aos meus sobrinhos, Ticiane Bortolin Borges, Ariele Bortolin Borges e Rafael Francisconi Bortolin Borges, que são a minha vida; por desculparem a ausência em suas vidas, durante três anos. E também ao meu sobrinho Pedro Bortolin de Abreu Pestana, que vai chegar depois de tantos anos de espera.

A minha pequena amiga Mariana Luvizutti Coiado Martinez que me repôs a energia e a alegria a cada ida a Marília.

Aos meus irmãos: Silvia Bortolin Borges, Solange Bortolin, Nelson Bortolin e Dirce Xavier Prates. E aos meus cunhados Neirivaldo Francisconi Borges, Arley de Abreu Pestana e Marcos Valadão, pelo apoio irrestrito.

Aos meus amigos e hospedeiros Paulo Henrique Coiado Martinez e Marisa Luvizutti Coiado Martinez, também pelo apoio irrestrito.

À minha tia Augusta Barra Rosa de Oliveira, “contadora de histórias” e aos meus primos/quase sobrinhos: Karina de Oliveira, Emanuele de Oliveira e Ariovaldo Barra Rosa de Oliveira, pela torcida.

Aos meus amigos do Departamento de Ciências da Informação da Universidade Estadual de Londrina, em especial Brigida Cervantes, Maria Elisabete Catarino, Maria Inês Tomaél, Marta Lígia Pomim Valentim, Oswaldo Francisco de Almeida Junior, Rosane Lunardelli, Terezinha Elisabeth da Silva e Teresinha Batista de Sousa, pelo incentivo constante, desde a gênese deste trabalho.

Aos meus amigos Rovilson José da Silva, Claudia Rezende e Cláudio Fank, pelas informações compartilhadas.

Ao Dr. Leo Pires Ferreira, meu amigo agrônomo que “semeia” Lobato; pela assessoria lobatiana.

A Dona Hilda Rodrigues, pela constante vibração.

À minha ex-professora Terezinha Gondo, que em 1978, me apresentou pela primeira vez um texto sobre a Biblioteca Infantil de Clamart.

Aos funcionários da Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina, pelo apoio em minhas pesquisas bibliográficas.

Aos meus alunos e da Universidade Estadual de Londrina e do Centro Universitário Filadélfia, pela compreensão nos momentos de cansaço.

Ao amigo Kleber Arantes, pela formatação deste trabalho.

Quem é cada um de nós senão uma  
combinatória de experiências, de  
informações, de leituras, de imaginações?

(Italo Calvino)

## SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURAS.....	11
Resumo.....	13
Abstract.....	14
1 INTRODUÇÃO.....	15
2 LEITURA E PROMOÇÃO DA LEITURA LITERÁRIA.....	19
2.1 Definição de Leitura.....	20
2.2 A Leitura Literária na Formação do Leitor.....	23
2.3 Promoção de Leitura.....	26
2.4 Mediadores de Leitura.....	30
3 BIBLIOTECA INFANTO-JUVENIL – BIJ.....	35
3.1 Conceitos.....	37
3.2 Objetivos, Finalidades e Importância.....	41
3.3 Elementos Básicos para a Promoção de Leitura.....	47
3.3.1 Organização.....	47
3.3.2 Acervo.....	52
3.3.3 Usuários.....	58
3.3.4 Profissionais.....	64
3.3.5 Produtos/Serviços e Atividades Culturais.....	67

4 BIJ NO BRASIL: destaques históricos.....	70
4.1 As Idealizadoras das Bibliotecas Monteiro Lobato .....	74
4.1.1 Lenyra de Arruda Fraccaroli.....	74
4.1.2 Denise Fernandes Tavares.....	78
5 AS BIBLIOTECAS PESQUISADAS.....	82
5.1 Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato (BIJML) .....	82
5.2 Biblioteca Infantil Monteiro Lobato (BIML) .....	84
5.3 Razões Para o Nome Monteiro Lobato.....	87
6 A PESQUISA .....	96
6.1 Resultados e Discussão .....	100
6.1.1 O Contexto da Leitura na BIJML.....	100
6.1.1.1 Quanto ao Pessoal.....	101
6.1.1.2 Quanto às Instalações.....	104
6.1.1.3 Quanto ao Acervo.....	106
6.1.1.4 Quanto a Divulgação, Produtos/Serviços e Educação de Usuários .....	108
6.1.1.5 Quanto às Atividades Culturais .....	110
6.1.2 O Contexto da Leitura na BIML .....	120
6.1.2.1 Quanto ao Pessoal.....	120
6.1.2.2 Quanto às Instalações.....	124
6.1.2.3 Quanto ao Acervo.....	126
6.1.2.4 Quanto a Divulgação, Produtos/Serviços e Educação de Usuários .....	128
6.1.2.5 Quanto às Atividades Culturais .....	130
6.2 Análise Comparada dos Resultados .....	136
6.3 Avaliação dos Especialistas em Leitura e em BIJ.....	142
6.3.1 Regina Zilberman .....	146
6.3.2 Ezequiel Theodoro da Silva .....	147
6.3.3 Geneviève Patte .....	148
6.3.4 Maria Antonieta Antunes Cunha.....	149
6.3.5 Maria Christina de Moraes Tavares.....	150

6.3.6 Roseli Teresa Silva Leme .....	153
6.3.7 Luiz Percival Leme Britto .....	154
6.3.8 Edmir Perrotti.....	156
6.3.9 Maria Alice Oliveira Faria .....	157
6.4 Síntese dos Pareceres dos Especialistas .....	159

7 O (NÃO) USO DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA PROMOÇÃO DA LEITURA LITERÁRIA PELAS BIBLIOTECAS PESQUISADAS .....	162
--	-----

8 CONCLUSÕES E SUGESTÕES .....	168
--------------------------------	-----

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	175
---------------------------------	-----

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....	188
------------------------------	-----

#### ANEXOS

Anexo A – Carta de Denise Tavares .....	213
Anexo B – Roteiro para a Entrevista Focalizada .....	218
Anexo C – Formulário da Entrevista Estruturada .....	221
Anexo D – Carta e Questionário para os Especialistas .....	225

ESCLARECIMENTO OPORTUNO: minha alma quixotesca.....	230
---	-----

## LISTA DE ABREVIATURAS

ATA - Cargo de Auxiliar Técnico Administrativo (BIJML)

ALB - Associação de Leitura do Brasil

APB - Associação Paulista de Bibliotecários

B e D - Seção de Bibliografia e Documentação (BIJML)

BICA - Biblioteca Infantil Circulante de Assis

BIJML - Biblioteca Infanto-juvenil Monteiro Lobato

BIML - Biblioteca Infantil Monteiro Lobato

BPIJBH - Biblioteca Pública Infantil e Juvenil de Belo Horizonte

CBBD - Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação

CERLALC - Centro Regional para o Fomento do Livro na América Latina e Caribe

CIP - Projeto de Crescimento Interpessoal e Profissional (BIML)

COLE - Congresso de Leitura do Brasil

CRB - Conselho Regional de Biblioteconomia

ECA - Escola de Comunicação e Artes

FBN - Fundação Biblioteca Nacional

FEBAB - Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários

FIAB - Federação Internacional de Associações de Bibliotecários

FNLIJ - Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil

IBBY - International Board on Books for Young People

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFLA - International Federation of Library Associatios

INL - Instituto Nacional do Livro (extinto)

MEC - Ministério de Educação e do Desporto

MINC - Ministério da Cultura

PAS - Plano de Assistência à Saúde

PMSP - Prefeitura Municipal de São Paulo

PROESI - Programa de Serviços de Informação em Educação

PRO-LEITURA - Programa de Leitura do MEC

PROLER - Programa Nacional de Incentivo à Leitura

PUCRS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

SENAC - Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

SESC - Serviço Social do Comércio

TIMOL - Teatro Infanto-Juvenil Monteiro Lobato

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

UEL - Universidade Estadual de Londrina

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a  
Cultura

UNISO - Universidade de Sorocaba

UNESP - Universidade Estadual Paulista

UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas

USP - Universidade de São Paulo

BORTOLIN, Sueli. **A leitura literária nas bibliotecas Monteiro Lobato de São Paulo e Salvador**. 2001. 233f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília.

## RESUMO

As bibliotecas públicas infanto-juvenis são agências mediadoras da leitura; portanto, têm um importante papel a desempenhar na sociedade, em especial num país em desenvolvimento. Elas têm realizado cotidianamente inúmeras atividades no sentido de promover a leitura, porém observamos que nem *tudo que se faz em nome da leitura, leva à leitura*. Assim, esta pesquisa analisou as ações das Bibliotecas Monteiro Lobato de São Paulo e Salvador quanto à promoção de leitura. As informações para análise, foram obtidas por intermédio da literatura pertinente, e também de entrevistas *in loco* nas referidas bibliotecas. Após a coleta das informações cotejamos estes dados com os pareceres de especialistas em leitura e em bibliotecas infanto-juvenis quanto à eficácia e à pertinência das atividades para a promoção de leitura. Concluímos que as bibliotecas pesquisadas têm ações semelhantes quanto as atividades de promoção de leitura; demonstramos também que em ambas os funcionários não têm clareza de quais atividades realmente levam à leitura. Esperamos que este estudo, venha trazer subsídios a todos os que, de uma forma ou de outra, estejam envolvidos e/ou interessados na formação de leitores e na otimização do uso de bibliotecas e de seus respectivos acervos por meio das atividades culturais desenvolvidas.

Palavras-chave: biblioteca infanto-juvenil; leitura; promoção de leitura.

BORTOLIN, Sueli. **Literary readers at the Monteiro Lobato libraries in São Paulo and Salvador**. 2001. 233f. Dissertation (Master of Science degree in Information) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília.

#### ABSTRACT

Child-youthful libraries are considered reader's mediator agencies; therefore, they perform an important role in society, specially in a developing country. On everyday, they have realized uncountable activities to promote reading. However, but it has also been noted that all the efforts are done in the name of reading actually lead to reading. So, this research has analysed the work done by Monteiro Lobato's libraries in São Paulo and Salvador concerning the promotion of reading. These information for analysis was gathered through bibliografic research and interviews at the libraries above mentioned. After these specialists in children-youthful libraries' opinions as far as concerned to the effectiveness and objectiveness of the activities intended to promote reading. It's concluded that the libraries accessed have similar actions in relationships to this promotion, demonstranting that the staff in both cases do not have a clear point of view on which activities do really lead to reading. It's expected that this study may subside everyone involved and/or interested, in a way or another, for the formation af potential readers and the optimization of the libraries users. As well as its respective collection through means of the cultural activities developed in that eviroment.

Keywords: child-youthful libraries; readers; reading promotion.

## 1 INTRODUÇÃO

A importância da leitura para a formação da personalidade do indivíduo ocupou a atenção e o esforço dos pesquisadores, a ponto de, na atualidade, não se ter mais dúvidas quanto à necessidade de se proporcionar às crianças e aos adolescentes o convívio com textos literários, para que eles cresçam estimulados a ler, descobrindo o mundo e a si mesmos.

Neste panorama, cabe à biblioteca infanto-juvenil a responsabilidade de articulações e iniciativas destinadas ao estímulo à leitura. Iniciativas que vêm exigindo do mediador de leitura e do leitor, uma postura mais dinâmica. Mediador aqui entendido como o indivíduo que tenha a função de facilitar o encontro entre o leitor e o texto. Portanto, esperamos do mediador ações que possam contribuir para a formação e o amadurecimento do leitor. E do leitor, que compreenda que ler é saber construir uma ponte entre as suas idéias e as idéias de um autor.

Desta forma, acreditamos que a responsabilidade em mediar a leitura incide sobre o bibliotecário com maior intensidade, pois neste contexto, a biblioteca infanto-juvenil, é “[...] sem dúvida um local privilegiado para o encontro significativo do leitor com livros” (SILVA, 1988, p.3), situação que nem sempre acontece nas escolas. E, por mais contraditório que pareça, é na escola que se aprende a ler, mas nem sempre é na escola que se aprende a gostar de ler.

Portanto, esperamos do bibliotecário uma postura mais comprometida e transformadora, principalmente se considerarmos que a diversidade de leitura tende a estimular o indivíduo a desenvolver uma visão mais crítica da sociedade.

Esta função politizada da leitura tem sido uma ênfase dada pelos pesquisadores, de forma a alertar aos profissionais das mais variadas áreas e instituições, quanto à função social da leitura. E são estes mesmos pesquisadores que, pela reconhecida importância da leitura, alertam que ela deveria ter um maior destaque na sociedade e na cultura brasileira. Partindo desta premissa, devemos realçar o papel da biblioteca pública, que traz em sua essência a obrigatoriedade de

atendimento à sociedade em todos os seus estratos, sem discriminação de raça, cor, idade, religião, sexo, nacionalidade ou língua; e tem como uma de suas principais funções estimular os cidadãos à leitura.

Assim, com o propósito de dinamizar a biblioteca, os bibliotecários e demais profissionais que atuam nas bibliotecas infanto-juvenis<sup>1</sup> têm desenvolvido uma diversidade de atividades, destinadas às crianças e aos adolescentes; no entanto, nosso conhecimento empírico sobre a promoção de leitura, adquiridos durante quatorze anos de exercício da profissão, atuando como animadora de biblioteca no Serviço Social do Comércio (SESC), contando histórias e fomentando a leitura nos diversos espaços, como feiras de livros, livrarias, favelas, ruas, praças, pré-escolas, creches, recreações de férias, hospitais e em cursos de capacitação de professores e bibliotecários, nos encaminha para as seguintes reflexões: “Quais são realmente as ações destinadas à promoção de leitura?”. “Qual é a prática dos bibliotecários das bibliotecas públicas infanto-juvenis, neste sentido?”. “Os bibliotecários das bibliotecas públicas infanto-juvenis têm priorizado esta questão?”. Temos observado que o entusiasmo de certos mediadores de leitura leva-os a desenvolver as atividades de forma acrítica e/ou sem o devido embasamento teórico, porém acreditamos que “nem tudo que se faz em nome da leitura leva à leitura”; portanto, o interesse em buscar resposta para estas e outras questões, foi a principal motivação desta pesquisa.

Porém, em virtude do universo de bibliotecas infanto-juvenis brasileiras ser numeroso e esparso, optamos por efetuar esta pesquisa apenas na Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato (BIJML), em São Paulo, e na Biblioteca Infantil Monteiro Lobato (BIML), em Salvador, por serem elas tradicionalmente reconhecidas pelas realizações culturais voltadas às crianças e aos adolescentes. E também porque são as primeiras bibliotecas criadas no Brasil para atender esta faixa etária de leitores, que existem até hoje.

Para tanto, comentamos no **segundo capítulo** a leitura e a promoção de leitura, no qual estabelecemos a utilização, nesta dissertação, da palavra

---

<sup>1</sup> No decorrer do trabalho, assim como os especialistas na área, usaremos a denominação ora infantil, ora infanto-juvenil, variando conforme a época e o contexto, porém estamos nos referindo à instituição destinada ao atendimento da criança e do adolescente.

promoção (na concepção latina) com o significado de antecipação, ou seja a articulação e iniciativas que visem a formação e manutenção de leitores. Portanto, apresentamos diferentes definições de leitura, expressas por especialistas brasileiros e estrangeiros. Discutimos também a leitura literária como formadora de leitores e ainda fatores que envolvem a prática dos mediadores de leitura.

São focadas no **terceiro capítulo** a escassez de pesquisas, eventos e publicações sobre a biblioteca infanto-juvenil, apresentando ainda diversos conceitos sobre ela, emitidos em diferentes décadas.

Para que o leitor possa compreender melhor o objeto deste estudo, arrolamos os objetivos e as finalidades atribuídos à biblioteca infanto-juvenil por profissionais que estiveram ou estão ligados a ela. Comentamos os pontos básicos para a organização desta categoria de biblioteca, preocupando-nos com a localização, o prédio, a iluminação, o mobiliário e equipamentos necessários para o seu funcionamento, como ambiente de leitura.

Abordamos também, nesse mesmo capítulo, a inexistência de padrões e de recomendações específicas para as bibliotecas infanto-juvenis; assim, recorreremos aos padrões elaborados para as bibliotecas públicas, porém aplicáveis a este gênero de biblioteca.

Outros assuntos, abordados nesse capítulo, foram o acervo e as dificuldades para a sua formação; os usuários, abrangendo o que a história social da criança denomina de “descoberta da infância”, até à atualidade, em que se tem discutido o possível “desaparecimento” do conceito de infância. Foram abordados também, os profissionais que trabalham em uma biblioteca infanto-juvenil e ainda os produtos/serviços e atividades culturais que estes comumente desenvolvem.

No **quarto capítulo** relatamos o despontar das bibliotecas infanto-juvenis no Brasil, desde a década de 20. Acrescentamos ainda, uma breve biografia das bibliotecárias Lenyra Camargo Fraccaroli e Denise Fernandes Tavares, porque contribuíram com dedicação para a instalação de diversas bibliotecas infanto-juvenis em nosso país, em especial as Bibliotecas Monteiro Lobato de São Paulo e Salvador.

Caracterizamos, no **quinto capítulo**, a Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato e a Biblioteca Infantil Monteiro Lobato. Este capítulo apresenta

também as razões para a escolha do nome Monteiro Lobato, como patrono destas bibliotecas, decisão que é fácil de compreender, pois ele foi um insistente defensor da literatura brasileira, em especial da literatura infantil.

No **sexto capítulo**, apresentamos os objetivos (geral e específicos), os objetivos do conjunto de questões da entrevista com os funcionários e também os procedimentos metodológicos da pesquisa. Abordamos também, os resultados obtidos por meio das entrevistas com as diretoras e os demais funcionários das Bibliotecas Monteiro Lobato de São Paulo e de Salvador, bem como a avaliação de notórios especialistas em leitura e em biblioteca infanto-juvenil, quanto à pertinência e eficácia das atividades realizadas por estas bibliotecas, no sentido de promover a leitura. Estes dados foram organizados com recurso de tabelas, gráficos, comentários dos entrevistados, bem como de citações extraídas dos documentos consultados. Acrescentamos ainda uma análise comparada dos resultados de cada biblioteca.

Em virtude do advento do meios eletrônicos, optamos por reservar um capítulo em que pudéssemos evidenciar e avaliar o uso das novas tecnologias no estímulo à leitura; fizemos isso no **sétimo**.

No **oitavo capítulo**, coube-nos apresentar as nossas conclusões, resultado da análise das respostas obtidas e das leituras efetuadas no decorrer do trabalho.

Finalmente, esperamos trazer subsídios a todos os que, de uma forma ou de outra, estejam envolvidos e/ou interessados na formação de leitores e na otimização do uso das bibliotecas infanto-juvenis, mas que ele possa também servir de motivação para ampliar as discussões e/ou pesquisas sobre esse gênero de biblioteca.

## 2 LEITURA E PROMOÇÃO DA LEITURA LITERÁRIA

A expressão “promoção de leitura” é, para os bibliotecários em geral, uma expressão familiar. Mas, é necessário que se estabeleça qual a abordagem que daremos à palavra promoção, nesta pesquisa; será aqui utilizada na concepção proveniente do latim - “promotione”, com o significado de antecipação e não do inglês - “promotion”, com o significado de propaganda.

Esta pesquisa é resultado da observação de que os profissionais envolvidos com o ato de ler têm realizado uma diversidade de projetos e atividades que, em sua maioria, podem ser classificados apenas como uma “propaganda” da biblioteca.

Parece-nos, porém, que esta postura seja equivocada, pois o Brasil, um país com pouca tradição em leitura, precisa de iniciativas (antecipações) que tenham no seu âmago o intuito de realmente aproximar o leitor do texto literário (impresso ou eletrônico), contribuindo para a formação de novos leitores, bem como para a manutenção constante dos leitores já formados.

Desta maneira, julgamos que estas ações devam ser criteriosamente planejadas, para que, ao formar leitores (neste caso infanto-juvenis), a biblioteca possa facultar uma leitura crítica e não superficial de textos, pois,

numa sociedade como a brasileira, ligada fortemente à oralidade, promover a leitura significaria por exemplo ato capaz de livrar-nos do atraso, de integrar-nos ao processo civilizatório do qual estamos excluídos por falta de intimidade ao impresso (PERROTTI, 1990, p.16).

Para tanto, é necessário que a promoção da leitura seja calcada em estudos sobre a importância da leitura, sobre os mediadores de leitura e também sobre a compreensão do que seja leitura.

## 2.1 Definição de Leitura

Mesmo tendo o conhecimento de que a tendência atual é pela valorização da linguagem em suas diferentes formas, [...] “teatral, coreográfica, musical, plástica, cinematográfica, escrita, oral, multimídia” (TEIXEIRA, 1999, p.45), defendemos que a palavra escrita e verbalizada ainda continua sendo a “mola propulsora” da comunicação entre os indivíduos.

No entanto, interessa-nos focar, neste trabalho, apenas a leitura da palavra escrita, estando ela em qualquer suporte, porque

[...] talvez a nossa cultura esteja nos levando para uma nova civilização visual, como a vivida pelo homem medieval, tão dominado pelo ícone religioso quanto o homem moderno é dominado pelo ícone publicitário (FARINA, 1982, p.25).

A justificativa para este enfoque deve-se ao fato de compartilharmos com o escritor russo Joseph Brodsky (*apud* ABANDONO..., 1996, p.D3) a idéia de que “cada vez mais, somos pessoas visuais, mais do que pessoas de fala e de palavra articulada” e que o menosprezo da palavra pode custar caro para a sociedade.

Entendemos que este assunto é inquietante, provocador e gerador de muita polêmica; assim, nos posicionamos favoráveis a opinião de Ballesteros (1996, p.71), quando afirma:

[...] una sociedad dominada por la imagen, pluralista y relativista como la actual, en la que se impone la cultura de lo efímero y lo transitorio, frente a lo estable y duradero, plantear la creación de un hábito lector en nuestros escolares, con lo que significa la lectura de abstracción, de soledad, de reflexión, de imaginación, parece un acto heroico.

Perante este ponto de vista, gostaríamos de destacar que idéias como esta alertam para a necessidade de pesquisas e discussões sobre o ato de promover a leitura e o que ela significa ou pode significar para cada geração de leitores.

Com esta preocupação, apresentamos algumas definições que consideramos pertinentes a este trabalho.

Além de Freire (1982), outros pesquisadores como: Martins (1983), Silva (1986), Lajolo (1993), Orlandi (1996) e Foucambert (1994), por exemplo, enquadram a leitura num contexto social, em que as vivências (leitura do mundo) antecipam a leitura do texto (leitura da palavra); ou seja, o “acervo pessoal” é o fator primordial para a compreensão do texto. Assim, ninguém mais do que o próprio leitor pode dizer qual é (ou quais são) a(s) sua(s) interpretação(ões) de um texto.

Foucambert (1994, p.5) afirma que ler [...] “significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo, [...] significa construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se é”. Significa que o leitor, de acordo com suas possibilidades, participa da construção do texto no momento da leitura.

Portanto, ler é [...] “muito mais do que responder um estímulo psicofisiológico, receber uma mensagem ou consumir um bem cultural” (FONSECA, 1992, p.81), num posicionamento autômato.

Ler exige do leitor uma cumplicidade com o autor, um “adentramento” no texto. Adentramento que é defendido por Machado (1999, p.110) como necessário, visto que a leitura

de vertical, feita em profundidade e desejando guardar o que era lido e projetá-lo para o futuro, passou a ser horizontal, buscando abranger a maior superfície possível, "agora, já", no presente. [E em consequência disto]. Fica cada vez mais fácil informar-se, ter conhecimento. Mas em meio a tamanha explosão de dados, muita coisa escapa, fica também cada vez mais difícil compreender...

Esta postura quantitativa e não qualitativa, que se prolifera com facilidade numa sociedade capitalista, deturpa a finalidade do ato de ler, pois a leitura é, acima de tudo, uma ação em que o indivíduo passa de uma atitude passiva (emissão/recepção) para um processo de co-autoria.

A idéia de leitura com via única (emissão/recepção) está ultrapassada. A leitura deve ser encarada como uma via dupla, ou seja, de constante diálogo entre leitor/texto/autor. Um processo dinâmico, possibilitando concordâncias ou discordâncias, aproximação ou distanciamento, reverência ou aversão; enfim, um sistema de “interação e entrega” entre leitor, texto e autor.

Assim, o ato de ler é “um processo de compreensão abrangente, cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, bem como culturais, econômicos e políticos” (MARTINS, 1983, p.31). Possivelmente, a autora refere-se à leitura como um processo sistêmico, que provoca no indivíduo: sensações, emoções, inteligência, atividades orgânicas, crenças, valores, norteados por questões econômicas, políticas, sociais e culturais.

Creemos também que a leitura pode possibilitar ao indivíduo uma visão “caleidoscópica” da sociedade e de si mesmo, levando-o a um posicionamento mais “aberto” e flexível perante os acontecimentos da vida. A alegoria do caleidoscópio deve-se ao fato deste objeto proporcionar uma infinita combinação de imagens para o indivíduo que se utiliza dele; e assim a leitura também o deve ser.

Em um contexto mais político, devemos apresentar ainda o conceito de Silva (1984b, p.65) sobre leitura. Para ele, o ato de ler, “se efetuado dentro de moldes críticos, é um ‘ato perigoso’, pois à medida que o cidadão se “apodera” da leitura, ele tem maior autonomia e segurança para tomar as suas próprias decisões, ou não toma-las.

É importante que se destaque ainda que a leitura é

[...] indiscutivelmente um problema da sociedade. O desenvolvimento econômico é condicionado pela possibilidade que terão todos os homens e mulheres ativos (e não apenas certas camadas sociais) de tratar a informação escrita de uma maneira eficaz (MORAIS, 1996, p.20).

Julgamos que esta idéia deva ser seriamente considerada pois, no Brasil, teoricamente, fala-se muito na democratização do livro e na democratização da leitura, mas na prática sabemos que ainda é necessário o desenvolvimento de projetos destinados à promoção da leitura. Esta situação é preocupante, principalmente se acreditarmos que saber ler

[...] é uma necessidade objetiva do sujeito moderno, na medida em que a leitura está implicada por muitas práticas sociais, e a impossibilidade de realizá-la impede, em alguma medida, o sujeito de participar delas (BRITTO, 1999, p.98).

Ficando em consequência disto, à margem da sociedade.

## 2.2 A Leitura Literária na Formação do Leitor

Destacamos nas páginas anteriores que o foco deste trabalho é a leitura da palavra escrita, mais especificamente da leitura do texto literário; optamos pela leitura literária por considerá-la o “marco” inicial para a formação do leitor infantil.

A justificativa para esta decisão deve-se ao fato de perceber, muitas vezes, no discurso de muitos adultos a opinião equivocada sobre a leitura literária transformar a criança e o adolescente em pessoas ensimesmadas, com dificuldade de relacionamento. Consideramos ser este argumento sem qualquer cunho científico, pois acreditar que a leitura possa causar danos na formação da personalidade pode ser uma maneira de encobrir falhas na educação dada pela família e pela escola.

Longe de ser um fator alienante, [...] “a leitura do texto literário - pode se constituir num fator de liberdade e transformação dos homens” (SILVA, 1986a, p.21), podendo paulatinamente influenciar no desenvolvimento social de um país. Diversos pesquisadores brasileiros ligados à leitura também destacam a natureza social que ela traz em seu bojo. Yunes (1985, p.11), por exemplo, lembra que é preciso reconhecer [...] “a leitura como condição indispensável ao desenvolvimento social e da realização individual”.

Esta afirmação atribui à leitura a possibilidade de “despertar a consciência” do ser humano. Alertamos porém, que não podemos ter uma visão determinista deste assunto, ou seja, que a leitura obrigatoriamente despertará consciências; mas acreditamos que é por meio da introjeção de idéias e conceitos variados que o indivíduo amplia a maneira de perceber o mundo e a si mesmo.

Questão esta que deve ser analisada com seriedade, pois mesmo nos dias atuais (com o aumento de publicações e variedades de suportes para os textos), grande parte da população brasileira fica à margem de um processo que possivelmente pode ampliar as chances de aproximação com a leitura. Silva (1988, p.2) lembra que:

o valor da leitura tende necessariamente para os horizontes de conquista da conscientização, da criatividade e da cidadania. Mas especificamente, as pessoas devem ler e conviver com livros para não permanecerem na condição de massa de manobra de um sistema social injusto [...].

Sobre este assunto, Britto (1999, p.98) faz uma consideração oposta; para ele [...] “não faz sentido afirmar que o indivíduo é melhor ou pior, mais ou menos crítico, por ser leitor”. Com esta afirmação, nos parece que o autor desvincula a leitura da obrigatoriedade de propiciar o desenvolvimento do leitor. Em outras palavras: lendo, o indivíduo poderá desenvolver-se, porém isto não é uma regra, ou seja, não há um resultado fatalista no ato de ler.

Em função desta divergência, propomos um meio-termo entre elas, pois concordamos com Britto que não há uma regra de que todos os que lêem são críticos; porém, compartilhamos com Silva, a crença de que a leitura tende a levar o leitor à conquista de novos horizontes; e, em ampliando seu repertório referencial, pode ser crítico.

Vista por esta ótica, a leitura é uma ação política que os cidadãos, por questão de “anestesia cultural”, ainda não perceberam ou não puderam perceber e possivelmente só perceberão quando acreditarem ser essencial a “relação entre leitura e sociedade por parte do indivíduo [...] que conscientizado, ele lutará pelos seus direitos contribuindo para uma sociedade mais justa, por melhores condições de vida” (NASTRI, [1986], p.20).

Idéias como estas pautam-se na convicção de que o ato de ler possibilita ao cidadão uma maior conscientização sobre o seu papel na sociedade. Papel este que pode ser considerado político, na medida em que o indivíduo tem nas mãos a possibilidade de provocar transformações e alterar sua realidade, pois

o ato de ler permite a descoberta de características comuns e diferenças entre os indivíduos, grupos sociais, as várias culturas; incentiva tanto a fantasia como a consciência da realidade objetiva [...] (MARTINS, 1983, p.29).

Sendo o indivíduo inteirado do mundo que o cerca, poderá alcançar a autonomia, de maneira a não ter que “ler com os olhos de outrem”. Assim,

tornando-se inquieto, buscará incessantemente respostas para suas indagações, [...] “pois um brasileiro em dúvida é uma esperança, porque nós só temos brasileiros com certeza” (MILANESI, 1985, p.27).

Assim, podemos afirmar que a leitura literária pode propiciar ao indivíduo uma maior habilidade argumentativa; ou seja, não precisa depender da “fala de outrem”. Portanto, a leitura literária é um

instrumento para a sensibilização da consciência, para a expansão da capacidade e interesse de analisar o mundo, lidar com a ciência, a cultura e o processo de trabalho, uma vez que trata de um discurso que fala da vida, encarando-a sempre de modo global e complexo em sua ambigüidade e pluralidade de faces (YUNES e PONDÉ, 1988, p.10).

Essa percepção globalizante e complexa direciona o indivíduo, por menos estimulado que seja, a entrar num

jogo, pondo de lado a sua realidade momentânea, e passa a viver, imaginativamente, todas as vicissitudes dos personagens da ficção. Dessa forma, aceita o mundo criado como um mundo possível para si (BORDINI e AGUIAR, 1988, p.14),

em um envolvimento mágico, numa simbiose leitor-personagem-escritor. Num embate profundo, exercitando não só a leitura, mas também o ato de refletir e de fazer escolhas no decorrer da vida.

No Brasil, infelizmente, os projetos criados e articulados em prol da leitura, têm, em sua maioria, um caráter emergencial e descontínuo e são utilizados como promoção (propaganda) e não no sentido de antecipação (conf. seção 2). Assim, a leitura não é encarada como prioridade nas escolas e nem nos lares, pois estamos em “passo de ganso” (SILVA, 1995a, p.11). O cidadão brasileiro considera a leitura um “artigo de luxo”, destinado apenas àqueles que se encontram matriculados numa escola. Esta visão distorcida, possivelmente, deve-se ao fato do livro impresso ainda ser o principal veículo de disseminação do texto literário e também pelo mesmo estar estreitamente ligado ao espaço escolar.

Portanto, aplicam-se verbas, capacitam-se grupos de trabalho, publicam-se documentos, montam-se estruturas administrativas e corre-se o risco de, numa nova gestão, o projeto ser substituído e/ou eliminado. Esta é uma atitude perniciosa que contribui com a demora da construção de um país leitor, ou seja, de uma nação em que a leitura ocupe um lugar privilegiado.

Outro fator que tende a agravar a situação, causando o “desgosto” pela leitura, é a forma equivocada de determinados mediadores introduzirem o texto literário na vida das pessoas. Nesse sentido, a formação do gosto pela leitura não deve ser uma ação isolada e solitária, pois depende

do conjunto de interações, do circuito educativo em torno dos livros, sendo que todas as pessoas envolvidas no processo (incluindo bibliotecários, professores, pais, etc...) precisam conhecer os referenciais pretendidos pelas obras, precisam sentir a beleza da palavra literária, precisam viver - na prática - o prazer da leitura (SILVA, 1986a, p.95).

Podemos concluir, então, que a promoção da leitura exige uma ação coletiva das instituições, dos profissionais e dos cidadãos, para que, por meio da leitura literária, todos possam contribuir para a formação integral do indivíduo, criando antes as condições necessárias e o ambiente propício para que ela ocorra de forma adequada.

### **2.3 Promoção de Leitura**

A expressão “promoção de leitura” é encontrada com frequência na literatura e em discussões sobre leitura, objetivando designar as ações e atividades destinadas a estimular o ato de ler e a formação de leitores.

Nos documentos consultados, detectamos que alguns autores, como sinônimo, referem-se a esta dinâmica com a expressão: “animação de leitura”.

Buscando a compreensão da palavra animação, ressaltamos que em sua etimologia significa “dar alma, motivar”; portanto, acreditamos que animação de leitura deve ser entendida como as ações (cotidianas e contínuas) destinadas ao fomento do ato de ler.

Para Jiménez (1996, p.59-60) animação de leitura é [...] “una actuación intencional que, com estrategias de carácter lúdico y creativo, va a tratar de transformar actitudes individuales y colectivas en torno a la lectura” [...].

Concordamos com esta afirmação e lembramos que à biblioteca pública, como uma instituição facilitadora da relação leitor-texto, cabe, por exemplo, organizar [...] “actividades de promoción de lectura para fomentar el interés y la motivación hacia la creación de hábitos lectores” (PEDRAZA,1990, p.17).

Idéia semelhante é propagada por meio de declarações e manifestos, como: a Declaração de Caracas - 1982 - que assinala no item 4 a recomendação de que a biblioteca pública:

deva promover a formação de um leitor crítico, seletivo e criativo, desenvolvendo ao mesmo tempo sua motivação para a leitura, sua habilidade para extrair dela experiências gratificantes, capacitando desse modo cada vez mais o indivíduo para desempenhar um papel ativo na sociedade (SUAIDEN, 1995, p.23).

Merece destaque também o Manifesto da Unesco - Paris/1994, que aprovou como a primeira missão das bibliotecas públicas: “criar e fortalecer hábitos de leitura nas crianças desde a mais tenra idade” (UNESCO, 1998, não paginada).

Além da declaração e do manifesto citados nos parágrafos anteriores indicarem a biblioteca pública como espaço de propagação de leitura, vale apontar também algumas instituições que atuam nesta área.

No Brasil, podemos citar, a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) e a Associação de Leitura do Brasil (ALB). A primeira,

foi criada no dia 23 de maio de 1968, é a seção brasileira do International Board on Books for Young People - IBBY, órgão consultivo da UNESCO. É uma instituição de direito privado, de utilidade pública federal e estadual, de caráter técnico-educacional e cultural, sem fins lucrativos, estabelecida na cidade do Rio de Janeiro. Seu principal objetivo institucional é a promoção da leitura [...] (FUNDAÇÃO..., 2000, p.1)..

Treze anos depois, em 1981, instalou-se em Campinas a ALB [...] “com os objetivos de atuar junto às pessoas ligadas ao mundo da leitura - principalmente professores e bibliotecários - e de lutar pela democratização da leitura no território nacional” (SILVA,1991a, p.16).

No exterior, devemos destacar o IBBY, citado anteriormente. É uma sociedade sem fins lucrativos, reunindo pessoas de várias partes do mundo, comprometidas com a idéia de aproximar a infância dos livros. (INTERNATIONAL..., 2000, p.1).

Outro organismo que tem trabalhado em prol da promoção da leitura, é o Centro Regional para o Fomento do Livro na América Latina e Caribe (CERLALC),

creado en 1971 por un Acuerdo de Cooperación entre el gobierno de Colombia y la UNESCO, al cual se han adherido otros 19 países latinoamericanos y España. [...] los propósitos fundamentales de CERLALC son el fomento de la producción, difusión, distribución y libre circulación del libro, la promoción de la lectura, la defensa de los derechos de autor, así como la implementación del Servicio de Información sobre el libro en América Latina y el Caribe (ACERCA..., 2000, p.1)..

Quanto às iniciativas brasileiras, visando a promoção de leitura, o governo federal vem desenvolvendo, desde a década de 90 e no ano de 2001, os seguintes projetos: PROLER, PRÓ-LEITURA, Programa Nacional Biblioteca na Escola e o Programa - Uma Biblioteca em cada Município.

O PROLER - Programa Nacional de Incentivo à Leitura é ligado a Fundação Biblioteca Nacional (FBN) e ao Ministério da Cultura (MINC), existente desde 1992, tendo como finalidade articular

[...] um conjunto de ações visando despertar o interesse pela leitura, entre as quais: cursos de formação de mediadores de leitura, produção de material pedagógico, realização de Fóruns Nacionais de Leitura e criação de rede de referência e documentação em leitura (BRASIL, 2000, p.1).

O PRÓ-LEITURA é um Programa ligado ao Ministério da Educação (MEC) e Secretaria de Educação Fundamental. Tem como meta [...] “ampliar as

competências e atuações dos alunos em leitura para torná-los leitores” (BRASIL, 1996, p.11). É voltado à formação de professores, na aprendizagem de leitura, desenvolvido numa cooperação educacional entre o Brasil e a França, por intermédio do Departamento de Cooperação Lingüística e Educativa da Embaixada da França em Brasília.

Temos também o Programa Nacional Biblioteca na Escola, do MEC, que segundo Prado (1999, p.82), “distribui livros de literatura, obras de referência e materiais de apoio a alunos e professores de escolas públicas de ensino fundamental”.

O programa Uma Biblioteca em cada Município é ligado à Secretaria de Política Cultural, subordinada ao MINC e [...] “visa o crescimento, da rede atual de bibliotecas públicas, a fim de estimular a formação de leitores como condição básica de exercício de cidadania” (BRASIL, 1997a, p.1). Ele abarca dois tipos de convênio, um para criação de bibliotecas públicas e outro para modernização das bibliotecas públicas existentes.

A importância de ações nesta área é evidenciada quando uma empresa como a Petrobras, por exemplo, mediante a Lei Federal da Cultura, desenvolve o “Programa Leia Brasil”, que é composto de 16 Bibliotecas Volantes (montadas em caminhões). Estas bibliotecas atendem 6 estados do Brasil; nelas, as crianças têm

[...] tido a oportunidade do acesso à leitura de forma prazerosa, envolvente e duradoura. Os professores estão sendo atendidos no aprimoramento da importante missão de despertar nos seus alunos o prazer de ler (MELLO, 1999, p.1).

Podemos citar ainda, as campanhas promovidas pelo MINC e pelo MEC. O MEC realizou a campanha - “Ler é viajar”, e o MINC realiza a campanha “Paixão de Ler”. Comentando sobre estas campanhas, De Fiore (1999, p.126), opina que, apesar da importância das mesmas,

[...] é evidente que estes eventos meritórios só terão influência sensível nos hábitos da população se, contando com o apoio da televisão, forem substituídos por programas permanentes de difusão, propaganda e convencimento.

Devemos acrescentar que não só os programas de estímulo à leitura na TV devem ser permanentes; mais do que isto, é fundamental tornar permanentes os projetos e iniciativas governamentais ou privadas, de qualidade, que visam a formação de leitores. E que periodicamente os mesmos sejam avaliados, pois é

preciso saber se o objetivo [destes projetos] é formar consumidores da escrita, meros usuários do código verbal, ou seres capazes de imprimir suas marcas aos textos que lêem, estabelecendo com eles um diálogo vivo e único cujo horizonte não é apenas a busca de respostas, mas também a formulação de novas indagações (PERROTTI, 1999, p.33-34).

Após citarmos algumas instituições envolvidas com a leitura e também os programas, projetos e as campanhas de maior destaque desenvolvido pelo governo federal, retornamos à biblioteca pública, lembrando que, por menor que ela seja, por mais improvisada que ela seja, deve ser um espaço dinâmico de promoção de leitura. Pois, a ela cabe a responsabilidade social da articulação de leituras que ali venham (ou não) a acontecer.

Enfim, quando o público a ser atendido é o infantil e o juvenil, a tarefa se torna mais complexa, visto que este público tem especificidades a serem estudadas e compreendidas, exigindo uma maior capacitação e habilidade dos diferentes mediadores de leitura.

## **2.4 Mediadores de Leitura**

A palavra mediador, deriva do latim “mediatore”, e significa aquele que medeia ou intervém. Em se tratando de leitura, podemos considerar que o mediador do ato de ler é o indivíduo que aproxima o leitor do texto. Em outras palavras, o mediador é o facilitador desta relação.

Para Japiassú (1990, p.164), mediação é [...] “em um sentido genérico, a ação de relacionar duas ou mais coisas, de servir de intermediário ou ‘ponte’, de permitir a passagem de uma coisa a outra”.

Como intermediários de leitura, os mediadores encontram-se em uma situação privilegiada, pois têm nas mãos a possibilidade de levar crianças e jovens a infinitas descobertas.

Para Barros (1995, p.56), [...] “mediar leitura, na biblioteca, significa fazer fluir material de leitura até o leitor, eficiente e eficazmente, formando e preservando leitores. Significa uma postura ativa, de acordo com uma biblioteca moderna e aberta”.

Neste caso, podemos considerar como mediadores, os familiares, os professores, os bibliotecários, os editores, os críticos literários, os redatores, os livreiros e até os amigos que nos emprestam um livro ou indicam um CD-ROM e uma página literária na Internet. Porém, os mediadores que mais se destacam são os familiares, os professores e os bibliotecários; portanto, é sobre eles que iremos tecer considerações.

Os familiares deveriam ser os primeiros mediadores de leitura, pois são os primeiros elos de ligação da criança com o mundo; entretanto os pais e demais membros da família, em geral, não têm a dimensão da influência que podem exercer sobre as crianças, no sentido de motivá-las à leitura. Barros (1995, p.154) afirma que, em sua pesquisa realizada no Estado de São Paulo, [...] “fica evidente a participação da família, notadamente a mãe, no processo de incentivo e de introdução à leitura”.

Portanto, às mães, em especial, cabe a tarefa de aproximar a criança do texto, pois

o hábito de ler deve ser adquirido no período em que se está ainda no processo de aquisição da linguagem oral [...]. O ensino da leitura deve começar em tenra idade, quando as crianças não estão biologicamente adaptadas aos rigores da imobilidade (POSTMAN, 1999, p.90).

Ou seja, no período em que as crianças estão mais flexíveis, inquietas, curiosas e desejosas de aprender o novo; portanto, desprendidas de

conceitos e preconceitos, interessando-se em explorar tudo que está ao seu redor. Este é um período em que se deve aproveitar para estreitar a convivência com o texto literário; porém, infelizmente, nem sempre as condições econômicas do brasileiro permitem a ele a inclusão do livro, de um CD-ROM ou da Internet no orçamento familiar, resultando que a maioria passa toda uma vida, sem nunca ter comprado sequer um jornal.

Desta forma, se a família não tem condições (econômicas e culturais) de cumprir a tarefa de mediadora da leitura, as escolas, de maneira precária ou de forma enriquecida, tentam fazer esta mediação.

Assim, o professor é encarregado compulsoriamente de aproximar o educando da leitura; porém, é fundamental que ele faça esta mediação, mostrando o texto como algo prazeroso e não como instrumento de avaliação e tarefa. Além disto, se o professor não for [...] “crítico, sensível, consciente e um bom leitor, jamais poderá passar o prazer do texto, literário ou não literário” (JOSÉ, 1992a, p.203). É preciso ler com gosto, porém, o que acontece quotidianamente é que, muitas vezes, o professor não tem tempo para refletir que o seu papel

[...] na intermediação do objeto lido com o leitor é cada vez mais repensado: se, da postura professoral lendo “para” e/ou “pelo” educando, ele passar a ler “com”, certamente ocorrerá o intercâmbio das leituras, favorecendo a ambos, trazendo novos elementos para um e outro (MARTINS, 1983, p.33).

E assim o leitor, além de se cumpliciar com o autor e os personagens, tem no professor também um cúmplice; isto é, se o professor estiver disposto a compartilhar com ele a leitura/as leituras.

Da mesma forma, esperamos que isto também ocorra com o bibliotecário. Sobre este profissional, Silva (1987, p.5), comenta que: [...] “percebo como impossível uma revolução qualitativa na área da leitura sem a participação e sem o compromisso dos bibliotecários para com os processos de mudança e transformação”. Possivelmente, esta responsabilidade atribuída ao bibliotecário deve-se ao fato do mesmo se encontrar em uma situação privilegiada em relação aos demais mediadores citados, pois mesmo tendo um acervo de pequena quantidade, uma biblioteca pode possibilitar uma diversificação de leitura. Outra prerrogativa

que pode ser considerada positiva na atuação do bibliotecário, é que ele, diferentemente do professor, não está atrelado a currículos e avaliações; portanto, tem maior liberdade para propor leituras, dialogar espontaneamente com o leitor, sem que o mesmo se sinta pressionado.

Independentemente de quem seja o mediador, vale salientar que a ele compete [...] “criar soluções próprias ou adaptar experiências alheias, consciente de que o leitor tem uma porta diante de si, em direção à leitura e ao conhecimento” (BARROS, 1995, p.58). Tamanha responsabilidade deve ser interpretada pelos mediadores como um desafio constante, pois o papel que eles desempenham na motivação de leitura pode interferir com maior ou menor profundidade na formação dos leitores de uma coletividade. Presumimos também que

[...] a vivência da leitura propicie o desenvolvimento do pensamento organizado, capaz de levar o jovem [e as demais faixas etárias] a uma postura consciente, reflexiva e crítica frente à realidade social em que vive e atua (CATTANI e AGUIAR, 1982, p.33).

Mas não se pode ser ingênuo em atribuir a todo e qualquer texto este papel. No entanto, esperamos dos mediadores de leitura, que o ato de ler signifique para eles um processo que [...] “leve a criança a relacionar a leitura de um texto à leitura de outros textos, às suas vivências e ao seu mundo” (PILETTI, 1989, p.30). Desta forma, cabe ao mediador competente facultar aos leitores uma pluralidade de experiências, para que ele perceba a leitura não apenas como aprendizagem escolar, mas ainda como elemento de lazer e satisfação, pois acreditamos que a maioria das escolas, em especial as públicas, ainda não podem ser consideradas um espaço prazeroso.

Perrotti (1990, p.80) acredita que o mediador deva ser [...] “capaz de instrumentalizar todo tipo de relação com crianças e jovens, transformando-a em relação interessante-interessada, tendo em vista a produção de estímulos agradáveis” [...], ou seja uma relação de troca.

Portanto, os mediadores interessados em uma mediação eficiente, devem ser empáticos; para que posicionados no lugar do outro (leitor), possam percebê-lo com maior nitidez, pois

mediação, significa partir de um diagnóstico (entenda-se estudo do usuário) para um trabalho planejado de leitura, com conhecimento prévio de conteúdos que, conclui-se, possam contribuir para a formação e para o desenvolvimento pessoal do leitor, englobando intelecto e imaginário. [mais do que isto] [...] não bastam, pois, competência e profissionalismo ao mediador de leitura; a afetividade faz parte da sua relação consciente com o leitor, menos no sentido de gestos afetuosos e mais no sentido de disponibilidade e compreensão no que se faz [...] (BARROS,1995, p.59).

Mesmo parecendo contraditório reunir afetividade e profissionalismo, concordamos com Barros, quando se refere à afetividade como disponibilidade para a mediação e não como gestos carinhosos. Destacamos ainda, que cremos na importância do afeto nas relações, em especial adulto-criança e adulto-adolescente. Neste sentido, buscamos respaldo em Coelho (1999, p. 41) quando comenta: [...] “o universo do homem contemporâneo (e sobretudo dos jovens) é, em ampla medida, afetual – quer esse afetual se manifeste e seja exercido de forma simbólica, quer concretamente”.

Para complementar, propomos uma adaptação a Barthes (1991, p.191): “onde você é afeto, você diz seu plural”<sup>2</sup>.

E pensando nesta pluralidade, gostaríamos de refletir com Patte (1999, p.247) que, de forma alegórica compara o trabalho do bibliotecário, como mediador cultural, com o ato de semeadura, questionando:

es posible evaluar [...] el valor, la eficacia de nuestra mediación, puesto que no se sabe jamás con certeza si el grano sembrado va germinar? Hay, sin embargo, un medio de verificar el impacto de nuestro trabajo: cuando emergen preguntas siempre nuevas y siempre personales [...].

É desta forma que nos parece deva ser o papel do bibliotecário em uma biblioteca infanto-juvenil: um sujeito que constantemente instiga a busca de novas descobertas em seus usuários.

---

<sup>2</sup> frase original: onde você é terno, você diz seu plural.

### 3 BIBLIOTECA INFANTO-JUVENIL - BIJ

Um rápido retrospecto sobre a evolução das bibliotecas infanto-juvenis brasileiras mostra que algumas tiveram marcante porém meteórica existência, enquanto que outras persistem em seu trabalho, resistindo a inúmeras dificuldades e limitações (DURO, 1979, p.211-212).

As dificuldades podem ser desde a falta de verbas até o despreparo dos funcionários, passando pela deturpação da finalidade da biblioteca, pois algumas delas deixaram de ser um espaço destinado às atividades culturais, para se transformarem apenas num local de tarefas escolares; condição desalentadora, pois uma biblioteca infanto-juvenil deve ser um ambiente de aprendizagem espontânea e lúdica, imersa na “filosofia de aprender brincando”.

Semelhantemente, o “sonho” de Fraccaroli (1982a, p.1) almejava

[...] bibliotecas vivas, bibliotecas na verdadeira acepção da palavra, não [...] simples amontoados de livros. Bibliotecas que permitam ao leitor acesso às estantes [...] [sem] o medo do desvio clandestino e dos estragos naturais, decorrentes do manuseio constante do livro.

Nesse sentido, uma biblioteca infanto-juvenil que seja um espaço que a criança possa freqüentar desde a mais tenra idade, pois [...] “as primeiras experiências da criança com o ‘mundo externo’, vale dizer, com as pessoas e o meio ambiente em que passa os primeiros anos, são decisivas para seu desenvolvimento futuro” (MORAES, 1994, p.28). Esta idéia não é infundada e podemos citar, apenas para exemplificar, que em 1999, o governo espanhol premiou um projeto de animação de leitura para bebês apresentado pela Biblioteca Pública Municipal de Dueñas (Espanha), chamado - “A bebeteca, un cuentacuentos para bebés” [...] (PREMIO..., 2000, p.1).

Apesar da importância destas idéias, fizemos buscas em bases de dados como: Celepar/Ipardes, Unibibli, Lisa e Lici.bib/IBICT, de publicações brasileiras da década de 90 sobre as bibliotecas infanto-juvenis e descobrimos que existem poucas, ou seja, apenas cinco referências, sendo estes documentos uma tese de doutoramento, três trabalhos apresentados em eventos (congressos e seminários)

e uma publicação seriada. Além da busca automatizada, tivemos acesso a outros textos que fomos encontrando no decorrer das leituras, mas não podemos considerar que a bibliografia seja numerosa.

Analisamos também o índice do Congresso de Leitura do Brasil (COLE), elaborado por Almeida (1997), como dissertação de Mestrado, abrangendo o período de 1978 a 1995. Descobrimos que, dos 785 resumos, apenas dois referiam-se a trabalhos sobre biblioteca infantil, ambos apresentados na década de 80. Em relação ao COLE, gostaríamos de acrescentar que, na programação de sua edição de julho de 1999, consta a realização do “V Seminário sobre Biblioteca Escolar”; mas, sobre biblioteca infanto-juvenil, não há referência a nenhum evento específico.

Tivemos também a iniciativa de analisar as temáticas propostas nos Congressos Brasileiros de Biblioteconomia e Documentação (CBBB), na década de 90, ou seja o 16º realizado em Salvador/Bahia, em 1991; o 17º em Belo Horizonte/Minas Gerais, em 1994; o 18º em São Luís/Maranhão, e finalmente o 19º realizado em Porto Alegre/Rio Grande do Sul em 2000. Na programação destas edições dos CBBBs, encontramos:

- a) Em Salvador, o tema central foi “Biblioteca e Desenvolvimento Econômico e Social” e houve um temário destinado a discussões sobre Biblioteca Pública e outro para Biblioteca Escolar. Encontramos cinco trabalhos referentes ao público infanto-juvenil; são eles: gibiteca, gibilândia, serviços destinados para as crianças e adolescentes, ludoteca e núcleo de hora do conto;
- b) Na edição de Belo Horizonte, cujo tema central foi “Transferência de Informação no Limiar do Ano 2000”, foi apresentado um trabalho sobre a Biblioteca Pública Infantil e Juvenil de Belo Horizonte (BPIJBH);
- c) O Congresso em São Luís teve como tema principal “O Cenário da Biblioteconomia em face da Globalização da Informação”; não encontramos sequer um trabalho sobre a biblioteca infanto-juvenil;
- d) No 19º Congresso, realizado em setembro de 2000, cujo tema central foi “Informação para a Cidadania”, houve um painel denominado - “Ação e Animação Cultural em Bibliotecas do Ensino Fundamental e Médio”, em que Nanci Gonçalves da Nóbrega (Rio de Janeiro) e Regina Keiko Obata Amaro (São Paulo), destacaram a necessidade de articulações de leitura, entre as crianças e os adolescentes. Houve também, no temário livre, a apresentação de Regina Maria Laclette, bibliotecária da Biblioteca Infanto-juvenil Maria Mazzetti (BIMM) do Rio de Janeiro, intitulado “BIMM: biblioteca infanto-juvenil Maria Mazzetti: 20 anos de atividades, 1979/1999”. Neste panorama, consideramos que, no último CBBB, a biblioteca infanto-juvenil também foi enfocada minimamente.

Outra iniciativa foi a consulta, via correio, aos 15 Conselhos Regionais de Biblioteconomia (CRBs) e às 13 Delegacias Regionais do CRB no Brasil, sobre a realização (nos últimos dez anos) de eventos voltados a bibliotecas infantis ou infanto-juvenis. Das correspondências enviadas, recebemos as respostas de quatro delas, com as seguintes informações:

- a) CRB-1 (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul) [...] “este Conselho não tem sistema de registro temático de eventos em Biblioteconomia”;
- b) CRB-5 (Bahia), [...] “temos a informação que este Conselho Regional de Biblioteconomia não realizou nenhum evento sobre a temática específica: Biblioteca Infantil ou Biblioteca Infanto-juvenil”;
- c) Delegacia Regional do CRB 1ª região (Goiás) [...] “não se tem notícias de algum evento relacionado ao tema, nesta região”;
- d) CRB-10 (Porto Alegre), por não ter cadastro de eventos, encaminhou a nossa correspondência à Biblioteca Lucília Minssen, na mesma cidade. Dela recebemos um ofício com a indicação da realização de alguns eventos. Entre eles, destacamos apenas o “Encontro Regional para Bibliotecas Públicas e Escolares”, que possivelmente tenha tratado também da biblioteca pública infanto-juvenil.

Com estes dados, podemos afirmar que há escassez de publicação e discussões sobre as bibliotecas infantis e infanto-juvenis no Brasil.

Para maior percepção da importância de uma biblioteca infanto-juvenil, pretendemos discutir os diferentes conceitos da mesma, seus objetivos e finalidades, a organização, o acervo, os usuários, os profissionais, os produtos/serviços e as atividades culturais.

### **3.1 Conceitos**

Para esta pesquisa, consideramos a biblioteca infanto-juvenil como uma instituição realmente criada para atender a criança e o adolescente; ou seja, um organismo com espaço específico, com acervo específico e com atividades específicas voltadas às necessidades e interesses desta faixa etária, e não como um mero espaço reservado para ela num “canto” de uma biblioteca pública.

Em virtude de variar, às vezes, a denominação desse tipo de biblioteca - ora ela é infantil, ora é infanto-juvenil - apresentaremos aqui o conceito

tanto sobre biblioteca infantil, quanto sobre biblioteca infanto-juvenil; porém, é necessário ressaltar que uma biblioteca infantil é destinada às crianças e uma biblioteca infanto-juvenil, tanto às crianças, quanto aos adolescentes; e que a mudança na denominação, em alguns casos, aconteceu no decorrer da história da biblioteca. Por exemplo: a Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato inicialmente chamava-se Biblioteca Infantil da Vila Buarque; e a Biblioteca Infantil Monteiro Lobato de Salvador continua sendo denominada biblioteca infantil. Isto, porém, não as impede de atenderem o público tanto infantil quanto juvenil. Público este que, em geral, se divide em “três categorias: crianças em idade pré-escolar, crianças em idade escolar e os adolescentes” [...] (TAVARES, 1970, p.36).

Inicialmente, é importante comentar que a busca de conceitos atuais de biblioteca infantil ou infanto-juvenil na literatura pertinente, foi uma tarefa árdua. E o empenho nesta busca nos permite afirmar que estas bibliotecas correm o risco de perder a visibilidade, não só perante as comunidades em que estão inseridas, mas também para a própria classe bibliotecária. Com o objetivo de fundamentar esta afirmativa, citaremos o “Diccionario de bibliología: y ciencias afines”, aumentado e atualizado em 1993, que apresenta, em seu verbete “biblioteca infantil”, a seguinte definição: “biblioteca destinada a la instrucción y recreo de los niños en la edad escolar” (SOUSA, 1993, p.97). Vale informar ainda que cada verbete deste dicionário é acompanhado de uma pequena bibliografia, e que, das seis obras citadas no verbete “biblioteca infantil”, a mais atual é de 1985.

Apesar desta limitação, apresentamos neste trabalho as definições encontradas. Para Tavares (1970, p.11), uma biblioteca pública infanto-juvenil pode ser conceituada como: [...] “um centro cultural - recreativo de alta significação na vida da cidade, já que se propõe a ajudar à formação intelectual das crianças e jovens”.

Desta afirmação, gostaríamos de destacar que a autora aponta a biblioteca como espaço de aprendizagem intelectual, mas não esquece no entanto, de considerá-la um espaço recreativo. Isto nos dias atuais, toma uma maior dimensão, pois as crianças estão perdendo, a cada dia, espaços para brincar livremente, como os quintais, as praças e as ruas. Muitas delas, em especial as que moram nos grandes

centros, passam grande parte do seu dia em edifícios sem “play-ground” e estudam em escolas com espaços reduzidos; [...] “sem poder brincar livremente pela cidade, a criança perde não apenas o espaço físico, mas sobretudo altera estruturalmente suas condições de produzir e de se relacionar com a cultura, com a sociedade, com a vida política” (PERROTTI, 1990, p.92).

Retomamos Tavares (1970, p.43), com uma definição complementar, mais próxima à temática desta pesquisa. Para ela, biblioteca infanto-juvenil é: “uma instituição educacional que se propõe a difundir a cultura, procurando despertar nas crianças e jovens o gosto e o hábito de ler”.

Concordamos com esta definição, exceto quando a autora utiliza a palavra “hábito”, pois esta expressão vem sendo rejeitada, na atualidade, por significar um ato mecânico. Afora isto, é importante destacar que a autora responsabiliza a biblioteca infanto-juvenil pela formação do gosto pela leitura, idéia que compartilhamos.

Igualmente preocupado com a leitura, em especial aquela que propicia entretenimento, Buonocore (1976, p.78) define biblioteca infantil, como

[...] aquella que especializa sus servicios en la atención de lectores de edad pre-escolar y escolar, esto es, hasta los doce aproximadamente. Su fin es eminentemente educador y formativo, despertar y cultivar en el niño el gusto por la lectura y, sobre todo, de la lectura de carácter recreativo.

Como pode ser observado, as quatro definições apresentadas têm, em sua essência, dois pontos em comum: a recreação e o estímulo ao gosto pela leitura. Pontos que consideramos primordiais em uma biblioteca infanto-juvenil, principalmente porque a leitura não deve estar desvinculada da recreação, enfim do lúdico.

Müller (1978, p.7) contribui com a seguinte definição. Para ela, [...] “la biblioteca infantil es un centro creado exclusivamente para lectores infantiles, al que acuden los niños para poder entregarse a la lectura de los libros que más le agraden o interesen” [...].

Aparentemente, esta afirmação não tem nada a acrescentar às outras apresentadas, porém dela gostaríamos de destacar a liberdade que a autora concede ao leitor, na escolha de livros que mais lhes apeteçam.

Neste sentido, vários anos mais tarde, Panet (1988, p.18), afirma que a biblioteca infanto-juvenil deve ser um local que possibilite

[...] atividades diversas onde todas as crianças, sem exceção de posição social, raça, sexo, etc., e com o auxílio de pessoas especializadas, possam receber orientação de leitura compatível com as suas aspirações, necessidades e potencialidades.

Deste texto, devemos ressaltar dois aspectos: o primeiro, o direito que a criança tem de frequentar uma biblioteca infanto-juvenil, visto que a Declaração Universal dos Direitos da Criança em seu Princípio VII, defende que [...] “dar-se-á à criança uma educação que favoreça sua cultura geral e lhe permita - em condições de igualdade de oportunidades - desenvolver suas aptidões e sua individualidade” [...] (LOBO, [199-], p.80). O segundo, refere-se ao esforço que os profissionais que trabalham em uma biblioteca infanto-juvenil devem fazer para conhecer e respeitar as necessidades e interesses do público que a frequenta.

Acrescentamos ainda, um trecho da palestra de Geneviève Patte, diretora da Biblioteca Infantil de Clamart - França, quando esteve no Brasil, em 1989. Para ela, a biblioteca infantil, deve ser:

[...] um lugar onde se privilegie a palavra, a expressão pessoal e, sobretudo, individual. [...] Deve ser sempre um lugar de integração entre crianças, adultos e aqueles que estão entre eles [...] (LEITURA..., 1989, p.4).

Além de concordar com a autora quanto à prioridade que se deve dar à palavra (seja ela escrita ou verbalizada), também consideramos prioritária a integração entre o público infanto-juvenil e os mediadores, pois julgamos que esta interação seja essencial na motivação para a leitura; nesse sentido, é necessário que o mediador estabeleça na biblioteca um “clima” de respeito e confiança, passando a sugerir leituras e também a acatar leituras sugeridas por este público.

Outro conceito encontrado é de Antunes e Cavalcanti (1989, p.14); para elas, uma biblioteca infantil é destinada

ao atendimento de crianças. Seu acervo é formado por livros de literatura infantil e infanto-juvenil. Possui também obras de referência como dicionários, enciclopédias, atlas, etc., que servem para oferecer informações a muitos de seus usuários que são estudantes.

Podemos perceber que esta definição atribui à biblioteca infanto-juvenil o suprimento das necessidades de informação escolar de seus usuários. Porém, a ênfase no apoio à pesquisa pode vir a deturpar a real finalidade deste gênero de biblioteca, pois é neste aspecto que a biblioteca infanto-juvenil se diferencia da biblioteca escolar, visto que a esta última, cabe formal e prioritariamente, apoiar as atividades pedagógicas de uma sala de aula. E à biblioteca infanto-juvenil, ser um espaço de informação, leitura e lazer.

Em uma definição mais atual, Silva e Araújo (1997, p.21) afirmam que as bibliotecas infantis [...] “devem estar mais voltadas para a recreação [...] [elas] podem proporcionar atividades como: organização do clube de leitura, escolinhas de arte, exposições, dramatizações, etc...”, na tentativa de atender as crianças e os adolescentes quanto às suas necessidades lúdicas e culturais.

Portanto, a literatura sobre este assunto sustenta a idéia de que a biblioteca infanto-juvenil deve buscar satisfazer as necessidades de educação, lazer e informação de seus usuários, mas em especial, responsabilizar-se em promover o gosto pela leitura. Como decorrência, é necessário que o profissional que trabalha em uma biblioteca infanto-juvenil tenha clareza sobre os objetivos e as finalidades deste gênero de biblioteca.

### **3.2 Objetivos, Finalidades e Importância**

Além de apresentar conceitos de biblioteca infanto-juvenil, consideramos fundamental arrolar seus objetivos e finalidades, estabelecidos em

textos publicados por profissionais envolvidos com esta categoria de biblioteca e com a pesquisa sobre ela, nas últimas décadas.

Para Tavares (1960, p.23), os objetivos da biblioteca infantil são:

- criar o hábito de leitura;
- criar o hábito de biblioteca;
- ensinar o hábil manuseio de livros ou prática bibliográfica;
- ajudar a estudar;
- avivar o interesse intelectual;
- desenvolver o senso de responsabilidade;
- dar respeito aos direitos do próximo;
- desenvolver o sentido de colaboração.

Litton (1973, p.23), resume em seis pontos os objetivos específicos estabelecidos por Harriet G.Long para uma biblioteca infantil. Por considerá-los pertinentes, passamos a transcrevê-los:

1. Formar una colección amplia y variada de libros y otros materiales apropiados para niños, hacerla accesible y facilitar su uso.
2. Orientar a los muchachos de la comunidad en la selección de materiales de lectura para satisfacer sus inquietudes y llenar sus necesidades escolares y recreativas.
3. Fomentar, divulgar y compartir con los niños el goce mental que sólo puede proporcionar la lectura, como actividad individual y voluntaria.
4. Estimular la adquisición de una amplia cultura, actividad que se practica durante toda la vida, después de una adecuada promoción por la biblioteca infantil y juvenil.
5. Estimular al pequeño lector a desarrollar al máximo sus habilidades personales [...]
6. Servir como una fuerza social en la comunidad, colaborando com otras entidades que se ocupan del bienestar del niño.

Recorremos também a Müller (1978, p.7), que estabelece como objetivo fundamental da biblioteca infantil

[...] fomentar la afición a la lectura y proporcionar a los pequeños, obras que estén fuera de su alcance y dar a través de sus servicios de extensión, amplias oportunidades de entretenimiento, información o instrucción.

O Regulamento do Recanto de Leitura e Lazer, projeto idealizado por Fraccaroli (1982b, p.2) com a intenção de instalar bibliotecas infantis no interior do Estado de São Paulo, aponta que as finalidades destas instituições devem ser:

- Dar às crianças o hábito de ler;
- Ensinar as crianças a consultar um fichário;
- Auxiliar o pequeno leitor em seus trabalhos escolares;
- Orientar os consulentes em suas pesquisas;
- Desenvolver o senso de responsabilidade dos jovens.

Percebemos que as finalidades apresentadas neste regulamento, apesar de contemplar em primeiro lugar a leitura, enfatiza o ensino do uso do fichário, da pesquisa e trabalhos escolares, ou seja, apoiar a escola.

Encontramos no interior do Paraná, entre a documentação institucional da Biblioteca Pública Municipal Infantil de Londrina, os objetivos que norteiam esta biblioteca. São eles:

- Promover atividades que visem despertar e estimular na criança o gosto pelos livros;
- Orientar os usuários na utilização adequada dos livros e outros materiais bibliográficos;
- Motivar a freqüência à Biblioteca;
- Orientar os usuários em suas pesquisas;
- Oferecer aos usuários oportunidades de lazer cultural de acordo com as suas necessidades e interesses;
- Oportunizar os usuários a exteriorização de sua criatividade, através da música, teatro, desenhos, etc., buscando associar essas atividades à importância de ler;
- Proporcionar apoio à educação formal;
- Desenvolver na criança o comportamento para a leitura;
- Promover o uso dos materiais bibliográficos e de outros materiais não bibliográficos (ALVES, 1989, p.2-3).

Avaliando estes objetivos, notamos que esta Biblioteca se preocupa em apoiar os seus usuários nas atividades escolares, não se esquecendo porém da leitura, do lazer cultural, do exercício da criatividade e do estímulo a freqüência à biblioteca.

A Biblioteca Pública Infantil e Juvenil de Belo Horizonte (BPIJBH), por exemplo, tem em seu projeto original, objetivos estabelecidos para o público infanto-juvenil e adulto. Para os adultos, a Biblioteca visa promover discussões sobre a produção editorial e cultural para as criança e para os jovens. E, para o público infanto-juvenil, os objetivos estabelecidos são os seguintes:

- colocar à disposição de crianças e jovens um acervo de livros e de documentos variado e atualizado;
- desenvolver em seus usuários o interesse constante pela arte e pela informação;
- desenvolver em seus usuários as habilidades para a pesquisa;
- colocar à disposição de crianças e jovens atividades culturais diversas, que os tornem melhores leitores do mundo e melhores comunicadores de suas próprias idéias e vivências (COSTA E SILVA, 1994, p.16-17)

Deste conjunto de objetivos, consideramos que o último é mais abrangente, pois se a biblioteca contribui com a formação de “melhores leitores do mundo e melhores comunicadores de suas próprias vivências”, estará conseqüentemente despertando o interesse pela arte, pela informação e pela pesquisa.

Portanto, o objetivo mais amplo da BPIJBH, é

[...] colaborar decisivamente para a formação do indivíduo consciente e criativo, com uma visão exata de sua cidadania, criada também num espaço que lhe permite entrar em contacto com as idéias mais divergentes, refletir sobre elas e colocar-se pessoalmente diante delas (CUNHA *apud* COSTA E SILVA et al, 1994, p.7).

Após apresentar os objetivos estabelecidos para a biblioteca infanto-juvenil nas décadas de 60, 70, 80 e 90, optamos por compará-los com as concepções que a literatura apresenta sobre a criança e o adolescente daqueles períodos, no Brasil.

Para tanto, ao analisar a década de 60, 70 e 80, nos respaldamos nos seguintes documentos: “História das Idéias Pedagógicas” de Moacir Gadotti (1999), “Democratização da Escola Pública: a Pedagogia Crítico-social dos Conteúdos” de José Carlos Libâneo (1992) e “O Significado da Infância” de Miguel Gonzalez Arroyo (1995). Alertamos que apesar dos mesmos possuírem a data de edição da década de 90, eles trazem em seu conteúdo informações sobre a Educação em diferentes períodos. Para a década de 90, utilizamos os “Parâmetros Curriculares Nacionais”, publicação da Secretaria de Educação Fundamental e do Ministério da Educação e do Desporto.

Assim fundamentados, apresentamos no quadro 1, o resultado dessa comparação.

OBJETIVOS DA BIJ	CONCEPÇÃO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE
<p><b>DECADA DE 60</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Estimular o hábito de leitura;</li> <li>➤ Hábito de biblioteca;</li> <li>➤ Apoio ao estudo;</li> <li>➤ Estímulo intelectual;</li> <li>➤ Senso de responsabilidade;</li> <li>➤ Respeito ao próximo;</li> <li>➤ Senso de colaboração.</li> </ul> <p style="text-align: right;">(TAVARES, 1960)</p>	<p><b>DÉCADA DE 60</b></p> <p>Valorizava-se a auto-formação e a atividade espontânea da criança, aumentando o seu rendimento, seguindo os próprios interesses vitais dela. Era preciso preparar os jovens para o trabalho, para atividade prática, para o exercício da competição.</p> <p style="text-align: right;">(GADOTTI, 1999, p.154)</p>
<p><b>DÉCADA DE 70</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Facilitar o uso da biblioteca;</li> <li>➤ Apoio à seleção do material de leitura;</li> <li>➤ Estimular o prazer da leitura;</li> <li>➤ Desenvolver ao máximo suas habilidades pessoais;</li> <li>➤ Colaborar com as instituições que promovem o bem-estar da criança.</li> </ul> <p style="text-align: right;">(LITTON, 1973)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Fomentar o acesso às obras;</li> <li>➤ Promover serviços de extensão;</li> <li>➤ Proporcionar: entretenimento, informação e instrução.</li> </ul> <p style="text-align: right;">(MULLER, 1978)</p>	<p><b>DÉCADA DE 70</b></p> <p>A criança e os adolescentes eram tratados como expectadores. Receber, aprender e fixar as informações, esta era a filosofia, portanto o conhecimento era transmitido de maneira tecnicista. "... discussões, questionamentos são desnecessários, assim pouco importam as relações afetivas e pessoais dos sujeitos envolvidos no processo ensino-aprendizagem".</p> <p style="text-align: right;">(LIBÂNEO, 1992, p.30)</p>
<p><b>DÉCADA DE 80</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Estimular o hábito de ler;</li> <li>➤ Apoiar nos trabalhos de casa;</li> <li>➤ Orientar as pesquisas;</li> <li>➤ Desenvolver a responsabilidade.</li> </ul> <p style="text-align: right;">(FRACCAROLI, 1982b)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Despertar o gosto pelos livros;</li> <li>➤ Ensinar a utilização adequada dos livros;</li> <li>➤ Motivar a frequência à biblioteca;</li> </ul> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Proporcionar o lazer cultural;</li> <li>➤ Possibilitar a exteriorização da criatividade;</li> <li>➤ Apoiar na educação formal;</li> <li>➤ Desenvolver o comportamento para a leitura;</li> <li>➤ Promover o uso dos documentos.</li> </ul> <p style="text-align: right;">(ALVES, 1989)</p>	<p><b>DÉCADA DE 80</b></p> <p>A infância passa de objeto de cuidados maternos para ser objeto dos deveres públicos do Estado. Portanto a idéia de construir "um grande homem, um adulto perfeito", é substituída pela visão de que a "totalidade da vivência tem que estar em cada fase de nossa construção enquanto seres humanos", desta forma deve-se viver o presente. "Devemos pensar na infância como direito de vivências. E não como preparo para a adolescência, a juventude ou a fase adulta".</p> <p style="text-align: right;">(ARROYO, 1995, p.17)</p>
<p><b>DÉCADA DE 90</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Disponibilizar o acervo;</li> <li>➤ Desenvolve o interesse pela informação;</li> <li>➤ Desenvolver habilidades para pesquisa;</li> <li>➤ Disponibilizar atividades culturais para serem melhores leitores.</li> </ul> <p style="text-align: right;">(COSTA e SILVA, 1994)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Colaborar para a formação do indivíduo;</li> <li>➤ Estimular a percepção de sua cidadania.</li> </ul> <p style="text-align: right;">(CUNHA, 1994)</p>	<p><b>DÉCADA DE 90</b></p> <p>A idéia é preparar a infância e adolescência para a cidadania consciente, devendo ser respeitados em seus direitos, para que tenham uma visão positiva de si mesmos (auto-respeito) e do mundo, enfrentando a vida de maneira a relacionar-se com os outros, buscando a felicidade.</p> <p style="text-align: right;">(BRASIL, 1997b, p.77)</p>

**Quadro 1 - Comparação entre os objetivos da BIJ e a concepção da criança e do adolescente**

Como pode ser observado no quadro 1, a concepção de criança e do adolescente, assim como os objetivos da biblioteca infanto-juvenil, variaram no decorrer da nossa história. Julgamos que os dados apresentados na coluna dois do referido quadro, contribuem para a compreensão dos objetivos estabelecidos; no entanto, gostaríamos de tecer alguns comentários, que consideramos importantes.

Na década de 60, observamos dois pontos fundamentais na concepção da criança e do adolescente, são eles: “aumentar o rendimento da criança e preparar os jovens para o trabalho prático”; portanto a biblioteca infanto-juvenil, precisava apoiar os estudos, estimular intelectualmente, desenvolver o senso de responsabilidade, de colaboração e respeito ao próximo; contribuindo desta forma para a formação daqueles que a freqüentavam.

Quanto aos objetivos para a biblioteca infanto-juvenil da década de 70, apontados por Litton e Müller, nas páginas anteriores, salientamos que foram estabelecidos por dois autores estrangeiros; portanto, apenas o item “desenvolver ao máximo suas habilidades pessoais”, sugere uma conjugação com a concepção da criança e do adolescente dos anos 70, pois a palavra “máximo”, parece exigir um comportamento tecnicista – “receber, aprender e fixar”.

Sobre os anos 80, Brandão (1998, p.51) comenta que é [...] “um tempo de amadurecimento de idéias e de posicionamento sobre a literatura, a política democrática que se iniciava e a sociedade em seus acertos e desacertos”. Lembramos, por exemplo, que é nesta década que é criada a Associação de Leitura do Brasil (ALB), a Hoechst idealiza o projeto - Ciranda de Livros, Nelly Novaes Coelho publica o “Dicionário de Literatura Infantil e Juvenil”. Autores como Ana Maria Machado, Ruth Rocha, Ziraldo Alves Pinto, Sylvia Orthof e outros se consolidam no mercado editorial. Portanto, estes e outros acontecimentos resultaram da concepção de criança e adolescente da década de 80, ou seja, uma concepção voltada à necessidade de se respeitar as vivências de cada fase da vida, sem a preocupação de construir um “adulto perfeito”. Desta forma, gostaríamos de destacar do quadro 1, dois objetivos da biblioteca infanto-juvenil dessa década, que no nosso entender, estão ligados àquela concepção; são eles: “proporcionar o lazer cultural e possibilitar a exteriorização da criatividade”.

Acreditamos que a concepção de criança e adolescente estabelecida para a década de 90, não se diferencia muito da anterior; pelo contrário, tende a ser um complemento, pois além de respeitar as vivências da criança e do adolescente, defende o respeito aos seus direitos. Postura que possivelmente os levará a “uma visão positiva de si”, e conseqüentemente ao auto-respeito.

Assim, a biblioteca infanto-juvenil, como um organismo de importância singular, representa hoje, mais do que um simples apoio às instituições educacionais ou um mero espaço de convivência. Sua tendência é ser um espaço para que as crianças e os adolescentes compreendam a si mesmos e ao mundo que os cerca.

### **3.3 Elementos Básicos para a Promoção de Leitura**

A leitura de textos literários para ser feita com prazer exige um conjunto de fatores, que podem variar desde a forma de organização do espaço em que se lê, do acervo impresso ou eletrônico que está à disposição do leitor ou do leitor em formação, à postura dos profissionais que fazem a mediação por meio de produtos/serviços e atividades culturais.

Preocupamo-nos com alguns elementos básicos que podem ser facilitadores ou não de leitura. A seguir, passamos a discuti-los.

#### **3.3.1 Organização**

Uma organização de qualidade propicia ao bibliotecário e aos demais profissionais de uma biblioteca infanto-juvenil, melhores condições no gerenciamento das articulações culturais e educativas que ali acontecem.

No momento da instalação deste gênero de biblioteca, é indispensável um estudo preliminar sobre a sua localização, visto que as cidades

enfrentam hoje problemas de diversas ordens, inclusive insegurança e medo. Para comprovar esta afirmativa, vale lembrar a pesquisa realizada no Rio de Janeiro, em 1992, quando psicólogos [...] “entrevistaram crianças de sete a onze anos, em cinco colégios, para descobrir do que elas tinham medo. As respostas foram parecidas. Pavor de seqüestradores, ladrões e meninos de rua ficaram no topo da lista” (DIMENSTEIN, 1998, p.27-28).

Neste contexto, se uma biblioteca infanto-juvenil não possuir uma boa localização, possivelmente dificultará a freqüência regular a ela, [...] “sobre todo para los más pequeños que aún no pueden utilizar el transporte público y dependen de sus padres o hermanos mayores para acudir a la biblioteca” [...] (AVILÉS, 1998, p.55).

Além da localização, outro aspecto ao qual o bibliotecário deve estar atento, é com relação às instalações da biblioteca, ou seja, o prédio, o mobiliário, a decoração e os equipamentos.

O prédio de uma biblioteca deve ter uma aparência atraente, seja qual for o seu público, para que cause uma boa impressão nos que a ela acorrem; porém, o aspecto positivo ou negativo de uma biblioteca não deve ser avaliado apenas pelo seu prédio, há também que se observar o seu entorno, que é o “conjunto de todos os elementos, área verde, construções vizinhas [...] que interferem em sua paisagem” (ÁVILA et al, 1980, p.40).

A situação-modelo é a de que, no momento da implantação de uma biblioteca, seja construído um prédio especialmente para ela. Este foi o caso da Biblioteca Infantil de Clamart, denominada “A alegria pelos livros”, biblioteca instalada num bairro operário de Paris - França, em 1965, que é referência mundial pela sua organização e realizações. Ela foi construída [...] “levando-se em conta a necessidade de criar ambiente alegre, acolhedor e descontraído, onde a criança possa sentir-se como em casa, com a liberdade de adotar a posição que quiser, mesmo deitando no chão ou reunindo-se em grupo com outras crianças” [...] (FIGUEIREDO, 1977, p.10).

Não se pode descuidar também da fachada da biblioteca infanto-juvenil pois, bem conservada, propicia ao público uma primeira sensação que tende a

ser decisiva na imagem que ele terá da biblioteca. O “nome da biblioteca deve aparecer em local bem visível, ficando claro que se trata de biblioteca infantil” (LEME, 1978, p.358).

Outro ponto a ser planejado neste gênero de biblioteca são os espaços necessários para seu funcionamento. A literatura da área relata algumas experiências brasileiras sobre o assunto, mas cabe ao bibliotecário, em conjunto com o arquiteto e a equipe profissional envolvida, ter bom senso no momento da instalação de uma biblioteca, visto que a divisão dos espaços dependerá do tipo e do porte das instalações, do número e da qualificação dos funcionários e também da definição dos serviços a serem oferecidos àquela comunidade usuária.

O planejamento das instalações inclui também o planejamento da iluminação e da ventilação e ainda o controle de temperatura, de umidade e de acústica, de maneira a propiciar ao público infanto-juvenil e aos funcionários, o conforto físico e visual.<sup>3</sup>

Objetivando garantir um ambiente funcional em uma biblioteca, é necessário fazer-se um planejamento da disposição dos móveis e equipamentos existentes na mesma, de forma a propiciar melhores condições de circulação e segurança das pessoas, em especial das crianças menores.

De uma biblioteca infanto-juvenil espera-se que tenha um mobiliário apropriado ao tamanho do público a ser atendido; porém, observamos que, por questões de economia e re-aproveitamento, muitas bibliotecas se utilizam de mobiliário inadequado. As estantes com prateleiras inacessíveis são um exemplo mais ou menos freqüente.

Para o funcionamento de qualquer biblioteca, são necessários móveis e materiais como: cadeiras, mesas, estantes para livros, expositores, vitrines, painéis, armários para depósito, fichários, arquivos, estantes para armazenamento de audiovisuais e outros. Avilés (1998, p.58), quando analisa os serviços públicos destinados à leitura para crianças e jovens, adverte que [...] “el mobiliario tienen que

---

<sup>3</sup> Conforto visual é entendido como a existência de um conjunto de condições, num determinado ambiente, no qual o ser humano pode desenvolver suas tarefas visuais com o máximo de acuidade e precisão visual (Lamberts et al., 1997, p.44).

ser visualmente atractivo y acogedores [...] debe agradar desde el primer instante y esa sensación de bienestar se tiene que prolongar en las siguientes visitas”.

Gostaríamos de abordar também a decoração interna da biblioteca. Nóbrega (1983, p.40) considera que este estímulo pode partir de [...] “acessórios como tapetes e almofadas, para ler gostoso, descontraidamente” [...]. A experiência nos leva a discordar da autora, em relação às almofadas, pois já presenciamos situações em que as mesmas eram utilizadas pelas crianças para arremessar umas nas outras, podendo causar um acidente, principalmente com as crianças menores. Julgamos que os tapetes, por si só propiciem o conforto necessário; mas, sugerimos a eliminação dos tradicionais tapetes de fibras têxteis, que facilitam a proliferação de ácaros e podem provocar crises alérgicas, substituindo-os pelos tapetes emborrachados que, além de serem coloridos, são práticos e fácil de serem higienizados.

Retornamos a Avilés (1998, p.59), que alerta [...] “un ambiente excesivamente cargado de estímulos o sobrecargado de objetos genera apatia y desinterés. La misma reacción puede desencadenarse a causa de un ambiente pobre y falto de adornos”.

Ainda sobre o espaço físico da biblioteca infanto-juvenil, é aconselhável que haja uma planificação das cores e da comunicação visual. A sinalização, por exemplo, deve ser [...] “um sistema planejado de informação gráfica para situar o usuário nos seus espaços, integrando-o à biblioteca” (BELUZZO, 1995, p.38). Concordamos com a autora e salientamos que, para uma biblioteca infanto-juvenil, isto também é fundamental, principalmente se considerarmos que o público que a frequenta deve ser capacitado para o uso da mesma, evitando dificuldades e/ou dependência do bibliotecário, futuramente. Alertamos que uma parcela do público que frequenta este tipo de biblioteca ainda não foi alfabetizada ou encontra-se em fase de alfabetização; portanto, a inclusão de ícones na comunicação visual, tende a propiciar maior facilidade e autonomia no uso da biblioteca.

Outro aspecto a ser analisado refere-se aos equipamentos de uma biblioteca infanto-juvenil, aqui entendidos como [...] “um conjunto de instrumentos e instalações necessários para um trabalho ou profissão” (PRADO E SILVA, 1964,

p.302). Em geral, os equipamentos para uma biblioteca infanto-juvenil não diferem dos de uma biblioteca pública destinada aos adultos; assim, abordaremos aqueles que consideramos essenciais para o desenvolvimento das atividades de uma biblioteca em geral.

Podemos citar como equipamentos importantes em uma biblioteca infanto-juvenil: vídeo, aparelhos de áudio (fita cassete, disco de vinil, CD e outros mais modernos), equipamentos de projeção, sonorização para teatro, impressoras, terminais de computadores, leitora de CD-ROM e softwares (ESPANHA, 1995, p.91-103).

Consideramos que apesar dos poucos recursos financeiros de uma biblioteca pública infanto-juvenil, todos os equipamentos arrolados no parágrafo anterior, devem estar cada vez mais presentes nas bibliotecas deste gênero, pois os benefícios que eles podem trazer para a pesquisa, a leitura e o entretenimento de crianças e jovens são grandes.

A Fundação Biblioteca Nacional recomenda como essenciais a uma biblioteca pública, os seguintes equipamentos: máquina de escrever, telefone, máquinas ampliadoras para leitura de microfilmes e de microfichas (para bibliotecas maiores) e máquina multiplicadora de documentos (*xerox*). Destaca que as leitoras de código de barras “também possam vir a fazer parte do dia-a-dia” das bibliotecas públicas (BRASIL, 1995, p.23).

Sobre estas sugestões, gostaríamos de comentar que as máquinas ampliadoras para leitura de microfilmes e de microfichas devem ser equipamentos pouco utilizados em bibliotecas públicas, na atualidade. Quanto às leitoras de código de barras, podemos afirmar que ainda não fazem parte generalizada deste gênero de biblioteca; e fazemos esta afirmação, tendo como respaldo uma recente pesquisa realizada nas bibliotecas públicas paulistas, em que os equipamentos [...] “são ainda tradicionais, sendo comuns os vídeos e aparelhos de televisão; porém, não existem em todas as bibliotecas” [...] (MACEDO, 1999, p.112).

Destacamos que no caso da biblioteca infanto-juvenil, além do material de expediente próprio de qualquer instituição, ela se utiliza de materiais característicos de uma escola, visto que desenvolve uma série de atividades artísticas

e de outra natureza com crianças e adolescentes. São exemplos: lápis de cor, tinta guache, papel sulfite, cola e outros.

Após estes apontamentos sobre as instalações de uma biblioteca infanto-juvenil, vale lembrar que a manutenção do prédio (pinturas e consertos), do mobiliário (limpeza e reformas), dos equipamentos (limpeza e ajustes), dos materiais (reposição) devem acontecer periódica e freqüentemente.

Resta-nos ainda reforçar que a biblioteca infanto-juvenil deve estar bem localizada e funcionalmente bem instalada; com iluminação, ventilação e temperatura adequadas; com controle de umidade do ar e acústica planejada; com mobiliário confortável, decoração bonita e equipamentos modernos; mas não se pode descuidar do acervo, pois o mesmo deve corresponder às características e às expectativas do público.

### **3.3.2 Acervo**

O acervo é a base de uma biblioteca infanto-juvenil: a ele cabe satisfazer as necessidades de informação, de cultura, de entretenimento e educação de sua comunidade. Por questões de tradição e de acessibilidade, ele é composto, em sua maioria, por materiais impressos (livros e periódicos); porém, para que a biblioteca infanto-juvenil tenha uma coleção equilibrada e moderna, este acervo deve ser formado de diferentes suportes físicos, entre eles: livros, periódicos, fitas de vídeo, filmes, fitas cassete, discos de vinil, CDs, cartazes, fotografias, histórias em quadrinhos, jogos, mapas e CDs-ROM. Porém, esta coleção múltipla é ainda quase inexistente nas bibliotecas públicas brasileiras; na realidade, os acervos destas bibliotecas são formados na dependência da ação competente dos bibliotecários e da boa vontade dos administradores públicos, quanto à liberação de verbas para aquisição dos mesmos.

Sobre este assunto, é necessário destacar que, no Brasil, além das dificuldades de recursos financeiros que uma biblioteca pública infanto-juvenil possa enfrentar para melhorar ou manter a qualidade de seu acervo, a aquisição de suportes afora os impressos, exige do bibliotecário uma “garimpagem” exaustiva,

isto em virtude das dificuldades como: localização no mercado (filmes educativos), “pirataria” de cópias (vídeo educativos), curta permanência no mercado (discos), pequena quantidade de cópias e fechamento repentino de empresas produtoras (vídeo educativo). No caso dos CDs-ROM, felizmente, o cenário é mais otimista, pois as livrarias e outras agências estão comercializando este produto, facilitando o trabalho do bibliotecário (ANDRADE e VERGUEIRO, 1996, p.60-67), ampliando as possibilidades de leitura.

Apesar da importância de se ter um acervo múltiplo, infelizmente as bibliotecas públicas infanto-juvenis brasileiras ainda possuem acervos compostos em sua maioria por documentos impressos. Portanto, é baseada nessa realidade que fomos buscar padrões.

Visando auxiliar o bibliotecário no planejamento do desenvolvimento de uma coleção, instituições como a Federação Internacional de Associações de Bibliotecários (FIAB) estabelece normas e recomendações para as bibliotecas públicas.

Buscando investigar a existência dessas normas para bibliotecas infanto-juvenis, utilizamos as seguintes fontes de pesquisa:

- a) Internet;
- b) Bases de dados na área de Biblioteconomia;
- c) Contatos pessoais com professores como: Ivone Guerreiro de Chiara (Universidade Estadual de Londrina - UEL), Oswaldo Francisco de Almeida Júnior (UEL) e Waldomiro Vergueiro (Universidade de São Paulo - USP);
- d) Contatos pessoais com diversos bibliotecários no “1º Seminário Internacional de Bibliotecários Escolares” (Santiago do Chile);
- e) Conversas telefônicas com: Antônio Agenor Briquet de Lemos (Editora Briquet de Lemos), Prof<sup>a</sup> Neusa Dias de Macedo (USP) e a bibliotecária Elvia Cerri Jordão (Departamento de Bibliotecas Públicas do Estado de São Paulo).

Incluímos ainda uma consulta a International Federation of Library Associations (IFLA), via e-mail, e recebemos a seguinte resposta: [...] “não há

Manifesto para Bibliotecas Infantis. A IFLA – seção Biblioteca para crianças, está considerando o desenvolvimento de um” (WILLARS, 2000, p.1). Portanto, detectamos a inexistência de padrões e de normas destinadas, especificamente, para este gênero de biblioteca.

Em conseqüência disto, utilizaremos algumas recomendações elaboradas para as bibliotecas públicas, que consideramos aplicáveis às bibliotecas infanto-juvenis:

- Como norma geral satisfatória [...] a de dois volumes por habitante. Essas normas deverão permitir que aproximadamente um terço do acervo total se destine a crianças, quando a população for composta de 25% a 30% de menores até 4 anos. Quando a proporção de crianças passar de 30% haverá um aumento proporcional da quantidade de livros a elas destinados;
- Um acervo inferior a 9.000 volumes não permite que se ofereça uma variedade de opções nem pode ser considerado como base adequada para prestação de um serviço satisfatório;
- Que nas unidades administrativas menores, de 3.000 habitantes, a coleção mínima de obras de referência deverá contar com pelo menos 100 títulos. [...] Na biblioteca infantil deverá haver obras de consulta de caráter mais simples...;
- Os acréscimos anuais sejam de pelo menos 250 volumes por 1.000 habitantes em cada unidade administrativa...;
- Como necessário uma provisão básica de pelo menos 50 títulos de periódicos, mas nas unidades administrativas maiores deverá haver 10 periódicos para cada 1.000 habitantes (FEDERAÇÃO..., 1976, p.13-20).

Outra recomendação encontrada é a “Declaração de Princípios da Biblioteca Pública Brasileira”, estabelecida em 1992, por ocasião do “VI Simpósio de Biblioteca e Desenvolvimento Cultural”, organizado e realizado pela Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários (FEBAB), em São Paulo. Ela apresenta no Enunciado 10 a seguinte diretriz:

a formação e o desenvolvimento do acervo da biblioteca pública deve contemplar todas as áreas do conhecimento humano, em diversos tipos de suporte documentário, para atender a demanda real e potencial da comunidade (MACEDO, 1992, p.76).

Nas bibliotecas para crianças e jovens da cidade de São Paulo, a seção de aquisição do Departamento de Bibliotecas Infanto-Juvenis,

volta seu interesse para a seleção e aquisição do material bibliográfico e similar, publicado na área da literatura infanto-juvenil. Contudo, a quase inexistência de bibliotecas escolares em nosso país, direcionou a complementação do acervo das Unidades com obras de caráter didático [...] (AZPEITIA, 2000, p.1)..

Para tanto, o Departamento estabeleceu, internamente, alguns padrões de quantidade a ser adquirida, mas a periodicidade desta aquisição ainda não se encontra pré-estabelecida. Assim, quando há a liberação de recursos financeiros pela Prefeitura Municipal de São Paulo, compram-se minimamente:

- a) 03 (três) exemplares de obras tidas como de informação e da área de literatura infanto-juvenil, para todas as Unidades. Destacamos que entre as 36 Unidades, possuímos 05 com maior frequência, que havendo verba suficiente, adquirimos mais exemplares;
- b) 02 (dois) exemplares de obras de referência para todas as Unidades. (Dicionário e mapa, 01 exemplar);
- c) 01 (um) exemplar de vídeo;
- d) 03 (três) exemplares de História em Quadrinhos;
- e) 02 (dois) livros-brinquedos, para cada uma das 36 bibliotecas;
- f) assinaturas de 2 (dois) títulos de jornal para cada uma das bibliotecas;
- g) assinaturas de 10 (dez) títulos de revista (de caráter noticioso) (AZPEITIA, 2000, p.1-2).

No caso da biblioteca infanto-juvenil, além da diversidade na área de conhecimento geral, é necessário também uma pluralidade no gênero literário a ser adquirido; portanto, transcreveremos alguns critérios apontados por dois autores brasileiros, no “Congresso Internacional de Pesquisadores de Literatura Infantil”, realizado em Paris, para escolha de obras destinadas a esta faixa etária:

Para a escritora de livros infantis Marina Quintanilha Martinez, por exemplo,

[...] o primeiríssimo critério de uma séria cumplicidade com a criança. Um compromisso com sua leitura de mundo – lúdica, mágica, poética, com sua lógica peculiar. Personagens originais, criativos, dispostos a transformar a sensibilidade do mundo adulto. Enredo pontuado de acontecimentos: surpresas, conflitos instigantes, questionamentos (nada mais chato do que uma história onde não acontece nada) (MARTINEZ, 1992, p.6).

Questionado sobre os critérios mais importantes na escolha de livros infantis e juvenis, o escritor Elias José alerta, inicialmente, que só um adulto leitor irá

convencer as crianças e os adolescentes a lerem com prazer. Ele complementa, apontando como primeiro critério o

[...] da qualidade literária, o valor que o autor dá à linguagem. A melhor e mais original idéia, se não for bem trabalhada em termos de linguagem literária, pode se perder. [...]. Mesmo os temas e histórias mais apegados ao real têm que apresentar uma dose de magia e fantasia, elementos ricos para o universo da criança. No mais, é preciso tomar cuidado com o didatismo, a lição de moral explícita (JOSÉ, 1992b, p.4-5).

As obras literárias deveriam ser o “carro-chefe” da biblioteca infanto-juvenil; mas, infelizmente, a partir da década de 70, com a reforma do primeiro e segundo graus e com a obrigatoriedade da pesquisa escolar,

[...] houve por parte das bibliotecas, de acordo com o princípio do atendimento das necessidades reais, a tentação de atulhar os acervos com obras paradidáticas incluídas pelo cerco que o ensino oficial criou para capturar informações úteis, aquelas que permitem não o acesso ao conhecimento humano, mas à necessidade de passar de ano (MILANESI, 1997, p.175).

Em consequência disto, as bibliotecas públicas começaram, pelo reduzido número de bibliotecas nas escolas, a cumprir também o papel de biblioteca escolar. Este é um problema que vem afetando as bibliotecas infanto-juvenis, não só nos aspectos do acervo, mas também dos serviços e atividades a serem oferecidos.

Esta situação exige um melhor planejamento no momento da aquisição (seja ela por compra, permuta ou doação), principalmente na atualidade, com o aumento de editoras que publicam literatura infanto-juvenil e também pela diversidade de documentos produzidos por meio eletrônico, documentos estes que necessitam ser incorporados à coleção de uma biblioteca desse gênero. Desta forma, o bibliotecário necessita ter conhecimento não só sobre o imaginário do público infanto-juvenil, mas também sobre o mercado editorial, bem como sobre as tecnologias de informação e de comunicação.

Outro requisito a ser exigido do profissional bibliotecário, é a imparcialidade no momento da aquisição, pois um documento não pode ser

selecionado para privilegiar um grupo, uma política ou a uma facção religiosa. Nesse sentido, Tavares (1960, p.43) adverte que

o conceito moral, pernicioso ou subversivo varia de acôrdo (sic) com uma série de interesses mudando com a época, o local, a situação dominante, a evolução dos homens, o desenvolver dos fatos e o progresso do mundo.

Também é importante observar se a aquisição for feita por meio de doação: o bibliotecário deve avaliar a qualidade do livro [...] “pois muita gente ‘oferta’ livros às Bibliotecas quando eles já se constituíram velharias ou mediocridades imprestáveis” (TAVARES, 1960, p.44).

Além disto, nos parece fundamental que se estabeleça uma política de conservação do acervo, abrangendo campanhas educativas periódicas, estimulando as crianças e os adolescentes nos cuidados com o material. Nestas campanhas, deve-se evitar o tom moralista e repressor, procurando envolver o público no planejamento das mesmas e, conseqüentemente no que tange sua responsabilidade.

Enfim, a expectativa sobre o acervo de uma biblioteca infanto-juvenil é de que ele permita o folhear de

[...] qualquer espécie de livro publicado, brincar com dicionários e buscar palavras novas, imagens em livros de arte ou em revistas ou jornais de antigamente [...]. Enciclopédias que têm verbetes sobre tudo, imensas, que pedem tantas vezes que se as leia de pé, tal tamanho delas. E sobretudo, possibilidades de encontrar toda espécie de livros que proporcionem encantamento, ludicidade, prazer, descoberta [...] (ABRAMOVICH, 1989, p.163)..

E numa visão mais atual, almejamos uma biblioteca infanto-juvenil que possibilite aos usuários não só folhear, mas “navegar”, por meio de um computador, em acervos e textos literários virtuais.

Outra expectativa é de que os profissionais que trabalham na biblioteca infanto-juvenil, possam otimizar o acervo que está sob a sua responsabilidade. Para tanto, é necessário conhecer os usuários que utilizam a biblioteca, de forma a oferecer produtos/serviços e atividades que venham satisfazê-los em suas necessidades.

### 3.3.3 Usuários

Para conhecer o público infanto-juvenil, foco principal do gênero de biblioteca aqui pesquisada, optamos por fazê-lo buscando a concepção da criança e do adolescente no decorrer da história da humanidade e observamos que essa concepção apresentou avanços, porém os mesmos aconteceram de forma vagarosa. Isto pode ser percebido na obra de Ariés (1981, p.65), quando o autor anota que

a descoberta da infância começou sem dúvida no século XIII, e sua evolução pode ser acompanhada na história da arte e na iconografia dos séculos XV e XVI. Mas os sinais de seu desenvolvimento tornaram-se particularmente numerosos e significativos a partir do fim do século XVI, e durante o século XVII.

O desconhecimento da existência da criança no século XVI, era tão explícito que a Encyclopaedia Britannica [...] “de 1771 inclui um artigo de quarenta páginas sobre obstetrícia, mas limita-se a uma linha para explicar que ‘infant’ denota uma criança pequena” (LEITE,1997, p.18).

É oportuno registrar que, segundo Lajolo (1997, p.225), a palavra infante “constrói-se a partir dos prefixos e radicais lingüísticos que compõem a palavra: in = prefixo que indica negação; fante = particípio presente do verbo latino fari, que significa falar, dizer”. Portanto, infante é aquele que não tem direito à fala, ou seja, a manifestar seus sentimentos e idéias. “Além de não serem ainda um foco de atenção especial, as crianças eram duplamente mudas [...] não eram percebidas, nem ouvidas. Nem falavam, nem delas se falava” (MATTOSO *apud* LEITE, 1997, p.19).

Assim, na busca de entender o processo de “descoberta da infância”, respaldamo-nos principalmente em obras referentes à História da Educação. Nelas, percebemos que a criança foi retratada em obras de arte, de diversas formas, como: homem em tamanho reduzido, nua com aspecto sacro, com menções alegóricas,

reunida com a família, sozinha como um modelo favorito e também acarinhando e sendo acarinhada por outras crianças e adultos, numa cena familiar.

Esta representação pictórica da evolução do “sentimento pela infância” é coerente com a literatura sobre o tema. Nos trabalhos de Eby (1976), Ariés (1981), Freitas (1997) e Postman (1999), há consenso sobre o desconhecimento do período da infância e da adolescência, como sendo um período diferenciado da fase adulta. Esses autores, em uníssono, alertam que tanto a criança como o adolescente não devem ser entendidos como um “adulto em miniatura”. Citam, como exemplo, situações do cotidiano das crianças e dos adolescentes em que eles ficavam expostos “a tudo e a todos”:

- a) A criança, após o período de amamentação, era misturada aos adultos, com quem iria vivenciar toda a sorte de experiências;
- b) Os meninos não permaneciam muito tempo na escola, pois tinham que compartilhar a vida com os homens “nos campos militares, nos tribunais ou no comércio”;
- c) Em Paris no século XVI, os meninos freqüentavam tabernas e bordéis para jogar dados e dançar;
- d) No século XVII, um garoto de 7 anos aprende a montar a cavalo, atirar e caçar;
- e) Aos 5 anos, é permitido às crianças assistirem brigas de ursos, touros [...];
- f) No século XVII, deixavam-nas brincar com “jogos de cartas de azar”, a dinheiro, algo que só se alterou no século XIX, quando os jogos foram divididos em bons e maus;
- g) No início do século XVII, eram comuns cenas de brincadeiras com os órgãos genitais das crianças (de ambos os sexos), algo que começa a se modificar a partir do século XVIII;
- h) Até o final do século XVII, persistia o infanticídio tolerado, as crianças dormiam com os pais e eram asfixiadas propositadamente.

Sobre este último item, Ariés (1981, p.61), acrescenta que:

do século XIII ao XVII, embora a mortalidade infantil se tenha mantido num nível muito elevado, uma nova sensibilidade atribui a esses seres frágeis e ameaçados uma particularidade que antes ninguém se importava em reconhecer: foi como se a consciência comum só então descobrisse que a alma da criança também era imortal.

Desta forma, a criança foi colocada numa situação igual à dos adultos, pelo menos no sentido da manutenção da vida.

Outro aspecto a ser destacado em relação à diferenciação entre a criança, o adolescente e o adulto, é o vestuário. Até a “descoberta da infância”, não havia um vestuário específico para esta faixa etária, [...] “a adoção de um traje peculiar à infância, que se tornou geral nas classes altas a partir do fim do século XVI, marca uma data muito importante na formação do sentimento da infância” [...] (ARIÉS, 1981, p.77).

A partir disto, registra-se o aparecimento de uma nova classe, pois as crianças começaram a ser percebidas como [...] “pessoas que falavam de modo diferente dos adultos, que passavam seus dias de modo diferente, vestiam-se de modo diferente, aprendiam de modo diferente e, no fim das contas, pensavam de modo diferente” (POSTMAN, 1999, p.59); portanto, deveriam ser tratadas diferentemente.

Quanto à escola, a partir do século XVII, funcionava em [...] “sistema de enclausuramento das ‘crianças’ [...] acreditava-se então que para se obter uma aprendizagem eficaz era necessário separar o jovem do mundo dos adultos” (SANTOS, 1994, p.35). Podemos afirmar que, a mudança de uma postura para a outra, foi extremada, pois de uma convivência indiscriminada com os adultos, a criança passa a ser colocada numa “redoma”, para ser educada com maior eficiência. Estas crianças eram prioritariamente meninos, pois no século XVIII, a instrução para as meninas era direcionada às virtudes da família e do casamento.

Em Eby (1976,p.291), encontramos a referência de que foi Rousseau, também no século XVIII, que teve a audácia de atacar concepções equivocadas sobre a infância, pois no “lugar das idéias e opiniões do adulto, colocou as necessidades e atividades da criança e o curso natural de desenvolvimento das mesmas”.

Desde a Antigüidade, a conduta da criança era limitada por duras regras. Dos meninos, por exemplo, era exigida, a leitura de poemas (declamados ou cantados) sem errar, o domínio de técnicas de guerra, a participação em combates, em esportes perigosos e em jogos de azar.

Na tentativa de educar os meninos, os maus tratos eram considerados eficazes para os ensinamentos que eles não eram capazes de entender. Manacorda (1992, p. 52-53) registra que o ensinamento das crianças ocorria da seguinte maneira:

[...] este é justo e aquele é injusto, este é bonito e aquele feio, este é santo e aquele ímpio, isto se deve fazer e aquilo é proibido, se ela obedece de boa mente, tudo bem; se não obedece, é endireitada com ameaças e pancadas, como se fosse um lenho curvo e retorcido.

Percebemos, com esta afirmação, que a criança era educada apenas para obedecer, e esta postura não acontecia apenas nos lares. Na instituição escolar, o rigor era semelhante, pelo menos é o que observamos na conversa de um avô ao enviar seu neto à escola:

[...] embora a escola ecoe de muitas pancadas e o velho mestre mostre seu rosto truculento, o medo indica uma alma degenerada; nem te perturbe o clamor e o ecoar das pancadas nas primeiras horas da manhã, nem o vibrar do cabo do chicote, ou seja haja muito aparato de varas ou uma pele esconda falsamente um açoite, ou vossos bancos trepidem de medo (MANACORDA, 1992, p.91).

Desta forma, as crianças eram estimuladas a temer a escola, o professor e também a serem pessoas educadas para se silenciarem perante as injustiças da vida.

Na primeira metade do século XIX, outra crueldade cometida contra as crianças e os adolescentes, era o trabalho nas fábricas, resultado do capitalismo industrial. Para eles, eram construídas máquinas nas dimensões apropriadas aos seus dedos pequenos e ágeis (ROCHA, 1997, p.17).

No período entre 1850 e 1950 [...] nos Estados Unidos [...] foram feitas tentativas bem-sucedidas, [...] de pôr todas as crianças fora das fábricas e dentro das escolas, dentro de suas próprias roupas, de seu próprio mobiliário, de sua própria literatura, de seus próprios jogos, de seu próprio mundo social (POSTMAN, 1999, p.81).

Nesta trajetória histórica, observamos que durante muito tempo, o ponto de vista do adulto

tinha numerosas concepções errôneas e enganosas que foram consideradas então bem absurdas [...]. A mais importante destas idéias errôneas era de que a criança é uma miniatura do adulto [...]. Como consequência desta idéia, meninos e meninas eram tratados como pequenos homens e pequenas mulheres (EBY, 1976, p.291).

Além desta idéia equivocada sobre a criança, merece destaque também a afirmação de Ariés (1981, p.10). Para ele,

a adolescência foi confundida com a infância [...] a velha sociedade via mal a criança, e pior ainda o adolescente. A duração da infância era reduzida a seu período mais frágil, então, mal adquiria algum desembaraço físico, era logo misturada aos adultos [...] de criancinha pequena, ela se transformava imediatamente em homem jovem, sem passar pelas etapas da juventude.

Este pesquisador afirma também que o estabelecimento da adolescência, ocorre apenas no século XX (período denominado como século do adolescente), após a guerra de 1914, quando estes foram enviados à guerra para substituírem os ex-combatentes. “Assim, passamos de uma época sem adolescência a uma época em que a adolescência é a idade favorita” (ARIÉS, 1981, p.47).

Após apresentar, nos parágrafos anteriores, a concepção da criança e do adolescente no passado, é necessário estabelecer a concepção atual, desta faixa etária.

Hoje, segundo Postman (1999, p.12), “a percepção de que a linha divisória entre a infância e a idade adulta está se apagando rapidamente é bastante comum entre os que estão atentos e é até pressentida pelos desatentos”.

Em seu livro “O Desaparecimento da Infância”, ele afirma que os meios de comunicação promovem a “desmontagem da infância” e que o conceito de infância está, cada vez mais, escapando de nosso controle. Para melhor ilustrar esta

afirmação, optamos por transcrever resumidamente alguns tópicos levantados pelo autor. São eles:

- a) A diferença na taxa entre a criminalidade do adulto e da criança está diminuindo;
- b) A legislação penal tem sido alterada de maneira que os infratores juvenis poderão ser tratados como adultos;
- c) Os julgamentos de jovens não tem mais privacidade, os repórteres podem assistir normalmente;
- d) O jogo infantil se tornou profissionalizado, "não se brinca só por brincar";
- e) As crianças estão sendo surradas porque não são percebidas como crianças;
- f) Há aumento constante de adolescente com doenças venéreas;
- g) Na televisão em rede, não há nada que lembre uma canção infantil;
- h) O alcoolismo, antes doença de adulto, é realidade para os adolescentes;
- i) É comum ver garotas de doze e treze anos, mostradas em comerciais de TV, como objetos eróticos;
- j) As roupas das criança passaram por grandes mudanças na última década, de modo que o que era outrora inequivocamente reconhecido como "roupa infantil" praticamente desapareceu.

Sobre este último item Postman (1999, p.142), alerta:

[...] o fato é que estamos agora passando pela reversão da tendência, iniciada no século dezesseis, de identificar as crianças pelo modo de vestir. À medida que o conceito de infância diminui, os indicadores simbólicos da infância diminuem com ele.

No Brasil, a história não é diferente: programas de televisão, em especial as novelas, expõem as crianças a uma falsa espontaneidade, como se elas fossem um adulto. Em alguns casos, as cenas ficam à beira da erotização precoce.

Concordamos com Postman (1999, p.167), quando o autor anota:

não é concebível que nossa cultura esqueça que precisa de crianças. Mas está a caminho de esquecer que as crianças precisam de infância. Aqueles que insistem em lembrar prestam um nobre serviço.

Serviço este que se espera seja desenvolvido também pela biblioteca infanto-juvenil, pois ela é uma das instituições responsáveis pela formação das crianças e jovens de uma comunidade.

Para este grupo etário, é necessário que se planejem atividades e serviços específicos, visto que os mesmos possuem necessidades específicas, pois [...]

“são instáveis, sensíveis e curiosos e farão o bibliotecário [...] andar em ritmo acelerado [...] para acompanhá-los” (MARTINS e RIBEIRO, 1979, p.161).

Outro aspecto a ser considerado, é a relação do bibliotecário com o usuário; este profissional, além de respeitar as novas características e as necessidades dos usuários de hoje, deve saber estabelecer limites, sem autoritarismo, para que a criança e o adolescente possam ter, não apenas livre acesso às estantes, mas também espaços de liberdade para imaginar, indagar e inquietar, maravilhando-se com suas descobertas.

### **3.3.4 Profissionais**

Os recursos humanos destinados a atender os serviços de uma biblioteca infanto-juvenil, podem impulsionar ou bloquear o desenvolvimento da mesma; portanto, devem ser selecionados criteriosamente para que, tanto o funcionário quanto a instituição sintam-se satisfeitos, pois

[...] no basta con tener un buen fondo, unas instalaciones gratas, buenos medios técnicos: el personal que atiende estos servicios há de estar motivado para trabajar con los niños, conocer las distintas fases de su desarrollo psicológico y ser capaz de comunicarse con ellos (AVILÉS, 1998, p.33-34).

Portanto, o êxito dos serviços e atividades neste gênero de biblioteca, depende das habilidades e aptidões dos profissionais que ali trabalham.

Em relação ao bibliotecário, Tavares (1960, p.49) atribuía-lhe as seguintes qualidades: “inteligência, entusiasmo, competência, instrução, educação, simpatia, compreensão, tolerância, solicitude, amor e interesse”, possivelmente porque acreditava que sem estes requisitos, o bibliotecário dificilmente estabeleceria um vínculo com o público infanto-juvenil.

Apesar destas qualidades terem sido defendidas na década de 60, consideramos que, em sua maioria, elas continuam válidas e se encontram

evidenciadas na atualidade, em livros, periódicos e eventos que abordam o atendimento ao público.

Além das qualidades referidas acima, outras se destacam:

[...] el bibliotecario debe tener un claro dominio sobre todos os aspectos del trabajo con la juventud, complementado por un amplio conocimiento de los libros y de los niños, sus preferencias y aversiones, sus aspectos positivos y sus debilidades (LITTON, 1973, p.211).

Possivelmente, o autor estaria se referindo à necessidade dos bibliotecários que trabalham com o público infanto-juvenil estarem atentos e interessados em conhecer e saber lidar com as crianças e os adolescentes, para que venham a promover articulações que atendam às necessidades desse público.

Outro autor que se preocupou com o perfil do profissional que trabalha com o público infanto-juvenil é Spink (1990, p.127-128). Para ele, a bibliotecária:

[...] debe ser paciente, no debe irritarse fácilmente por el mal comportamiento o por la presión del trabajo, debe permanecer tranquila en todo momento; debe querer a los niños y ser tolerante con ellos y con su comportamiento [...].

É necessário destacar que o autor atribuía o trabalho da biblioteca infanto-juvenil unicamente ao profissional do gênero feminino. Possivelmente, isto se deva ao fato das mulheres, mesmo naquela época, serem maioria nas bibliotecas, e em especial nas infanto-juvenis. Porém, registramos que, na atualidade, o gênero masculino começa a atuar também nas bibliotecas para crianças e jovens. Apenas como exemplo, citaremos as Bibliotecas Monteiro Lobato de São Paulo e Salvador que, entre os funcionários entrevistados, apresentam uma certa quantidade de funcionários do sexo masculino.

Ainda sobre o perfil do profissional que desenvolve trabalhos com crianças e jovens,

Avilés (1998, p.34) adverte que ele deve, entre outras, ter:

- capacidad de observación;
- la curiosidad e interés por lo que ocurre en el mundo actual;

- la facilidad y el gusto por comunicarse;
- la capacidad para transmitir entusiasmo;
- el interés por aprender mediante experiencias nuevas;
- la capacidad para trabajar en equipo: compartir, cooperar, colaborar e intercambiar.

Gostaríamos de destacar que, além das qualidades apresentadas pelos autores, acreditamos que o responsável por uma biblioteca infanto-juvenil deva estar atento para tornar a sua equipe integrada, motivada e disposta a lidar com a espontaneidade desta faixa etária de usuários.

Outro aspecto que deve ser observado é que, nos textos biblioteconômicos mais antigos, sugeriam-se professores e bibliotecários para compor a equipe de uma biblioteca infanto-juvenil; porém, na atualidade, a diversidade dos suportes de informação e a multiplicidade de atividades dinamizadas por este gênero de biblioteca exigem uma equipe complexa, ou seja um equipe composta por profissionais de diferentes áreas.

Isto é evidenciado, por exemplo, por Costa e Silva (1994, p.17) quando afirma que a

[...] equipe multidisciplinar e polivalente (bibliotecários, publicitários, atores, especialistas em literatura e vídeo, contadores de histórias, entre outros) permite que a BPIJBH atue dentro de uma variedade de ações.

Se uma equipe múltipla possibilita uma variedade de ações, compete aos diretores das bibliotecas infanto-juvenis, o empenho necessário para a sua formação adequada e continuada. Principalmente, porque não podem perder de vista que o lucro da biblioteca é social e isto raramente é quantificado e valorizado; portanto, eles têm um compromisso com a sociedade. Sabendo ou não, agindo ou não, estes profissionais são responsáveis por ações de caráter social.

### 3.3.5 Produtos/Serviços e Atividades Culturais

Em uma biblioteca, os produtos/serviços oferecidos e as atividades desenvolvidas diferem de acordo com algumas especificidades como, por exemplo: o público a que se destina, o tipo de suportes físicos nela armazenados, os interesses e as habilidades dos usuários que são atendidos por ela. Outros fatores que podem interferir, estão ligados aos recursos financeiros (verbas), os recursos humanos (capacitação) e os recursos materiais e tecnológicos (equipamentos).

Pela escassez de publicações específicas sobre marketing em bibliotecas infanto-juvenis, nos respaldamos em Kotler e Armstrong (1993b, p.466), que definem **produto** como [...] “qualquer coisa que pode ser oferecida para um mercado para atenção, aquisição, utilização ou consumo e que possa satisfazer um desejo ou necessidade”.

E **serviço** pode ser definido como

[...] qualquer ato ou desempenho essencialmente intangível que uma parte pode oferecer a outra e que não resulte na posse de algo [pois] a execução de um serviço pode estar ou não ligada a um produto físico (KOTLER; ARMSTRONG, 1993a, p.539).

Diante disto, estabelecemos para este trabalho, que produto é algo tangível gerado na biblioteca e oferecido ao usuário, como por exemplo: folhetos, bibliografias, boletins informativos, jornais, guias e outros.

Como serviços, consideramos as ações como: empréstimo, visita monitorada, assessoria na montagem de peças teatrais, orientação à pesquisa bibliográfica, disseminação da informação e outros. Há também os serviços de extensão à comunidade, que são serviços executados fora do espaço físico da biblioteca, podendo ocorrer em hospitais, creches, comunidades rurais por intermédio de ônibus ambulante, caixas-estantes e outros.

Quanto às atividades, estabelecemos aqui que são as realizações culturais (cotidianas ou não); ou seja, um trabalho intencional, programado de acordo com a idade e as características do grupo a ser atendido. Em uma biblioteca

infanto-juvenil, em geral, elas são destinadas a promover a leitura, a cultura e conseqüentemente a própria biblioteca. Como exemplo, citaremos as atividades culturais oferecidas freqüentemente pela bibliotecas públicas:

hora do conto, poesia (concurso, oficina etc), teatro (apresentação de peças, criação de grupos), audição musical, cinema, televisão, jogos educativos, jogos recreativos, exposições, concursos, filatelia, numismática, museus de rua, curso de arte (pintura, escultura, recortes de papel, modelagem, gravuras etc), outros cursos (tricô, crochê, culinária, higiene, primeiros socorros, puericultura etc), debates, palestras, oficinas (workshop), jornais (edições desenvolvidas pelos usuários, gincanas (culturais, com fins de socialização), campeonatos (xadrez, jogos de carta, dama, videogame etc), caça ao tesouro e eventos relacionados a um determinado acontecimento (Eleições Diretas, Derrubada do Presidente etc.) (ALMEIDA JUNIOR, 1999, p.102-103).

Um aspecto a ser destacado é quanto ao cuidado que o bibliotecário deve ter ao planejar estas atividades, visto que a [...] “principal finalidade da Biblioteca Infantil é a de conduzir a criança para a leitura, e não a de transformar a Biblioteca numa escola de arte, de teatro” [...] (PANET, 1985, p.73).

Esta afirmação, fora do contexto da obra de Panet, pode dar a parecer que a autora se opõe às atividades de artes e teatro, porém este não é o seu posicionamento. Para Panet (1988, p.42), [...] “as artes plásticas, em suas várias modalidades, podem merecer atenção do bibliotecário” [...]. Acreditamos no entanto, que ela se refere às bibliotecas que por acomodação, acabam diversificando demais as suas atividades, desfocando-se da leitura do texto ficcional (oralizado ou não).

Comentando sobre este aspecto, Cunha (1980, p.930) relata que nos primeiros anos da Biblioteca Infantil de Clamart,

[...] suas 4 bibliotecárias entusiasmadas e criativas, além de reforçadas pelo evidente prazer das crianças, multiplicaram suas atividades: desenhos, marionetes, pintura, etc. Elas perceberam, contudo, que tais atividades ocupavam uma grande parte do tempo delas e das crianças, e que a leitura estava sendo colocada em segundo plano. A biblioteca estava tornando-se quase uma creche. Desde 1974, bibliotecários e estagiários deixaram de lado outras atividades, para dedicar grande parte de seu tempo na tentativa de facilitar o contato da criança com o livro.

Livro este que, na atualidade, possa ser ofertado não apenas no formato tradicional, mas também em formatos multimídiais, “pois o leitor de multimídia

(criança e adolescente) não oferece nenhuma resistência a esse suporte” (TEIXEIRA, 1999, p.45).

Diante destas possibilidades, e reproduzindo uma linguagem de marketing, afirmamos que é fundamental alertar que o profissional bibliotecário, perceba [...] “que o negócio da biblioteca é informação para um usuário/consumidor [...] e é preciso preparar produtos adequados, pertinentes e relevantes” (LIMA, 1994, p.376), para atendê-lo. Portanto, é preciso que ele “escute” as crianças e os adolescentes que freqüentam a sua biblioteca.

Figueiredo (1986, p.420-421) sugere que o bibliotecário fique atento às falhas e barreiras que podem ocorrer. Observando, por exemplo: se há mercado para o produto/serviço a ser oferecido, se os mesmos visam satisfazer os usuários ou os bibliotecários e se há o mesmo produto/serviço disponível em outro lugar e em melhores condições.

Estes produtos/serviços e atividades devem ser divulgados permanentemente, não só para que saibam de sua existência, mas para propiciar à biblioteca uma maior visibilidade, pois o cidadão acaba não descobrindo que essa instituição é um direito seu e uma forma de aquisição de conhecimento e conseqüentemente uma alavanca para seu crescimento sociocultural.

#### 4 BIJ NO BRASIL: destaques históricos

Apesar das dificuldades para a obtenção de material bibliográfico sobre a biblioteca infanto-juvenil, relatadas anteriormente, pudemos tecer um breve histórico sobre elas no Brasil.

Para iniciar este histórico, buscamos identificar a biblioteca infantil pioneira, em nível mundial. Litton (1973, p.14) afirma que a primeira delas “foi fundada nos Estados Unidos em 1802”. Divergindo, desta informação, Duro (1979, p.212), registra que “a primeira biblioteca infantil dos Estados Unidos surgiu em 1803, mas foi pelos meados do século XIX que a criação de bibliotecas infanto-juvenis recebeu impulso”.

Havendo esta divergência de data, buscamos respaldo em Lasso de La Vega (1952, p.479) o qual anota que as

primeras Bibliotecas infantiles se crearon en Norteamérica. De 1803 data la primera, fundada en Salisbury. A partir de este año, y en diferentes Estados de la Unión, se fueron creando numerosas Bibliotecas para niños entre los nueve y los dieciséis años.

Litton (1973, p.9) complementa que, apesar de ser [...] “tardia aparición de la biblioteca infantil, hija de nuestro atormentado siglo XX, há sido compensada por um rápido desenvolvimento y su difusión casi universal” [...].

Além disto, Duro (1979, p.212) contribui, comentando que

[...] por volta de 1861 foi iniciado o primeiro serviço com crianças em bibliotecas inglesas. Porém, no século XX, na Inglaterra e nos Estados Unidos, houve um grande avanço e incentivo ao serviço bibliotecário com crianças.

No Brasil, a primeira biblioteca destinada ao público infantil, surgiu na cidade do Rio de Janeiro, na década de 20, por iniciativa da escritora Cecília Meireles; mas, infelizmente, teve curto tempo de duração (DURO, 1979, p.212).

A história faz referência à instalação, em 1933, da Biblioteca Infantil Silvino Cabral da Nóbrega, em Santa Luzia, na Paraíba. Neste ano, também, Lenyra Camargo Fraccaroli instala uma biblioteca infantil, no Instituto Caetano de Campos (PANET, 1988, p.21), biblioteca esta que foi a “chama” para a criação da Biblioteca da

Vila Buarque (mais tarde Infante-Juvenil Monteiro Lobato) e de uma série delas que, inclusive, formam hoje a rede de bibliotecas infante-juvenis da cidade de São Paulo. Esta rede, segundo a Bibliografia Brasileira de Literatura Infante-Juvenil (PREFEITURA...,1996, p.205-207), é composta atualmente por 36 unidades.

Após a capital paulista, a primeira cidade a instalar uma biblioteca deste gênero, foi Salvador. A capital baiana viu ser implantada sua Biblioteca Infantil em 1950. Esta iniciativa deve-se à professora e bibliotecária Denise Fernandes Tavares, que foi responsável também pela implantação de outras oito bibliotecas infantis, em cidades do interior baiano.

Em 17 de dezembro de 1950, foi fundada, no Méier, na cidade do Rio de Janeiro, a Biblioteca Infantil Carlos Alberto,

[...] carinhosamente conhecida por BICA, nasceu num gesto humanitário do casal Wilson Oacyl Bodstein e Maria Carolina Bodstein. [...]. A partir de 1977, por decisão do Governo Estadual, foi criado, em seu espaço físico, o Centro de Arte e Criatividade Infante-Juvenil - CACIJ - que, absorvendo a BICA, passou a oferecer oficinas culturais para desenvolvimento de outras linguagens afins ao trabalho da Biblioteca. Atualmente essa biblioteca transformou-se num Centro de Artes. (BIBLIOTECA..., 2000a, p.1).

Em 1954, foi a vez da capital mineira fundar sua biblioteca infantil, cujo nome era "Prof. Luiz de Bessa". Atualmente, a biblioteca infante-juvenil que mais se destaca nesta cidade é a Biblioteca Pública Infantil e Juvenil de Belo Horizonte (BPIJBH), que foi [...] "inaugurada em 7 de fevereiro de 1991 [...] sendo um produto de um projeto da Professora Maria Antonieta Antunes Cunha" [...] (COSTA E SILVA et al, 1994, p.6).

Ainda na década de 50, em 1955, instala-se em Porto Alegre, a "Biblioteca Lucilia Minssen", que continua em funcionamento e ocupa parte das instalações da Casa de Cultura Mário Quintana. Segundo Panet (1988, p.22), esta biblioteca [...] "foi organizada conforme padrões trazidos dos Estados Unidos por Lucilia Minssen".

Em 70, instala-se, em Brasília, a Biblioteca Infantil denominada 104/304 Sul<sup>2</sup>, possivelmente em virtude de sua localização. Segundo Alves (*apud*

---

<sup>2</sup> telefonamos e enviamos fax, consultando sobre esta denominação, porém não obtivemos resposta.

PANET, 1988, p.22), “ela está vinculada à Divisão de Bibliotecas do Departamento de Ensino Complementar, órgão da Fundação Educacional do Distrito Federal”.

Na cidade do Rio de Janeiro, inaugurou-se “no dia 2 de abril de 1979 (Dia Internacional do Livro Infantil) a Biblioteca Infanto-Juvenil Maria Mazzetti”, que foi criada num convênio entre a Fundação Casa de Rui Barbosa e a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) (CRUZ, 1994, p.13). Em 1980, instalou-se uma biblioteca infantil em Icaraí - Niterói e mais tarde, em 1981, idealizou-se uma biblioteca no Morro dos Cabritos, em Copacabana.

Segundo Panet (1988, p.22-23), na década de 70/80 instalaram-se no Brasil, as bibliotecas infantis do Recife (1972 e 1981), de Sergipe (1974), de Lorena - SP e de João Pessoa (1981).

Hoje, os dados sobre o número de bibliotecas infantis e infanto-juvenis existentes no Brasil são imprecisos. No Anuário Estatístico do Brasil - 1987, publicado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), são apontadas 154 bibliotecas infanto-juvenis, espalhadas em 19 estados brasileiros, sendo eles: Rondônia (1), Amazonas (1), Ceará (5), Rio Grande do Norte (1), Paraíba (2), Pernambuco (1), Alagoas (1), Sergipe (1), Bahia (7), Minas Gerais (36), Espírito Santo (1), Rio de Janeiro (18), São Paulo (51), Paraná (8), Santa Catarina (2), Rio Grande do Sul (14), Mato Grosso do Sul (1), Mato Grosso (1) e Goiás (2) (IBGE, 1988, p.703).

Este dados também já foram imprecisos em outras épocas. Tavares (1970, p.17) por exemplo, faz a seguinte crítica:

consultando nossa Documentação encontramos apenas estas informações: a "Biblioteca Infantil" do "Centro de Biblioteconomia", Rio, 1966", notícia (sic) a existência de 205 Bibliotecas Infantis no Brasil, informando que são dados levantados no INL. Ora, sabemos que no INL, o registro é feito pelos questionários enviados pelos petionários a confundirem uma simples sala com alguns livros com Biblioteca, além das "Bibliotecas" da sociedade, grêmios, etc., uma formalidade às vezes representada por uma estante de livros. Como o INL oferece livros como incremento de Bibliotecas o batismo é feito para solicitar o registro e a eles (sic) fazerem jus. Na verdade, elas não são Bibliotecas Infantis, em absoluto. De relação à própria Guanabara<sup>3</sup>, onde foi possível fazer uma verificação "in loco", o "Centro" conclui que a informação de 9 Bibliotecas Infantis não correspondia à realidade.

Prosseguindo na sua avaliação, Tavares (1970, p.17) afirma: [...] “num país em que a mentalidade administrativa dominante (com honrosas exceções) é

---

<sup>3</sup> Guanabara – antigo nome do Estado do Rio de Janeiro.

inaugurar e não 'manter, conservar' [as bibliotecas infanto juvenis] [...] ainda não superaram as dificuldades de manterem-se condignamente”.

Podemos citar como exemplo, a Biblioteca Pública Infantil de Londrina, que foi criada há 16 anos. Funciona anexa à Biblioteca Pública Municipal Parigot de Souza, que hoje

está enfrentando problemas por causa da má conservação do prédio, que compromete, inclusive, o acervo de 12 mil livros. O prédio está com piso desgastado, instalações elétricas e hidráulicas comprometidas e rachaduras nas paredes, causadas pela infiltração da água. Por causa da umidade, parte do acervo dos livros infanto-juvenis está deteriorado. "Quando chove. É necessário fechar a biblioteca porque não há condições de atender ninguém" (PRAZERES, 2000, p.4A).

Infelizmente, este não é o único exemplo da precariedade em que se encontram as bibliotecas infanto-juvenis brasileiras e fazemos aqui, o seguinte questionamento: “a biblioteca infanto-juvenil mudou, ou perdeu-se o ideal e o idealismo que a envolviam?”. “Será que elas estão ‘morrendo’, da mesma forma que a infância está desaparecendo?”. Estas questões não serão respondidas nesta dissertação, em virtude de não dispormos de dados complementares; porém, como referência histórica, apresentaremos algumas informações sobre as duas bibliotecárias pioneiras idealizadoras das Bibliotecas Monteiro Lobato, de São Paulo e Salvador.

#### **4.1 As Idealizadoras das Bibliotecas Monteiro Lobato**

Todo e qualquer empreendimento exige das pessoas uma carga de energia, trabalho e dedicação para que possa se concretizar. O pioneirismo então, exige uma “dose” redobrada de tudo isto. Quando se refere ao pioneirismo na área de educação e cultura, no Brasil, podemos dizer que seja uma tarefa para pessoas especiais.

---

Este capítulo do trabalho será dedicado a duas mulheres que “acalentaram” o sonho de proporcionar às crianças e aos adolescentes um contato mais estreito com o livro e a cultura deste país.

Trata-se de Lenyra de Arruda Camargo Fraccaroli e Denise Fernandes Tavares, duas professoras e também bibliotecárias que dedicaram suas vidas às bibliotecas infanto-juvenis brasileiras.

#### **4.1.1 Lenyra de Arruda Camargo Fraccaroli**

Lenyra Fraccaroli foi a idealizadora da Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato de São Paulo. Isto aconteceu graças ao convite do escritor Mário de Andrade, então diretor do Departamento de Cultura de São Paulo, que tomou conhecimento do trabalho desenvolvido por ela na Escola Caetano de Campos. Nela, Lenyra, “como professora substituta, organizou a primeira Biblioteca Infantil no Brasil, numa simples sala de visitas” [...] (SCHÜTZER, 1989, não paginada).

Esta biblioteca foi apenas o começo de um trabalho que se refletiu na criação de incontáveis bibliotecas destinadas às crianças e aos adolescentes.

Lenyra Arruda Camargo era paulista, nasceu em Rio Claro, em 21 de abril de 1906. Era filha de Francisco Arruda Camargo e Leonor Rodrigues Torres de Arruda Camargo. Recebeu o sobrenome Fraccaroli, após o casamento com Raul João Paulo Fraccaroli.

Quando iniciou os seus trabalhos na biblioteca não era bibliotecária, o que só aconteceu em 1940. Porém, este envolvimento com a Biblioteconomia tem raízes nos seus antepassados, como pode ser percebido no comentário a seguir:

[...] o meu avô Francisco de Arruda Camargo, homem realizador e que durante 25 anos foi secretário da Prefeitura Municipal de Rio Claro. Juntamente com outros rio-clarenses ilustres, fundou a Biblioteca Pública que passou a se chamar "Gabinete de Leitura" (BIOBIBLIOGRAFIA..., [199-], não paginada).

Neste local, ela lia tudo o que era permitido, pois [...] “os adolescentes não tinham, como hoje, liberdade para ler o que desejassem. A leitura

para os jovens, era severamente controlada pelos pais” (BIOBIBLIOGRAFIA..., [199-], não paginada).

Para melhor desenvolver as atividades profissionais na Biblioteca da Escola Caetano de Campos, Lenyra Fraccaroli, buscou informações por meio de viagens à Europa, Estados Unidos, Canadá e países da América Latina. Nestas viagens, ela detectou que as bibliotecas infantis não desenvolviam nenhum trabalho cultural, limitando-se às consultas e aos empréstimos de livros. Ela justifica que a não realização de uma diversidade de atividades pelas bibliotecas infantis nestes países, deve-se ao fato das escolas possuírem bibliotecas grandes, atualizadas e dinâmicas. Portanto, no que diz respeito as atividades culturais em bibliotecas infantis [...] “o meu trabalho no campo da biblioteconomia, foi na verdade, magnífico e pioneiro [...] a biblioteca era um centro de estudos e debates” [...] (BIOBIBLIOGRAFIA..., [199-], não paginada).

Esta filosofia de trabalho, Lenyra Fraccaroli também implantou na Biblioteca Infantil da Vila Buarque (atual BIJML), a ponto de ser denominada a “semente da biblioteca infanto-juvenil brasileira” (PANET, 1988, p.21).

Seu interesse e paixão pelas crianças e pelos jovens levaram-na a se dedicar não só a esta biblioteca, mas também à idealização de uma rede de bibliotecas infanto-juvenil no Estado de São Paulo e fora dele. Só na capital paulista, implantou as sucursais nos bairros: Itaim, Bela Vista, Tatuapé, Vila Mariana, Santo Amaro, Siciliano, Chácara do Castelo, Freguesia do Ó, Moóca, Pinheiros, Tatuapé II, Vila Maria, Vila Mariana II, Vila Nova Manchester, Vila Prudente e Vila Romana (BIOBIBLIOGRAFIA, [199-], p.2-3).

Ao fazermos a leitura da biografia de Lenyra Fraccaroli, percebemos que seu trabalho foi exaustivo. Ela relata que as crianças preferiam brincar à vontade, fora do espaço da Biblioteca; portanto para conquistá-las, incluíram-se na biblioteca atividades como: cinema, arte, música, teatro, jogo de xadrez, dama e jogos educativos. O cinema, por exemplo foi [...] “um abre-te-sésamo para atrair as crianças. Toda criança que freqüentasse essa casa de cultura pelo menos duas vezes por semana teria direito à entrada nas sessões cinematográficas” [...] (BIOBIBLIOGRAFIA..., [199-], não paginada).

Esta idéia está em acordo com muitas propostas idealizadas e realizadas por diversos profissionais que, em uníssono, crêem que “tudo é válido

para seduzir” o leitor; postura que acreditamos seja equivocada, pois somente ações específicas levam o indivíduo à leitura, (sobre este assunto, retornaremos no decorrer deste trabalho).

Os eventos da Biblioteca, também foram uma “marca” de Lenyra Fraccaroli. Neles, ela envolvia o público infanto-juvenil para que tivesse oportunidade de desenvolver o espírito crítico. O evento mais citado nos documentos existentes no acervo da BIJML, é o CONGRESSO DE ESCRITORES MIRINS, iniciado em 1945 e que discutia, por exemplo, [...] “as obras oferecidas às crianças e aos jovens, o ‘folk-lore’ na literatura infantil e juvenil, os programas de rádio, a necessidade de bibliotecas para crianças na periferia de São Paulo e no interior” [...] (DANTAS, 1982, p.109). A sua primeira edição ocorreu na cidade de São Paulo, desencadeando edições similares em Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Pernambuco e Bahia.

Outra atividade realizada na Biblioteca Infantil da Vila Buarque, que é citada em entrevistas, reportagens e artigos, é o jornal “A Voz da Infância”, criado em 14 de abril de 1936, numa iniciativa dos próprios leitores e que Lenyra Fraccaroli incentivou com “energia”, visto que ele enriquecia a formação cultural dos leitores. Muitas crianças e adolescentes que contribuíram com este jornal se transformaram na fase adulta em [...] “grandes e ilustres intelectuais, poetas, jornalistas, acadêmicos” [...] entre eles Paulo Bonfim, que afirma ter aprendido [...] “a pensar naqueles velhos bancos da Biblioteca da Vila Buarque” (SCHÜTZER, 1989, não paginada).

É importante destacarmos que entre os incentivadores deste jornal estava Monteiro Lobato o qual, na época, referia-se ao jornal da seguinte forma: “os jornais para adultos, eu os leio de nariz torcido, mas ‘A Voz’ eu a leio de fio a pavio” (SCHÜTZER, 1989, não paginada).

Lenyra Fraccaroli também teve uma preocupação com os deficientes visuais; para tanto, criou a Seção Braille, na Vila Buarque, e a Seção Circulante da Sala Braille. Isto ocorreu em virtude de uma visita que ela fez ao Instituto Padre Chico, no Bairro do Ipiranga, para contar histórias. Esta visita causou a seguinte impressão em Lenyra:

ficamos penalizadas com a situação das crianças que ali viviam, pois não tinham possibilidade para passeios e com isso segregadas na instituição em que moravam. O Instituto não possuía veículos para transporte dos cegos.

Pensei então, em organizar uma seção para eles na Biblioteca Infantil. Consegui um ônibus com a Prefeitura que os transportava, duas vezes por semana à Biblioteca... (BIOBIBLIOGRAFIA..., [199-], não paginada).

A Seção Braille funcionou na BIJML até 1986, quando [...] “os livros foram transferidos para o Centro Cultural São Paulo” [...] (PORTELLA, 1999, p.1).

Por todas estas realizações, Lenyra Fraccaroli recebeu inúmeras homenagens, condecorações e prêmios, que arrolamos abaixo, para que se possa ter uma pequena amostra da dimensão do trabalho desenvolvido por ela.

<b>HOMENAGEM</b>	<b>PROMOTORES</b>	<b>ANO</b>
Sala com seu nome	BIML - Salvador	1950
Mulher do Ano em Educação	Jornal "A Gazeta"	1956
Cartão de Prata e Homenagem	Grupo Teatral "Estrela Dalva"	1957
Indicada para a "Ordem Nacional do Mérito"	Governo Federal	1959
Nome do Clube de Leitura em Arcos	Clube de Leitura em Arcos - MG	1959
Nome do Clube de Leitura de Formiga	Clube de Leitura de Formiga - MG	1959
Voto de Louvor pela atuação na Direção de Bibliotecas Infantis	Câmara de Vereadores de São Paulo	1961
Título de Sócia Benemérita	Associação Paulista de Bibliotecários	1961
Chave de Ouro	Biblioteca Infantil Monteiro Lobato	1961
Título de Funcionária Emérita	Câmara Municipal de São Paulo	1961
Membro de Honra	Simpósio da Criança em Santos	1961
Convidada de Honra	Sociedade Amigos de Santos	1961
Honra ao Mérito	União 19 de Março	1970
Cartão de Prata	Centro de Estudos de Literatura Inf. e Juvenil	1976
Sócia Fundadora	Jubileu de Prata do Clube Sorotimista	1977
Cartão de Prata	Prefeitura de Araraquara	1978
Título de Personalidade do Ano Internacional da Criança	União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro	1979
Preferida de 1979	Associação Paulista de Críticos de Arte	1979
Revelação Cultural pela criação da Academia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil	Academia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil	1979
Cartão de Ouro e Prata	Câmara Municipal de São Carlos	1980
Cartão de Prata	Bibliotecários de São Carlos	1980
Mulher Símbolo	Jornal <i>O Diário de Rio Claro</i>	1981
Mestra do Ano de 1981	Liga do Professorado Católico	1981

Título de Bibliotecária do Ano	Bibliotecários do Estado de São Paulo	1982
Estatueta de Bronze representando o Visconde de Sabugosa	União Brasileira de Trovadores	1982

Lenyra faleceu em 1991, aos 85 anos, deixando artigos publicados nos periódicos: “Revista do Arquivo Nacional”, “Revista Literatura e Arte” e “Revista Cooperação de Rio Claro”. Em virtude do reconhecimento de seu trabalho, seu nome consta em verbetes de dicionários, como: Dicionário das Literaturas Portuguesa-Brasileira-Galega, Dicionário de Autores Paulistas, Dicionário Literário Brasileiro e, ainda, na Grande Enciclopédia Larrouse Cultural.

Atualmente, uma das bibliotecas infanto-juvenis da cidade de São Paulo recebe o seu nome; ela está situada na Vila Manchester, na zona leste da capital.

#### **4.1.2 Denise Fernandes Tavares**

Denise Fernandes Tavares nasceu na cidade de Nazaré, interior da Bahia, em 4 de maio de 1925. Nesta cidade, cursou o Colégio Normal, onde formou-se professora. Em 1944, mudou-se para Salvador, com muitos planos e um objetivo – “fazer uma casinha de livros, onde as crianças pudessem ler os livros infantis, principalmente [...] de Monteiro Lobato” (FREITAS, 1999, p.17).

Seu sonho era compartilhar com as crianças o prazer que o “mergulho” no mundo da fantasia podia proporcionar, pois ela havia vivenciado isso na infância, em sua cidade natal, com os livros que ganhava.

Envolta neste “clima”, tem a oportunidade de em 1947 conhecer Monteiro Lobato, que esteve em Salvador [...] “para a estréia da Opereta Narizinho” [...]. Sem dúvida, este foi um momento de muita emoção para Denise; isto fica perceptível no trecho de sua carta a Adroaldo Ribeiro Costa, autor da opereta. Ela lhe pergunta:

Lembra-se de quando conheci Lobato? Fiquei assim muda (eu ficar muda, hein?...) de tanta emoção, as lágrimas descendo: eu estava conhecendo o

homem que enchera a minha infância de maravilhosos momentos [...] (TAVARES apud FREITAS, 1999, p.17).

Mais fascinante ainda é perceber que a recíproca é verdadeira. Freitas (1999, p.17), em suas pesquisas na documentação particular de Denise Tavares, localiza uma carta de Lobato para Denise, onde o autor comenta a sensação que sentiu ao conhecê-la. Observe-se:

[...] dirigiu-se a mim com um livro em punho e eu olhei-a [...] e me deslumbrei com os seus olhos! [...]. "Que estúpido sou! Deixei-me atrapalhar e não pude "ver" a creatura (sic) mais impressionante com que me encontrei em seis dias de Bahia" [...]. E aqui os dias foram se passando, e sempre que eu contava a um amigo meus dias em Salvador, o remate era sempre o mesmo: a maravilha daqueles olhos que eu vira inesperadamente no hotel, na hora da saída, e que me deixaram siderado.

Enfim, com os trechos das cartas Denise/Lobato/Denise, observa-se que há uma identificação entre autor/leitor, ou seja uma grande dose de "magia".

E para conhecer mais sobre esta bibliotecária, é necessário recorrer a Freitas (1999, p.19) quando afirma ser Denise Tavares a

[...] primeira mulher a assumir a diretoria de uma biblioteca pública na Bahia [...] foi uma desbravadora, abriu caminhos, desafiando com criatividade, utilizando a sua inteligência e sedução para a conquista do seu objetivo. Soube assumir o seu papel político enquanto educadora, se destacando no cenário educacional no Brasil e no exterior, sobretudo porque sabia, com segurança que a construção da sociedade depende da participação de cada um, individual e coletivamente. A própria concepção de Denise do seu papel político como educadora tem forte influência do conhecimento não apenas da obra de Lobato, mas do envolvimento desse autor com as questões da infância, da literatura e da política nacional.

Pelos textos que Denise deixou escritos, percebemos facilmente a influência lobatiana que ela recebeu, mas isto só ocorreu porque Denise tinha um temperamento forte, era vanguardista, destemida e persistente. Influenciava e contagiava as pessoas que estavam à sua volta, levando-as a também se engajarem nas lutas pela BIML.

E estas lutas foram grandes. A BIML passou por muitas fases complicadas; porém, a mais marcante aconteceu em 1957, quando houve uma

campanha contrária às obras de Monteiro Lobato, por considerá-las com conteúdo comunista. Esta campanha teve como maior defensor o Padre Sales Brasil, que escreveu o livro “A literatura infantil ou o comunismo para crianças”. Além disso, a campanha propunha o fechamento da BIML. Denise Tavares teve que redobrar as suas forças, pois os opositores iam nas escolas e nas residências

convencendo a não mandarem meninos à Biblioteca ou procurava Deputados, Secretários da Fazenda e até o Governador para não darem recursos à BIML. O inimigo era poderoso, fanático e capaz de tudo (TAVARES, 1973 , p.15).

Novamente, torna-se necessário nos valermos de um texto de Freitas (1999, p.26), o qual comenta:

toda esta trajetória de luta foi fundamental para que, na contemporaneidade, a BIML continuasse sendo reconhecida como um importante centro cultural, uma agência de educação e cultura para crianças e adolescentes.

Visando demonstrar a amplitude da atuação desta bibliotecária, devemos ainda acrescentar que Denise foi responsável pela implantação do Sistema de Bibliotecas Infantis da Bahia. Em 1958, por exemplo, fundou a primeira sucursal em Nazaré (sua cidade natal) e foi também neste ano que concluiu o curso de Biblioteconomia.

Denise Tavares morreu em 1974, aos 49 anos, deixando publicados os livros: “Sugestões para organização duma pequena biblioteca infantil” (1960) e “As bibliotecas infantis de hoje” (1970). Deixou também vários artigos nos jornais: “Jornal da Bahia”, “Última Hora” (RJ), “Diário de São Paulo” e “Estado da Bahia”.

Durante toda sua vida, dedicou-se com muito entusiasmo e amor à BIML, chegando a se referir a ela como a uma filha. Isto pode ser observado no trecho a seguir:

Minha filha faz 15 anos, hoje. Aguardei êsse (sic) seu aniversário com o alvoroço e a apreensões naturais às mães quando as filhas chegam à

adolescência. [...] Sòmente (sic) um presente para minha filha nos seus 15 anos: a ESPERANÇA. Um belo presente a confortar meu coração de Mãe, dando-me coragem para prosseguir no difícil caminho por que passam tôdas (sic) as coisas ainda não totalmente compreendidas na sua grandeza e valor (TAVARES, 1965, não paginada).

Com a apresentação destes dados biográficos de Lenyra Fraccaroli e Denise Tavares, torna-se necessário destacarmos que muito mais poderia ser pesquisado sobre estas bibliotecárias que tanto contribuíram para o desenvolvimento das bibliotecas infanto-juvenis no Brasil e que mereceriam um trabalho à parte, com outro escopo, diferentemente que ora apresentamos.

## **5 AS BIBLIOTECAS PESQUISADAS**

Conforme salientamos na introdução deste trabalho, escolhemos, como objeto de pesquisa, as Bibliotecas Monteiro Lobato, de São Paulo e Salvador, por serem as primeiras criadas no Brasil para atender o público infanto-juvenil e existentes até hoje.

No momento da pesquisa de campo (julho 1999), as duas bibliotecas estavam passando por um processo de tratamento da informação de seu acervo histórico, que é composto em sua maioria de jornais, fotografias e relatórios. Como não é este o principal foco deste trabalho, compilamos apenas algumas informações que consideramos serem primordiais.

### **5.1 Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato (BIJML)**

A BIJML, foi inaugurada em 1936,

[...] sua denominação original de Biblioteca Infantil Municipal foi alterada para a atual em 1955, de modo a homenagear Monteiro Lobato, que havia sido um de seus mais entusiastas propagandistas (BIBLIOTECA..., 2000b, p.1).

A lei que altera a denominação do nome da Biblioteca é a de nº 4.793, de 15 de setembro de 1955, na gestão do Prefeito Juvenal Lino de Mattos.

Sua história encontra-se dividida em três fases. A Primeira Fase, corresponde aos anos de 1935 até 1944, período de instalação da Biblioteca no prédio da Rua Major Sertório, 639, em São Paulo, onde permaneceu até 1945. Na Segunda Fase, de 1945 a 1949, a Biblioteca esteve em funcionamento na mansão Rodolfo Miranda, na Rua General Jardim, mas não no atual endereço. A Terceira Fase, de 1950 a 1966, iniciou-se com a construção de um prédio especificamente para este fim, ao lado da mansão, que foi posteriormente demolida. E é nele que a biblioteca funciona até hoje, ou seja, à Rua General Jardim, 485, na Vila Buarque (BIBLIOTECA...,[19--], não paginada).

Atualmente, a BIJML pertence à rede de bibliotecas infanto-juvenis da cidade de São Paulo, que foi iniciada por Lenyra Fraccaroli. Está subordinada ao Departamento de Bibliotecas Infanto-juvenis que, por sua vez, é subordinado à Secretaria Municipal de Cultura. Ela está organizada com os seguintes setores: Pesquisa, Circulante (empréstimo), Leitura, Banco de Textos Teatrais, Bibliografia e Documentação, Difusão Cultural, Terceira Idade, Multimeios, Hemeroteca e o Museu Monteiro Lobato.

Seu acervo, em julho de 1999, era de 60.000 itens, abrangendo livros, periódicos, fita de vídeo, discos e outros suportes de informação.

A frequência média diária na BIJML era de 348 usuários, a mensal de 9.055 e a anual de 108.663. Este público é diversificado, pois diferentemente do período inicial de suas atividades, a Biblioteca hoje atende também adultos, inclusive os que se encontram na Terceira Idade.

Quanto ao movimento para leitura, a Biblioteca atende uma média de 207 leitores/dia e 5.395 mensais. Este fluxo de leitores se intensifica nos meses de férias (janeiro, fevereiro, julho e dezembro).

Consultando informações sobre a BIJML, em diversos periódicos, detectamos que a sociedade sempre teve um conceito positivo desta Biblioteca.

Algumas reportagens referem-se a ela como: [...] “a mais completa fonte de consulta de livros infanto-juvenis da América Latina” (BRASLAUSKAS, 1997, s.p.). Ou a maior biblioteca [...] “da América Latina, com um acervo em torno de 35 mil livros e foi a primeira no país especializada no atendimento a crianças e jovens” (AGITANÇA..., 1992, p.9).

Acreditamos que esta imagem seja resultado do trabalho realizado pelos profissionais desta Biblioteca. Arauim (1997, p.Z6), em uma reportagem, transcreve o comentário de uma bibliotecária, que afirma [...] “criamos oportunidades para que as pessoas freqüentem bibliotecas em atividades que não estejam associadas à obrigação escolar”. Possivelmente, este seja o recurso mais atraente e estimulante, pois as pessoas optam por ir ao espaço cultural, sem se sentirem coagidas a fazê-lo.

A diretora da BIJML na época dessa pesquisa (julho 1999), era Durvalina Soares Silva, que é formada em Biblioteconomia desde 1980, tendo feito o curso de especialização no PROESI da USP, na área de Sistema de Informação e Educação.

## **5.2 Biblioteca Infantil Monteiro Lobato (BIML)**

Esta biblioteca foi criada no dia 18 de abril de 1950, em Salvador, por meio da Lei nº 284/1950, na gestão do governador Dr. Otávio Mangabeira, que tinha como secretário de Educação o renomado educador Anísio Teixeira.

Para a realização deste projeto, foi necessário muito empenho, pois a história da BIML foi marcada por grandes dificuldades, desde o início. Muitas pessoas colaboraram, porém a idéia só se concretizou pela incansável dedicação de Denise Tavares.

Em abril de 2000, a Biblioteca fez 40 anos e, para as atividades de comemoração, muitos documentos estão servindo para a pesquisa de diversos profissionais. Entre eles, podemos encontrar preciosos recortes de jornais, com momentos gloriosos da Biblioteca, bem como reportagens onde se denunciava o descaso público em relação à mesma.

Objetivando realçar a importância da BIML para a comunidade baiana, registramos nas próximas páginas alguns fatos históricos.

Para que Denise Tavares e seus amigos pudessem realizar o sonho de estruturar uma biblioteca destinadas especialmente às crianças, tiveram como primeira iniciativa, de arrecadar dinheiro para esta empreitada. Isto aconteceu por meio de um livro de ouro<sup>6</sup> que circulou entre amigos que se sensibilizaram com esta causa.

Na busca de uma sede para iniciar as atividades, localizaram um “chalezinho da Prefeitura”, em que se guardavam material e ferramentas de jardinagem. Esta foi a primeira sede da BIML (BIBLIOTECA..., [199-]a, não paginada).

Após 4 anos de funcionamento, este chalé foi demolido e deu lugar a “um prédio de linhas funcionais, com instalações apropriadas para o funcionamento de uma biblioteca, sendo o mesmo inaugurado em 1956” (BIBLIOTECA..., [199-]a, não paginada). Mas, em 1962, um temporal desabou o teto da Biblioteca, muitos livros foram danificados e os demais tiveram que ser encaixotados. As autoridades não providenciaram as devidas reformas e Denise, inconformada com a não tomada de providências por parte do Estado, invadiu um casarão onde funcionara a Assembléia Legislativa e instalou ali a BIML.

Os anos foram passando e a verba necessária para restaurar o prédio danificado não foi liberada. Denise recorreu ao Governo Federal e, após várias tentativas para conseguir uma audiência com o Presidente da República, que na época era João Goulart, utiliza-se da seguinte estratégia: escreve uma carta (anexo A) para a filha do Presidente, cujo nome também é Denise, contando que ela morava no Sítio do Picapau Amarelo, com a Emília, o Pedrinho [...] “mas o teto desabou com a infiltração das águas de chuva e você nem queira saber o desastre! Livros, muitos livros molhados, tudo perdido. Um prejuízo incrível!”. Denise queria que a menina conversasse com o pai para que ele ajudasse e mudasse o fim desta história. “Ah! Denise! Se você soubesse como é horrível ver tantos livros – que estão valendo milhões e que tanto custaram juntar – estragarem-se num porão úmido!”. Algum tempo depois, não obtendo resposta, foi à Brasília. Localizou a escola em que a

---

<sup>6</sup> Livro de ouro – “livros onde se registravam nomes ilustres, nomes de pessoas que contribuem para determinado fim altruístico (FERREIRA, 1986, p.1042).

menina estudava, aproximou-se dela, e mais uma vez solicitou a sua ajuda. Desta forma, Denise Tavares consegue uma audiência com João Goulart, que, sensibilizado com o trabalho desenvolvido por aquela baiana, destina as verbas necessárias para as reformas da Biblioteca; mas, logo em seguida, o Presidente foi deposto, ficando o dinheiro retido no Banco do Brasil. E foram necessárias muitas negociações e muitas interferências de políticos para que Denise conseguisse a liberação desta verba e pudesse ver a BIML voltar a funcionar. Ela conseguiu, e mais do que isto, fez novas articulações, até que, em 1960, por meio do Decreto Lei nº 17.837 de 11 de novembro de 1960, fosse criado o

[...] SERVIÇO DE BIBLIOTECAS INFANTO-JUVENIS DA BAHIA, encarregado de organizar, instalar e coordenar Bibliotecas Infantis Sucursais no Interior do Estado e nos Bairros da Capital, tendo a BIML como órgão padrão e central (TAVARES, 1970, p.44).

Este decreto resultou na criação de sucursais nas cidades de: Itapetininga (1962), Vitória da Conquista (1962), Livramento de Nossa Senhora (1963), Feira de Santana (1963), Ipiaú (1965), Jitauna (1970) e Gandú (1970) (TAVARES, 1970, p.52).

Atualmente, a BIML está situada no Jardim Nazaré, à praça Almeida Couto, em Salvador, instalada numa área construída de 1.267 m<sup>2</sup>, estando subordinada à Diretoria de Bibliotecas Públicas, Fundação Cultural do Estado da Bahia e à Secretaria da Cultura e Turismo. A ela compete:

- Programar, executar e avaliar programas, projetos e atividades voltadas para o estímulo, a formação e o desenvolvimento do hábito de leitura, em consonância com o Departamento de Bibliotecas;
- Oportunizar o uso da informação como meio de facilitação da vida sociocultural da comunidade em geral;
- Coordenar, supervisionar e avaliar as atividades desenvolvidas pelas equipes técnicas integrantes da BIML;
- Promover e orientar cursos e palestras voltados para a valorização e desenvolvimento profissional dos funcionários que atuam junto ao público jovem;
- Apoiar a educação formal, no acolhimento a estudantes, em programações conjuntas às escolas da comunidade;
- Exercer outras atividades correlatas. (FUNDAÇÃO..., [199-], não paginada).

Para cumprir estes objetivos, conta como uma estrutura composta de duas seções, a Seção de Informação e Assistência ao Público e Seção de Iniciação à Leitura. Estas seções dividem-se em: Setor de Estudos e Pesquisas, Setor Circulante,

Setor de Periódicos, Setor de Leitura, Setor de Dinamização Cultural e Setor de Recreação.

No momento da pesquisa (julho de 1999), o acervo continha livros de todas as áreas, com peso maior em ficção infanto-juvenil. Era composto de 56.097 exemplares de livros; 121 títulos de periódicos; 1.403 discos e 215 pastas com recortes de jornais, que são utilizados para pesquisa. A biblioteca mantém também um banco de gravuras, montado com recortes de periódicos velhos, que são doados aos usuários para ilustração de suas pesquisas.

O público atendido por esta biblioteca é diversificado, pois abrange desde o pré-escolar até pessoas de nível superior. Acreditamos ser importante registrar que, segundo o Almanaque Abril (1998, p.81), a população de Salvador era de 2.274.167 habitantes e a contagem da população infanto-juvenil feita pelo IBGE/1997, apontava como existentes em Salvador 753.379 mil indivíduos nessa faixa etária (IBGE, 1997, sem paginação).

Quanto à frequência mensal na BIML, “é bastante variável, chegando a atingir o total de 21.961” [anotação de setembro de 1997]; isto resulta numa média diária de 843 pessoas. Estas pessoas [...] “são procedentes desde o Centro até o Subúrbio devido à proximidade de grandes Colégios como Severino Vieira e ICEIA” e também familiares dos doentes que estão sendo atendidos nos diversos hospitais que se localizam na redondeza (BIBLIOTECA..., [199-]b, sem paginação).

A atual diretora da BIML é a bibliotecária Ceres Maria Soares Pimentel, que está administrando a Biblioteca há 8 anos. É graduada em Biblioteconomia desde 1965, formada pela Universidade Federal da Bahia.

### **5.3 Razões Para o Nome Monteiro Lobato**

Entender as razões que levaram os paulistas e os baianos a denominarem as suas bibliotecas infanto-juvenis de Monteiro Lobato é uma tarefa natural, pois o estudo da biografia deste autor, mesmo que superficial, revela a sua importância para a literatura, em especial a infantil, para a cultura, para o mercado editorial brasileiro e conseqüentemente para a leitura e a biblioteca.

Lobato é o criador do Sítio do Picapau Amarelo, ou seja, um mundo imaginário em que várias e várias gerações viveram sonhos maravilhosos. Este sítio é “recheado” de personagens tão “encantadores” quanto “encantados”. Talvez por isso que no

dia 18 de abril de 1882 (em Taubaté), as folhas caíam devagar, devagarinho, todas prateadas e douradas para serem mais bonitas [...] Era a dança do outono. Depois, a noite tomou conta da terra, enquanto que no céu, sem nuvens, havia um festival de estrelas (MURALHA, 1970, p.9).

Foi nessa noite que ele nasceu. Pretendia ser pintor ou engenheiro, mas após brigar muito com seu avô – o Visconde de Tremembé – acabou por estudar na Faculdade de Direito no Largo de São Francisco.

Ele escreveu muitas obras para adultos, mas foi a literatura infantil, a partir de 1921, que lhe trouxe maior prazer, a ponto dele dizer que: “queria viver de novo a minha vida [...] escrevendo coisas mais variadas, de interesse para as crianças [...] eu perdi muito tempo escrevendo para gente grande, que é coisa que não vale à pena” (ARAÚJO, [198-], p.5).

Esta idéia é coerente com a descrença que ele tinha em relação ao adulto e com o sonho de alteração de uma realidade social; portanto, [...] “ao influir na formação da criança, contribuiria para construir o Brasil do futuro” [...] (AZEVEDO et al., 1997, p.311).

Seu primeiro livro infantil foi intitulado “A menina do narizinho arrebitado”, obra que, apesar de possuir a indicação de “segundo livro de leitura para uso nas escolas primárias”, tem um conteúdo que se afasta do didático e envereda pelo lúdico (YUNES, 1982, p.55).

Depois dele, vieram ainda mais 22 obras para as crianças, todas elas ligadas ao imaginário infantil. E este poder de lidar com as palavras e com a fantasia fez de Lobato um modelo a ser seguido. Assim, depois dele, o Brasil viu nascer toda uma geração de escritores de grande importância nacional. Escritores que muitas vezes são denominados “Filhos de Lobato”. Fanny Abramovich é um exemplo. Ela destaca que

[...] era deleitoso, delicioso, lagartear (não ao sol, mas onde fosse e nas

condições climáticas que fossem...) com os livros do Monteiro Lobato. Era gostosura pura, era maravilhamento total [...]. Foi o presente mais cobiçado da minha infância: a coleção inteira, de capa marrom, com letras douradas, com os desenhos do Le Blanc, que estão aí na minha estante até hoje, me divertindo e me surpreendendo sempre... E fazendo com que a Emília seja uma das minhas personagens favoritas, desde o momento em que a conheci até hoje, quando busco algo de irreverente e de inesperado para usar em alguns de meus escritos [...] (ABRAMOVICH, 1989, p.11-12).

Outra escritora que afirma ter recebido influência de Lobato é a autora de livros infanto-juvenis Ilka Brunhilde Laurito. Ela comenta que os personagens do Sítio do Picapau Amarelo

foram personagens (ou pessoas) da minha família mais autêntica: a que me ensinou o rigor e o amor, humor e consciência, ao mesmo tempo que me educou para o prazer de ler e a paixão de escrever. (LAURITO, 1982, p.164).

O escritor Ziraldo Alves Pinto conta que, na sua infância, ouvia o seu pai falar num livro que tinha lido e nunca mais encontrara. Era um livro sobre uma menina de narizinho arrebitado e se um dia encontrasse, iria lhe dar de presente.

[...] até que um dia cheguei da escola trazendo um livro que havia pedido emprestado na Biblioteca do Grupo Escolar. E o livro se chamava "Reinações de Narizinho". Eu perguntei pro meu pai: "Não será esta menina aqui a sua narizinho arrebitado, pai?" E ele me perguntou: "como é o nome do autor do livro?" Eu disse: "Um tal de Monteiro Lobato!". O rosto do meu pai se iluminou e, a partir desse dia, o Monteiro Lobato e eu ficamos amigos para sempre (ZIRALDO, 1997, p.5).

Lygia Bojunga Nunes, autora de literatura infanto-juvenil brasileira, premiada internacionalmente, relata que, ao longo de sua vida, teve diversos "casos de amor" com os escritores que ia descobrindo. Porém, o seu primeiro caso foi com Monteiro Lobato quando, ainda criança, ganhou de um tio querido o livro "Reinações de Narizinho". E é assim que ela exterioriza a sua emoção pela obra:

na hora de pular amarelinha, a pedra que eu ia jogar já ficava no ar; a minha imaginação imaginando: e se em vez de jogar a pedra assim, eu jogo ela assim? Mas o que a minha imaginação queria mesmo era voltar pr'aquele mundo encantado que o Lobato tinha criado, e ficar imaginando o tamanho e a cor da pedrinha que a Emília tinha engolido (e que não era pedrinha coisa nenhuma, era uma pílula falante)... (NUNES, 1988, p.13).

Não são apenas os brasileiros que fazem este tipo de afirmação: o escritor argentino Alberto Manguel (*apud* MENAI, 1999, p.11), em entrevista para a “Revista Veja”, afirma que um dos autores que tiveram grande influência sobre ele “é o brasileiro Monteiro Lobato, autor do Sítio do Picapau Amarelo. Ter lido Monteiro Lobato numa certa fase da minha vida foi mais enriquecedor do que ter lido Camões, há cinco anos”.

Assim como Emília, Lobato tinha uma personalidade marcante (ou será que assim como Lobato, Emília tinha uma personalidade marcante?). Desde a adolescência, já demonstrava [...] “o seu caráter independente e desassombrado que marcaria por toda (sic) a vida: possuía muita coragem e as ameaças não o faziam modificar opiniões e conceitos” (MONTEIRO..., 1960, p.11).

Os estudos existentes sobre Monteiro Lobato revelam que a linha divisória entre o escritor e a personagem é muito tênue. Sua biografia demonstra com muita clareza que ele nunca se vergou e nem abafou seu espírito crítico e sonhador.

Enfim, na tentativa de buscar explicações para uma alma tão contraditória, nada mais seguro do que nos apoiarmos nas palavras de sua filha Rute, quando afirma:

misto de filósofo, homem de ação e artista, sofria conflitos entre a razão e o sentimento. Tolerante por princípio, não o era por temperamento. Equânime por filosofia, perdia a cabeça quando lhe antepunham obstáculos. “Blagueur” e irritadiço, calmo nas horas de tumulto e inquieto nas horas de paz, era todo um conjunto de qualidades aparentemente paradoxais mas bastante compreensíveis para quem o conhecia bem (DANTAS, 1982, p.165).

Na luta por uma sociedade justa e humana, Lobato apega-se à literatura e dela faz sua bandeira. Durante toda sua vida, ele construiu textos de grande profundidade; mesmo na literatura infantil, onde a fantasia é uma constante, ele não fugiu à realidade. Acreditava que era necessário mudar as histórias infantis. Quando publica “Narizinho Escolar”, envia um exemplar para seu amigo Godofredo Rangel, e lhe solicita: “quero tua impressão de Professor acostumado a lidar com crianças. Experimente nalgumas, a ver se se interessam. Só procuro isso: que interesse às crianças” (LOBATO, 1944, p.416). Ele insistia, que era preciso “inovar na linguagem: queria modificar o jeito antigo de escrever” [...] (SANDRONI, 1997, p.55).

Por sua obra, Lobato é considerado por Coelho (1982, p.354)

o divisor de águas que separa o Brasil de ontem e o Brasil de hoje. Foi ele, sem dúvida que, fazendo a herança do passado submergir no presente, encontrou o novo caminho criador que a Literatura Infantil estava necessitando.

Cavaleiro (1955, p.567), responsável por uma das mais extensas biografias de Lobato, é incisivo em sua análise, quando afirma:

[...] a literatura infantil praticamente não existia entre nós. Antes de Monteiro Lobato havia tão-somente o conto com fundo folclórico. Nossos escritores extraíam dos vetustos fabulários o tema e a moralidade das engenhosas narrativas que deslumbraram e enterneceram as crianças das antigas gerações, desprezando, freqüentemente, as lendas e tradições aparecidas aqui, para apanharem nas tradições européias o assunto de suas historietas.

E, indubitavelmente, é o Sítio do Picapau Amarelo o terreno de maior liberdade, não só para os personagens de Lobato realizarem suas aventuras, mas é o local e não um local onde cada leitor também pode se aventurar. E, em relação a este espaço, Abramovich (1989, p.61) destaca:

[...] nesse sítio, aonde chegam almirantes ingleses, anjinhos caídos do céu, Saci ou Peter Pan, a fantasia e a realidade se misturam o tempo todo, na maior das brincadeiras e gostosuras... A lógica que impera no sítio não é a do adulto, mas lá o adulto entra no jogo da criança e se discute a História do mundo, se vive a mitologia grega, se debate o petróleo brasileiro, se analisa a moral, se recebem todas as personagens dos contos de fadas...

O espírito inquieto de Monteiro Lobato não permite que ele produza apenas no terreno da literatura; além de escritor, ele deixa também uma enorme contribuição para o desenvolvimento cultural brasileiro, quando envereda pelo mercado editorial pois [...] “editar é o que existe de mais sério para um país. Editar significa multiplicar as idéias ao infinito, e transformá-las em sementes soltas ao vento, para que germinem onde quer que caiam” (SACCHETA, 1998, p.5).

Seu interesse por esta área, surgiu em 1918, com o sucesso de venda do seu livro “Saci-Pererê: resultado de um inquérito”. Foi neste período, que Lobato

começou a se interessar em se tornar um editor de livros. Logo de saída, notou que o Brasil tinha muitos leitores mas os livros não chegavam até eles. O problema era acertar na distribuição do livro, isto é, levar o livro para todos os cantos do país. Naquela época, só existiam trinta e poucas casas que vendiam livros no Brasil inteiro! Lobato, então, resolveu mandar cartas para todos os comerciantes que quisessem vender “uma coisa chamada livro” (SANDRONI,1997, p.59).

Lobato acreditava que o brasileiro desejava ler, mas o que lhe faltava era o acesso aos livros pois

antes de Lobato, os livros do Brasil eram impressos em Portugal para autores consagrados. [...]. Lobato mandava livros por consignação para todos os armazéns, padarias, lojas do interior, divulgando de uma maneira incrível e nunca experimentada, a literatura (MONTEIRO..., 1960, p.15).

O empenho de Lobato em vender os livros de sua editora é constante. O trabalho absorve o tempo de ler e de escrever; mas, mesmo assim, nas cartas ao amigo Godofredo Rangel, ele expressa a satisfação de ter as suas “cabeças de vaca holandesa dando leite” (LAJOLO, 1985, p.39).

Para esta empreitada, Monteiro Lobato, comprovando a criatividade que lhe é peculiar, se utiliza das agências do Departamento de Correio e, numa iniciativa pioneira, amplia os seus postos de vendas. Entusiasmado, passa a aumentar as edições de seus livros de 500 para 3.000 exemplares (LOBATO, 1982, p.xvi).

Coerente com seu idealismo, investe no Brasil e defende um trabalho de “marketing” com livro, fazendo críticas àqueles que acreditam não haver leitores no Brasil. E protesta:

dizem que o Brasil não lê! Uma ova! A questão é levar a edição até o nariz do leitor. [...]. Se o Brasil não lia é porque os velhos editores, na maior parte da santa terrinha, limitam-se a enterrar os volumes nas poeirentas prateleiras das suas livrarias ... Umas bestas! O Brasil está louco por leituras (KUPSTAS, 1988, p.8).

Não satisfeito com sua afirmação, Lobato proclama [...] “livro cheirado é livro comprado, e quem compra lê” (LOBATO..., 1982, p.xvi). Lobato aposta no livro como uma mercadoria “sedutora” e não poupa esforços e nem

dinheiro, contrata artistas (inclusive seu genro, Jurandyr Ubirajara Campos) para fazerem as ilustrações dos livros que publica. Seu “olhar estético” é refinado e rigoroso. Crê que é fundamental estreitar a convivência do leitor com o livro, pois ele é [...] “sobremesa: tem que ser posto debaixo do nariz do freguês, para provocar-lhe a gulodice” (AZEVEDO et al, 1997, p.131).

Assim, de 1918 a 1946, Lobato fundou editoras como: Editora Monteiro Lobato, Companhia Editora Nacional, Editora Brasiliense e a Editora Acteon, esta última na Argentina. Além de publicar as suas obras, ele editou autores brasileiros e estrangeiros, fez traduções e adaptações de obras importantes.

Considerava a literatura infantil, em língua portuguesa, que chegava até as mãos das crianças brasileiras, “como espinhenta, impenetrável, pobre e besta”, portanto era necessário se criar “um fabulário nosso, com bichos daqui, se for feito com arte e talento dará coisa preciosa” [...] (PRADA, 1997, p.23).

Enfim, sonhava ver o livro nas mãos de todos os brasileiros; portanto, lutava e estimulava outras pessoas a fazerem o mesmo. Graciotti (1982, p.205), editor e amigo do escritor, relata uma conversa que teve com Lobato, em que ele o elogia:

[...] você teve uma idéia quase genial, inventando o "Clube do Livro". Eu fui à insolvência, em 1924, porque, embora fizesse bons livros, não tive a mecânica da sua distribuição. Os encalhes levaram-me ao fracasso financeiro.

Posturas como esta fizeram com que Lobato fosse admirado pelos adultos, mas foi das crianças que vieram os maiores incentivos. Elas o admiravam com um carinho especial, e para elas ele dispensava muita atenção, respondendo suas cartas pessoalmente [...] “sua correspondência com as crianças é imensa. Respondia a tôdas (sic) as cartas, explicava o comportamento dos seus personagens, prometia novas aventuras” (MONTEIRO...,1960, p.18).

Monteiro Lobato exercia grande influência sobre as crianças e elas revelavam isto em suas cartas. Algo que pode ser observado no trecho de uma carta datada de 12 de maio de 1945, em que um menino curitibano conta:

O professor de português para mim é um tapera [...]. Só porque eu disse

uma porção de verdades, falei do nosso governo, do modo de ele governar, etc... No fim da leitura disse: sabe que você podia ser preso? [...]. Ir preso por dizer a verdade é simplesmente sublime... (AZEVEDO et al, 1997, p.330).

Morreu aos 66 anos, em 04 de julho de 1948, em São Paulo. Nos últimos anos de sua vida, freqüentava a BIJML (então Biblioteca da Vila Buarque) para contar histórias. Participou também de eventos realizados pela Biblioteca. Em 1945, por exemplo, esteve no 1º Congresso dos Escritores Mirins, com

[...] jovens de São Paulo e de Minas Gerais. Discutiam as obras oferecidas às crianças e aos jovens, o 'folk-lore' na literatura infantil e juvenil, os programas de rádio, a necessidade de bibliotecas para crianças na periferia de São Paulo e no interior, a situação brasileira no setor cultural, econômico e social etc. Como gente grande! Lobato não deixou de comparecer um dia ao conclave. Vibrava com a intervenção da garotada e com as considerações que faziam sobre os mais variados temas (DANTAS, 1982, p.109).

Além das reflexões, aqui apresentadas, sobre o imaginário que envolve o nome do escritor Monteiro Lobato, patrono das duas bibliotecas pesquisadas, cabe ainda destacar que há, pelo Brasil afora, um número incontável de escolas, grêmios, academias, grupos culturais, praças, ruas... com o seu nome. Pelo seu trabalho em prol do Brasil, este autor recebeu, e tem recebido, merecidamente denominações como: "civilizador dos trópicos", "dínamo em movimento", "combatente, sensor da estagnação cultural", "visionário", "mercador da cultura", "homem plural", "militante do progresso...". Enfim, este é Lobato!

## 6 A PESQUISA

As considerações apresentadas anteriormente, demonstraram a importância das bibliotecas infanto-juvenis, como instituições responsáveis pela formação cultural e educacional das crianças e dos adolescentes. Porém, percebemos

que esta valoração tem declinado nos últimos tempos, a ponto de nos angustiarmos ante a possibilidade de que algumas delas possam ter sido extintas.

Diante disso, reafirmamos que a biblioteca infanto-juvenil vem passando por uma “crise de invisibilidade” e fragilidade. Fragilidade que se agrava com o descaso público em relação a ela.

Apenas como comparação, gostaríamos de lembrar que, apesar das dificuldades que as bibliotecas escolares brasileiras encontram, elas são debatidas em grupos de trabalho e pesquisa, chegando a ser tema de eventos da área de Biblioteconomia; este não é o caso das bibliotecas infanto-juvenis que, ao contrário, só aparecem “vez ou outra” dentro de um evento maior. Sobre este assunto, já fizemos menção na seção 3, deste trabalho.

Outro problema que pode ser apontado nas bibliotecas infanto-juvenis, é quanto às irrefletidas ações promovidas “em prol da leitura”, pelos profissionais que nelas trabalham, atitude que muitas vezes podem provocar um desvirtuamento dos objetivos propostos.

Estes e outros problemas foram o grande desafio para a presente pesquisa, cujo objetivo geral foi avaliar as atividades desenvolvidas pelas Bibliotecas Monteiro Lobato de São Paulo e Salvador, a título de promoção de leitura.

Quanto aos objetivos específicos, traçamos cinco, são eles: caracterizar as Bibliotecas Monteiro Lobato de São Paulo e Salvador no contexto sociocultural de São Paulo e Salvador; arrolar as diversas realizações para a promoção de leitura nas Bibliotecas Monteiro Lobato de São Paulo e Salvador; verificar a periodicidade das atividades desenvolvidas pelas Bibliotecas Monteiro Lobato de São Paulo e Salvador; comparar as atividades desenvolvidas pelas Bibliotecas Monteiro Lobato de São Paulo e Salvador, com a literatura pertinente e avaliar as atividades desenvolvidas pelas bibliotecas Monteiro Lobato de São Paulo e Salvador, quanto à pertinência e eficácia como fator de leitura.

Para o desenvolvimento deste trabalho, buscamos inicialmente um embasamento teórico por meio da literatura pertinente, abrangendo os itens: biblioteca infanto-juvenil, leitura e promoção de leitura, sob a ótica de áreas como: biblioteconomia, pedagogia, psicologia e outras.

Além da observação pessoal utilizamos como fonte de informação, a documentação institucional (histórica e técnica) das referidas bibliotecas. O acesso à documentação técnica foi mais rápido do que o acesso à documentação histórica pois, em ambas as bibliotecas, os documentos históricos encontram-se em processo de organização e tratamento: em Salvador, isto acontece porque a BIML completou 50 anos em abril do ano 2000; e em São Paulo, a organização dos documentos históricos da BIJML recebe subsídios das Fundações Banco do Brasil e Odebrecht e está sendo automatizada.

Quanto aos instrumentos utilizados para a coleta de dados, foram três: formulário para entrevista focalizada, formulário para entrevista estruturada e questionário para os especialistas em leitura e em bibliotecas infanto-juvenis.

A entrevista focalizada foi realizada com o recurso do gravador, obedecendo o roteiro (anexo B) de tópicos relativos ao problema estudado, concedendo liberdade de resposta ao entrevistado e em decorrência, liberdade ao entrevistador para formular novas perguntas. Por meio desta entrevista, as diretoras Durvalina Soares da Silva (BIJML) e Ceres Maria Soares Pimentel (BIML) forneceram informações sobre as respectivas bibliotecas.

No caso da entrevista estruturada, ela foi desenvolvida por meio de um formulário, em que o entrevistador anotava o depoimento dos respondentes; para tanto, elaboramos um formulário composto por 25 questões (anexo C), sendo que 11 delas objetivaram traçar o perfil dos funcionários. Nas demais, buscamos informações sobre a percepção dos mesmos diante da biblioteca em que trabalham, bem como das suas realizações.

Este formulário foi pré-testado na Biblioteca Pública Infantil de Londrina, e para que se possa ter uma visão global do mesmo, apresentamos, a seguir, os objetivos dos conjuntos das questões. É necessário comentar porém, que a ordem dos conjuntos se aproxima da ordem das questões do formulário, com algumas exceções, referentes ao acervo e às instalações.

Assim, temos:

### **Conjunto 1 - Pessoal**

Buscou estabelecer o perfil dos funcionários da biblioteca, por meio de dados como: sexo, idade, tempo de trabalho na biblioteca, formação escolar, cargo que ocupa, forma de admissão, treinamento específico para atuar na biblioteca, forma de atualização, participação em eventos e a satisfação ou não em trabalhar na biblioteca.

Q.1-11

### **Conjunto 2 - Instalações**

Pretendeu detectar a percepção dos funcionários quanto à organização da biblioteca, por meio da análise de itens como: adequação de salas, mobiliário, ventilação, equipamentos e decoração; que permitirão a biblioteca ser ou não um local atraente e funcional.

Q.12,13 e 18-22

### **Conjunto 3 - Acervo**

Intentou sondar a opinião dos funcionários sobre a atualização do acervo da biblioteca e também a percepção dos mesmos quanto a satisfação/insatisfação dos usuários em relação a este acervo.

Q.14 e 15

### **Conjunto 4 - Divulgação, Produtos/Serviços e Educação de Usuários**

Procurou identificar as formas de divulgação dos produtos/serviços da biblioteca, possibilitando à mesma, maior visibilidade e disseminação da informação contida no acervo, além de identificar quais os instrumentos e estratégias utilizados na educação dos usuários, de maneira a torná-los mais independentes e autônomos.

Q.16,17 e 23

### **Conjunto 5 - Atividades Culturais**

Permitiu obter informações sobre as atividades desenvolvidas pela biblioteca, bem como a periodicidade das mesmas. Além disso, procurou detectar quais destas atividades podem realmente contribuir para a promoção da leitura.

**Q.24 e 25**

As entrevistas foram efetuadas individualmente, mediante uma escala de funcionários, observando o horário de maior disponibilidade dos mesmos. No total, foram entrevistados 49 funcionários, sendo 29 de São Paulo e 20 de Salvador.

Coletadas estas informações, elaboramos um questionário (anexo D) com a listagem das realizações declaradas pelos funcionários das referidas bibliotecas, objetivando à promoção da leitura em ambas. Esse questionário foi enviado pelo correio e por e-mail a especialistas em leitura e em bibliotecas infanto-juvenis, de notória competência, para avaliação da pertinência e da eficácia das mesmas. E para assegurar uma visão mais ampla do assunto, tomamos o cuidado, no momento da escolha dos especialistas, em diversificar as instituições a que eles pertencem e/ou pertenceram. Assim, fizeram parte desta pesquisa professores e bibliotecários de instituições como: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Associação de Leitura do Brasil (ALB) e Biblioteca Pública Infantil e Juvenil de Belo Horizonte (BPIJBH).

Além dos profissionais brasileiros, incluímos posteriormente, a bibliotecária Geneviève Patte da Biblioteca Infantil de Clamart (França). Esta atitude se justifica porque a mesma é uma renomada profissional envolvida com a promoção de leitura em seu país e seus textos sobre o assunto têm ampla aceitação internacional.

Após a coleta dos dados, fizemos os devidos “cruzamentos” entre as respostas dos funcionários, as respostas das diretoras da BIJML e da BIML e dos especialistas em leitura e biblioteca infanto-juvenil.

Os resultados desta análise foram demonstrados por intermédio de tabelas, quadros e gráficos, nos casos das questões mais relevantes e complementados com citações da literatura pertinente, além dos nossos comentários a cada item.

## **6.1 Resultados e Discussão**

Após a coleta de dados obtidos por meio da documentação institucional disponível, das entrevistas com as diretoras e funcionários das Bibliotecas Monteiro Lobato de São Paulo e Salvador, e finalmente, do preenchimento e retorno dos questionários enviados aos especialistas em leitura e em bibliotecas infanto-juvenis, coube-nos a tabulação, análise e interpretação desse material. Para tanto, optamos por apresentar as análises dos dados da BIJML (São Paulo) e das respostas da BIML (Salvador), separadamente.

### **6.1.1 O Contexto da Leitura na BIJML**

Para analisar o contexto da leitura na BIJM, nos preocupamos com aspectos ligados ao conjunto do pessoal, às instalações, ao acervo, à divulgação, à oferta de produtos/serviços e educação de usuários, bem como as atividades culturais desenvolvidas nesta Biblioteca. Os resultados podem ser observados nas seções a seguir:

#### **6.1.1.1 Quanto ao Pessoal**

A BIJML possui na atualidade 44 funcionários, porém entrevistamos apenas 60,5%, pois os demais encontravam-se em férias ou licença-saúde.

Dos 29 funcionários pesquisados, 86,2% são mulheres e apenas 13,8% são do sexo masculino.

Há nesta Biblioteca, funcionários com idade entre 30 a 69 anos, sendo que a maioria, 41,4%, encontra-se entre 40-49 anos. Quanto ao tempo de trabalho, 79,3% deles estão trabalhando na BIJML há, no máximo, 9 anos.

A qualificação dos funcionários é um fator imprescindível para o desenvolvimento do trabalho numa instituição; portanto, questionamos a formação escolar dos respondentes. O resultado desta pergunta é que apenas 6,9% possuem o 1º grau e a maioria, 69,0%, o 3º grau completo.

Solicitamos aos funcionários que efetuaram o curso superior que informassem a sua graduação. A maioria, 55,0%, fez o Curso de Biblioteconomia. Os demais cursos efetuados foram: Serviço Social, Jornalismo, Administração de Empresas, Programação Visual, Ciências Sociais e Arquitetura.

A diversidade de profissionais existentes na BIJML deve-se à criação do Plano de Assistência à Saúde (PAS), em substituição ao Serviço Municipal de Saúde. Em consequência disso, os servidores que optaram em continuar como funcionários municipais, foram transferidos para diversos órgãos, entre eles as bibliotecas.

Analisando esta realidade, consideramos que algumas profissões apontadas pelos funcionários causaram-nos uma certa estranheza com relação ao contexto atual, porém acreditamos que aqui estes profissionais poderiam estar desenvolvendo projetos específicos, dos quais podemos citar, como exemplo, oficinas ou edição de jornais, coordenadas pelo funcionário que tem a formação em Jornalismo.

Estes funcionários ocupam cargos diversos dentro da BIJML. O índice maior, é 37,9% para o cargo de bibliotecário. Os demais cargos ocupados são: agentes administrativos, assistentes sociais, auxiliares técnico-administrativos, instrutores culturais, auxiliares de biblioteca, atendentes de biblioteca, mecânico de refrigeração e titeriteiro (operador de títeres/bonecos).

Assim, concluímos que 61,9% dos funcionários ocupam variados cargos na Biblioteca e apenas 37,9% pertencem ao quadro de bibliotecários. Sobre esta situação, gostaríamos de comentar que, caso os profissionais que não são

bibliotecários não demonstrem criatividade e adaptabilidade ao trabalho, possivelmente terão pouco a contribuir cultural e tecnicamente com a Biblioteca.

Sobre a forma de inserção destes funcionários na BIJML, a maioria dos entrevistados (62,1%) apontam que foram admitidos na BIJML por meio de remanejamento, 27,6% por concurso público, 6,9% por indicação e 3,4% por contratação. Para explicar este resultado, buscamos informações administrativas sobre estas diferenças e concluimos que os funcionários passaram obrigatoriamente por concurso público, exceto uma funcionária, contratada em 1978 para o cargo de titeriteiro, com formação e habilidades específicas para o trabalho com bonecos.

Portanto, o resultado desta questão aponta que 96,6% de funcionários foram admitidos mediante concurso e 3,4% por meio de contratação, sem concurso.

Ao serem admitidos para trabalhar neste Biblioteca, 86,2% dos funcionários informaram que não receberam nenhum tipo de capacitação específica. Este resultado é surpreendente e preocupante, pois neste gênero de biblioteca, é fundamental que os funcionários, que trabalham diretamente com o público, adquiram conhecimentos voltados à Psicologia, à Literatura infanto-juvenil, à Pedagogia e demais áreas afins, para complementar sua formação básica, instrumentalizando-os para trabalhar com um público específico.

Buscando a atualização, os funcionários se utilizam, em sua maioria, 100,0%, de leituras de periódicos, de livros, de boletins de associações e de catálogos. As demais respostas emitidas foram: “participo de eventos e cursos”, “troco experiências com demais profissionais”, “assisto televisão, espetáculos teatrais”, “converso com os usuários”, “visito livrarias”, “faço perguntas às pessoas” e “pratico no dia-a-dia”. Observamos porém, que a rede Internet não foi citada sequer uma vez.

Sobre os eventos de que os funcionários participaram em 1998/1999, eles citaram em maior incidência, o “Curso de Atendimento ao Público”. Os demais, encontram-se a seguir: “Cursos Primeiros Passos (O que é leitura)”, “Curso de Computação (Prodan e Dobis-Libis)”, “Arte de Contar Histórias”, “Cursos Primeiros Passos (O que é globalização cultural)”, “Trabalho com Idosos” e “Curso de Educação Ambiental”. Além destes, os funcionários indicaram mais dezoito eventos,

porém optamos por não citá-los, pois receberam apenas uma indicação dos respondentes.

Apesar de levarmos em consideração que possa ter havido algum lapso de memória, por parte dos funcionários, consideramos exígua a diversificação dos eventos frequentados por eles em 1998 e 1999 (conforme a solicitação no formulário). Esta consideração deve-se, em especial, ao fato da BIJML estar localizada na cidade de maior efervescência cultural do país, com instituições públicas e privadas que são referências nos assuntos culturais, educacionais e tecnológicos. Consideramos diminuta a participação dos funcionários nos eventos, em especial naqueles que estão diretamente ligados à leitura. Por exemplo, apenas, 20,7% dos funcionários citaram ter participado do módulo “O que é leitura” e 13,8% do curso “Arte de Contar Histórias”, fato que consideramos lamentável, pois um número maior de funcionários deveria estar pelo menos discutindo este assunto, visto que trabalham em uma biblioteca infanto-juvenil e estão lidando com indivíduos em formação, inclusive, como leitor.

É importante também destacarmos que 44,8% dos entrevistados responderam que estes eventos não trataram sobre a temática da biblioteca infanto-juvenil. Sobre este assunto, consultamos a Diretora e ela afirmou que: [...] “evento específico infantil, não [...] O que acontece periodicamente, são os cursos internos de BIJ - Departamento de Bibliotecas Infanto-Juvenis, algo fechado dentro de nossa prática” [...].

Na questão sobre gostar ou não do que faz, 96,6% dos funcionários responderam que gostam do seu trabalho e apenas uma pessoa não gosta de trabalhar na BIJML. Apesar de ser caso único na BIJML, o fato desse funcionário não gostar do que faz e continuar trabalhando na BIJML é inquietante, pois consideramos que a sua insatisfação, causada pela possível falta de identificação pessoal e/ou profissional, pode refletir negativamente no desenvolvimento do trabalho como um todo e conseqüentemente na imagem que a criança e o adolescente venham a ter da Biblioteca, da equipe e do bibliotecário.

As próximas questões a serem analisadas visam sondar a percepção dos funcionários quanto às instalações da Biblioteca em que trabalham. Dentre essas perguntas, apenas duas são abertas. As demais são fechadas, exigindo dos

respondentes discordâncias e concordâncias relativas ao seu teor, dentro das seguintes opções: totalmente, bastante e pouco.

#### **6.1.1.2 Quanto às Instalações**

A primeira questão desta série investiga se as salas existentes na BIJML são em número suficiente para atender o fluxo do público infanto-juvenil. A somatória dos percentuais – 65,5% (concordo) e 34,5% (discordo), demonstra que a maioria dos funcionários considera que o número de salas é suficiente.

Respaldados na literatura nacional e estrangeira sobre as instalações de uma biblioteca infanto-juvenil, avaliamos que as salas existentes na BIJML são suficientes para o desenvolvimento de suas atividades, por serem amplas e em grande quantidade.

A próxima questão a ser analisada é voltada ao grau de agradabilidade da BIJML. A resposta sobre este assunto, não apresentou grande divergência: 96,6% percebem a BIJML como um local apazível de se estar e apenas 3,4% discordam desta afirmativa.

Sobre este assunto, é importante acrescentar a estes dados a nossa percepção, fruto da observação durante os dias de pesquisa na BIJML. Acreditamos que esta Biblioteca, além de possuir uma construção funcional, é um local agradável de se permanecer.

Quanto à decoração da BIJML, a maioria dos respondentes, 58,6%, concorda que a decoração da BIJML é atraente.

Emitindo sua opinião sobre este assunto, a Diretora comenta, [...] “não considero que temos uma boa decoração, gostaria que tivéssemos algo mais interessante, mais agradável”.

Sobre o mobiliário ser adequado, percebemos nas respostas dos funcionários uma divergência tênue de opinião, pois a somatória dos itens discordo totaliza 55,1% e a do concordo, 44,8%. A explicação apresentada pela Diretora,

justifica esta contradição: [...] “a questão do mobiliário é complicada porque nós temos uma Sala de Leitura, que é específica para crianças. O restante não é específico, nem para criança, nem para adolescente e nem para adulto”.

Outro fator analisado é se a ventilação propicia bem-estar ao público infanto-juvenil. A maioria, 79,2% dos funcionários, emitiu opinião positiva e apenas 20,6% negaram esta afirmativa.

Gostaríamos de acrescentar que, na maioria, as janelas desta Biblioteca são grandes. A Diretora, no entanto, salienta que “existem problemas no andar superior, quanto ao isolamento térmico que não segura o calor e passa diretamente nas pessoas e no acervo, mas está prevista uma reforma” [...].

Quanto à iluminação, [...] “a Diretora considera que [a natural] é boa, pois as salas têm muitos vidros”. Sobre a iluminação artificial, ela relata que [...] “foram efetuadas reformas nas luminárias, visto que o prédio tem um pé direito alto”.

Concordamos com a Diretora sobre a iluminação e acrescentamos que, exceto a Sala de Pesquisa, que possui janelas menores, as demais possuem vidraças que ocupam uma grande extensão de suas paredes, possibilitando uma claridade suficiente.

Sobre os equipamentos existentes na BIJML, o mais assinalado foi o videocassete, com 96,6% de indicação. Os demais equipamentos apontados pelos funcionários são: televisão, computador, impressora, fotocopiadora, aparelho de som, scanner, projetor de slides, retroprojetor e projetor de filmes. Os itens mídia-show e filmadora, não foram assinalados; portanto, aparentemente, não existem na Biblioteca. Além dos equipamentos indicados no formulário, no espaço destinado a “outros”, os funcionários informaram que na BIJML existem ainda um aparelho de microfilmagem e acessórios técnicos para teatro (microfones, refletores...), não listados na questão correspondente e que são de uso dos funcionários.

Como sugestão de equipamentos a serem adquiridos, 69,0% dos informantes demonstraram a preocupação no sentido da ampliação do número de computadores, para que possam ser utilizados pelo público, inclusive com conexão à rede Internet. Os demais equipamentos que os funcionários sugeriram que sejam

adquiridos, são: filmadora, retroprojektor, máquina fotográfica, mídia-show, impressora, scanner, projetor de slides, telão, aparelho de som com entrada para CD, ar condicionado, fotocopadora e máquina datilográfica elétrica.

O resultado desta questão apresenta uma certa ambigüidade, pois 50,0% dos equipamentos sugeridos para aquisição foram apontados também como existentes no acervo da BIJML. A explicação para esta contradição poderia ser a necessidade da duplicação deste equipamentos; mas, manifestações como “acho que tem”, “não tenho certeza” e eu nunca vi”, levam-nos a inferir que os funcionários não têm pleno conhecimento dos recursos existentes na Biblioteca ou que os mesmos não estejam em condições de uso.

### **6.1.1.3 Quanto ao Acervo**

Apresentamos a seguir, os dados relativos à avaliação do acervo da BIJML, no que se refere ao atendimento das necessidades do público infanto-juvenil. As respostas para esta questão, apesar de não apresentarem unanimidade, demonstraram uma certa satisfação quanto ao acervo, pois, ao somarmos os itens “concordo pouco”, “concordo bastante” e “concordo totalmente”, temos, um resultado de 58,6% que acreditam que o acervo atende às necessidades e 41,4% que discordam desta afirmativa. Gostaríamos de salientar que esses dados sobre a coleção impressa, pois não houve nenhuma referência aos materiais não convencionais.

Gostaríamos de comentar sobre a imprevisibilidade de liberação de verbas para a compra de material destinado à ampliação e atualização do acervo, situação que lamentamos. Possivelmente, isto seria resultado da inoperância da gestão pública, que se reflete na elaboração de orçamentos e liberação de verbas e pela aparente insensibilidade quanto aos rumos da educação e da cultura da nossa juventude.

Sobre a atualização do acervo da BIJML, a resposta dos funcionários demonstrou que 72,4% discordam que o acervo esteja atualizado e 27,5% concordam com a atualização do mesmo.

É importante agregar a estes dados algumas informações, acrescentadas pelos informantes no campo “justifique”:

#### **Pareceres Negativos:**

- a) está super desatualizado. A assinatura de jornais, por exemplo, voltou a ser feita recentemente;
- b) recebemos do SESC doação dos jornais do dia anterior;
- c) precisamos de livros mais novos, principalmente para Sala de Pesquisa, pois faz quase oito anos que não se compra livros [...];
- d) não tem tudo que deveria ter, e não conseguimos encontrar todos os assuntos que precisamos. Temos que encaminhar os usuários para outras bibliotecas;
- e) está faltando muito material, principalmente nas áreas de matemática e português;
- f) acervo só está atualizado na B e D - Bibliografia e Documentação, pois recebem os livros que serão incluídos na Bibliografia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil;
- g) acervo de vídeo também se encontra desatualizado.

#### **Pareceres Positivos:**

- a) a Biblioteca tem o básico para atender os usuários. Eles têm encontrado o que precisam, poucos são os que não atendemos;
- b) para 1ª a 8ª séries os livros atendem as pesquisas;
- c) temos um acervo rico, pois recebemos muitas doações;
- d) material é compatível com o que necessitam, percebo que as pessoas que aqui vêm, não saem sem fazer pesquisas.

A opinião da Diretora vem reforçar a opinião da maioria; ela afirma que “de maneira geral sim [o acervo atende às necessidades], apesar de se encontrar desatualizado, temos a hemeroteca que cobre parte dos fatos da atualidade, mas o acervo de livros, está precisando ser atualizado e ampliado por compra”.

Observamos que os pareceres positivos dos funcionários, em sua maioria, estão ligados à satisfação das necessidades de pesquisa escolar dos usuários e não de leitura literária, que acreditamos deva ser prioridade em uma biblioteca infanto-juvenil. Alertamos porém, que a ausência de acesso aos documentos eletrônicos, por si só já demonstra que o acervo não se encontra atualizado.

#### **6.1.1.4 Quanto a Divulgação, Produtos/Serviços e Educação de Usuários**

Além da preocupação com o desenvolvimento de uma coleção que venha atender as necessidades do público infanto-juvenil, os profissionais que atuam em uma biblioteca precisam criar produtos de informação. Na BIML, o produto de informação mais citado pelos funcionários foi a bibliografia; acreditamos que isto se deva ao fato da “Bibliografia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil”, publicada por esta Biblioteca, ser uma referência nacional para as instituições e para os pesquisadores que a ela têm acesso.

Outra preocupação é a divulgação dos produtos/serviços e a educação de usuários. Perguntamos aos funcionários da BIJML, quais são os meios utilizados na divulgação dos produtos/serviços e atividades oferecidos por ela. 75,8% dos informantes, citaram a Agenda Cultural da Secretaria Municipal de Cultura. As demais formas de divulgação citadas pelos funcionários, são: mídia, cartazes/folhetos/panfletos/filipetas, eventos da Biblioteca e da Associação de Bairros, periódicos (Exemplos: “Vejinha”, “Jornal do Bairro”, “Folha de São Paulo”, “Estado de São Paulo”), visitas de escolas e usuários, boletim interno (Exemplo: Boletim Informativo do Departamento de Bibliotecas Infanto-Juvenis), murais, cartas, mala direta, integração com outras instituições, Bibliografia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil, faixas, abertura de estágios para universitários e oficinas.

Sobre a Agenda Cultural, o item de maior incidência, é necessário esclarecer que ela é distribuída indiscriminadamente, sem ser direcionada ao público infanto-juvenil; além disto, as atividades da BIJML acabam não tendo destaque, em virtude de sua programação encontrar-se pulverizada entre os eventos promovidos pelos órgãos da Secretaria e das demais bibliotecas.

No espaço destinado a “outros”, os respondentes assinalaram: Sistema de Alerta e *kit* com Histórico da BIJML. Sobre estes dois itens, gostaríamos de comentar que o último é um produto, mas o Sistema de Alerta é um serviço oferecido pelas bibliotecas, em geral, sendo composto com informações como: novas aquisições, bibliografia especializada, dados conjunturais, e outros, podendo ser oferecido por intermédio de exposições, murais, circulares e listagens (VALENTIM,1995, p.3).

Sobre a educação de usuários, que é definida por Beluzzo (1995, p.37) como “processo pelo qual o usuário interioriza comportamentos adequados com relação ao uso da biblioteca e desenvolve habilidades de interação permanente com as unidades de informação”, ela deve ser uma prática constante no cotidiano bibliotecário, pois propicia aos usuários maior autonomia na busca da informação.

As respostas apresentadas pelos informantes demonstram que na BIJML, a educação dos usuários acontece de diferentes maneiras. Entre as indicadas no formulário, a que apresentou maior percentagem é a visita orientada, 86,2%.

No campo “outros”, houve uma resposta destacando que o contato pessoal também é uma forma de educar o usuário. Este comentário está ligado possivelmente à instrução individual, mediante o diálogo explicativo entre o usuário e o bibliotecário.

Houve, ainda, uma pessoa que omitiu sua opinião e um funcionário que teceu a seguinte consideração: “não existe a educação de usuários, mas sim a mediação”. Não entendemos o sentido que o funcionário quis dar para a palavra mediação, porém lembramos Coelho (1999, p.248), que define mediação cultural, como [...] “processos de diferentes naturezas cuja meta é promover a aproximação entre indivíduos ou coletividades e obras de cultura e arte”; portanto, um conceito coerente com a definição de educação do usuário, expressa por Beluzzo (1995, p.37), ou seja [...] “desenvolver habilidades de interação permanente com as unidades de informação”. Uma forma interativa de educação de usuário que é possível desenvolver na atualidade, é por meio de CD-ROM e Site na Internet, mas não houve sequer uma referência a esses meios.

Apresentamos a seguir, os resultados sobre as atividades desenvolvidas pela BIJML e também a percepção dos funcionários quanto à eficácia e pertinência das mesmas para a promoção da leitura.

#### **6.1.1.5 Quanto às Atividades Culturais**

As atividades que os funcionários indicaram que constantemente ocorrem na BIJML, estão listadas em uma tabela, que segundo Marconi e Lakatos (1982, p.157) “é uma forma de disposição gráfica das séries, de acordo com determinada ordem de classificação. Seu objetivo é sintetizar os dados [...] tornando-os mais compreensivos”.

Nesse trabalho optamos por inserir tabelas de uma entrada, no nosso caso, apenas com uma dimensão de frequência e porcentagem (vide tabela 1, 2, 3 e 4). Nela apresentamos além das atividades por ordem de maior frequência, a taxa de porcentagem de cada uma das atividades em relação ao todo, ou seja 29 funcionários.

**Tabela 1 - Atividades desenvolvidas pela BIJML**

<b>Atividades desenvolvidas pela BIJML</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>
Hora do conto ou hora da história	19	65,5
Grupo de teatro - TIMOL	18	62,0
Grupo da Terceira Idade	16	55,1
Apresentação de peças teatrais	14	48,3
Visitas orientadas ou monitoradas com escolas	14	48,3
Show de música (Exemplos: MPB ao Meio Dia)	11	37,9
Oficinas ou cursos temáticos (Exemplos: sexualidade, literatura, ecologia, carnaval, encadernação, reciclagem de papel, Natal...)	10	34,5
Oficina ou aula de inglês	9	31,0
Curso de expressão corporal, de dança	7	24,1
Oficinas de artes (Exemplos: desenho, origami, caixa de presentes, de pintura... )	7	24,1
Exposições temáticas (Exemplos: fotos, desenhos, objetos, escultura, pintores, escritores, ecologia)	7	24,1
Comemorações (Exemplos: Monteiro Lobato, Folclore, Semana da Criança, Dia das Mães, ...)	5	17,2
Orientação à pesquisa escolar	5	17,2
Exibição de vídeo	5	17,2
Empréstimo domiciliar de livros	4	13,8
Palestras temáticas	3	10,3
Banco de textos teatrais	3	10,3

Roda de leitura	3	10,3
Encontro ou Festival de contadores de histórias	3	10,3
Oficinas literárias (Exemplos: poesia)	3	10,3
Cessão do espaço para reuniões da Associação de Bairros para diversos grupos de teatro	2	6,9
Show de violão e piano	2	6,9
Ônibus-biblioteca	2	6,9
Sala de leitura	2	6,9
Hemeroteca	2	6,9
Atividades na praça (Artes na Rua)	2	6,9
Disponibilizar periódicos	2	6,9
Curso Primeiros Passos: O que é leitura (para funcionários e para usuários)	2	6,9

Os funcionários ainda apontaram outras atividades realizadas pela BIJML; porém, estas receberam apenas uma indicação, ou seja 3,4%. São elas: Cursos Primeiros Passos para funcionários e para usuários (o que é literatura, HQ, globalização cultural e sexualidade), oficina de artes plásticas focando a leitura, futebol na praça ou na quadra, atendimento ao público, orientação a grupos de teatro amador, publicação da Bibliografia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil, lançamento da Bibliografia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil, lançamentos de livros, organização da memória da Biblioteca Monteiro Lobato e do acervo de Monteiro Lobato, apoio a pesquisadores da obra de Monteiro Lobato, atendimento pelo telefone, jogos, efemérides do mês, premiação - "Leio porque gosto", Árvore dos famosos (ex-leitores), Árvore dos mais leitores, oficina de hemeroteca (com professores), oficina de pesquisa, encontro com escritores ou escritor na biblioteca, contos dramatizados e encontro do PROLER.

Das atividade arroladas na tabela 1, gostaríamos de destacar quatro atividades que consideramos importantes para a promoção de leitura, devendo ser enfatizadas em uma biblioteca infanto-juvenil, e que receberam baixa indicação pelos funcionários da BIJML. São elas: roda da leitura, 10,3%, encontro ou festival de contadores de histórias, 10,3%, oficinas literárias, 10,3%, e o módulo do Curso

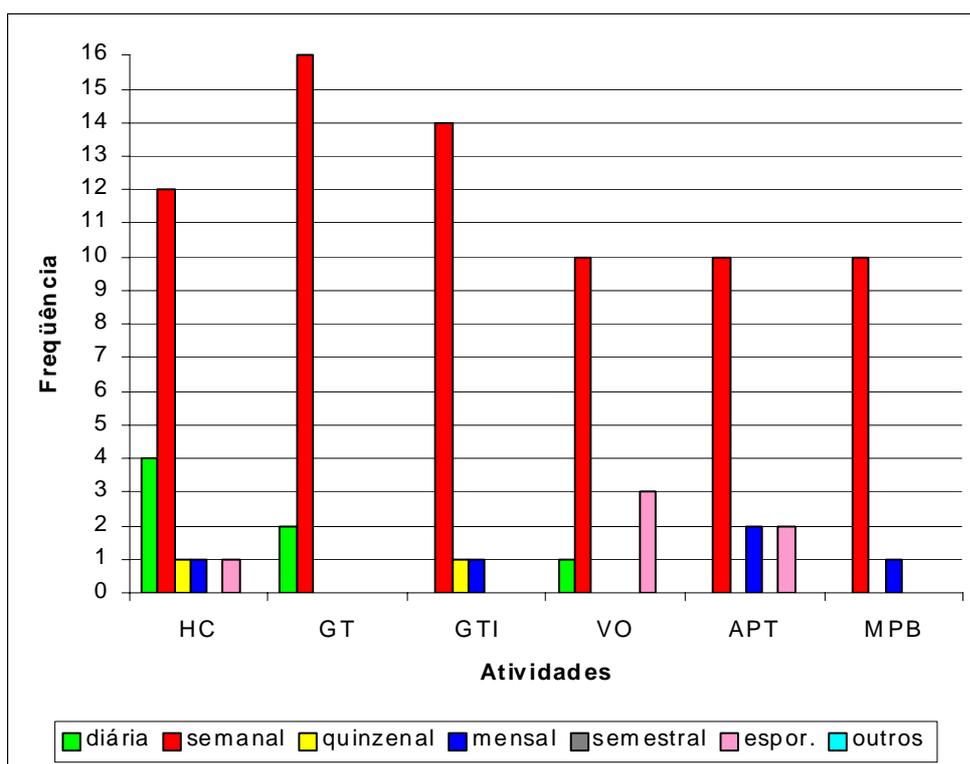
Primeiros Passos “O que é leitura” (para funcionários e para os usuários), 6,9%. Justificando cada uma delas, defendemos que a roda de leitura permite socializar um texto literário entre um grupo de usuários e as oficinas literárias, além de estimular a imaginação, em geral, desencadeiam um processo de exteriorização de idéias.

Quanto aos benefícios destas atividades para os funcionários, acreditamos que o encontro de contadores de histórias possibilita a troca de experiências de leitura e o aprimoramento do trabalho dos profissionais envolvidos com a arte de contar histórias; e a discussão sobre o que é leitura instrumentaliza os funcionários para a mediação da leitura.

A frequência com que uma atividade é desenvolvida em uma biblioteca, possivelmente expressa o grau de importância que a equipe de uma biblioteca atribui a ela. Além de arrolar as diversas atividades desenvolvidas pela BIJML, apresentadas na tabela 1, os funcionários foram questionados sobre a frequência, ou seja, a periodicidade com que são realizadas estas atividades.

As atividades apontadas pelos funcionários, como realizadas frequentemente na BIJML, totalizaram 48 itens. Em virtude deste resultado apresentar um número elevado, optamos por analisar apenas as atividades que na somatória (diária, semanal, quinzenal, mensal, semestral, esporádica e outras) ultrapassaram dez incidências, como um mero critério de delimitação quantitativa.

Apresentamos a seguir, estas atividades, juntamente com as siglas criadas para identificação de cada uma delas, pois os títulos, por serem extensos, não se adequaram ao formato gráfico escolhido. São elas: HC - Hora do conto, GT - Grupo de teatro TIMOL, GTI - Grupo da Terceira Idade, VO - Visitas orientadas ou monitoradas com escolas, APT - Apresentação de peças teatrais, de dança e MPB - Show de MPB (Exemplo: Show do Meio-dia).



**Gráfico 1 - Periodicidade das atividades da BIJML**

O gráfico 1, demonstra a periodicidade das seis atividades mais citadas pelos funcionários. Ele foi composto obedecendo a ordem de maior incidência, ou seja; Hora do conto (19), Grupo de teatro TIMOL (18), Grupo da Terceira Idade (16), Visitas orientadas ou monitoradas de escolas (14), Apresentação de peças teatrais, dança... (14) e Show de MPB (11).

Neste gráfico, fica evidente que, sem exceção, estas atividades apresentaram uma maior incidência no item semanal; isto nos leva a concluir que, independentemente da divergência por parte dos funcionários quanto à periodicidade de realização, podemos considerar que elas são desenvolvidas com grande frequência, mais de uma vez ao mês.

O fato da Hora do Conto ter sido apontada como a atividade mais realizada na BIJML não surpreendeu, pois esta é uma atividade comumente realizada nas bibliotecas públicas, em geral.

A segunda atividade mais citada é o Grupo de Teatro, que nesta Biblioteca, acontece de duas formas; primeiramente, por intermédio do Grupo

TIMOL (Teatro Infanto-Juvenil Monteiro Lobato) que, segundo a Diretora da BIJML, faz um trabalho que [...] “apesar de em geral, resultar numa apresentação, o que importa não é isto, mas sim o processo [que as crianças ou os adolescentes] vivem dentro do grupo, independentemente de um produto no final”. A segunda forma é a cessão do espaço da Biblioteca para grupos de teatro externos à Biblioteca. Sobre isto, a diretora destaca que [...] “aos sábados, à tarde, temos uma grande procura [...] nossa condição é que eles se apresentem de graça”.

Além disto, o Grupo TIMOL e a BIJML, mantêm um Banco de Textos Teatrais, que é o 3º do gênero em São Paulo, com um acervo de 1.300 textos disponíveis para consulta, pesquisa e reprodução. Neste espaço, os grupos interessados na área de produção teatral, recebem orientações (BIBLIOTECA..., 1996, sem paginação).

Acreditamos que esta diversidade de ações voltadas ao teatro, criou dificuldade para os funcionários, no momento de apontar se esta atividade era diária ou semanal ou, no caso de apresentação de peças teatrais, mensal ou esporádica.

As atividades Grupo da Terceira Idade e Música Popular Brasileira foram indicadas como realização semanal; porém, alguns funcionários apontam que são desenvolvidas quinzenal e mensalmente. Para esclarecer a divergência, acrescentamos o comentário da Diretora da Biblioteca, que afirma: “MPB [é realizada] na biblioteca, todas as 5<sup>as</sup> às 8 horas da noite, com raras exceções [...], o Encontro da Terceira Idade, todas as 6<sup>as</sup> feira à tarde”; portanto, estas atividades são semanais.

Resta-nos analisar ainda, o resultado da atividade - visita orientada ou monitorada de escolas. Esta atividade é desenvolvida durante 90 minutos e nela os escolares visitam todos os setores da BIJML, recebendo informações sobre sua história, sobre o Patrono e os serviços que a mesma oferece. A visita é encerrada com a Hora do Conto (BIBLIOTECA...,1996, sem paginação).

Apesar da indicação de que esta atividade seja desenvolvida diária, semanal ou esporadicamente, é necessário acrescentar que ela acontece mediante agendamento prévio das escolas; portanto, não se tem a previsão de sua periodicidade.

Após arrolar as atividades desenvolvidas pela BIJML, solicitamos aos funcionários a indicação daquelas que realmente contribuem para a promoção da leitura.

As atividades declaradas por eles como motivadoras de leitura podem ser observadas na tabela 2:

**Tabela 2 - Atividades declaradas como promotoras da leitura pela BIJML**

<b>Atividades declaradas como promotoras da leitura</b>	<b>Freqüência</b>	<b>%</b>
Hora do conto ou hora da história	14	48,3
Visitas orientadas ou monitoradas com escolas	7	24,1
Grupo de teatro - TIMOL	3	10,3
Oficinas ou cursos temáticos (não discriminaram)	3	10,3
Oficinas literárias (Exemplos: leitura, poesia...)	3	10,3
Empréstimo domiciliar de livros	2	6,9
Orientação para pesquisa escolar	2	6,9
Banco de textos teatrais	2	6,9
Apresentação de peças teatrais	2	6,9
Ônibus-biblioteca	2	6,9
Curso Primeiros Passos - para funcionários e para usuários ( O que é leitura)	2	6,9
Roda de leitura	2	6,9

Além das atividades arroladas na tabela 2, os funcionários, apontaram, com apenas uma incidência, as seguintes atividades: atendimento ao público, atendimento pelo telefone, show de música (Exemplo: MPB ao Meio Dia), futebol na praça, na quadra..., oficinas para adolescentes, oficinas de arte (Exemplos: desenho, origami, caixa de presentes, pintura...), encontro ou festival de contadores de histórias, árvore dos mais leitores, lançamento da Bibliografia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil, oficinas de hemeroteca (com professores), palestras temáticas, disponibilizar periódicos, efemérides do mês, premiação - "Leio porque gosto", boletim bibliográfico, contos dramatizados e encontro com escritores.

Alguns funcionários, além de apontar as atividades que consideram como promotoras da leitura, realizadas na BIJML, emitiram as seguintes opiniões:

Todas as atividades [citadas podem promover a leitura], pois as atividades culturais devem ter como pano de fundo a leitura. Devem envolver a leitura em 1º lugar.

As atividades variadas contribuem para a frequência à Biblioteca e, conseqüentemente (não é uma regra), ao uso dos livros, mas esta afirmação é idealizada, porém na prática, nem sempre leva à leitura.

De um modo geral, tudo leva à leitura, diretamente ou indiretamente... Pois há a necessidade das pessoas freqüentarem a Biblioteca, e cada uma se sente atraída por um tipo de atividade.

Todas as atividades citadas, pois suscitam a ampliação de mundo, portanto levam à leitura, inclusive a do texto escrito. Deve-se procurar trabalhar a leitura em várias linguagens. Deve-se dizer à criança e ao adolescente que a busca do conhecimento é uma busca prazerosa.

A partir destes comentários, expressamos nossa discordância de alguns posicionamentos dos funcionários da BIJML, pois acreditamos que:

- a) nem todas as atividades culturais precisam ter como “pano de fundo a leitura”;
- b) nem “tudo leva à leitura, diretamente ou indiretamente”; só atividades específicas levam à leitura;
- c) nem tudo que suscita a “ampliação do mundo”, leva à leitura; pode levar, mas não é regra, principalmente quando se trata do texto escrito.

Estas afirmativas nos parecem equivocadas, o que demonstra a necessidade de se fazer discussões sobre leitura, promoção de leitura e mediação da leitura. Sobre isso, voltaremos a tratar nas seções 6.3 e 8 deste trabalho.

Por outro lado, compartilhamos com os funcionários a idéia de que:

- a) a frequência à Biblioteca não é garantia para a formação de um público leitor; caso fosse, todos os bibliotecários seriam exímios leitores;
- b) a realização de atividades variadas contribui para a frequência à biblioteca, pois tem maior

- probabilidade de atender as necessidades e aspirações do público a que se destina;
- c) “deve-se trabalhar a leitura em várias linguagens” sim, mas a leitura do texto escrito, acreditamos seja estimulada apenas a partir de textos escrito;
  - d) estimular a criança e o adolescente, levando-os a perceber que a busca do conhecimento é algo prazeroso; este é o papel dos profissionais de uma biblioteca pública infanto-juvenil;
  - e) as atividades da biblioteca devem “envolver a leitura em primeiro lugar”, para que a busca do conhecimento seja uma decorrência natural e interligada.

A Diretora também foi argüida sobre as atividades desenvolvidas pela BIJML. As atividades citadas por ela são as seguintes:

- Show de música (Exemplo: MPB nas bibliotecas);
- Grupo da Terceira Idade;
- Apresentação de peças teatrais;
- Hora do conto;
- Grupo de teatro TIMOL;
- Orientação à pesquisa escolar e informação;
- Orientação à busca de informação;
- Atendimento a pesquisadores na Bibliografia e Documentação;
- Oficinas diversas (todas as linguagens);
- Encontro com escritores;
- Encontros de adolescentes;
- Banco de textos teatrais;
- Empréstimo domiciliar;
- Cursos temáticos;
- Publicação da Bibliografia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil;
- Projeto: Cenas Literárias (Peças de obras literárias);
- Encontro de violão/Mostra de violão erudito.

Após apontar as atividades desenvolvidas pela BIJML, a Diretora defende a utilização das “múltiplas linguagens” dentro de uma biblioteca. Esta postura foi demonstrada nos comentários a seguir:

[...] as oficinas fazem parte da História desta Biblioteca. Ela nasceu como um pequeno centro cultural, na década de 30 com Mário de Andrade. Então, as outras linguagens fizeram parte da Biblioteca [...] sempre se considerou esta questão mais integral de desenvolver trabalhos em todas as linguagens. Nós trabalhamos com a seguinte perspectiva, que não é só a leitura do livro que é válida [...] Quando faço uma mostra de violão [...] não necessariamente estou levando à leitura, mas eu estou de uma forma contribuindo para a fruição de outras linguagens. Quanto mais você enriquece a vida cultural das pessoas, de alguma forma, está levando à leitura. No início desta Biblioteca, para você ir para a Sala de Jogos, primeiro você tinha que passar pela Sala de Leitura (obrigatoriamente). Você só entrava na Sala de Artes para desenhar, com uma senha dada na Sala de Leitura, depois que você

tivesse lido um livro e feito uma apreciação sobre ele. Quem me garante que uma criança vai ler, após ter ouvido a história do Disney? Tem hora que é "forçar um pouco a barra" acreditar que fazer uma atividade (com outra linguagem) vai levar ao livro. Então me dou por satisfeita se uma determinada atividade for bem feita [...]

Percebo que procura-se fazer mil "mirabolâncias", mil coisas para levar a criança à leitura. Hoje com a experiência que eu tenho, tenho certeza de uma coisa, a leitura tem em si o seu valor. A leitura tem o seu encanto. Por isso, é que eu acredito muito mais em atividades que são diretamente de leitura... Acredito que a postura de obrigar a criança a ler levou muitas pessoas a lerem, isto é inegável. Posso não achar que seja o melhor caminho. Posso achar também que pode ter afastado muitas pessoas da leitura. Mas também, muitas pessoas acabaram lendo muito. Hoje consideramos que é preciso estimular e não obrigar.

Não acredito numa via indireta. Não acho que colocar um filme, leva a criança a ler ou fazendo uma palestra eu levo a criança a ler.

Pode-se perceber, nas idéias expressas nos parágrafos anteriores, que os entrevistados não estão seguros ou coesos sobre como encaminhar o leitor à leitura. O discurso da Diretora, no nosso entendimento, além de contraditório, provoca algumas indagações, que não podemos responder, pois exigiriam dados de que não dispomos; são elas: será que enriquecendo a vida cultural de uma pessoa, podemos levá-la à leitura? Será que contribuindo para a fruição de outras linguagens, estaremos contribuindo para o estímulo à leitura? Por que ouvir as histórias de Disney não levará uma criança à leitura?

Há porém, outras idéias emitidas pela Diretora e com as quais concordamos; são elas:

- a) a obrigatoriedade em passar pela Sala de Leitura, antes de passar para a Sala de Artes, por exemplo, pode levar pessoas a lerem, mas também a se afastarem da biblioteca e conseqüentemente da leitura, pois um indivíduo coagido, tende a buscar espaços em que possa livrar-se das pressões e do cerceamento da liberdade;
- b) as atividades mais diretamente ligadas a leitura são mais eficientes pois, "a leitura tem em si seu valor [...], seu encanto", sem a necessidade de mirabolâncias", sendo desnecessárias, portanto, iniciativas periféricas, ou seja, que fogem aos objetivos principais de uma biblioteca infanto-juvenil (conf. seção 3.2). Podemos citar como exemplo: as oficinas de caixas de presentes, que em geral são realizadas para atrair usuários;
- c) uma via indireta (filmes, palestras...) não leva a criança necessariamente à leitura; pode sim propiciar a ela o contato com a linguagem fílmica, por exemplo, ou no caso de uma palestra, despertar a curiosidade sobre um determinado assunto.

Assim, buscando uma saída para este impasse, nos respaldamos em Wada (1985, p.123) quando alerta:

parece-nos que as bibliotecas infanto-juvenis, seja porque entendem como sua função, seja para “atrair” público, oferecem serviços que já são desempenhados por outras instituições como escolas e creches. É o caso das atividades da Sala de Artes, teatro etc. Por outro lado, a biblioteca negligencia um trabalho que é básico e fundamentalmente seu: **o de trabalhar a habilidade de leitura.** (grifo nosso)

Trabalho que atualmente vem sendo cada vez mais facilitado com a aplicação de novas tecnologias; realidade que ainda não é possível, em especial por falta de recursos financeiros, na maioria das bibliotecas públicas brasileiras, inclusive as infanto-juvenis.

Após a apresentação comentada dos dados colhidos em São Paulo, passamos a relatar as informações obtidas em Salvador.

## **6.1.2 O Contexto da Leitura na BIML**

Na seção anterior, contextualizamos a leitura na Biblioteca Monteiro Lobato de São Paulo; a partir daqui, faremos o mesmo com a Biblioteca Monteiro Lobato de Salvador, inclusive utilizando as mesmas subseções, ou seja: pessoal, instalações, acervo, divulgação, produtos/serviços e educação de usuários e, com maior enfoque, as atividades culturais.

### **6.1.2.1 Quanto ao Pessoal**

Para a realização desta etapa da pesquisa, estivemos durante dois dias entrevistando a Diretora e também os funcionários desta Biblioteca.

A BIML possui 31 funcionários, dos quais, entrevistamos apenas 64,5%, pois os demais encontravam-se em férias. 90,0% desses funcionários são do sexo feminino, sendo que a maioria deles, 70,0% encontram-se na faixa etária de 20 a 39 anos.

Quanto ao tempo de trabalho dos funcionários da BIML, detectamos que a equipe é prioritariamente composta de funcionários com poucos anos na instituição (até 9 anos), 65,0%.

A necessidade de melhor desempenho profissional tem levado empresas e instituições a estimularem seus funcionários à atualização constante. Na BIML, as respostas demonstram que a maioria, 60,0%, possui o 2º grau completo e que apenas 40,0% dos funcionários têm formação em nível superior ou estão com o curso superior em andamento. Julgamos que seria necessário um maior equilíbrio entre os funcionários com 2º grau e 3º grau (completo e incompleto), visando a oferta de melhores serviços e atividades na BIML, pois um indivíduo seguro de suas atribuições e confiante em seus conhecimentos, tende a contribuir qualitativamente no seu ambiente de trabalho.

Complementando, solicitamos aos oito funcionários que têm curso superior e aos que ainda estão cursando uma faculdade, informar a sua área de formação; obtivemos o resultado de que 37,5% cursaram Biblioteconomia e 25,0% Museologia. Os funcionários que ainda não terminaram a faculdade, freqüentam os cursos de: Economia, Administração de Empresas e Pedagogia.

Conforme demonstrado no parágrafo anterior, apenas 37,5% dos funcionários são formados em Biblioteconomia, número que pode ser considerado pequeno em virtude do gênero e do porte da instituição em que estão alocados, sendo que as informações específicas ministradas no curso contribuem para o melhor desempenho profissional, no sentido de estimular o público infanto-juvenil para a leitura, para do desenvolvimento cultural, a busca da informação e um efetivo uso da biblioteca.

Os funcionários da BIML ocupam diferentes cargos. Durante as entrevistas, detectamos que o cargo de auxiliar de pesquisa, é o mais ocupado pelos funcionários, totalizando 35,0%. Os demais cargos são: chefe de seção/setor,

bibliotecário, auxiliar de biblioteca, técnico e auxiliar de assuntos culturais, atendente de biblioteca, instrutor, agente administrativo e funcionário de recreação.

A diversidade de cargos apontados pelos funcionários, explica-se pelo fato de alguns funcionários pertencerem ao quadro da Secretaria de Cultura e Turismo, e outros ao quadro da Fundação Cultural do Estado da Bahia.

Normalmente, a admissão de funcionários em uma biblioteca pública, acontece por meio de concurso público. No caso da BIML, as admissões 65,0%, aconteceram prioritariamente por meio de indicação. Outras formas, são o remanejamento e o concurso público. Além destes, é necessário comentar que no item “outros”, 20,0% dos funcionários afirmam terem sido admitidos por intermédio da análise de currículo. A Diretora esclarece que na atualidade

[...] a entrada de funcionários está sendo realizada através de contratação, após a análise de currículo, pois a Fundação Cultural do Estado da Bahia está trabalhando com terceirização. E assim, tanto nós como eles recebemos currículos de candidatos para serem analisados e feita a indicação.

Enfim, 85,0% dos funcionários existentes hoje na BIML foram admitidos mediante a contratação por tempo determinado. Isto “a priori”, parece positivo, por possibilitar uma renovação constante, mas no caso desta Biblioteca, o rodízio de funcionários, acaba por apresentar uma situação de instabilidade e rotatividade. Sobre isto, a Diretora comenta que: [...] “é um grande caos, porque na hora que eles [funcionários] estão aptos a desenvolver um bom trabalho, eles têm que sair”.

Desta maneira, avaliamos ser difícil a constituição de uma equipe de funcionários integrada e coesa.

Quanto ao índice de funcionários que não receberam orientação ao iniciar o seu trabalho na Biblioteca, lamentavelmente é grande: 65,0%. As justificativas para este fato, devem-se a dois motivos: a) fixação de uma data anual de treinamento para os novos funcionários; b) rotatividade de funcionários, provocada pela sistemática de contratações efetuada pelas empresas de terceirização, provocando a falta de previsão de entrada e saída de funcionários.

No que se refere à atualização profissional, 90,0% dos funcionários apontaram que recorrem prioritariamente, à leitura de periódicos e livros. Outras formas de atualização que os funcionários apontaram foram: “participo de reuniões e

“cursos”, “troco experiências com demais profissionais e com o público que frequenta a Biblioteca”, “assisto programa de televisão”, “estudo e pesquisa (auto-didatismo)”, “leio correspondências internas”, “faço leituras acadêmicas”, “praticando”, “pergunto muito”, “experimento e converso com o público que frequenta a Biblioteca”. Em relação a busca de atualização via Internet, não houve nenhuma indicação.

Sobre os eventos de que os entrevistados participaram, em 1998 e 1999, os funcionários citaram em maior incidência, 65,0%, três cursos: “Auxiliar de biblioteca”, “Contar histórias” e “Informática”. Segundo os funcionários, eles freqüentaram também eventos como: “Palestras: Turismo, Educação sexual, Bibliotecário hoje, O livro e Cid Teixeira (escritor baiano)”; “Seminário 50 anos de Monteiro Lobato”, “Feira Interamericana do Livro da Bahia”, “Encontro Baiano de Adolescentes”, “Seminário de avaliação do Estatuto da Criança e do Adolescente”, “Programa de desenvolvimento gerencial integrado”, “Seminário de incentivo à leitura”, “Curso de atendimento ao público”, “Lançamento de livros”, “Oficinas de gestão pública” e “Semana de imagens e idéias”.

Refletindo sobre os eventos citados, concluímos que, em geral, os funcionários limitaram-se a freqüentar os eventos promovidos pela Secretaria de Cultura e Turismo e/ou pela própria Biblioteca.

Complementando essa questão perguntamos se a temática abordada nestes eventos voltou-se às bibliotecas infanto-juvenis. As respostas foram: 45,0% sim e 40,0% não, salientando que 15,0% não participaram de nenhum evento. Como pode ser observado, as respostas para esta questão foram contraditórias, pois 5,0%, é uma diferença pequena entre o percentual de a temática dos eventos ser ou não ser sobre bibliotecas infanto-juvenis.

Segundo a Diretora, os eventos que ocorreram não tiveram a temática voltada apenas ao público infanto-juvenil. Ela citou o PROLER, que teve a BIML como sede de vários módulos; mas, nestes módulos, trabalhou-se a leitura genericamente. “Nunca participei de um evento ligado à biblioteca infanto-juvenil”.

Os funcionários da BIML foram ainda questionados sobre sentir ou não satisfação no trabalho que desenvolvem nesta Biblioteca; o resultado foi unânime, ou seja 100,0% dos funcionários entrevistados deram uma resposta

positiva. Consideramos importante este percentual, pois a satisfação profissional, em geral, possibilita um atendimento de qualidade aos usuários.

### **6.1.2.2 Quanto às Instalações**

Analisaremos a seguir, as instalações da BIML: ela tem uma área construída de 1.267m<sup>2</sup>, dividida em 10 salas e um auditório para 120 pessoas.

Quanto ao número de salas existentes, os funcionários têm uma avaliação positiva, pois a somatória dos itens “concordo pouco”, “concordo bastante” e “concordo totalmente”, equivale a 70,0% de aprovação. Apesar da maioria concordar com o número de salas, dois informantes fizeram as seguintes afirmações: “não há espaço específico para as aulas de canto e deveriam existir salas só para crianças e salas só para adolescentes”.

Sobre o espaço específico para as aulas de canto, acreditamos que o informante faz uma reivindicação justa e coerente, pois esta atividade exige um espaço reservado, com tratamento acústico, para que não crie interferência ou constrangimento às crianças e adolescentes, no momento de exercícios vocais, por exemplo.

Quanto às salas específicas para crianças e para adolescentes, se o funcionário se refere ao espaço físico para o desenvolvimento de atividades diferenciadas, concordamos; mas se, no entanto, houver “áreas permitidas” ou “áreas proibidas”, discordamos, pois isto deve ser uma seleção natural, por interesse e não por autoritarismo. Caso o posicionamento seja autoritário, poderá provocar o distanciamento do público que frequenta uma biblioteca infanto-juvenil.

Sobre a BIML ser um local agradável, 90,0% dos funcionários, afirmaram que sim. Como decorrência da observação feita “in loco”, compartilhamos com os funcionários esta opinião. Porém, consideramos que a sala de pesquisa tem um aspecto “sisudo e pesado”, com estantes escuras, que armazenam livros encadernados também com capas escuras; ou seja, sem o colorido habitual dos livros infanto-juvenis, exceto pelo mural em azulejos contendo os personagens do Sítio do Picapau Amarelo, em cores alegres, que cobre a superfície de uma das paredes.

Os funcionários da BIML foram sondados também sobre a decoração que a Biblioteca possui. A percepção da maioria dos funcionários, ou seja 60,0%, é de que a BIML, possui uma decoração atraente. Apesar disto, acreditamos que, por outro lado, a percentagem de 15,0% para o item concordo totalmente é muito pequena. Desta forma podemos inferir que a decoração possa ser melhorada. Sobre isto, a diretora afirma: [...] “talvez faria algumas mudanças, pois não digo que esteja perfeito”.

Além da decoração, o mobiliário de uma biblioteca também deve ser uma preocupação do bibliotecário, pois os móveis são responsáveis por uma grande parte da imagem positiva ou negativa que o público terá da biblioteca. Questionados se o mobiliário da Biblioteca é adequado ao público a que ela se destina, 60,0% dos funcionários, responderam positivamente; porém, os demais entrevistados, 40,0%, discordam desta afirmativa.

A decoração está muito relacionada com o mobiliário. Assim, não é coincidência que a porcentagem da somatória das concordâncias (pouco, bastante e totalmente) é de 60,0%. No item discordo totalmente, houve coerência, pois não foi assinalado. Apesar da coerência dos dados, acrescentamos a opinião da diretora, quando ela comenta que [...] “estamos precisando mudar, pois temos mobiliário antigo, da época da primeira sede. Ele está precisando ser substituído [...] precisamos dar uma revitalização geral na Biblioteca”.

Em relação à ventilação de uma biblioteca, em especial em uma cidade quente como Salvador, acreditamos que deva ser observada com rigorosa atenção. Ao avaliar a ventilação da referida Biblioteca, as respostas dos funcionários não apresentaram unanimidade e sim um empate entre 50,0% de discordâncias e 50,0% de concordâncias. É fundamental destacarmos que a temperatura de Salvador varia entre 19°C em julho e máxima de 32°C em janeiro (ENCICLOPÉDIA..., 1992, p.80), clima que exige ar condicionado ou grandes ventiladores. Neste sentido, a diretora comenta: “temos que usar ventiladores, pois as janelas são altas [...] gostaria que a ventilação fosse melhor, mas teríamos que abrir janelas no sentido vertical [...] mas é difícil qualquer mudança na estrutura do prédio”.

Sobre os equipamentos existentes na BIML, 90,0% dos funcionários indicaram que ela possui videocassete e televisão. Os demais equipamentos apontados pelos informantes são: aparelho de som, projetor de filmes, projetor de

slides e retroprojektor. Os itens mídia-show, fotocopiadora, computador, impressora, scanner e filmadora, não receberam nenhuma indicação. Vale destacar ainda, que no item “outros”, foram incluídos: aparelho de fax, máquina elétrica e órgão musical.

Opinando sobre os equipamentos a serem adquiridos, a maioria dos funcionários, 75,0%, sugeriu computadores. Os demais equipamentos apontados são: impressora, máquina fotocopiadora, filmadora, projetor de slides, scanner, projetor de filmes, máquina fotográfica, mídia-show, retroprojektor, videocassete, aparelho de som, equipamento de som completo para o auditório (inclusive com microfone) e telão.

A Diretora, por sua vez, afirma que a BIML possui: “aparelho de fax, TV, videocassete e máquina elétrica, mas que o grande sonho é a aquisição de um telão para passar o cineminha de uma forma mais prazerosa”. Quanto aos computadores, informa que já foram adquiridos, mas ainda não foram transportados para a Biblioteca.

### **6.1.2.3 Quanto ao Acervo**

Outro assunto a ser analisado é o acervo. Na BIML, ele é prioritariamente composto de material impresso. Apesar de não estar sendo inventariado há muito tempo, estima-se que o mesmo totalize 56.000 exemplares.

Questionados se o acervo da BIML tem atendido às necessidades do público infanto-juvenil, a maioria dos funcionários avaliou positivamente, pois a somatória das concordâncias (pouco, bastante e totalmente) é de 65,0% e ainda o item discordo totalmente recebeu apenas uma indicação. A Diretora concorda que o acervo tem atendido as necessidades dos usuários, afirmando que

temos muitas obras interessantes, muitas enciclopédias [...] estou tentando melhorar através de uma ficha [...] em que o leitor fará a avaliação de quem atendeu, como atendeu e o assunto procurado. Isto dará pistas sobre assuntos que não temos no acervo, portanto avaliamos a real necessidade.

Sobre este acervo estar atualizado, a maioria, 70,0% dos funcionários da BIML, discorda que o acervo esteja atualizado e apenas 30,0% concordam com a atualização do mesmo.

Estes resultados, se comparados com a questão se o “acervo atende as necessidades do público infante-juvenil”, demonstram uma certa contradição, pois 65,0% dos entrevistados assinalaram (concordando pouco, bastante e totalmente) que o acervo está atendendo às necessidades do público infante-juvenil.

Além disto, as declarações dos entrevistados, a seguir, também podem ser consideradas contraditórias:

### **Pareceres Positivos:**

- a) a biblioteca possui material bom;
- b) dificilmente não se encontra a informação;
- c) público não sai sem respostas;
- d) completamente atualizado, nunca é possível;
- e) raro quem sai daqui não satisfeito.

### **Pareceres Negativos:**

- a) acervo decadente e velho. Faltam assuntos;
- b) livros são antigos, têm cara feia;
- c) pouco atualizado;
- d) faltam livros didáticos para crianças, pois tem mais para jovens;
- e) precisam fazer aquisição de obras;
- f) acervo é velho;
- g) existem assuntos que são procurados e não são encontrados;
- h) deveria investir mais no acervo infantil;
- i) têm muitos livros mutilados e assuntos que não são encontrados;
- j) os usuários não encontram todos os assuntos;
- k) falta material por questões burocráticas.

Com estes comentários, percebemos que os funcionários da BIML (inclusive a Diretora), assim como os da BIML também avaliam o acervo focando a pesquisa, pois eles referem-se aos “assuntos procurados” pelos usuários. Apenas um

funcionário, comenta sobre o acervo infantil; acreditamos que possivelmente seja o de literatura infanto-juvenil, que recebeu um parecer negativo.

A Diretora também opina sobre a atualização do acervo ele está [...] “mais ou menos atualizado. Temos muitas obras interessantes e praticamente todo ano recebemos de 3 a 4 lotes de documentos com, mais ou menos, 200 obras. Acredito que, por ano, recebemos de 500 a 600 títulos, sem contar os exemplares” [...].

Outro dado que se deve acrescentar aqui, é que na BIML, a [...] “frequência mensal, no período de abril a novembro, pode chegar a atingir o total de 21.961 leitores”; portanto, se o acervo não for atualizado periodicamente, provavelmente a BIML não poderá atender esta demanda de maneira satisfatória.

#### **6.1.2.4 Quanto a Divulgação, Produtos/Serviços e Educação dos Usuários**

Outros aspectos que avaliamos nesta pesquisa, são a divulgação, os produtos/serviços e a educação de usuários da BIML.

Na divulgação, o recurso mais utilizado por esta Biblioteca é o folder (Programação/Agenda Cultural da Secretaria da Cultura e Turismo), com 60,0% de indicação. Sobre este, a Diretora faz a seguinte avaliação: [...] “a mala direta com folder para as escolas, creches e outras instituições é algo que funciona muito bem”.

Outros meios de divulgação apontados pelos funcionários foram: mídia, programação ou folheto mensal, programação da Rede de Bibliotecas, eventos, panfletos, folhetos, mala direta para escolas, murais, palestras para a comunidade, programação específica, reuniões, corpo a corpo, apresentação do coral, cartazes e Diário Oficial do Estado.

Quanto ao principal produto de informação elaborado pela BIML, os funcionários apontam o folheto, com 65,0% de indicação. Os demais produtos são: bibliografias e boletim informativo.

Além deles, no item “outros” - 30,0%, apontaram como produtos de informação: mala direta, exposições de obras, marcadores de livros, murais/painéis, agenda cultural e kit sobre a história da Biblioteca.

Percebemos que os informantes se confundiram ao responder as questões de nº 16 e 17, pois a primeira referia-se à forma de divulgação da Biblioteca

e a segunda, aos produtos de informação que a Biblioteca oferece; no entanto, no item “outros” sugeriram ações e recursos para divulgação da mesma: mala direta e exposições de obras. Isso demonstra que os funcionários não tem clareza sobre a diferença entre os itens apresentados, ou seja: recursos de divulgação, produtos de informação e atividades.

Outro assunto avaliado é a educação de usuários; o resultado desta questão, aponta que a visita orientada, com índice de 60,0%, é a forma mais utilizada pela BIML na educação de usuários. Outros recursos anotados, foram: exibição de vídeo, publicações, instrução programada e murais/painéis. Os itens palestras/cursos e programa de computador não foram assinalados. Quanto ao espaço reservado para “outros”, um funcionário citou o folder, como forma de educar os usuários. Acreditamos que o entrevistado, pode ter se referido a algum folder cujo conteúdo objetivava a educação dos usuários.

Além dos dados apresentados, vale destacar que três funcionários não opinaram e dois deles informaram que a educação de usuários não é feita, pois a sistemática de controle do atendimento aos usuários acontece por meio de uma planilha, em que os funcionários que atenderem maior número de usuários serão premiados. Percebemos que esta sistemática está criando, entre os funcionários, uma competição conflituosa e, nos usuários, uma dependência dos auxiliares de pesquisa.

Sobre o assunto - Educação de Usuários, a Diretora considera que em uma biblioteca pública, praticamente ela não acontece, pois a cada dia o público é diferente. Ela acredita que este trabalho deva ser feito em sala de aula, para que os alunos cheguem à Biblioteca com certas habilidades. Cita que ela e sua equipe desenvolveram um projeto nas escolas para a orientação à pesquisa, mas, por falta de funcionários, esta atividade foi interrompida. Uma situação lamentável pois esse serviço, em via de regra, propicia, por exemplo, orientação no uso da biblioteca.

Enfim, percebemos que a Diretora tem uma grande preocupação com essa problemática. É de sua autoria, por exemplo: o Projeto “Pesquisar e não Copiar”, que é parte integrante de um programa denominado “Escola/Biblioteca”. É lamentável, mas a carência de bibliotecas escolares acaba atribuindo às bibliotecas públicas o cumprimento de um papel que não lhes compete e que nem sempre estão preparadas para cumprir.

### 6.1.2.5 Quanto às Atividades Culturais

O último aspecto a ser analisado são as atividades desenvolvidas pela BIML. Os funcionários apresentaram como principais dinâmicas desta Biblioteca, as atividades relacionadas por ordem de maior incidência, na tabela 3. As demais atividades desenvolvidas na BIML, apontadas pelos seus funcionários e que receberam apenas uma indicação, foram: Bate papo, oficinas (Exemplos: cartazes, origami, contação de histórias para funcionários, literárias...), cursos para bibliotecários, curso de teatro de bonecos, exposição de periódicos, exposição de HQ, exibição de filmes para funcionários, atividades literárias, troca-troca de gibis, orientação na apresentação formal de trabalhos, performance artística, encontro com escritores, exposição biobibliográfica, projetos especiais (Exemplos: Biblioteca vai à rua, Incentivo à leitura, Pesquisa não é cópia) e eventos (Exemplos: mesas redondas, seminários, simpósios, congressos...).

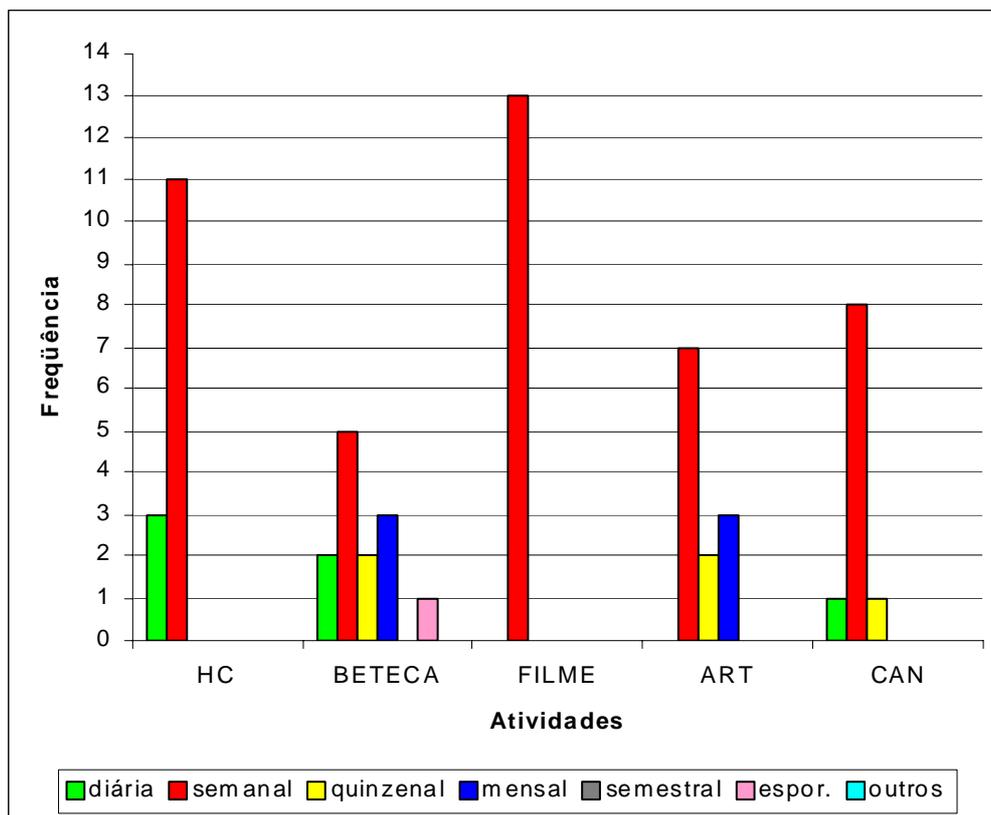
Tabela 3 – Atividades desenvolvidas pela BIML

<b>Atividades desenvolvidas pela BIML</b>	<b>Freqüência</b>	<b>%</b>
Hora da história ou Contar histórias	14	70,0
Brinquedoteca	13	65,0
Exibição de filmes (cineminha)	13	65,0
Oficina ou curso de artes (pintura, artesanato, sucata, cenário, desenho, massa de modelar	12	60,0
Oficina ou aula de canto e coral	10	50,0
Oficina ou curso de teatro	9	45,0
Palestras temáticas	9	45,0
Oficina de bonecos e fantoches	7	35,0
Orientação à pesquisa	7	35,0
Comemorações (Exemplos: Dia do artista, folclore, Semana nacional do livro e da biblioteca, Semana do livro infantil, Aniversário da biblioteca, Festa junina...)	7	35,0
Oficina de idéias (interpretação de textos)	6	30,0
Aula ou curso de flauta	6	30,0
Visitas de escolas	6	30,0
Recreação	5	25,0
Empréstimo domiciliar	5	25,0
Exibição de vídeo	4	20,0
Disponibilizar periódicos	3	15,0
Recital de poesias	3	15,0

Exposições temáticas	3	15,0
Encontro com escritores	3	15,0
Peça de teatro (grupos externos)	3	15,0
Oficinas temáticas (Exemplos: sexualidade na adolescência)	2	10,0
Shows (palhaços, mágicos, capoeira ...)	2	10,0
Lançamento de livros	2	10,0
Concurso de poesias, de histórias...	2	10,0
Dramatizações	2	10,0
Destaque: autor do mês	2	10,0
Painéis e murais comemorativos	2	10,0

A listagem de atividades apontadas pelos funcionários da BIML, resultou em um número elevado, optamos por analisar apenas aquelas que receberam 10 ou mais indicações.

Para melhor compreensão, vamos apresentá-las, também, em um gráfico de colunas, utilizando cores diferentes para representar a frequência: diária, semanal, quinzenal, mensal, semestral, esporádica e outras. Estabelecemos uma sigla para estas atividades (a exemplo da BIJM), pois a denominação das mesmas, em alguns casos, eram extensas. São elas: HC - Hora do conto, hora da história, BRINQUE - Brinquedoteca, FILME - Exibição de filmes (cineminha), ART - Oficinas de artes (pintura, artesanato, sucata, cenário...) e CAN - Oficina e curso de canto e coral.



**Gráfico 2 - Periodicidade das atividades da BIML**

Os dados coletados na BIML, demonstram que as cinco atividades de maior destaque nesta Biblioteca são: Hora do Conto (14), Brinquedoteca (13), Exibição de Filmes (13), Oficina de artes (12) e Oficina de canto e coral (10).

Da mesma forma que a BIJML, a maioria dos funcionários indicou que as cinco atividades são realizadas semanalmente e que a Hora do Conto é a atividade realizada com maior frequência.

Sobre a Brinquedoteca, as informações foram bem contraditórias, visto que os funcionários indicaram que ocorre diária, semanal, quinzenal e esporadicamente. Acreditamos que houve equívoco no momento da indicação desta atividade, pois o que existe é o Setor de Recreação, que é uma sala que permanece aberta todos os dias; portanto, um local em que se desenvolvem diariamente diversas atividades.

Quanto à Exibição de Filmes, os funcionários foram unânimes. E a Diretora confirma: [...] “o cineminha acontece uma vez por semana”.

As Oficinas de artes são ministradas na BIML gratuitamente, tendo duração anual. Houve por parte dos informantes, uma divergência quanto à periodicidade de sua realização: alguns apontam como semanal, outros como quinzenal e os demais como mensal. Recorremos à diretora e ela afirma que [...] “em cada oficina, elas têm aulas duas vezes por semana”. Portanto, fica estabelecido que esta atividade é realizada semanalmente, durante o ano todo.

O último item, Oficinas e Curso de Canto e Coral, os funcionários se dividiram ao indicar entre diária, quinzenal e semanalmente; porém, retomamos o comentário da Diretora, em que ela informa a realização das Oficinas, duas vezes por semana.

Após os funcionários relacionarem as atividades desenvolvidas pela BIML, solicitamos aos mesmos apontarem aquelas que podem contribuir realmente para a promoção da leitura. Obtivemos como resposta, as atividades listadas na tabela 4:

*Tabela 4 - Atividades declaradas como promotoras da leitura pela BIML*

<i>Atividades declaradas como promotora da leitura</i>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>
Hora da história ou contar histórias	14	70,0
Oficinas: de teatro, de artes; de idéias, literárias	10	50,0
Orientação à pesquisa	5	25,0
Empréstimo domiciliar	4	20,0
Palestras temáticas	3	15,0
Exibição de filmes (relacionado à biblioteca)	2	10,0
Visitas orientadas das escolas	2	10,0
Disponibilizar periódicos	2	10,0

As atividades declaradas pelos funcionários, como promotoras da leitura e que receberam apenas uma indicação, estão relacionadas a seguir: cineminha, lançamento de livros, encontro com escritor, projeto de incentivo à leitura, cursos, dramatização de texto, exposição de HQ, troca-troca de gibis, doação de figuras/ilustrações para as crianças e os adolescentes fazerem trabalhos escolares, CIP/Crescimento interpessoal profissional (para aprimoramento dos funcionários).

A estas atividades, devem ser acrescentadas observações, feitas pelos funcionários, expressas espontaneamente e que, portanto, merecem apreço. São elas:

- a) teatro é válido, desde que incentive a leitura.
- b) A exibição de filmes, dependendo do filme.
- c) Realização de oficina de massa de modelar, tendo o livro como instrumento principal.
- d) Quero mostrar para as crianças que a leitura é tão agradável quanto a recreação.
- e) A atividade com teatro, desde que baseado em livros.
- f) Acredito que é importante a exibição de filme, mas dependendo do filme, aqueles relacionados à biblioteca.

Destes comentários, podemos concluir que a equipe da BIML diversifica as suas atividades, porém demonstra a preocupação em estabelecer uma ponte entre as diferentes linguagens e o livro.

A Diretora também apresentou um rol de outras atividades que são desenvolvidas na BIML:

- Orientação à pesquisa;
- Banco de gravuras;
- Oficina de arte;
- Coral;
- Oficina de canto e coral;
- Oficina de flauta;
- Teatro de bonecos;
- Oficina de bonecos;
- Cineminha;
- Hora do conto;
- Rodinha de leitura;
- Oficina de leitura;
- Concurso de poesia;
- Recital de poesias;
- Discussão com os pais sobre leitura

Apesar da Diretora considerar a instalação das oficinas de artes de grande importância na BIML, ela opina que

a hora do conto realmente leva à leitura, porque nem sempre a criança quer ler sozinha, tem preguiça. Durante a hora do conto, ao mostrar para ela o livro de onde saiu a história, ela vai ter vontade de ler mais alguma coisa. Ela acredita também que esta atividade é muito mágica e que não deve ser realizada por pessoas despreparadas. Deve ser apresentada com arte, com alma para virar um espetáculo.

Como exemplo, cita as oficinas do PROLER (Programa Nacional de Incentivo à Leitura), que objetivam “desescolarizar” a leitura.

Sobre o comentário da Diretora de que “nem sempre a criança quer ler sozinha, tem preguiça”, gostaríamos de lembrar que esta condição não deve ser generalizada, pois existem crianças que não lêem porque não recebem estímulo para ler; existem aquelas que têm dificuldades de aprendizagem para a leitura e também as com necessidades especiais, que têm ritmo e condições “especiais” para ler.

A Diretora relata e avalia que pretende resgatar na BIML um projeto que foi articulado há alguns anos, onde “senhoras aposentadas freqüentavam a Biblioteca para levar os netos e passaram a contar histórias, inclusive muitas que não estão nos livros, ou pelo menos, naquelas versões” [...].

Há também o projeto denominado Incentivo à Leitura, que está desativado atualmente, mas que tenciona-se rearticulá-lo no menor prazo possível. Informa que a BIML já promoveu discussões sobre o ato de ler, sobre as atividades da Biblioteca, sobre a necessidade da formação de pequenas bibliotecas em casa e da cobrança, por parte dos pais, de se ter bibliotecas nas escolas e, ainda, sugestões de “como fazer a criança gostar mais da leitura”.

Outra preocupação demonstrada pela bibliotecária, que é complexa de se resolver, em virtude do pequeno número de funcionários e o não pagamento de horas-extras, é o funcionamento da BIML à noite e nos finais de semana. Todavia, é nestes horários que os pais encontram-se com maior disponibilidade de tempo para acompanhar seus filhos nas atividades culturais, bem como participar de eventos, reuniões ou discussões sobre leitura, literatura e assuntos relacionados à formação da criança e do jovem.

## **6.2 Análise Comparada dos Resultados**

Nesta seção, pretendemos traçar um rápido paralelo entre as semelhanças e diferenças apresentadas pelas Bibliotecas Monteiro Lobato de São Paulo e Salvador, destacando os resultados mais relevantes para a temática desta pesquisa, ou seja, a promoção da leitura.

Optamos por tecer comentários obedecendo a ordem dos assuntos apresentados anteriormente. São eles: pessoal, instalações, acervo, divulgação, produtos/serviços, educação de usuários e atividades culturais.

Os dados de ambas as bibliotecas mostraram que a quase totalidade dos funcionários é do sexo feminino; situação registrada na história da biblioteconomia como uma herança do magistério, em que o professor aos poucos foi sendo substituído pela professora. Portanto, nestas bibliotecas, cabe à mulher, em especial, a responsabilidade de formação e manutenção de leitores.

Além disto, estes dados demonstraram que a BIJML tem um quadro composto por pessoas, em sua maioria, entre 40 e 49 anos de idade. Esta porém não é a realidade da BIML, pois a maioria encontra-se na faixa entre 20 a 39 anos, idade em que consideramos as pessoas mais dispostas fisicamente para enfrentar a natural agitação e curiosidade dos pré-leitores e leitores, que freqüentam a biblioteca. Destacamos porém que, no caso das contadoras de histórias, esse dado não é relevante, pois é uma arte que pode ser exercida em qualquer idade (inclusive na infância).

Os dados revelaram uma semelhança entre o tempo de trabalho destes funcionários, pois tanto na BIJML quanto na BIML, a maioria está na instituição por um período que varia entre 1 e 9 anos. Isto, porém, não significa que eles estejam há pouco tempo na Prefeitura Municipal; no caso da BIJML, por exemplo, a maioria (62,1%) foi remanejada de outros órgãos da PMSP. Acreditamos, porém, que estes profissionais necessitam buscar formas de se instrumentalizarem, para contribuir com as bibliotecas públicas infanto-juvenis no cumprimento do seu principal papel, que é o de estimular a leitura.

Quanto à formação escolar dos funcionários, a realidade não é a mesma nas bibliotecas pesquisadas, pois na BIML a maioria cursou apenas o 2º grau e na BIJML a porcentagem maior é de funcionários com o 3º grau completo. Como já defendemos anteriormente (conf. seção 6.1.2.1), é necessário motivá-los a freqüentar cursos de graduação e pós-graduação, de maneira a torná-los mais preparados para o trabalho com o público infantil e juvenil.

Sobre os cursos de graduação efetuados pelos funcionários, detectamos que na BIJML 55,0% são formados em Biblioteconomia e na BIML esse percentual cai para 37,5%. Os demais funcionários com graduação, na BIJML, são

oriundos de diversas áreas, em especial da área de saúde. Esta situação pode comprometer negativamente o desenvolvimento das atividades (inclusive de leitura) nas bibliotecas. Acreditamos que isto possa ocorrer, principalmente porque, no momento em que fizemos a entrevista, alguns deles demonstraram uma certa apatia pelo trabalho desenvolvido na e pela Biblioteca; portanto, não estão comprometidos com ela. Podemos citar como exemplo, os funcionários da Sala de Pesquisa da BIJML que, no período da entrevista, estava fechada para reestruturação; enquanto alguns bibliotecários trabalhavam, os atendentes permaneceram sentados.

Os cargos existentes nas Bibliotecas Monteiro Lobato de São Paulo e Salvador também são diferentes. Na BIJML a maioria dos entrevistados ocupa o cargo de bibliotecário e na BIML o de auxiliar de pesquisa. Os demais cargos, exceto o de instrutor cultural e assuntos culturais, são, em sua maioria, ligados à área administrativa ou técnica. Não existe, por exemplo, o cargo de mediador ou animador de leitura em nenhuma delas.

O índice de funcionários que não receberam treinamento ao iniciar suas atividades é de 86,2% na BIJML e de 65,0% na BIML. Julgamos que seria necessário um período de estágio para a inserção de funcionários em uma biblioteca infanto-juvenil, pois lidar com crianças e jovens exige uma formação específica, além de um perfil diferenciado, familiarizado com a cultura, a educação e a leitura.

Em relação à atualização dos funcionários das bibliotecas pesquisadas, percebemos que tanto a equipe da BIJML quanto a da BIML, recorrem prioritariamente à leitura de livros e periódicos. Outra semelhança é que em ambas as bibliotecas não houve referência à rede Internet como instrumento de atualização; isto pode ser explicado pelo fato das bibliotecas pesquisadas não disporem de equipamentos de informática na época da entrevista, exceto na Secretaria e no Setor de Bibliografia e Documentação, para uso dos funcionários e, portanto, não faz parte da rotina da maior parte dos respondentes.

Sobre os eventos mais freqüentados em 1998/1999, a resposta foi que a maioria dos funcionários da BIJML (27,6%) participou do “Curso de Atendimento ao Público, Contar Histórias e Informática. e na BIML, 65,0% freqüentaram o “Curso de Auxiliar de Biblioteca”, “Contar Histórias” e “Informática”. Foram ainda apontados outros cursos (conf. seção 6.1.1.1 e 6.1.2.1), mas observamos que houve semelhança quanto à maioria dos funcionários ter se limitado a freqüentar eventos

oferecidos pelas Secretarias de Cultura, a que estão subordinados, coincidindo aqueles ligados à contação de histórias e os de informática para ambos os grupos.

Questionados se a temática dos eventos de que participaram em 1998/1999 foi sobre biblioteca infanto-juvenil, 44,8% dos funcionários da BIJML indicaram que a temática não foi esta e 37,9% que sim. Há, porém, na BIML uma contradição, pois 45,0% disseram sim e 40,0%, não. Como a literatura biblioteconômica e as respostas de alguns CRBs confirmaram a escassez de eventos com esta temática, possivelmente os funcionários participaram de eventos com temas genéricos.

Nas duas bibliotecas, os funcionários afirmaram que gostam do seu trabalho; portanto, os índices são altos, sendo eles: na BIJML, 96,6% e na BIML, 100,0%. Consideramos otimista este resultado; porém, esperamos que os funcionários também gostem de leitura. Porque as discussões e publicações tem demonstrado que um dos requisitos para o profissional envolvido com leitura ter êxito, é gostar de ler.

Quanto ao aspecto físico das bibliotecas, os funcionários afirmaram que concordam que o número de salas seja suficiente na BIJML (65,5%) e na BIML (70,0%). Para 96,6% dos respondentes da BIJML, o local é agradável. Esta também é a opinião de 90,0% dos funcionários da BIML sobre a biblioteca em que trabalham. Em relação à decoração, 58,6% dos funcionários da BIJML concordam que ela seja atraente. Isto também acontece na BIML, na qual 60,0% aprovam a decoração da mesma. O mobiliário foi avaliado como adequado por 44,8% dos funcionários da BIJML e 60,0% da BIML. Questionados sobre a ventilação propiciar bem estar ao público, 79,2% dos funcionários da BIJML afirmam que sim e 50,0% da BIML também. Os resultados sobre os aspectos físicos das BIJML e BIML apresentam um ambiente propício para que o público infanto-juvenil passe momentos agradáveis. Portanto, esse espaço é considerado como um condicionador positivo para diferentes articulações de leitura e vivências literárias.

Quanto aos equipamentos, a maioria dos funcionários indicou o videocassete e a televisão como existentes em ambas as bibliotecas e como equipamento que prioritariamente deve ser adquirido, foi indicado o computador. Os números desta reivindicação são: 69,0% na BIJML e 75,0% na BIML. Sobre este equipamento, destacamos que ele torna-se cada vez mais imprescindível em uma

biblioteca, inclusive como motivação para a leitura daqueles que preferem a leitura eletrônica do que aquela em suporte impresso.

Sobre o acervo atender as necessidades do público infanto-juvenil, os informantes concordaram que sim, em um percentual de 58,6% na BIJML e em um percentual de 65,0% na BIML. Apesar de terem afirmado que o acervo tem atendido as necessidades, apenas 27,5% dos funcionários da BIJML consideram-no atualizado, em confronto com apenas 30,0% na BIML. Consideramos o acervo um dos elementos essenciais na promoção de leitura; dele depende a motivação para se permanecer leitor, além de proporcionar o estímulo para aqueles que se encontram no período inicial de leitura. É importante que o leitor tenha acesso ao maior número possível de documentos, mas é fundamental a biblioteca preservar a qualidade dos mesmos.

O resultado da questão sobre os meios de divulgação utilizados pela BIJML e pela BIML é idêntico. Segundo seus funcionários, as bibliotecas utilizam com frequência a Agenda Cultural da Secretaria Municipal de Cultura a que estão subordinadas. Lembramos porém, que não é apenas a criança e o jovem alfabetizado que freqüentam hoje a biblioteca infanto-juvenil; portanto, quanto mais diversificados os recursos para a divulgação da biblioteca a outro tipo de público, melhor, desde que não altere sua prioridade.

Segundo os funcionários das Bibliotecas Monteiro Lobato de São Paulo e Salvador, estas bibliotecas criam o mesmo tipo de produtos de informação. São eles: folhetos, bibliografias e boletim informativo. No item *outros*, houve também uma coincidência. Eles afirmaram que elaboram o “kit” da História da Biblioteca para distribuir aos usuários, produto este que acreditamos seja composto de folder, marcador de página e demais impressos da Biblioteca.

Em ambas as Bibliotecas, obtivemos a informação de que elas utilizam duas estratégias para a Educação de Usuários: visitas orientadas e murais e painéis. Apesar da semelhança, destacamos que na BIJML a atividade de visitas orientadas é a mais citada. Seu percentual de indicação é de 86,2%, sendo que na BIML, os murais e painéis são mais usados, eqüivalendo a 65,0% das indicações. Em virtude de termos feito as entrevistas em período de férias (julho), optamos por nos abster de qualquer comentário sobre as visitas orientadas, que não pudemos acompanhar. Porém, sobre os murais e painéis, exceto quanto ao painel explicativo sobre os passos para a

realização de uma pesquisa, entendemos que poderiam ser melhor utilizados com ilustrações e textos mais atrativos para o público infanto-juvenil.

Sobre as atividades de leitura realizadas pelas Bibliotecas Monteiro Lobato de São Paulo e Salvador, objeto de fundamental importância para esta dissertação, avaliamos que o resultado dos dados é preocupante pois, na BIJML, das 48 atividades listadas, apenas 29 (60,4%) foram consideradas pelos funcionários como promotoras de leitura; enquanto que na BIML, das 43, apenas 19 (44,1%) foram assim avaliadas, significando que a maioria das atividades desenvolvida por esta biblioteca não privilegia a leitura.

Segundo os funcionários, a “Hora do Conto” é a atividade mais realizada pelas Bibliotecas, sendo a porcentagem de indicação na BIJML de 70,0% e na BIML, 48,3%. Acreditamos que os índices são baixos, em relação à BIML, pois consideramos esta atividade como enriquecedora para o público infantil. Porém, gostaríamos de acrescentar que nos parece essencial que seja feita uma avaliação, por intermédio de pesquisa, de como têm sido desenvolvidas as sessões específicas de Hora do Conto, pois observamos nas bibliotecas, em muitas ocasiões, um aparente despreparo para a realização desta atividade. Há por exemplo, dificuldade na escolha de textos, na opção de um espaço adequado e aparente falta de vontade de realizá-la.

As demais atividades apontadas como promotoras de leitura e que tiveram mais de duas indicações, foram: oficinas literárias, orientação à pesquisa, empréstimo domiciliar, visitas monitoradas das escolas, cursos ou palestras temáticas, Banco de Textos Teatrais, apresentação de peças de teatro, ônibus-biblioteca, curso de Primeiros Passos (O que é leitura), roda de leitura, exibição de filmes (relacionados à biblioteca) e disponibilizar periódicos.

Diferentemente dos funcionários, nosso conceito de atividade diverge do de serviços (conf. seção 3.3.5); portanto, orientação à pesquisa, empréstimo domiciliar, disponibilizar periódicos, visitas monitoradas das escolas e ônibus-biblioteca, são serviços e não atividades. Semelhante equívoco acontece em relação ao Banco de Textos Teatrais, que é um setor ou seção da BIJML, responsável pela promoção de atividades como apresentação de peças teatrais, além de oferecer um serviço de assessoria na montagem das mesmas.

Enfim, mais uma vez observamos a falta de clareza nos conceitos biblioteconômicos, porém neste momento, isto nos é secundário. O que nos parece importante é avaliar que, com estas ressalvas, poucas foram as atividades apontadas pelos funcionários que podem ser consideradas como promotoras de leitura.

### **6.3 Avaliação dos Especialistas em Leitura e em Bibliotecas Infanto-Juvenis**

Mediante o rol de atividades declaradas como promotoras de leitura pelas diretoras e funcionários das BIJML e BIML, elaboramos um questionário (anexo D), em que especialistas da área de leitura puderam emitir sua opinião sobre a pertinência e a eficácia das mesmas.

Para esta pesquisa, selecionamos oito especialistas brasileiros e um estrangeiro. Os brasileiros selecionados foram: Edmir Perrotti, Ezequiel Theodoro da Silva, Luiz Percival Leme Britto, Maria Alice Oliveira Faria, Regina Zilberman, Maria Antonieta Antunes Cunha, Maria Christina de Moraes Tavares e Roseli Teresa Silva Leme. Quanto ao especialista estrangeiro, escolhemos Geneviève Patte. Destes nove profissionais, todos devolveram o questionário; portanto, 100,0% o fizeram.

Os critérios para a escolha destes especialistas devem-se ao fato de que os mesmos estiveram ou estão envolvidos com bibliotecas infanto-juvenis, com leitura, com a promoção de leitura e ainda com literatura infantil e juvenil. Muitos deles trabalharam ou ainda trabalham nas seguintes instituições: Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual Paulista (UNESP), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Associação de Leitura do Brasil (ALB), Biblioteca Pública Infantil e Juvenil de Belo Horizonte (BPIJBH) e Biblioteca Infantil de Clamart (França); instituições que têm sido sede de pesquisas e discussões sobre os temas referidos acima. Outro critério para a seleção, é que a maioria dos especialistas é responsável por grande parte da produção técnico-científica nas áreas mencionadas, produção que tem sido disseminada em eventos, em livros, periódicos e também por intermédio de documentos eletrônicos.

Assim, dada a sua importância, consideramos necessário inicialmente identificar cada um deles, destacando alguns trabalhos que realizam ou realizaram em prol da leitura ou da biblioteca infanto-juvenil. E para melhor compreensão, apresentamos esses nomes, dividindo-os em duas categorias: a) especialistas em leitura e b) especialistas em biblioteca infanto-juvenil.

a) Especialistas em leitura:

- **Edmir Perrotti** - é professor do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da ECA/USP. Autor, editor e crítico de literatura infantil. Coordenador geral do projeto PROESI (Programa de Serviços de Informação em Educação da USP) e autor de vários textos, inclusive os livros: “Confinamento cultural, infância e leitura” e “O texto sedutor na literatura infantil”.
- **Ezequiel Theodoro da Silva** - ex-professor do Curso de Mestrado em Biblioteconomia, da PUCCAMP, é professor adjunto da Faculdade de Educação da UNICAMP; foi “Secretário de Educação de Campinas”, foi presidente da Associação de Leitura do Brasil (ALB) e um dos idealizadores do Congresso de Leitura do Brasil (COLE). Publicou diversos livros, entre eles: “Leitura na escola e na biblioteca”, “Leitura & realidade brasileira”, “O ato de ler”, “Os (des)caminhos da escola” e “A produção da leitura na escola”.
- **Luiz Percival Leme Britto** - professor do programa de Mestrado em Ciências da Educação da UNISO (Universidade de Sorocaba) em São Paulo, é o atual presidente da ALB (Associação de Leitura do Brasil). Participou do livro organizado por Jason Prado e Paulo Condini, intitulado - “A formação do leitor: pontos de vista”, publicado pela Editora Argus. Tem ainda diversos artigos publicados nas revistas: Leitura: teoria & prática e Em dia: leitura & crítica.
- **Maria Alice Oliveira Faria** - foi professora do Departamento de Letras da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, em Assis - SP, idealizadora do projeto BICA (Biblioteca Infantil Circulante de Assis), é autora do livro: “Parâmetros curriculares e literatura: personagens de que os alunos realmente gostam”, publicado pela Editora Contexto. Participou do 5º e do 9º COLE, respectivamente com os trabalhos: “Leitura em liberdade”, “As personagens de que eles gostam” e

“Plantando um poemeiro”. É também colaboradora do Jornal PROLEITURA, uma publicação da referida Faculdade.

- **Regina Zilberman** - professora da Faculdade de Letras da PUCRS, autora dos livros: “Do mito ao romance: tipologia da ficção brasileira contemporânea”, “A literatura no Rio Grande do Sul”, “Érico Veríssimo e a literatura infantil”, “A literatura infantil e a escola”. Em conjunto com Marisa Lajolo, publicou “Um Brasil para crianças”, “A leitura rarefeita e literatura infantil brasileira”.
- **Maria Antonieta Antunes Cunha** - é escritora, especialista em Literatura Infantil. Idealizou a Biblioteca Pública Infantil e Juvenil de Belo Horizonte (BPIJBH) e foi sua diretora cultural por vários anos. Já ocupou o cargo de “Secretária Municipal de Cultura”, em Belo Horizonte. Atualmente, é membro do Conselho Editorial da BPIJBH, responsável pela edição da revista RELEITURA. É autora do capítulo - Balanço dos anos 60/70, do livro: “30 anos de literatura para crianças e jovens: algumas leituras”, publicado pela ALB e a Editora Mercado de Letras. Têm artigos publicados na revista RELEITURA, entre eles: “Biblioteca Infantil” e “Revisitando Elvira Vigna”.

b) Especialistas em bibliotecas infanto-juvenis:

- **Geneviève Patte** - diretora da Biblioteca Infantil de Clamart, em Paris. É presidente da IBBY (International Board on Books for Young People) na França, autora dos livros “Laissez-les lire!: enfants et les bibliothèques” (publicado em várias idiomas). Tem artigos publicados na “Revue des livres pour enfants”, entre eles: “Une fenêtre ouverte sur le monde”.
- **Maria Christina de Moraes Tavares** - ex-diretora do Departamento de Bibliotecas Infanto-Juvenis da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, trabalhou na BIJML, é ex-diretora da Biblioteca Pública de Vitória da Conquista (Bahia). Atualmente atua no Conselho Regional de Biblioteconomia/São Paulo. É autora do Ensaio da APB número 3, cujo título é “Atuação da biblioteca infanto-juvenil”.
- **Roseli Teresa Silva Leme** - foi diretora da BIJML no período de 1993-1997. É bibliotecária da Faculdade Italo-brasileira e professora do Curso de Ação

Cultural, no SENAC/SP. Publicou os artigos: “As cores e a comunicação visual na biblioteca Infanto-juvenil” e “A biblioteca infanto-juvenil como alicerce do futuro usuário das bibliotecas públicas e universitárias”, nos Anais da FEBAB.

Nesta etapa da pesquisa, utilizamos o questionário mencionado anteriormente (anexo D), que enviamos aos especialistas em leitura e em bibliotecas infanto-juvenis. Este continha a listagem das 81 atividades destinadas a promoção da leitura, arroladas pelos funcionários das Bibliotecas Monteiro Lobato de São Paulo e Salvador. Ele foi estruturado da seguinte forma:

- a) “Assinale com um X as atividades que você considera que realmente possam contribuir para a promoção da leitura em bibliotecas infanto-juvenis;
- b) “Após assinalar as atividades que você considera que realmente possam contribuir para a promoção da leitura em biblioteca infanto-juvenil, justifique”.

Levando-se em consideração que 4 (22,5%) dos especialistas não assinalaram, no questionário, as atividades que consideravam pertinentes à promoção da leitura, optamos por omitir os resultados quantitativos, passando para a análise dos comentários e/ou justificativas sobre a eficácia e a pertinência das atividades arroladas. Estes resultados estão apresentados em um texto único, contendo as respostas dos especialistas, num cruzamento de idéias; portanto, o texto em alguns momentos, estará acompanhado das atividades assinaladas e em outros, não. Inicialmente, optamos em apresentar os dados pela ordem de devolução do questionário por parte dos especialistas; porém, no transcorrer da elaboração do texto, aproximamos as respostas que apresentavam concordâncias e discordâncias, visando provocar maiores reflexões e conseqüentemente o enriquecimento das discussões.

### **6.3.1 Regina Zilberman**

A primeira especialista a responder o questionário desta pesquisa, foi Zilberman. Questionada sobre as atividades voltadas à promoção de leitura, apontadas pelos funcionários das Bibliotecas Monteiro Lobato, ela assinala os seguintes itens: apoio a pesquisadores da obra de Monteiro Lobato, atendimento ao público, atendimento por telefone, cursos para bibliotecários, empréstimo domiciliar de livros, ônibus-biblioteca, publicação de bibliografias, roda de leitura e sala de leitura. Porém, comenta que

promoções que fogem do âmbito da ação própria a uma biblioteca são diversionistas e substitutivas, atestam a incapacidade de ela responder ao seu papel principal e raramente chegam a resultados favoráveis. Para chegar à leitura, são necessários livros, bons e muitos. Seguidamente é o que falta nas bibliotecas. E se as bibliotecas tiverem condições de dar conta da função para qual foi criada - treinando pessoal, facilitando o acesso aos livros, atendendo os consulentes com conhecimento e gosto - certamente cooperará para o desenvolvimento e consolidação do gosto pela leitura e pelos livros.

Consideramos importante a afirmação da especialista de que as “promoções que fogem do âmbito da ação própria a uma biblioteca são [atividades] diversionistas e substitutivas”, principalmente se consideramos que a palavra diversionista, também significa [...] “manobra usada nos órgãos legislativos que consiste em desviar à atenção dos seus membros para matéria diversa daquela que se discute” [...] (FERREIRA 1986, p.602). Desta forma, entendemos que Zilberman emite uma crítica àquelas atividades desenvolvidas em algumas bibliotecas, que acabam por se “desviar” de ações próprias de uma biblioteca, por exemplo, futebol na praça. Portanto a linha divisória entre o que são atividades do âmbito de uma biblioteca ou não, ainda é nebulosa para o bibliotecário e, em consequência disto, ele propõe equivocadamente atividades visando promover a leitura, mas que nem sempre levam à leitura.

É importante também a afirmação de Zilberman sobre a necessidade dos acervos das bibliotecas serem bons e em quantidade; esta seria uma situação ideal, pois a maioria de nossas bibliotecas carece de recursos financeiros para tanto.

Outro aspecto que queremos compartilhar com Zilberman, é a crença de que facilitar o acesso ao livro tende ao “desenvolvimento e consolidação do gosto pela leitura e pelos livros”; portanto cabe a qualquer biblioteca, inclusive aquelas

instaladas em comunidades desprovidas de recursos financeiros, fazer esta mediação.

### 6.3.2 Ezequiel Theodoro da Silva

Silva destaca que, no questionário, assinalou as atividades que “prioritariamente estão voltadas à promoção do livro e da leitura da linguagem escrita”. São elas: apoio a pesquisadores da obra de Monteiro Lobato, atendimento ao público, atividades literárias, bate-papo, brinquedoteca, cessão do espaço para reuniões da associação de bairros, conto dramatizado, curso Primeiros Passos - para funcionários (Exemplos: leitura, literatura, HQ, globalização cultural, sexualidade...), destaque do mês (autores), empréstimo domiciliar de livros, encontro com escritores ou escritor na biblioteca, encontro ou festival de contadores de histórias, exposição bibliográfica, exposições temáticas (Exemplos: fotos, desenhos, objetos, escultura, pintores, escritores, ecologia...), hemeroteca, hora da história ou contação de história ou hora do conto, lançamento de livros, oficina de artes plástica focando a leitura, oficina de hemeroteca (com professores da rede estadual), oficina de idéias (interpretação de textos), oficina literária (Exemplo: poesia), oficinas ou cursos temáticos (Exemplos: sexualidade na adolescência, literatura, ecologia, natal, carnaval...), ônibus biblioteca, organização da memória da Biblioteca Monteiro Lobato e do acervo de Monteiro Lobato, painéis/murais comemorativos, palestras temáticas, projetos especiais (Biblioteca vai à rua, Pesquisa não é cópia), recital de poesia, roda de leitura, sala de leitura e visitas orientadas ou monitoradas com escolas. No entanto, após assinalar estas atividades, ele argumenta:

Defendo [...] que a biblioteca não se transforme numa panacéia para resolver todos os problemas culturais de uma cidade [...] sem dúvida que uma biblioteca infantil deve ser uma entidade ativa no seio da sociedade; porém, ao tentar ser "tudo", ela pode não fazer nada, pulverizando as suas ações e não chegando a lugar nenhum!

Há anos, defendemos esta mesma idéia, em palestras e reuniões com bibliotecários, pois temos a percepção de que um grande número de profissionais

que trabalham nas bibliotecas públicas brasileiras, acostumou-se a fazer ininterruptamente o seu trabalho, tornando-se “tarefeiros”, sem no entanto avaliar o que é papel da biblioteca e o que não é. Pensamos que este seja um “campo minado” na Biblioteconomia brasileira, pois bibliotecários de renome defendem que tudo é permitido em uma biblioteca. Esta permissividade porém, acabou incorrendo na descaracterização da função de uma biblioteca, em especial da biblioteca pública. Acreditamos que diversificar as atividades, é necessário; porém, se o bibliotecário não estabelecer claramente quais os objetivos que quer alcançar, possivelmente, não chegará a “lugar nenhum”.

### 6.3.3 Geneviève Patte

Por sua vez, Patte, não assinalou os itens arrolados pelos funcionários, porém contribuiu com o seguinte comentário:

est impossible selon moi de dire que telle ou telle forme d'animation a sa place dans une bibliothèque pour enfants. Tout ceci ne peut s'étudier dans l'abstrait et le général. Chaque chose, chaque action doit se décider en fonction des objectifs que l'on s'est fixés, en fonction de l'environnement, du public, de la communauté que l'on veut servir. [...] Il faut avoir la conviction que l'action choisie a un sens et quel sens, à la bibliothèque. Il faut toujours se méfier de ce qui risque d'entraver les observations, les jugements, les convictions.<sup>7</sup>

Nesse sentido, concordamos com Patte, quando afirma: “cada coisa, cada ação deve ser decidida em função dos objetivos fixados”. Se o objetivo for a formação de leitores, deve-se planejar atividades direcionadas para este fim. Se o objetivo for a expressão cênica, deve-se promover o teatro. Se for a música e o canto, estruturar um coral. Portanto, somos favoráveis à realização de uma multiplicidade de atividades em uma biblioteca; no entanto, o bibliotecário precisa ter lucidez para

---

<sup>7</sup> é impossível eu dizer que tal ou tal forma de animação tem seu lugar numa biblioteca infantil. Tudo isto não pode ser estudado no abstrato e no geral. Cada coisa, cada ação deve ser decidida em função dos objetivos fixados, em função do meio, do público, da comunidade que se deseja servir... É preciso ter a convicção que a ação escolhida segue um sentido e qual o sentido, na biblioteca. É preciso sempre desconfiar disso que é um risco de atrapalhar as observações, os julgamentos, as convicções. (Tradução nossa)

perceber que não são todas as atividades que levarão o público infanto-juvenil à leitura, no máximo levariam à frequência à biblioteca.

#### **6.3.4 Maria Antonieta Antunes Cunha**

Cunha considera exaustiva a listagem de atividades apontadas pelos funcionários, mas assinala, como promotoras de leitura, as seguintes: atendimento ao público, atividades literárias, curso para funcionários (Exemplos: HQ, globalização cultural...), cursos para bibliotecários, disponibilizar periódicos, empréstimo domiciliar de livros, encontro com escritores ou escritor na biblioteca, encontro do PROLER, exposição de HQ, exposição de periódicos, hemeroteca, hora da história ou contação de histórias, lançamentos de livros, oficinas de histórias para funcionários, oficina de idéias, oficina literária, ônibus biblioteca, orientação à pesquisa escolar, projetos especiais (Exemplos: Biblioteca vai à rua, Pesquisa não é cópia), recital de poesias, roda de leitura e troca-troca de gibis. Após assinalar, ela comenta:

em princípio, todos os [...] itens podem levar determinadas pessoas à leitura. Por outro lado, as atividades marcadas por mim, que considero as mais importantes da lista, poderão ou não funcionar como propulsoras da leitura, conforme sua execução. Assim, é muito difícil definir abstratamente, sem considerar a atividade concreta que está sendo realizada, até que ponto ela cumpre o objetivo esperado. Em todo caso, acho, em princípio, mais importante aquelas atividades que apresentam um vínculo claro e imediato com a leitura. As outras atividades estão ligadas à leitura de forma tênue e eventual, e surtirão efeito, possivelmente, a mais longo prazo.

Percebemos no discurso de Cunha, que ela não acredita nos resultados das atividades de leitura de forma determinista, ou seja, obrigatoriamente tal atividade leva à leitura. Comenta, também, que o resultado pode variar, pela maneira de execução desta atividade; portanto, é preferível a realização de atividades que apresentem “vínculo claro e imediato com a leitura”. Possivelmente, esta especialista esteja se referindo às atividades em que o público possa ter o contato mais direto com a leitura, ou seja, àquelas assinaladas por ela. Ao complementar, ela demonstra dúvida sobre o resultado das demais atividades da lista elaborada na

pesquisa, pressupondo que isto deva ocorrer de forma “tênue e eventual”, ou seja, frágil e casual.

### 6.3.5 Maria Christina de Moraes Tavares

A resposta de Tavares, encontra-se nesta mesma linha de pensamento. Ela assinala os itens: atividades literárias, empréstimo domiciliar de livros, encontro com escritores ou escritor na biblioteca, encontro do PROLER, exposição biobibliográfica, lançamento de livros, oficina literária (Exemplo: poesia), projetos especiais (Biblioteca vai à rua, Incentivo à leitura, Pesquisa não é cópia), recital de poesias e roda de leitura. Porém, acredita que

poucas ou quase nenhuma das atividades desenvolvidas nas bibliotecas (inclusive algumas assinaladas!!!) contribuem de fato para a promoção da leitura. Primeiro, porque a grande maioria não tem vínculo real com o livro ou com a leitura, segundo porque nós bibliotecários e funcionários, como temos a necessidade de acreditar que estamos promovendo a leitura, "inventamos" um mundo de atividades que nada tem a ver com a leitura ou sua promoção. Não somos leitores! Não conhecemos metodologia da leitura. Nada sabemos de processo cognitivo ou de aprendizagem. Não sabemos nada de planejamento ou pesquisa. Por isso nos contentamos em sermos "fazedores" de atividades, das quais as poucas que poderiam ser consideradas como promotoras de leitura são tratadas na superficialidade.

Tavares, em seu comentário, apresentou diversas idéias das quais compartilhamos: primeiro, que nem todas as atividades arroladas pelos funcionários das Bibliotecas Monteiro Lobato “tem vínculo real com o livro ou com a leitura”. Concordamos com a bibliotecária e afirmamos que muitas bibliotecas promovem atividades objetivando ampliar o número de freqüência dos usuários e conseqüentemente dos dados estatísticos, deturpando um dos principais objetivos da biblioteca que é o da formação de leitores. Em segundo lugar, ela faz uma afirmação que tem sido foco de pesquisas acadêmicas, ou seja o distanciamento daqueles que trabalham em uma biblioteca em relação aos textos literários. Portanto, acreditamos que Tavares está correta ao afirmar: “não somos leitores”! E apesar de não termos inquirido os funcionários das Bibliotecas Monteiro Lobato de São Paulo e Salvador

sobre isto, e por parecer enfática em demasia esta afirmação, buscamos respaldo nos textos de dois professores dos Cursos de Biblioteconomia (UEL e UFSC) que afirmaram: [...] “muitos são os bibliotecários que não têm o hábito de leitura” [...] (ALMEIDA JUNIOR, 1997, p.102) e o [...] “baixo interesse pessoal [do bibliotecário] por leitura, não impõe o hábito da utilização de leitura profissional” [...] (SOUZA, 1993, p.99).

O terceiro aspecto, que também partilhamos com Tavares, é a idéia de que “não conhecemos metodologia da leitura”. Esta afirmação porém, não deve ser generalizada, pois os currículos dos Cursos de Biblioteconomia brasileiros, têm sofrido, algumas recentes alterações significativas. Como exemplo, podemos citar o atual currículo da Universidade Estadual de Londrina que incluiu na quarta série, a disciplina “- Literatura e Leitura infanto-juvenil”. Esta disciplina é de periodicidade anual, com uma carga horária de 68 horas e aborda conteúdos como: “A Leitura, natureza e processo; Tipologia do leitor; Prática da leitura, Uso da literatura para a formação do leitor e outros”.

Concordamos também quando Tavares afirma que o bibliotecário e os demais profissionais que atuam na biblioteca infanto-juvenil não têm conhecimento aprofundado do processo cognitivo ou de aprendizagem, em geral. Aproveitando o assunto, perguntamos: será que os funcionários que trabalham neste gênero de biblioteca, têm conhecimento básico da teoria piagetiana, por exemplo? E de outras teorias, como o construtivismo?

Complementando, ela afirma que: “não sabemos de planejamento ou pesquisa”, duas áreas que consideramos complexas e que permeiam o cotidiano do profissional bibliotecário, devendo ser vistas com maior atenção pois, descuidadas, podem contribuir para a proliferação do que Tavares denominou de fazedores de atividades, ou seja tarefeiros. E os tarefeiros só têm tempo de realizar e não de avaliar e refletir sobre o realizado.

Tavares contribui ainda, alertando que mesmo as atividades assinaladas por ela como promotoras de leitura, são tratadas na superficialidade. Este comentário se assemelha ao de Cunha, quando afirma que as atividades arroladas, estão ligadas à leitura de forma “tênue e eventual”.

Enfim, observamos que, ingenuamente, alguns profissionais pensam que estimular a leitura seja apenas estimular a circulação e o empréstimo de livros. A

biblioteca tem de facultar a abertura de espaços para que o lido seja discutido, possibilitando uma troca de idéias entre os leitores sobre os textos, personagens e temáticas de interesse dos mesmos.

### 6.3.6 Roseli Teresa Silva Leme

Leme teve a mesma postura que Patte, não assinalando os itens do questionário, pois acredita que

... tudo depende do projeto de promoção de leitura que temos na biblioteca. Não podendo ser analisado separadamente. Penso que os itens elencados podem ser mais ou menos adequados às atividades de promoção de leitura, desde que considerados a luz do Projeto da Biblioteca ou Instituição.

Outra concordância entre Leme e Patte, é que ambas destacam a importância das atividades serem [...] “parte de um projeto da Biblioteca, cujos objetivos estejam definidos quanto ao assunto formação do leitor”. Além disto, Leme alerta que estas atividades

devem ter planejamento minucioso, observando os critérios: de adequação (faixa etária, programação, público escolar ou não etc.); regularidade (considerar o que se pretende conseguir, níveis de excelência); competência técnica - preparo dos profissionais, que devem estar afinados com o projeto e/ou atividade; entrosamento com o grupo maior (outras instituições); seriedade (respeito ao leitor, em detrimento de preocupações burocráticas); avaliações periódicas; criatividade, invenção, sensibilidade, ousadia.

Com mais ênfase que Tavares, Leme destaca neste texto, a importância do planejamento minucioso das atividades de uma biblioteca, fazendo referência a dois aspectos: objetivos (o que se pretende conseguir) e a necessidade de competência técnica, ou seja, preparo dos profissionais (aprender a ser leitor, conhecer metodologia da leitura, saber os processos cognitivos e de aprendizagem, aprender a planejar e pesquisar).

Quanto ao entrosamento com outras instituições, acreditamos ser um alerta importante, pois uma biblioteca, em especial a infanto-juvenil, necessita estabelecer parcerias, de forma a buscar respaldo em assuntos ligados diretamente à

sua atuação. Podemos citar como exemplo: a Associação de Leitura do Brasil (ALB) e a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), além das universidades.

Leme continua seu comentário, lembrando a importância de se respeitar o leitor em suas necessidades e aspirações. Porém, quando a especialista complementa: “em detrimento de preocupações burocráticas”, parece-nos que ela possa estar fazendo menção aos excessos que comumente ocorrem nas bibliotecas, em geral, um procedimento que na infanto-juvenil em especial, deve ser flexibilizado. Como ilustração, podemos citar a ampliação no prazo de entrega de um livro para um adolescente que irá passar as férias fora da cidade e que não deseja interromper a leitura.

Outro aspecto citado por Leme, que gostaríamos de realçar, é a necessidade do profissional avaliar periodicamente as atividades que desenvolve. Comportamento este que deveria ser rotineiro em uma biblioteca infanto-juvenil, mas que quase sempre não acontece.

Sobre a criatividade, invenção, sensibilidade e ousadia, concordamos com Leme, pois consideramos estas qualidades como essenciais aos profissionais que trabalham em um biblioteca infanto-juvenil, para exercerem uma atuação transformadora.

### **6.3.7 Luiz Percival Leme Britto**

Britto assinala, como promotoras de leitura, as seguintes atividades: apoio a pesquisadores da obra de Monteiro Lobato, apresentação de peças teatrais, atendimento ao público, atividades literárias, banco de textos teatrais, cessão de espaço para ensaio de grupos de teatro, curso primeiros passos para funcionários (Exemplos: leitura, literatura, HQ, globalização cultural, sexualidade...), cursos para bibliotecários, disponibilizar periódicos, empréstimo domiciliar de livros, encontro com escritores ou escritor na biblioteca, exposição biobibliográfica, exposição de periódicos, exposições temáticas (Exemplos: fotos, desenhos, objetos, escultura, pintores, escritores, ecologia...), grupo de teatro, lançamentos de livros, oficina de

pesquisa (como possibilidade de descoberta), oficina de teatro ou curso de teatro, oficina literária (Exemplo: poesia), organização da memória da Biblioteca Monteiro Lobato e do acervo de Monteiro Lobato, orientação a grupos de teatro amador, orientação à pesquisa escolar, orientação na apresentação formal de trabalhos, palestras temáticas, recital de poesias, roda de leitura, sala de leitura e visitas orientadas ou monitoradas de escolas.

Apesar de ter assinalado todos estes itens, Britto comenta que “apenas algumas [não citou] podem mais diretamente funcionar como instrumentos de formação do sujeito, no que diz respeito à sua capacidade de ler e de escrever”.

No entanto, Britto acredita também que, para fazer

[...] de uma biblioteca um espaço de cultura, estudo e lazer à comunidade, em particular às crianças e jovens, todas as atividades arroladas, independentemente de estimularem a leitura ou de contribuírem diretamente para que os usuários desenvolvam suas capacidades de leitura, são pertinentes, desde que haja interesse do público.

O conceito que Britto tem de uma biblioteca, como um espaço cultural, é condizente com a literatura biblioteconômica, porém o tópico a ser aqui discutido é: “todas as atividades arroladas no formulário, levam à leitura?” Entendemos que a resposta de Britto é também permissiva, ou seja, tudo que é realizado em uma biblioteca é válido. Porém, esta não é a nossa opinião, pois há determinadas iniciativas que apenas aproximam o usuário de uma biblioteca, sem possibilitar a ele a convivência com o texto, o livro e a leitura literária. Uma Mostra de Artes, por exemplo, pode trazer para a biblioteca um público diferente daquele costumeiro, porém não significa que uma exposição, por si só, levará à leitura de textos, sem que haja um vínculo com os mesmos. Defendemos que estas ações propiciam um acréscimo cultural e não diretamente um estímulo à leitura.

Ainda sobre este assunto, Britto pondera:

as atividades de animação, entretenimento, etc. são (podem ser) interessantes e eventualmente podem até estimular a leitura de alguns textos. Isso não significa, entretanto, mudança de atitude ou transformação intelectual. Creio que o mais importante não é o gosto de leitura, mas a possibilidade de participação social através da leitura.

Após apresentar, nas páginas anteriores, idéias que denotam as nossas discordâncias em relação as idéias de Britto, gostaríamos de comentar que concordamos com ele, quanto:

- a) não ser uma regra que a leitura de um texto leva o indivíduo a mudar de atitude, e sim uma possibilidade;
- b) a necessidade da leitura ser para o indivíduo, mais que um deleite, para que ele possa, por intermédio da leitura, ampliar sua participação na sociedade.

### **6.3.8 Edmir Perrotti**

Perrotti também optou por não assinalar item algum, justificando que [...] “o modo como a questão está colocada [no questionário] é vago e não permite uma resposta adequada. O modelo toma a atividade cultural como algo solto, sem conexão com um projeto de biblioteca e de leitura”.

Acreditamos que apesar do entrevistado não ter respondido a questão proposta no questionário, ou seja, assinalar no rol de atividades apresentadas pelos funcionários das Bibliotecas Monteiro Lobato de São Paulo e Salvador, aquelas que levam à leitura, ele trouxe uma contribuição a esta pesquisa, pois alerta sobre a necessidade de um projeto de leitura integrado aos demais projetos da biblioteca infanto-juvenil. Idéia que Leme também defende.

### **6.3.9 Maria Alice Oliveira Faria**

Ao analisar as atividades promotoras de leitura, arroladas pelos funcionários das Bibliotecas Monteiro Lobato, Faria inicia argumentando que “... a lista é longa e fica difícil incorporar ou excluir a maioria dos itens”, mas emite sua opinião da seguinte maneira:

1. todas as atividades que tragam as pessoas, adultas ou crianças, para dentro da biblioteca são interessantes;
2. igualmente todas as que levam livros para fora da biblioteca, como o ônibus-biblioteca, leitura pública de livros etc;

3. igualmente todos os cursos, oficinas para professores, bibliotecários, animadores, enfim, pessoas que têm atividades com crianças;
4. acho que o que não vai trazer as crianças à leitura são as atividades acadêmicas, como estudar a obra de Lobato, mesas redondas, palestras, bibliografias.

Dos quatro argumentos apresentados por Faria, o primeiro tratou o assunto de forma generalizada, podendo causar uma interpretação ambígua, pois nem sempre o que é interessante, é pertinente.

No item dois, Faria defende a oferta de serviços de extensão, ou seja aqueles que se propõem a ir até a comunidade, estando ela onde estiver. Porém, se este serviço for apenas um deslocamento do acervo para um outro espaço, sem um vínculo objetivo com o incentivo à leitura, julgamos que dificilmente contribuirá com a formação de leitores.

Quanto ao item três, não parece possível ser avaliado de forma genérica, pois há cursos e/ou oficinas que tratam o assunto de maneira superficial, estimulando os diversos profissionais apenas temporariamente. Lembramos, por exemplo, os cursos denominados de curso de “sensibilização”, que estimulam momentaneamente, porém não formam leitores, de forma extensiva e duradoura.

Sobre o quarto item apresentado por Faria, que se refere a algumas atividades das Bibliotecas Monteiro Lobato de São Paulo e Salvador como sendo atividades acadêmicas para adultos, concordamos; no entanto, a leitura solicitada como tarefa escolar, pode distanciar criança e o adolescente da biblioteca e, conseqüentemente, da leitura literária, porque deixa de ser uma atividade espontânea.

Complementando, Faria comenta que tem observado entre os mediadores de leitura, “... uma espécie de obsessão em reduzir a leitura a textos de literatura [...] em especial os [...] ‘clássicos’, que são para um pequeno público erudito. E que se quer impingir à força para todos os estudantes”. Nesta afirmação, parece-nos que Faria está se referindo às obras que os adolescentes lêem na escola, distantes muitas vezes de suas vivências e que, em geral, são necessárias para a realização de exames vestibulares.

Acrescentamos, ainda, a consideração feita por Faria, no que diz respeito aos suportes não convencionais de leitura. Para ela, a

lista enviada, embora grande, exclui todos os novos suportes de leitura, como cd-rom e leitura nos computadores. Acho que seria uma atração para a biblioteca, se esta pudesse dispor de computadores para ensinar as crianças a lerem na tela todo tipo de texto [...] pois o conceito de **bom leitor**, hoje, se estende para aquela pessoa que pode ler tudo o que lhe interessa no momento. Assim, em primeiro lugar, LER, é saber ler qualquer suporte de texto, das tradicionais palavras, mas também imagens, a mídia em geral (palavras, imagens, oralidade); ler também quadros, mapas, tabelas etc. [...] Vivemos hoje uma cultura da imagem e esta concorre com grande vantagem com o texto escrito. Portanto, excluir a leitura da imagem - uma leitura estética, ou crítica - conforme o caso, é ficar para trás! (grifo da autora)

O panorama apresentado por Faria, é ainda idealizado, pois infelizmente a realidade de nossas bibliotecas públicas, inclusive as infanto-juvenis, não permite às crianças e aos adolescentes o uso da tecnologia citada, visto que esta tecnologia não faz parte do cotidiano da maioria das bibliotecas públicas brasileiras. Pudemos comprovar isto “in loco”, nas Bibliotecas Monteiro Lobato de São Paulo e Salvador.

Também nos respaldamos no último número da “Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação” que avaliou as bibliotecas públicas paulistas em aspectos como: acervo, pessoal, equipamento, mobiliário e outros. Dela, extraímos os seguintes dados:

todas [bibliotecas públicas] estão automatizadas no Sistema Dobis Libis... No caso das BIJ, as 36 bibliotecas estão em processo de informatização. Outra informação importante é que [...] o questionário [utilizado na pesquisa] não privilegiou [...] nenhuma questão sobre a Internet, mas se tem conhecimento de que uma única biblioteca ramal - a de Pinheiros - está totalmente informatizada e já inicia comunicação por meio da Internet (MACEDO, 1999, p.108).

A ausência do computador nas bibliotecas infanto-juvenis, explica a exclusão dos novos suportes de leitura por parte dos funcionários da BIJML e da BIML, inviabilizando o acesso a eles por parte dos seus usuários.

Gostaríamos de lembrar ainda que, após a inserção dos computadores nas bibliotecas, haverá outra etapa a ser vencida, ou seja a instrumentalização dos profissionais que nelas trabalham, para mediar a leitura, tendo como suporte as mais recentes tecnologias. Segundo Faria, [...] “devemos concluir que uma boa biblioteca deve estar aberta para todos esses campos, essas formas de leitura [...] que cada vez mais, ocupam nosso espaço de informação e

fruição”. Entretanto, isto só deverá ocorrer após a inserção de um maior número de computadores nas bibliotecas infanto-juvenis, a capacitação para o uso dos mesmos pelos profissionais que nelas trabalham e a atualização do conceito que, em geral, se tem de leitura.

#### **6.4 Síntese dos Pareceres dos Especialistas**

Como podemos observar, os especialistas apresentaram concordâncias e discordâncias entre si sobre a pertinência e a eficácia das atividades desenvolvidas pelas Bibliotecas Monteiro Lobato de São Paulo e Salvador, no sentido de promover a leitura.

De maneira geral, os especialistas assumiram posturas diversificadas, ora permissivas, ora cautelosas. Alguns, por exemplo, consideraram que a extensa listagem elaborada pelos funcionários das Bibliotecas Monteiro Lobato de São Paulo e Salvador dificultou seu julgamento, alegando que as atividades realizadas por uma biblioteca não podem ser avaliadas de maneira abstrata.

Ainda sobre as atividades arroladas pelos funcionários das bibliotecas pesquisadas, um dos especialistas alerta que elas devem ser realizadas, “desde que haja interesse do público”. Acreditamos que ele esteja se referindo à preocupação que o bibliotecário deve ter em atender as expectativas, preferências e necessidades de seus usuários, a partir do conhecimento que tenha sobre eles, isto é, do seu perfil como leitor.

Porém, outro destacou que todas as atividades são pertinentes, pois a biblioteca é um [...] “espaço de cultura, estudo e lazer” [...]. Em oposição, um deles defendeu, em outras palavras, que são necessários cuidados para que não seja atribuída à biblioteca - e conseqüentemente ao bibliotecário a responsabilidade de [...] “resolver todos os problemas culturais de uma cidade”, assumindo o papel de um “super-herói”. Dessa forma, concordamos com um terceiro especialista quando comenta que na tentativa de programar atividades que promovam a leitura, o bibliotecário e os demais profissionais envolvidos com a biblioteca infanto-juvenil acabam “pulverizando as suas ações e não chegam a lugar nenhum”.

Mais do que com programar, os especialistas demonstraram explicita ou implicitamente sua preocupação com a necessidade de um projeto de biblioteca e de leitura, que estabeleça objetivos, com a finalidade de se ter clareza quanto à direção que se quer para a biblioteca infanto-juvenil, em termos de formação e manutenção de leitores. Destacamos porém, que para serem eficazes, estes projetos, devem ter um caráter contínuo e permanente, respaldados em pesquisas sobre “metodologia da leitura e processo cognitivo ou de aprendizagem”, como afirma uma especialista.

Além disso, outra especialista destacou que, afora o planejamento, ela preocupa-se com a execução das atividades destinadas à promoção da leitura nas bibliotecas infanto-juvenis, pois apenas o planejamento não garante a pertinência e a eficácia das atividades; mais fatores incidem aí.

Outro aspecto apontado, é sobre a importância em se fazer avaliações periódicas das atividades de mediação de leitura que ocorrem nas bibliotecas infanto-juvenis, visando principalmente verificar se as mesmas estão levando ou não à leitura; principalmente, defendeu um especialista, se estamos preocupado com a dimensão social da leitura que, mais do que promover o gosto, deve ser vista como propulsora da participação do indivíduo na sociedade, pois a leitura cada vez mais tende a ser percebida como um instrumento de integração social e cultural.

Sobre os profissionais envolvidos com a leitura em bibliotecas infanto-juvenis, uma especialista atribuiu-lhes quatro qualidades essenciais como: “criatividade, invenção, sensibilidade, ousadia” [...] que, para ela, tendem a contribuir na formação de leitores, visto que a mediação de leitura exige do mediador uma postura dinâmica, que é própria de indivíduos criativos, inventivos, sensíveis e ousados.

Em contrapartida, outro aspecto apontado como contributivo à formação para a leitura, entre as crianças e os adolescentes, é que, para essa faixa etária, o adulto em geral, é um modelo a ser copiado; portanto, os bibliotecários e demais profissionais que trabalham em uma biblioteca infanto-juvenil precisam estar atentos para a influência direta ou indireta que exercem sobre o público infanto-juvenil, pois conforme afirma uma das especialistas: “não somos leitores”! Idéia que compartilhamos (conf. seção 6.3.5).

Esta preocupação é comentada por outros dois especialistas, que defendem a necessidade de capacitação dos profissionais envolvidos com as bibliotecas, para que estejam [...] “afinados com o projeto e /ou atividade [podendo] [...] cooperar com o desenvolvimento e consolidação do gosto pela leitura” [...].

Em uma visão mais atual, uma especialista defendeu que a biblioteca infanto-juvenil deve oportunizar às crianças e aos jovens a leitura das diferentes linguagens e a leitura por meio das novas tecnologias. Meta que as bibliotecas infanto-juvenis, esforcem-se para alcançar, mas os recursos para isto são escassos. Essa é uma realidade lastimável, pois os computadores e conseqüentemente a leitura por meio eletrônicos, estão se tornando cada vez mais presentes (e necessários) na vida dos leitores, fora das bibliotecas.

## **7 O (NÃO) USO DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA PROMOÇÃO DA LEITURA LITERÁRIA PELAS BIBLIOTECAS PESQUISADAS**

Para que as Bibliotecas Monteiro Lobato de São Paulo e Salvador e as demais bibliotecas infanto-juvenis existentes no Brasil não sejam superadas por instituições de vanguarda, comerciais ou não, que venham atender às necessidades e desejos do mesmo público-alvo, são necessárias articulações políticas para a captação de recursos tecnológicos que possam torná-las mais modernas e condizentes com a realidade atual.

No âmbito da leitura literária, foco desta pesquisa, a forma mais utilizada no estímulo à leitura nas Bibliotecas Monteiro Lobato de São Paulo e Salvador, ainda é prioritariamente o impresso e, em especial, o livro; porém, Rosa (1999, p.107) analisa que [...] “diante da sociedade e do mundo em que vivemos, é premente que revisemos muitos conceitos imediatamente. O mais urgente, todavia, seria o conceito de leitura”.

Concordamos com a autora e destacamos que a definição de um novo conceito de leitura, esbarra inicialmente na resistência que os indivíduos (especialmente adultos) têm em mudar do paradigma do papel para o paradigma da tela. Isso deve ser visto como um fato “natural”, principalmente se levarmos em conta que as alterações de hábitos cotidianos não acontecem com a rapidez desejada e a leitura por meio do computador exige, no mínimo, habilidade e destreza no uso

das tecnologias. Sendo inegável a importância atual dessas tecnologias, atribuímos também as bibliotecas infanto-juvenis, o papel de facilitadora do acesso aos serviços eletrônicos.

Acreditamos que essa resistência tende a ser superada, à medida em que se amplia a convivência homem-máquina, diminuindo a distância que os separa. Esse, porém não é o caso da criança e do adolescente, que demonstram o maior interesse e curiosidade em utilizar as tecnologias de informação e comunicação, inicialmente de forma lúdica e depois de forma pragmática.

A necessidade de mudança na postura do leitor e dos mediadores de leitura é defendida por Rösing (1999, p. 168), quando afirma que

configura-se como necessária a inclusão de novos suportes no desenvolvimento da leitura de textos literários processada por crianças, pré-adolescentes, adolescentes, adultos em geral. A experiência com diferentes linguagens determinará o perfil real do leitor atual.

Perfil esse que vem se alterando substancialmente, à medida que um número maior de pessoas está se sentindo cada vez mais atraído pelas novas tecnologias e tendo maior acesso aos computadores, sejam eles pessoais, institucionais ou empresariais.

Sobre esse assunto, Haza (1998, p.79) também opina: [...] “los avances tecnológicos apuntam cambios fundamentales en la manera de comunicarnos y de difundir la información. El mundo digital presenta formas visuales más seductoras de comunicación” [...]. Para muitos, mais sedutores que o livro impresso.

Vale destacar que, na atualidade, pouco importa o formato do livro, importando mais a liberdade de escolha e a facilidade de acesso ao texto que as instituições possam proporcionar. “A era informacional não é inimiga do livro, ela dispõe da tecnologia para universalizá-lo, democratizá-lo” (FREITAG, 2000, p.114). O CD-ROM, por exemplo, também não se opõe ao livro; ele [...] “não pode ser entendido como um meio que poderá afastar leitores potenciais do livro [...] [pois] as novas tecnologias não são inimigas naturais da leitura de livros, ao contrário, podem ser aliadas, se bem usadas” (AQUINO, 1999, p.99).

No Brasil, além de instituições como a UNESP/Marília, onde foi desenvolvido o CD-ROM - O Patinho Feio<sup>7</sup>, algumas empresas estão se preocupando em aproximar as crianças e os adolescentes de textos literários, por meio eletrônico. Entre elas, podemos citar a Companhia Melhoramentos de São Paulo, que produziu: *Flicts*, *O menino maluquinho* e *O pequeno planeta perdido* de (Ziraldo); *Chico Bento em um dia na roça*, *Cebolinha & Floquinho* e *Mônica Dentuça* (Maurício de Souza) e outros mais.

Pela qualidade que esses produtos têm demonstrado e pela aceitação no mercado,

não há como negar ou deter o avanço tecnológico que ora se apresenta, abarcando e modificando igualmente a relação texto/leitor. Isso não quer dizer que a literatura desaparecerá. A forma pela qual a definimos e como estamos acostumados a recebê-la é que hoje se transforma (KLAJN, 1999, p.59).

Estudiosos da área de literatura, em especial de literatura infanto-juvenil, têm estudado na prática a relação leitura-livro-CD-ROM. É o caso de Quevedo (1999, p.80), que trabalhou com crianças de 9 anos a obra “*Caçadas de Pedrinho*” - de Monteiro Lobato, impressa e em CD-ROM, e concluiu: [...] “a tecnologia amplia também as possibilidades de leitura. Tudo que venha a somar-se ao livro poderá ser positivo, desde que estejamos atentos aos diferentes processos que devem desembocar num resultado comum” [...].

Para algumas pessoas, o confronto impresso-eletrônico causa incômodo; porém, é importante destacar que há na literatura relato de experiência com crianças que, após lerem uma obra em CD-ROM, [...] “mostraram curiosidade em ler o livro, talvez como forma de estabelecer uma comparação ou conhecer melhor a história em si, descobrindo, ainda, o prazer de manusear um livro” (BETENCOURT, 1999, p.127).

Assim, as dúvidas sobre a sobrevivência ou não do livro no formato tradicional, que vem gerando polêmica, podem ser dissipadas ou pelo menos minimizadas por idéias como:

---

<sup>7</sup> software multimídia, desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa - Novas Tecnologias em Informação, da Faculdade de Filosofia e Ciências/UNESP – Campus de Marília, no projeto de Informática na Educação, convênio de Cooperação Técnica e Científica entre UNESP e IBM do Brasil Ltda.

[...] a materialidade do livro, nas novas propostas, é substituída pelo “hardware” e pelo “software”. A relação leitor-texto assume uma concretude diferente, pois o objeto livro é substituído por ferramenta a ser manipulada no vídeo, e o ato de folhear as páginas é substituído pelas várias possibilidades que a estrutura hipertextual confere ao conteúdo do texto. Amplia-se o horizonte de expectativas do leitor pelas diferenciadas formas de se “navegar” no âmbito do texto e de sua ciberapresentação (RÖSING, 1999, p.167).

Despreocupada com a polêmica do “fim” do livro impresso, Rosa (1999, p.107-108) comenta que: [...] “muito mais ‘honesto’ do que ficar decretando o fim de certas coisas sem analisar as possibilidades de mudanças das mesmas... [é] trazer os multimeios (sons, imagens, gravuras, ‘slides’, entre outros) para auxiliar a leitura do texto escrito...”. Complementando esta idéia, nos apoiamos em Predebon (1999, p.116-117), quando afirma, [...] “é perfeitamente possível conjugar literatura infantil e multimeios [eles] não superam o livro, mas ambos se completam. Com todo esse avanço, a literatura infantil só tem a ganhar” [...].

E o leitor também; leitor esse que vem sendo denominado de “multileitor” e que na prática tem reagido positivamente ao efetuar leituras em suportes eletrônicos. Como exemplo, podemos citar o Centro de Referência de Literatura e Multimeios – Mundo da Leitura – da Universidade de Passo Fundo no Rio Grande do Sul, em que docentes e discentes, por meio de diversos CDs-ROM têm oportunizado às crianças diferentes modos de leituras.

Betencourt (1999, p.127), por exemplo afirma que: [...] “por experiências realizadas com crianças de sete a dez anos, o CD-ROM [...] despertou o interesse delas, que queriam explorá-lo por inteiro, em razão da música, das vozes, dos sons em geral, dos movimentos, dos jogos, enfim, dos recursos de multimídia”.

Acreditamos que esse é um caminho que tende a ser explorado pelos mediadores de leitura em geral, pois ignorar a pluralidade de linguagens e/ou inovações tecnológicas é, no mínimo, desprezar as novas formas de comunicação.

Sobre a leitura em diferentes suportes, Rosa (1999, p.107) afirma que para ela é difícil imaginar [...] “que o CD-ROM, por exemplo, seja uma ameaça ao livro. As crianças devem buscar coisas diferentes em ambos: no CD o divertimento, o jogo, a imagem em movimento e o som, com os quais podem interagir; no livro, a história”.

Desta idéia, podemos inferir que a autora deposita no CD-ROM a capacidade de atração pela ação e pela interatividade; e no livro, a atração pela história, ou seja, o fomento da imaginação do leitor.

Opinando sobre este assunto, Burlamaque (1999, p.67) comenta que

[...] os CDs-ROM funcionam como mecanismos capazes de incentivar a leitura, uma vez que despertam na criança, através da sua interação com as páginas, as personagens e jogos, a vontade de conhecerem o livro de onde vem a história. [...] O importante é que o CD-ROM desperta o interesse pelo livro e, nessa troca de códigos, o leitor/usuário vai tomando gosto pela fruição da leitura.

Fruição que deve ser entendida no sentido estético, reforçando [...] “a idéia da leitura como um elemento responsável pelo lúdico, pelo prazer, afastando qualquer tendência a mecanizar ou transformar o texto literário em função de alguma outra atividade prática que não esteja fundamentalmente ligada ao estético, à leitura em si” (SILVA, 2001, p.23).

Sem dúvida, a ludicidade e o prazer são a maior atração que um livro (impresso ou eletrônico) pode exercer; em especial, no leitor infanto-juvenil. Portanto, todos os recursos que venham facilitar a aproximação com o texto literário, devem ser utilizados, independentemente do seu suporte.

Assim, além do CD-ROM, gostaríamos de comentar também sobre “Sites” da Internet destinados à crianças e adolescentes, que em geral, são criativos e bem elaborados, exercendo atração sobre esse público por serem ilustrados, coloridos, interativos e divertidos. Porém, após uma busca exaustiva de “home-pages” com conteúdos literários para o público infanto-juvenil, concluímos que a maioria delas não apresenta o texto na íntegra e sim divulgação resumida de obras. Podemos citar como exceção: Olha o olho da menina - Marisa Prado e O menino maluquinho - Ziraldo. É possível encontrar também, dispersas em “sites” pessoais, tiras de histórias em quadrinhos, como: Turma da Mônica, Garfield, Mafalda, Turma do Menino Maluquinho, Turma do Pererê, Mickey e outras.

Portanto [...] “formar leitores de textos literários no contexto da era da imagem e da era da sofisticação tecnológica implica estar aberto à vinculação desses textos a diferentes suportes, utilizando-se linguagens de natureza variada” (RÖSING, 1999, p.166), que estão cada vez mais presentes na vida das crianças e dos adolescentes, apesar de ainda não fazerem parte da realidade das Bibliotecas Monteiro Lobato de São Paulo e Salvador, já que no período em que as entrevistas

foram realizadas, lá não existiam computadores para que o freqüentador pudesse experimentar a leitura no formato eletrônico.

Mesmo sabendo que esse novo panorama é enriquecedor para os leitores, não podemos ser ingênuos e esquecer que a realidade sócio-econômica de nosso país dificulta o acesso da maioria da população aos meios eletrônicos; portanto, é mais elitista que o documento impresso que, por ora, apesar de caro, é acessível à população brasileira, por meio das bibliotecas.

## 8 CONCLUSÕES E SUGESTÕES

Esta pesquisa, desde a sua gênese, pretendeu focar um gênero de biblioteca que tem estado afastado das discussões biblioteconômicas, pelo menos no Brasil. O Sistema de Bibliotecas Públicas, subordinado à Fundação Biblioteca Nacional, não tem um cadastro de bibliotecas públicas infanto-juvenis, o que exemplifica o esquecimento pelo qual ela tem passado.

Depois dessa constatação, encontramos algumas respostas para indagações que nos inquietavam, por intermédio da literatura pertinente, da documentação das Bibliotecas Monteiro Lobato de São Paulo e Salvador, dos dados coletados nas entrevistas e dos comentários dos especialistas em leitura e em bibliotecas infanto-juvenis. Isto não impediu porém, que outras questões surgissem, merecendo serem investigadas futuramente.

Buscando concluir sobre as atividades desenvolvidas pelas BIJML e BIML, entendemos ser necessário retornar às questões norteadoras deste trabalho: “1) Quais são realmente as ações destinadas à promoção de leitura?” 2) “Qual é a prática dos bibliotecários das bibliotecas públicas infanto-juvenis neste sentido?” 3) “Os bibliotecários das bibliotecas públicas infanto-juvenis têm priorizado esta questão?”.

Após termos reflexionado sobre a primeira questão (“Quais são realmente as ações destinadas à promoção de leitura?”), concluímos que a maioria dos profissionais (inclusive bibliotecários) que trabalham nas bibliotecas pesquisadas não têm clareza sobre quais atividades levam à leitura, mostrando contradições e insegurança no momento de destacar, do rol de atividades lá desenvolvidas, aquelas que poderiam realmente levar à leitura. Em consequência disto, grande parte dos funcionários tendem à permissividade na ação; por exemplo, na listagem de atividades declaradas pela BIJML, os funcionários citaram: futebol na praça, atendimento pelo telefone, show de música, orientação para pesquisa escolar. Na listagem da BIML, os funcionários citaram: doação de figuras/ilustração para trabalhos escolares, visitas das escolas e orientação à pesquisa. Entendemos porém,

que atividades como estas não contribuem para a formação de um público leitor, embora possam ter outros atrativos para ele.

Julgamos também que algumas atividades citadas em pequena incidência podem aproximar mais diretamente a criança e o adolescente do texto escrito ou oralizado. Por exemplo: oficina literária, roda de leitura, conto dramatizado, encontro com escritores, lançamento de livros, oficina de leitura, recital de poesias, troca-troca de gibis e discussão com os pais sobre leitura, que poderiam ser incrementadas.

Destacamos ainda que, apesar da distância geográfica existente entre São Paulo e Salvador e da listagem de atividades declaradas pelos funcionários da BIJML conter um número maior de itens, ela não difere, em sua essência, quanto às atividades que foram declaradas pelos funcionários da BIML; portanto, a prática diária dos bibliotecários das bibliotecas pesquisadas não apresenta inovações significativas. Talvez por falta de embasamento teórico ou de capacitação específica. Assim respondemos a segunda questão, ou seja: “Qual é a prática dos bibliotecários das bibliotecas públicas infanto-juvenis neste sentido?”.

Sobre a terceira indagação (“Os bibliotecários das bibliotecas públicas infanto-juvenis têm priorizado esta questão?”), concluímos que eles não têm priorizado a questão da leitura pois:

- a) as atividades diretamente ligadas ao texto literário (escrito ou oralizado) não estão incluídas entre as atividades mais realizadas pelas bibliotecas pesquisadas, com exceção da Hora do Conto;
- b) a Hora do Conto, apesar de ser apontada em 1º lugar como a atividade que leva à leitura, é realizada apenas semanalmente nas Bibliotecas Monteiro Lobato, de São Paulo e Salvador, e não diariamente, como seria o ideal, pois em geral o público de uma biblioteca infanto-juvenil se renova constantemente e todos precisam ser atingidos pela atividade, na condição de público-alvo;
- c) a listagem de atividades desenvolvidas pelas Bibliotecas Monteiro Lobato, de São Paulo e Salvador, é grande; porém, o número de atividades com vínculo claro e direto com a leitura é proporcionalmente pequeno.

Aqui, reiteramos a nossa opinião: os profissionais que trabalham nas Bibliotecas Monteiro Lobato de São Paulo e Salvador não estão seguros sobre quais

atividades realmente levam à leitura, talvez por não terem a percepção de que a ausência de um projeto permanente de estímulo à leitura pode ser danosa a comunidade que atende.

Além das questões norteadoras, outros assuntos emergiram e foram objeto de reflexões: sobre os serviços de extensão, concluímos que são deficitários, pois os funcionários da BIJM apontam apenas a existência do ônibus-biblioteca e da sala de leitura. Entretanto, acreditamos que os depoentes se referem a este último item como sendo o espaço para leitura dentro da Biblioteca e não fora dela; neste caso, não pode ser incluída em serviço de extensão. Os funcionários da BIML não fizeram referência a este gênero de serviço; para confirmar a inexistência do mesmo, consultamos a relação de bibliotecas subordinadas à Diretoria de Bibliotecas Públicas de Salvador e detectamos que há uma Biblioteca Móvel, porém não é ligada a BIML. Lamentamos a carência destes serviços, em especial porque as bibliotecas pesquisadas se localizam em capitais com grande índice de violência, e as crianças ficam na dependência de adultos para acompanhá-las até a Biblioteca; sugerimos tais serviços, portanto, para suprirem a inexistência de bibliotecas nos bairros e na zona rural.

Outra conclusão a que chegamos é quanto à dificuldade que as diretoras das bibliotecas pesquisadas encontram para que o público desvincule o conceito de que as bibliotecas infanto-juvenis não são uma extensão da escola e sim um espaço cultural, que possa ser freqüentado por um público espontâneo, aqui entendido como aquele que se dirige a biblioteca sem que tenha a preocupação do cumprimento de tarefas escolares. Este esforço em criar um público espontâneo é uma tarefa árdua, principalmente porque não podemos deixar de reconhecer que a assídua freqüência às bibliotecas infanto-juvenis ainda não faz parte do cotidiano das crianças e dos adolescentes; para tanto, sugerimos que sejam realizadas atividades diversificadas, dentro de um espírito dinâmico e atual e que venham ao encontro das necessidades e anseios desse público específico.

Um dos fatores que podem influenciar na aproximação do público infanto-juvenil com a biblioteca é a aparência física da mesma, pois isto interfere na construção do significado que a criança e o adolescente farão do edifício da biblioteca e conseqüentemente dela, como instituição cultural, ligada positivamente ao imaginário de quem a freqüenta.

Além do edifício, a organização interna de uma biblioteca pode ou não provocar uma sensação agradável no seu freqüentador. No caso das Bibliotecas Monteiro Lobato de São Paulo e Salvador, pelas respostas dos funcionários, ambas despertam uma impressão positiva em seus usuários. No entanto, observamos também que, apesar das crianças e dos jovens circularem livremente nos espaços das Bibliotecas, as Salas de Pesquisa demonstraram ser locais cerceadores. Na BIJML, por exemplo, alguns funcionários encontravam-se atrás de uma escrivaninha, sentados próximos à porta. Isto, à primeira vista (e a primeira impressão é mais marcante), nos deu a sensação de que os mesmos eram “guardiões” do acervo e que só a eles deveria ser solicitado o material de pesquisa. No entanto, acreditamos que a situação hoje pode ter sido alterada, porque na semana em que estivemos entrevistando os funcionários, o setor estava sendo reestruturado.

No caso da BIML, acreditamos que o fato dos funcionários serem avaliados e premiados pelo atendimento aos usuários (conf. seção 6.1.2.4), e as crianças e os adolescentes receberem em mãos, o material a ser utilizado, acaba por cercear a liberdade do público infante-juvenil, o qual deve, gradativamente, aprender a suprir as próprias necessidades de informação, apesar da assessoria disponível nas bibliotecas em questão. Diante deste panorama, podemos concluir que é necessário ao público infante-juvenil maior liberdade no desenvolvimento de suas pesquisas, principalmente porque ela ainda não é, para a grande maioria, uma atividade prazerosa. Concluímos também que o trabalho de educação de usuário é deficiente em ambas as bibliotecas e para tanto sugerimos, não só a orientação individualizada, mas também a utilização, por exemplo de softwares educativos, criados especialmente para a aprendizagem do uso de bibliotecas.

Consideramos, ainda, que as bibliotecas pesquisadas são omissas no atendimento às crianças e adolescentes com necessidades especiais; por exemplo, elas não tinham, à época da pesquisa, uma seção de material em Braille. Dentre as atividades arroladas pelos funcionários e diretoras não houve uma referência, sequer, a este gênero de serviço ou direcionado a qualquer tipo de deficiência.

Avaliando a formação dos profissionais que atuam nas bibliotecas pesquisadas, constatamos que ambas as diretoras são bibliotecárias, sendo que a da BIJML efetuou o Curso de Especialização em Sistema de Informação e Educação. No caso dos demais funcionários com formação superior, sugerimos, se possível, que os

mesmos freqüentem cursos de especialização; para que tenham condições de oferecer melhores produtos/serviços ao público alvo e desenvolver atividades mais adequadas e criativas. Quanto aos funcionários que não freqüentaram um curso superior, é necessário que sejam estimulados a fazê-lo. Esta recomendação se deve ao fato de acreditarmos que assim, os funcionários estarão melhor preparados para atender às especificidades do público infanto-juvenil.

Analisando a educação contínua dos funcionários, entendemos que deva ser uma ação priorizada, pois a maioria dos funcionários da BIJML e BIML afirmou não ter recebido treinamento específico para iniciar as suas funções nestas Bibliotecas. Além disso, nos eventos que freqüentaram, em 1998 e 1999, o tema não foi voltado para as bibliotecas infanto-juvenis, os quais esta dissertação mostrou serem escassos no Brasil. Essa escassez levou-nos a reivindicar, no “8º Encontro do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas”, realizado no XIX Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (Porto Alegre - 2000), um espaço para discussão sobre este gênero de biblioteca, em evento a ser realizado em 2001, no Rio de Janeiro, pela Fundação Biblioteca Nacional. Essa iniciativa se baseia na expectativa de que o quadro das bibliotecas infanto-juvenis brasileiras possa ser modificado.

Além disso, é necessário a implantação de grupos de estudos nas bibliotecas infanto-juvenis com a participação da comunidade, de maneira a provocar discussões sobre temas relacionados às crianças e aos adolescentes, abrangendo áreas como: literatura, psicologia, pedagogia, arte-educação e outras.

Quanto ao acervo, não o avaliamos em profundidade, visto que este não era o escopo do nosso trabalho, mas as respostas emitidas pelos funcionários permitem-nos concluir que é necessário ser feito um trabalho no sentido de assegurar verbas e rubricas orçamentárias dos órgãos a que as bibliotecas estão subordinadas, para que os acervos sejam atualizados. Nesse sentido, sugerimos o desenvolvimento de diferentes estudos sobre a constituição e a avaliação de acervos das bibliotecas infanto-juvenis brasileiras.

Concluimos que a divulgação por meio da Agenda Cultural da Secretaria de Cultura, citada com destaque em ambas as Bibliotecas, é ineficaz, pois para que ela exerça atração sobre as crianças e os jovens, é necessário que se utilizem recursos e linguagens adequadas a estas faixas etárias, o que não acontece no presente. Assim sugerimos, por exemplo, que se façam parcerias com bancas de

revistas, supermercados, cinemas, escolas e demais espaços freqüentados por este público, com vistas à inserção de propaganda destas bibliotecas em âmbito ampliado.

Sobre os produtos de informação idealizados pelas bibliotecas pesquisadas, avaliamos que a bibliografia (maior incidência da BIJML), dependendo da forma utilizada, pode não ser um produto destinado ao público infanto-juvenil e sim aos educadores, pesquisadores e outros. E o folheto (maior incidência da BIML), se bem planejado, pode divulgar positivamente com maior eficácia a imagem da biblioteca. Avaliamos que este é o caso da BIML, pois o folheto que coletamos no momento da pesquisa, apresenta formato, papel, texto e ilustrações de qualidade. Porém, no momento de planejar o folheto promocional de uma biblioteca infanto-juvenil, acreditamos que os profissionais responsáveis, necessitam recorrer à área de marketing e propaganda, buscando respaldo sobre itens como: linguagem (textual e imagética), utilização de cores, formato, tamanho e demais requisitos que sejam atraentes às crianças e aos jovens.

Gostaríamos de destacar que, além do público infanto-juvenil, na atualidade, as bibliotecas pesquisadas vêm atendendo também os adultos, que normalmente acorrem a elas para se atualizarem, em especial pela leitura de jornais diários. Destacamos ainda que a literatura da área de biblioteconomia aponta isto como uma tendência natural, principalmente nos casos das bibliotecas públicas infanto-juvenis instaladas em bairros, em que os familiares (em especial os avós) acompanham as crianças; portanto, ao resgatar a definição de Tavares (conf. seção 3.1), poderíamos complementá-la da seguinte forma: a biblioteca pública infanto-juvenil é [...] “um centro cultural-recreativo de alta significação na vida da cidade, já que se propõe a ajudar à formação intelectual das crianças e dos jovens” [...] funcionando também como espaço de informação e lazer para os adultos que acompanham os seus filhos e netos. Isso já ocorre na BIJML, pois ali está instalado um dos grupos pertencentes ao Núcleo do Idoso da Prefeitura Municipal de São Paulo.

Quanto a BIML, os funcionários não indicaram a existência, nesta Biblioteca, de algum Grupo da Terceira Idade, porém a diretora, manifestou a preocupação em integrar os familiares das crianças e adolescentes que freqüentam a Biblioteca, quando afirma pretender resgatar um antigo projeto em que se reuniam avós da comunidade para contar histórias. Desta forma, podemos concluir que a

tendência é que as bibliotecas infanto-juvenis criem grupos da terceira idade em suas instalações, situação que consideramos positiva. Sobre isso, sugerimos que sejam desenvolvidos projetos como: “Entrevistas com pioneiros”, “Vovó e vovô contam histórias”, “O passado de minha cidade” e outros; objetivando integrar as diferentes gerações.

Concluimos ainda, pelas respostas obtidas nas entrevistas, que em ambas as bibliotecas, os funcionários se preocupam e almejam diminuir a defasagem tecnológica existente; portanto, estas bibliotecas, por intermédio das prefeituras a que estão subordinadas ou por meio de parcerias com a iniciativa privada, precisam provocar um processo de modernização de seus recursos tecnológicos, para que possam otimizar o uso de seus acervos e ampliação dos produtos/serviços e atividades oferecidos, principalmente se observarmos que a Rede Internet tem estado cada vez mais presente na vida dos cidadãos, exigindo que este recurso esteja disponível nas bibliotecas e que sejam amplamente utilizadas.

Finalmente, lembramos que o engajamento em defesa da biblioteca infanto-juvenil tornou-se uma tarefa emergencial pois, na atualidade, carecemos de “lugares de infância”, para que possamos contribuir para a formação de leitores, respeitando o seu imaginário e a sua ludicidade.

Da mesma forma, acreditamos que seja necessário um posicionamento mais decisivo por parte dos bibliotecários que trabalham nesse gênero de biblioteca, resistindo à “desmontagem da infância” (conf. seção 3.3.3), por intermédio do seu fazer profissional consciente e competente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABANDONO da palavra pode custar caro. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 30 jun.1996. Caderno Especial, p. D3.

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1989. (Série Pensamento e Ação no Magistério, 7).

ACERCA del CERLALC. Disponível em: <<http://www.cerlalc.com/acerca.htm>>. Acesso em 18 mar. 2000.

AGITANÇA. **Lazzulys Press**, São Paulo, out.1992. p.9.

ALMANAQUE Abril. São Paulo: Ed. Abril, 1998.

ALMEIDA, Rita de Cassia. **COLE - CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL: levantamento...** 1997. 263f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 1997.

ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo Francisco de. **Avaliação de serviços desenvolvidos no serviço de referência e informação em bibliotecas públicas.** 1999. 305f. Tese (Doutorado) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

\_\_\_\_\_. **Sociedade e biblioteconomia.** São Paulo: Polis: APB, 1997. (Coleção Palavra Chave, 7).

ALVES, Janete Maria Rosinki (Coord.) **Programa de necessidades para a biblioteca pública municipal infantil de Londrina.** Londrina: Conselho Municipal de Cultura, 1989. Datilografado.

ALVES, Luiz Antônio *apud* PANET, Carmem de Farias. **Implantação e funcionamento de bibliotecas infanto-juvenis.** João Pessoa: UFPB, 1988.

ANDRADE, Diva; VERGUEIRO, Waldomiro. **Aquisição de materiais de informação.** Brasília: Briquet de Lemos, 1996.

ANTUNES, Walda de Andrade; CAVALCANTI, Gildete de Albuquerque. **Manual de treinamento de pessoal responsável por biblioteca pública.** [Brasília]: INL, 1989.

AQUINO, Ivânia Campigotto. Vinícius de Moraes navegando em outra Arca de Noé. In: RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker (Org.). **Do livro ao CD-ROM: novas navegações.** Passo Fundo: EDIUPF, 1999. p.83-100.

ARAIUM, Cíntia. Variedades cria "ratos" de biblioteca. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 6 nov.1997. p.Z6.

ARAÚJO, Celso Arnaldo. Monteiro Lobato: o homem que acordou o Brasil. **Revista Manchete**, São Paulo, [198-]. Encarte Especial.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família.** 2.ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

ARROYO, Miguel Gonzalez. O significado da infância. **Criança**, Brasília, n.28, p.17-21, 1995.

ÁVILA, Affonso; GONTIJO, João Marcos Machado; MACHADO, Reinaldo Guedes **Barroco mineiro: glossário de arquitetura e ornamentação.** [São Paulo]: Fundação João Ribeiro: Fundação Roberto Marinho: Companhia Editora Nacional, 1980.

AVILÉS, Paloma Fernández de **Servicios públicos de lectura para niños y jóvenes**. Gijón (Asturias): Ediciones TREA, 1998.

AZEVEDO, Carmem Lúcia de; CAMARGOS, Marcia; SACCHETTA, Vladimir. **Monteiro Lobato: furação na botocúndia**. São Paulo: SENAC/SP, 1997.

AZPEITIA, Lilian Daumas. Padrões de acervo do Departamento de Bibliotecas Infante-Juvenis. São Paulo, 2000. Carta resposta.

BALLESTEROS, Elena Gómez-Villalba. Animación a la lectura: desde el juego a la comprensión. In: CERILLO, Pedro C.; PADRINO, Jaime García. (Coords.). **Habitos lectores y animación a la lectura**. Cuenca: Universidad de Castilla-La Mancha, 1996.

BARROS, Maria Helena Toledo Costa de. **Leitura do adolescente: uma interpretação pelas bibliotecas públicas do Estado de São Paulo - pesquisa trienal**. Marília: UNESP, 1995.

BARTHES, Roland. **Fragments de um discurso amoroso**. 11.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

BELLUZZO, Regina Célia Baptista **Da capacitação de recursos humanos à gestão da qualidade e bibliotecas universitárias: paradigma teórico-prático para ambiente de serviço de referência e informação**. 1995. 259f. Tese (Doutorado) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

BETENCOURT, Maria Fátima Ávila. Lendo Ruth Rocha no papel e na tela. In: RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker (Org.). **Do livro ao CD-ROM: novas navegações**. Passo Fundo: EDIUPF, 1999. p.119-128.

BIBLIOTECA INFANTIL CARLOS ALBERTO. Disponível em: <<http://www.bpirj.com.br/bpirj/cacy-bica.htm>>. Acesso: 8 mar. 2000a.

BIBLIOTECA INFANTIL MONTEIRO LOBATO. **História da BIML**. Salvador, [199-]a. Documento datilografado.

BIBLIOTECA INFANTIL MONTEIRO LOBATO. **Histórico**. São Paulo: [19--]. Documento datilografado.

BIBLIOTECA INFANTIL MONTEIRO LOBATO. **Informações básicas**. Salvador, [199-]b. Documento datilografado.

BIBLIOTECA INFANTO-JUVENIL MONTEIRO LOBATO. Disponível em: <<http://lobato.com.br/fr-biblioteca.htm>>. Acesso em: 11 jun. 2000b.

\_\_\_\_\_. **Folder de divulgação**. São Paulo: BIJML, 1996.

BIOBIBLIOGRAFIA da patrona da Biblioteca Infanto-juvenil de Vila Nova Manchester. São Paulo: Biblioteca Infanto-Juvenil Lenyra Fraccaroli, [199-]. Documento datilografado.

BORDINI, Maria da Glória ; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

BRANDÃO, Ana Lúcia. A literatura infantil dos anos 80. In: SERRA, Elizabeth D'Angelo. **30 anos de literatura para crianças e jovens: algumas leituras.** Campinas: Mercado de Letras, 1998.

BRASIL. Ministério da Cultura. **Programas e atividades: livro e leitura.** Disponível em: <<http://www.minc.gov.br/>>. Acesso em: 11 fev. 2000.

BRASIL. Ministério de Cultura. Fundação Biblioteca Nacional. Departamento Nacional do Livro. **A biblioteca pública: administração, organização, serviços.** Rio de Janeiro: FBN/MC, 1995.

BRASIL. Ministério da Cultura. Secretaria de Políticas Culturais. **Manual de orientação.** Brasília: MinC, 1997a.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais.** Brasília: MEC/SEF, 1997b. vol.8.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Departamento de Política da Educação Fundamental. Coordenação de Orientação à Formação de Professores. **Projeto Pró-Leitura na formação do Professor.** Brasília: MEC/SEF, 1996.

BRASLAUSKAS, Ligia. Biblioteca e praça agradam moradores. **Higinews,** São Paulo, 01/08 jun.1997.

BRITTO, Luiz Percival Leme. **Máximas impertinentes.** In: PRADO, Jason; CONDINI, Paulo. **A formação do leitor: pontos de vista.** Rio de Janeiro: Argus, 1999.

BRODSKY, Joseph *apud* ABANDONO da palavra pode custar caro. **O Estado de São Paulo,** São Paulo, 30 jun.1996. Caderno Especial, p. D3.

BUONOCORE, Domingo. **Diccionario de bibliotecologia.** 2.ed. Buenos Aires: Ediciones Marymar, 1976.

BURLAMAQUE, Fabiane Verardi. As renações de narizinho em novo tecido. In: RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker (Org.). **Do livro ao CD-ROM: novas navegações.** Passo Fundo: EDIUPF, 1999. p.61-67.

CATTANI, Maria Izabel; AGUIAR, Vera Teixeira de. *Leitura no 1º grau: a proposta dos currículos*. In: ZILBERMAN, Regina. **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

CAVALHEIRO, Edgard **Monteiro Lobato: vida e obra**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.

COELHO, José Teixeira. **Dicionário crítico e política cultural: cultura e imaginário**. 2.ed. São Paulo: Fapesp/Iluminuras, 1999.

COELHO, Nelly Novaes. **A literatura infantil: história...** 2.ed. São Paulo: Quíron, 1982.

COSTA E SILVA, Maria do Carmo. BPIJBH - serviço de extensão cultural e editoração. **Releitura**, Belo Horizonte, n.6, p.16-18, out./nov./dez.1994.

COSTA E SILVA, Maria do Carmo; MAGGI, Maria do Carmo Santos; LOPES, Orliza Lima. *Administração institucional: a experiência de administrar a BPIJBH*. **Releitura**, Belo Horizonte, n.6, p.6-9, out./nov./dez.1994.

CRUZ, Domingo Gonzalez. **A história de Maria Mazzetti**. Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa: Ministério da Cultura, 1994.

CUNHA, Maria Antonieta. *Biblioteca infantil*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 10., 1979, Curitiba. **Anais...** Curitiba: ABP, 1980. p.929-931. 3v., v.3.

CUNHA, Maria Antonieta *apud* COSTA E SILVA, Maria do Carmo; MAGGI, Maria do Carmo Santos; LOPES, Orliza Lima. *Administração institucional: a experiência de administrar a BPIJBH*. **Releitura**, Belo Horizonte, n.6, p.6-9, out./nov./dez.1994.

DANTAS, Paulo (Org.). **Vozes do tempo de Lobato**. [São Paulo]: Traço, 1982.

DE FIORE, Ottaviano. *A formação do leitor, uma tarefa*. In: PRADO, Jason; CONDINI, Paulo (Org.) **A formação do leitor: pontos de vista**. Rio de Janeiro: Argus, 1999. p. 117-127.

DIMENSTEIN, Gilberto. **O cidadão de papel: a infância, a adolescência e os...** 14.ed. São Paulo: Ática, 1998.

DURO, Yvette Zietlow. *Dimensão atual da biblioteca infanto-juvenil*. **Revista Brasileira Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v.12, n.3/4, p. 211-222, jul./dez.1979.

EBY, Frederick. **História da educação moderna: teoria, organização e práticas educacionais**. 2.ed. Porto Alegre: Ed. Globo, 1976.

ENCICLOPÉDIA Barsa. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica do Brasil, 1992. v.14, p.80.

ESPAÑA. Ministério de Cultura. **Prototipo de bibliotecas públicas**. Madrid: Ministério de Cultura, 1995. (Infraestructura culturales).

FARINA, Modesto. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. São Paulo: Edgard Blücher, 1982.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS [FIAB]. **Normas para bibliotecas públicas**. São Paulo: Quiron; Brasília: INL, 1976.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FIGUEIREDO, Lenita Miranda de. Quem não lê não conhece os caminhos da vida. **Folha da Tarde**, São Paulo, 26 dez.1977. p.10.

FIGUEIREDO, Nice. Marketing e serviços e produtos de informação; segundo a visão do Prof. Reiko Saracevic. In: ENCONTRO NACIONAL DE INFORMAÇÃO E DOCUMENTAÇÃO JURÍDICA, 2., 1986, Brasília. **Anais...** Brasília: ABDF/IBICT, 1986.

FONSECA, Edson Nery da. **Introdução à biblioteconomia**. São Paulo: Pioneira, 1992.

FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FRACCAROLI, Lenyra Camargo. **Bibliotecas infantis**. São Paulo: s.n., 1982a. Documento datilografado.

\_\_\_\_\_. **Regulamento do recanto de leitura e lazer**. São Paulo: s.n., 1982b. Documento datilografado.

FREITAG, Barbara. Era informacional e uso do livro. In: O LUGAR do livro hoje. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n.142, p. 103-116, jul./set. 2000.

FREITAS, Joseania Miranda. **A história da Biblioteca Infantil Monteiro Lobato: entrelaçamento de personagens e instituição**. 1999. Projeto de Pesquisa (Qualificação de Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1999.

FREITAS, Maria Ester. Contexto social: o mundo do trabalho, a família e os “eternos” adolescentes. **RAE Ligth**, São Paulo, v.5, n.2, p.2-6, [1996].

FUNDAÇÃO CULTURAL DO ESTADO DA BAHIA. **Estatuto**. Salvador, [199-].

FUNDAÇÃO Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Disponível em: <<http://www.fnlij.org.br/>>. Acesso em: 11 fev. 2000.

GADOTTI, Moacir. **História das idéias pedagógicas**. 7.ed. São Paulo: Ática, 1999.

GRACIOTTI, Mário. Lobato como editor. In: DANTAS, Paulo (Org.). **Vozes do tempo de Lobato**. [São Paulo]: Traço, 1982.

HAZA, Maria Trinidad Román. Em torno a la conducta lectora. In: CENTRO UNIVERISTARIO DE INVESTIGACIONES BIBLIOTECOLÓGICAS. **La información en el inicio de la era electrónica**: información, sociedad y tecnología. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1998. p.78-93, v.2. (Serie monografía, 25)

INTERNATIONAL BOARD ON BOOKS FOR YOUNG PEOPLE. **What is IBBY?** Disponível em: <<http://www.ibby.org>>. Acesso em: 27 mar. 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA [IBGE]. Secretaria de Planejamento e Coordenação da Presidência da República. **Anuário estatístico do Brasil**: 1987. Rio de Janeiro, 1988. v.48, p.699-703.

\_\_\_\_\_. **Contagem da população**: Salvador. Rio de Janeiro, [s.n], 1997.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

JIMÉNEZ, Santiago Yubero. Animación a la lectura en diversos contextos. In: CERRILLO, Pedro C.; PADRINO, J.G. **Hábitos lectores y animación a la lectura**. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla, 1996.

JOSÉ, Elias. Minando o terreno. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 8., 1991, Campinas. **Anais...** Campinas: Unicamp, 1992a. p.201-204.

\_\_\_\_\_. Originalidade versus qualidade literária. **Releitura**, Belo Horizonte, n.2, p.4-5, jan./fev. mar. 1992b.

KLAJN, Elisa Maria. Monteiro Lobato: texto e renovação. In: RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker (Org.). **Do livro ao CD-ROM**: novas navegações. Passo Fundo: EDIUPF, 1999. p.47-60.

KOTLER, Philip; ARMSTRONG, Gary. **Administração de marketing**: análise, planejamento. 2.ed. São Paulo, Atlas, 1993a.

\_\_\_\_\_. **Princípios de marketing**. Rio de Janeiro: Prentice-Hall do Brasil, 1993b.

KUPSTAS, Márcia. **Monteiro Lobato**. São Paulo: Ática, 1988.

LAJOLO, Marisa. Infância de papel e tinta. In: FREITAS, Marcos Cezar de (Org.). **História social da infância no Brasil**. São Paulo: Cortez: USF/IFAN, 1997.

\_\_\_\_\_. **Monteiro Lobato**: a modernidade do contra. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Coleção encontro radical, n.72).

LAMBERTS, Roberto; DUTRA, Luciano; PEREIRA, Fernando Oscar Ruttkay  
**Eficiência energética na arquitetura.** São Paulo: PW Editores, 1997.

LASSO DE LA VEGA, Javier. **Manual de Biblioteconomia:** organizacion, tecnica y científica de las bibliotecas. Madrid: Editorial Mayfe, 1952.

LAURITO, Ilka Brunhilde. Lobato, bonecas e meninas. In: DANTAS, Paulo (Org.).  
**Vozes do tempo de Lobato.** [São Paulo]: Traço, 1982.

LEITE, Miriam L. Moreira. A infância no século XIX segundo memórias e livros de viagem. In: FREITAS, Marcos Cezar de (Org.) **História social da infância no Brasil.** São Paulo: Cortez:USF/IFAN, 1997.

LEITURA de Geneviève Patte. **Notícias da FNLIJ,** Rio de Janeiro, v.11, n.8, p.4, ago.1989.

LEME, Roseli Teresa Silva. As cores e a comunicação visual na biblioteca infanto-juvenil. In: ASSEMBLÉIA DAS COMISSÕES PERMANENTES, 4., 1978, São Paulo.  
**Anais...** São Paulo: FEBAB, 1978. p.343-364.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública:** a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 1992.

LIMA, Regina Célia Montenegro de. Marketing de produtos de informação.  
**Ciência da Informação,** Brasília, v.23, n.3, p. 373-376, set./dez. 1994.

LITTON, Gaston. **Bibliotecas infantiles.** Buenos Aires: Bowker Editores Argentina, 1973.

LOBATO, Monteiro. **Barca de Gleyre:** 40 anos de correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944.

\_\_\_\_\_. **Obras infantis completa:** edição centenária: 1882-1982. São Paulo: Brasiliense, 1982.

LOBO, Luiz. **Os novos direitos da criança.** [Rio de Janeiro]: SESC, [199-].

MACEDO, Neusa Dias de. Bibliotecas públicas paulistas: análise de um survey.  
**Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação,** São Paulo, v.1, n.1, p.104-118, 1º semestre 1999.

MACEDO, Neusa Dias de; SIQUEIRA, Idméia Semeghini Próspero. Das diretrizes para bibliotecas à "declaração de princípios da biblioteca pública brasileira": comunicação. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação,** São Paulo, v.25, n.3/4, p.69-78, jul./dez.1992.

MACHADO, Ana Maria. **Contracorrente:** conversas sobre leitura e política. São Paulo: Ática, 1999.

MANACORDA, Maria Alighiero. **História da educação:** da antiguidade aos nossos dias. 3.ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1992.

MANGUEL, Alberto. *apud* MENAI, Tania. Ler é poder. **Veja**, São Paulo, v.32, n.27, p.11-15, 7 jul.1999.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa:** planejamento e execução... São Paulo: Atlas, 1982.

MARTINEZ, Marina Quintanilha. Cumplicidade com a criança e sua leitura de mundo. **Releitura**, Belo Horizonte, n.2, p.4-5, jan./fev./mar. 1992.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura.** São Paulo: Brasiliense, 1983.

MARTINS, M.J. de; RIBEIRO, M.L.G. **Serviço de referência e assistência aos leitores.** Porto Alegre: Ed. URGs, 1979.

MATTOSO, Katia de Queirós. *apud* LEITE, Miriam L. Moreira. A infância no século XIX segundo memórias e livros de viagem. In: FREITAS, Marcos Cezar de (Org.) **História social da infância no Brasil.** São Paulo: Cortez:USF/IFAN, 1997.

MELLO, Sérgio Bandeira de. Muita energia no ano 2000. **Leia Brasil**, Rio de Janeiro, v.1, n.2, p.1-8, dez.1999.

MENAI, Tania. Ler é poder. **Veja**, São Paulo, v.32, n.27, p.11-15, 7 jul.1999.

MILANESI, Luis. Leitura para informação e conhecimento. In: ENCONTRO PARANAENSE DE LEITURA E LITERATURA, 2., 1985, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Biblioteca Pública do Paraná, 1985. p.17-31.

\_\_\_\_\_. **A casa da invenção.** 3.ed. São Caetano do Sul: Ateliê Editorial, 1997.

MONTEIRO Lobato: o pai de "Emília". Salvador: Biblioteca Infantil Monteiro Lobato, 1960.

MORAES, Maria Lygia Quartim de. Infância e cidadania. **Caderno de Pesquisa**, São Paulo, n.91, p.23-30, nov.1994.

MORAIS, José. **A arte de ler.** São Paulo: Ed.UNESP, 1996.

MÜLLER, Elsa. Bibliotecas infantis. **Boletim Bibl. EUBCA**, Montevideo, n.14, p.7-14, 1978.

MURALHA, Sidônio. **Um personagem chamado Pedrinho.** 4.ed. Rio de Janeiro: Nórdica, 1970.

NASTRI, Rosemeire Marino. Alguns aspectos da leitura. **Cadernos da ALB**, n.1, [1986], p.16-22.

NOBREGA, Nanci Gonçalves da. Biblioteca infantil: (infantil?). **Boletim Bibliográfico**, Rio de Janeiro, v.30, p.39-41, dez.1983.

NUNES, Lygia Bojunga. **O livro: um encontro com Lygia Bojunga Nunes**. Rio de Janeiro: Agir, 1988.

PANET, Carmem de Farias. **Implantação e funcionamento de bibliotecas infanto-juvenis**. João Pessoa: UFPB, 1988.

\_\_\_\_\_. Atividades educativas na biblioteca infantil. **Caderno Biblioteconomia**, Recife, n.9, p.61-74, dez. 1985.

PATTE, Geneviève. El rol del bibliotecario como mediador cultural. In: SEMINARIO INTERNACIONAL DE BIBLIOTECARIOS ESCOLARES, 1999, Santiago. **Anais...** Santiago, 1999. p.244-247.

PEDRAZA, Mary Luz Isaza de. La promocion de la lectura a traves de las bibliotecas publico-escolares. **Revista Interamericana de Bibliotecologia**, Medellín, v.13, n.1, p.15-19, ene./jun.1990.

PERROTTI, Edmir. **Confinamento cultural, infância e leitura**. São Paulo: Summus, 1990. (Coleção novas buscas em educação, v.38).

\_\_\_\_\_. Leitores, ledores e outros fins (apontamentos sobre a formação ao leitor).

PRADO, Jason; CONDINI, Paulo (Org.) **A formação do leitor: pontos de vista**. Rio de Janeiro: Argus, 1999. p.31-40.

PILETTI, Claudino (Org.). **Didática especial**. 7.ed. São Paulo: Ática, 1989.

PORTELLA, Andréa. **Biblioteca desperta cegos para leitura**. Disponível em:<<http://www1.estado.com.br/jornal/suplem/seub/97/05/26seub008.html>>. Acesso em: 22 ago.1999.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

PRADA, Cecilia. O Andersen da América Latina. **Revista Problemas Brasileiros**, São Paulo, n. 322, p. 22-24, jul./ago.1997.

PRADO, Iara Glória Areias. Para formar leitores na escola. In: PRADO, Jason; CONDINI, Paulo. **A formação do leitor: pontos de vista**. Rio de Janeiro:Argus, 1999.

PRADO E SILVA, Adalberto (Org.) **Novo dicionário brasileiro: Melhoramentos**. 2.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

PRAZERES, Diego. Má conservação ameaça Biblioteca Infantil. **Jornal de Londrina**, Londrina, 10 mar.2000. Caderno Cidade, p. 4A.

PREDEBON, O A raposa e as uvas de La Fontaine em fins do século XX. In: RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker (Org.). **Do livro ao CD-ROM: novas navegações**. Passo Fundo: EDIUPF, 1999. p.109-117.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Cultura. Departamento de Bibliotecas Infanto-Juvenis. Lobato. *Bibliografia Brasileira de São Paulo: Biblioteca Infanto-juvenil Monteiro Literatura Infantil e Juvenil*, v.7, 1996. p. 205-207.

PREMIO a un proyecto de Biblioteca para bebés. **Imaginaria**, Buenos Aires, 14 e 15 dic.1999. Disponível em: <<http://www.imaginaria.com.ar/01/4/bebes.htm>>. Acesso em: 25 mar. 2000.

QUEVEDO, Hercílio Fraga de. Caçadas de Pedrinho em espaço digital. In: RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker (Org.). **Do livro ao CD-ROM: novas navegações**. Passo Fundo: EDIUPF, 1999. p.69-81.

ROCHA, Luis Carlos da. Há algo de degenerado no reino da sociedade industrial moderna. In: MERISSE, Antonio et al. **Lugares de infância: reflexões sobre...** São Paulo: Arte & Ciência, 1997.

ROSA, Luciana Lhullier. Ziraldo Flicts é Flicts? In: RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker (Org.). **Do livro ao CD-ROM: novas navegações**. Passo Fundo: EDIUPF, 1999. p.101-108.

RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker. O desafio da tecnologia no ensino de literatura. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Do livro ao CD-ROM: novas navegações**. Passo Fundo: EDIUPF, 1999.

SACCHETTA, Vladimir. O mercador da cultura. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 28 jan.1998. Caderno Mais, p.5.

SANDRONI, Luciana. **Minhas memórias de Lobato: contadas por Emília...** São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1997.

SANTOS, Cleide Maria Amorim dos. Crianças e adolescentes: uma questão de visibilidade. In: NÚCLEO CEARENSE DE ESTUDOS E PESQUISAS. Fortaleza: NUCEPEC:UFC/CBIA, 1994.

SCHUTZER, Hilda Ulbrich. Lenyra de Arruda Camargo Fraccaroli a mulher do ano. **Informativo do São Paulo Woman's Club**, São Paulo, maio 1989.

SILVA, Divina Aparecida; ARAÚJO, Isa Antunes. **Auxiliar de biblioteca: noções fundamentais...** 3.ed. Brasília: Thesaurus, 1997.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na escola e na biblioteca**. Campinas: Papirus, 1986a.

- \_\_\_\_\_. **Leitura & realidade brasileira.** 3.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986b. (Série novas perspectivas, 5).
- \_\_\_\_\_. O bibliotecário e a formação do leitor. **Leitura: teoria & prática**, Campinas, v.6, n.10, p.5-10, dez. 1987.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Possíveis contribuições dos bibliotecários à dinamização da leitura no Brasil.** [Florianópolis], 1988. Paper de palestra proferida no Encontro de Bibliotecários das Regiões Sudeste e Sul, promovido pela Coordenadoria de Desenvolvimento Técnico do SESC/DN.
- \_\_\_\_\_. **A produção da leitura na escola:** pesquisas x propostas. São Paulo: Ática, 1995a.
- \_\_\_\_\_. **De olhos abertos:** reflexões sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil. São Paulo: Ática, 1991a.
- \_\_\_\_\_. Leitura e conscientização. In: ENCONTRO INTERDISCIPLINAR DE LEITURA, 1., 1984, Londrina. **Anais...** Londrina: Ed. UEL, 1984b. p.64-71.
- SILVA, Rovilson José da. **A leitura literária nas 3ª e 4ª série do ensino fundamental do município de Londrina.** 2001. 110f. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Estadual de Londrina, Londrina.
- SOUSA, José Martínez de. **Diccionario de bibliología:** y ciencias afines. 2.ed. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 1993. (Colección biblioteca del libro).
- SOUZA, Francisco das Chagas de. **Biblioteconomia, educação e sociedade.** Florianópolis: UFSC, 1993.
- SPINK, John. **Niños lectores.** Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 1990.
- SUAIDEN, Emir. **Biblioteca pública e informação à comunidade.** São Paulo: Global, 1995.
- TAVARES, Denise Fernandes. **Sugestões para organização duma pequena biblioteca infantil.** 2.ed. São Paulo: Biblioteca Monteiro Lobato, 1960.
- \_\_\_\_\_. Minha filha faz quinze anos. **Jornal da Bahia**, Salvador, 18 e 19 abr.1965.
- \_\_\_\_\_. **As bibliotecas infanto-juvenis de hoje.** Salvador: Biblioteca Monteiro Lobato, 1970.
- \_\_\_\_\_. **Histórico da BIML:** nascimento e funcionamento até 1970. Salvador, [1973]. Datilografado.
- \_\_\_\_\_. *apud* FREITAS, Joseania Miranda. **A história da Biblioteca Infantil Monteiro Lobato:** entrelaçamento de personagens e instituição. 1999. 40f. Projeto

de Pesquisa (Qualificação de Mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1999.

TEIXEIRA, Eliana. Novas navegações. In: RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker (Org.). **Do livro ao CD-ROM: novas navegações**. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 1999. p.39-45.

UNESCO. **Manifesto Unesco para bibliotecas públicas** São Paulo: Conselho Regional de Biblioteconomia de São Paulo, 1998. Folheto.

VALENTIM, Marta. **Disseminação da informação II**. São Paulo: Instituto Educacional Teresa Martin, 1995. Apostila de aula ministrada no Curso de Biblioteconomia.

WADA, Madalena Sofia Mitiko. **Democratização da cultura nas bibliotecas infante-juvenis**. 1985, 130f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Biblioteconomia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

WILLARS, Glenys. **Re: Manifesto de la biblioteca escolar**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <bortolin@uel.br> em 30 jul. 2000.

YUNES, Eliana. **Presença de Monteiro Lobato**. Rio de Janeiro: Divulgação e Pesquisa, 1982.

\_\_\_\_\_. A leitura e o despertar do prazer de ler. **Leitura: teoria e prática**, v.4, n.6, p.10-14, dez. 1985.

YUNES, Eliana; PONDÉ, Glória. **Leitura e leituras da literatura infantil**. São Paulo: FTD, 1988.

ZIRALDO. Meu amigo mais antigo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 13 set.1997. Folhinha, p.5-7.

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ABANDONO da palavra pode custar caro. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 30 jun.1996. Caderno Especial, p. D3.

ABRAMOVICH, Fanny. **O estranho mundo que se mostra às crianças**. São Paulo: Summus, 1983. (Coleção novas buscas em educação, v.13).

\_\_\_\_\_. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1989. (Série pensamento e ação no magistério, 7).

ACERCA del CERLALC. Disponível em: <<http://www.cerlalc.com/acerca.htm>>. Acesso em 18 mar. 2000.

AGITANÇA. **Lazzulys Press**, São Paulo, out.1992. p.9.

ABREU, Márcia (Org.) **Leituras no Brasil: antologia comemorativa pelo 10º COLE**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

ALMADA, S. Mídia e educação no Brasil. **Terceiro mundo**, n.166. p.18-20.

ALMANAQUE Abril. São Paulo: Ed. Abril, 1998.

ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo Francisco de. **O espaço da biblioteca: uma reflexão**. São Paulo: APB, 1994. 14p. (Ensaio APB, 13).

\_\_\_\_\_. **Biblioteca pública: ambigüidade, conformismo e ação guerrilha do bibliotecário**. São Paulo: APB, 1995. 10p. (Ensaio APB, 15).

\_\_\_\_\_. **Bibliotecas públicas e bibliotecas alternativas**. Londrina: Editora UEL, 1997.

\_\_\_\_\_. **Sociedade e biblioteconomia**. São Paulo: Polis/APB, 1997.

ALMEIDA, Rita de Cassia. **COLE - CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL: levantamento...** 1997. 263f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 1997.

ALVAREZ Z, Didier. Algunas ideas para promocionar integralmente la lectura desde la biblioteca. **Revista Interamericana de Bibliotecología**, Medellín, v.15, n.2, p.25-35, jul./dic.1992.

ALVES, J. L. A verdadeira magia ainda pertence ao livro. **Revista E**, v.3, n.2, ago.1996. p.28-33.

ALVES, Janete Maria Rosinki (Coord.) **Programa de necessidades para a biblioteca pública municipal infantil de Londrina.** Londrina: Conselho Municipal de Cultura, 1989. Datilografado.

ALVES, Luiz Antônio. *apud* PANET, Carmem de Farias. **Implantação e funcionamento de bibliotecas infanto-juvenis.** João Pessoa: UFPB, 1988.

ANDRADE, Diva; VERGUEIRO, Waldomiro. **Aquisição de materiais de informação.** Brasília: Briquet de Lemos, 1996.

ANTUNES, Walda de Andrade; CAVALCANTI, Gildete de Albuquerque. **Manual de treinamento de pessoal responsável por biblioteca pública.** [Brasília]: INL, 1989.

AQUINO, Ivânia Campigotto. Vinícius de Moraes navegando em outra Arca de Noé. In: RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker (Org.). **Do livro ao CD-ROM: novas navegações.** Passo Fundo: EDIUPF, 1999. p.83-100.

ARAIUM, Cíntia. Variedades cria "ratos" de biblioteca. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 6 nov.1997. p.Z6.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando: introdução à filosofia.** São Paulo: Moderna, 1986.

ARAÚJO, Celso Arnaldo. Monteiro Lobato: o homem que acordou o Brasil. **Revista Manchete**, São Paulo, [198-]. Encarte Especial.

ARAÚJO, Walkíria Toledo de. A biblioteca pública e o compromisso social do bibliotecário. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v.14, n.1, p.106-122, mar.1985.

\_\_\_\_\_. A leitura e sua remediação: revisão de literatura. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v.12, n.1, p.65-72, jan./jun.1984.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família.** 2.ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

ARROYO, Miguel Gonzalez. O significado da infância. **Criança**, Brasília, n.28, p.17-21, 1995.

ARRUDA, Francismar Duarte. A questão do imaginário. **Em aberto**, Brasília, v.14, n.61, p.79-85, jan./mar. 1994.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520: informação e documentação - apresentação de citações em documentos.** Rio de Janeiro, jul. 2001.

\_\_\_\_\_. **NBR 6023**: informação e documentação – referências – elaboração. Rio de Janeiro, ago.2000.

\_\_\_\_\_. **NBR 14724**: informação e documentação - trabalhos acadêmicos – apresentação. Rio de Janeiro, jul.2001.

ÁVILA, Affonso; GONTIJO, João Marcos Machado; MACHADO, Reinaldo Guedes **Barroco mineiro**: glossário de arquitetura e ornamentação. [São Paulo]: Fundação João Ribeiro: Fundação Roberto Marinho: Companhia Editora Nacional, 1980.

AVILA, Fernando Bastos de, Padre. Participação política e responsabilidade ética. **Boletim de Intercâmbio**, v.5, n.23, p. 12-25, jul./set. 1985.

AVILÉS, Paloma Fernández de **Servicios públicos de lectura para niños y jóvenes**. Gijón (Asturias): Ediciones TREA, 1998.

AZEVEDO, Carmem Lúcia de; CAMARGOS, Marcia; SACCHETTA, Vladimir. **Monteiro Lobato**: furação na botocúndia. São Paulo: SENAC/SP, 1997.

AZPEITIA, Lilian Daumas. Padrões de acervo do Departamento de Bibliotecas Infante-Juvenis. São Paulo, 2000. Carta resposta.

BALLESTEROS, Elena Gómez-Villalba. Animación a la lectura: desde el juego a la comprensión. In: CERILLO, Pedro C.; PADRINO, Jaime García. (Coord.). **Habitos lectores y animación a la lectura**. Cuenca: Universidad de Castilla-La Mancha, 1996.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. 2.ed. São Paulo: Ática, 1986.

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura**. São Paulo: Cortez, 1991.

BARROS, Maria Helena Toledo Costa de. **A atuação da biblioteca escolar**: relato de uma crise. São Paulo: APB, 1994. (Ensaio APB, 6)

\_\_\_\_\_. **Leitura do adolescente**: uma interpretação pelas bibliotecas públicas do Estado de São Paulo - pesquisa trienal. Marília: UNESP, 1995.

BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. 11.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

BAUMAN, Zygmunt. Os livros no diálogo global das culturas. In: O LUGAR do livro hoje. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n.142, p. 87-101, jul./set. 2000.

BELLUZZO, Regina Célia Baptista **Da capacitação de recursos humanos à gestão da qualidade e bibliotecas universitárias**: paradigma teórico-prático para ambiente de serviço de referência e informação. 1995. 259f. Tese (Doutorado) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

BETENCOURT, Maria Fátima Ávila. Lendo Ruth Rocha no papel e na tela. In: RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker (Org.). **Do livro ao CD-ROM: novas navegações**. Passo Fundo: EDIUPF, 1999. p.119-128.

BIBLIOTECA INFANTIL CARLOS ALBERTO. Disponível em: <<http://www.bpirj.com.br/bpirj/cacy-bica.htm>>. Acesso: 8 mar. 2000a.

BIBLIOTECA INFANTIL MONTEIRO LOBATO. **História da BIML**. Salvador, [199-]a. Documento datilografado.

BIBLIOTECA INFANTIL MONTEIRO LOBATO. **Histórico**. São Paulo: [19--]. Documento datilografado.

BIBLIOTECA INFANTIL MONTEIRO LOBATO. **Informações básicas**. Salvador, [199-]b. Documento datilografado.

BIBLIOTECA INFANTO-JUVENIL MONTEIRO LOBATO. Disponível em: <<http://lobato.com.br/fr-biblioteca.htm>>. Acesso em: 11 jun. 2000b.

\_\_\_\_\_. **Folder de divulgação**. São Paulo: BIJML, 1996.

BIBLIOTECAS públicas. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v.2, n.4/6, p.119-125, out./dez.1973.

BIBLIOTECA públicas: recursos utilizados em busca do leitor. São Paulo: Departamento de Bibliotecas Públicas do Município de São Paulo, 1988.

BIBLIOTECA Pública Infantil e Juvenil da Cidade de Belo Horizonte. Disponível em [http://www.belo Horizonte.mg.gov.br/signa/cultura/ativ\\_permanente.hm](http://www.belo Horizonte.mg.gov.br/signa/cultura/ativ_permanente.hm). Acesso em: 07 de mar. de 2000.

BIOBIBLIOGRAFIA da patrona da Biblioteca Infanto-juvenil de Vila Nova Manchester. São Paulo: Biblioteca Infanto-Juvenil Lenyra Fraccaroli, [199-]. Documento datilografado.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

BORRERO, Luis Bernardo Peña. La lectura en cinco movimientos. **Revista Interamericana de Bibliotecologia**, Medellín, v.14, n.1, p.51-60, enc./jun. 1991.

BRANDÃO, Ana Lúcia de Oliveira. A experiência das bibliotecas infantis de São Paulo e os contadores de histórias. **Tema**, São Paulo, n.27/29, p.163-173, dez. 1996.

\_\_\_\_\_. A literatura infantil dos anos 80. In: SERRA, Elizabeth D'Angelo. **30 anos de literatura para crianças e jovens: algumas leituras**. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

BRANDÃO, Maria Lúcia. O processo de leitura: algumas considerações teórico-práticas. **Cadernos Pedagógicos e Culturais**, Niterói, v.1, n.1, set./dez. 1992.

BRASIL. Ministério da Cultura. **Programas e atividades: livro e leitura**. Disponível em: <<http://www.minc.gov.br/>>. Acesso em: 11 fev. 2000.

BRASIL. Ministério de Cultura. Fundação Biblioteca Nacional. Departamento Nacional do Livro. **A biblioteca pública: administração, organização, serviços**. Rio de Janeiro: FBN/MC, 1995.

BRASIL. Ministério da Cultura. Secretaria de Políticas Culturais. **Manual de orientação**. Brasília: MinC, 1997a.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997b. vol.8.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Departamento de Política da Educação Fundamental. Coordenação de Orientação à Formação de Professores. **Projeto Pró-Leitura na formação do Professor**. Brasília: MEC/SEF, 1996.

BRASLAUSKAS, Ligia. Biblioteca e praça agradam moradores. **Higinews**, São Paulo, 01/08 jun.1997.

BRITTO, Luiz Percival Leme. **Máximas impertinentes**. In: PRADO, Jason; CONDINI, Paulo. **A formação do leitor: pontos de vista**. Rio de Janeiro: Argus, 1999.

BRODSKY, Joseph *apud* ABANDONO da palavra pode custar caro. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 30 jun.1996. Caderno Especial, p. D3.

BUENO, Francisco de Silveira. **Dicionário escolar da língua portuguesa**. 11.ed. Rio de Janeiro: FENAME, 1979.

BUONOCORE, Domingo. **Diccionario de bibliotecologia**. 2.ed. Buenos Aires: Ediciones Marymar, 1976.

BURLAMAQUE, Fabiane Verardi. As renações de narizinho em novo tecido. In: RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker (Org.). **Do livro ao CD-ROM: novas navegações**. Passo Fundo: EDIUPF, 1999. p.61-67.

CALIXTO, José Antonio. Biblioteca pública *versus* biblioteca escolar uma proposta de mudança. **Cadernos BAD**, Lisboa, v.3, p.57-67, 194.

CARRIZO, Ernesto Oscar. Biblioteca y sociedad. In: DOBRA, A. **La biblioteca popular, pública y escolar: una propuesta para su organización**. Buenos Aires: CICCUS, 1997.

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. La lectura en la infancia. **Revista EUBCA**, Montevideo, n.19, 1983.

CATTANI, Maria Izabel; AGUIAR, Vera Teixeira de. Leitura no 1º grau: a proposta dos currículos. In: ZILBERMAN, Regina. **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

CAVALHEIRO, Edgard **Monteiro Lobato: vida e obra**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.

CENTRO DE BIBLIOTECNIA. **Bibliotecas infantis**, Guanabara, n.1, p.1-40, jun.1966.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

\_\_\_\_\_. **Cultura escrita, literatura e história: conversas de Roger Chartier com ...** Porto Alegre: Artmed, 2001.

\_\_\_\_\_. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas...** Brasília: UNB, 1994.

\_\_\_\_\_. **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

COELHO, José Teixeira. **Dicionário crítico e política cultural: cultura e imaginário**. 2.ed. São Paulo: Fapesp/Iluminuras, 1999.

\_\_\_\_\_. **O que é ação cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1988. (Coleção Primeiros passos, 216).

\_\_\_\_\_. **Usos da cultura: políticas de ação cultural**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. (Coleção educação e comunicação, v.16).

COELHO, Nelly Novaes. Bibliotecas infantis: um novo espaço de sedução. **Literatura e sociedade**, São Paulo, v.1, p.129-132, 1996.

\_\_\_\_\_. **A literatura infantil: história...** 2.ed. São Paulo: Quíron, 1982.

COSTA E SILVA, Maria do Carmo. BPIJBH - serviço de extensão cultural e editoração. **Releitura**, Belo Horizonte, n.6, p.16-18, out./nov./dez.1994.

COSTA e SILVA, Maria do Carmo; BARBOSA, Reni Tiago Pinheiro. Biblioteca ativa: um espaço projetado para "viajar" nos livros. **Revista AMAE Educando**, Belo Horizonte, n.247, p.10-13, out.1994.

\_\_\_\_\_. Biblioteca pública infantil e juvenil de Belo Horizonte. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECOLOGIA E DOCUMENTAÇÃO, 17., 1994, Belo

Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Associação dos Bibliotecários de Minas Gerais, 1995.

COSTA E SILVA, Maria do Carmo; MAGGI, Maria do Carmo Santos; LOPES, Orliza Lima. Administração institucional: a experiência de administrar a BPIJBH. **Releitura**, Belo Horizonte, n.6, p.6-9, out./nov./dez.1994.

CRUZ, Anamaria da Costa; PEROTA, Maria Luiza Loures Rocha; MENDES, Maria Tereza Reis. **Elaboração de referências (NBR 6023/2000)**. Rio de Janeiro: Interciência; Niterói: Intertexto, 2000.

CRUZ, Domingo Gonzalez. A cestinha de livros. **Pir lim pim pim**, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.25-27, out./ dez. 1988.

\_\_\_\_\_. **A história de Maria Mazzetti**. Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa: Ministério da Cultura, 1994.

CUNHA, Inácia Rodrigues dos Santos. **Bibliotecas: infantis, escolares, ambulantes e especiais**. Brasília: Fundação Educacional do Distrito Federal, 1973. Apostila.

CUNHA, Maria Antonieta. Biblioteca infantil. **Revista da Escola de Biblioteconomia UFMG**, Belo Horizonte, v.10, n.1, p.27-36, mar.1981.

\_\_\_\_\_. Biblioteca infantil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 10., 1979, Curitiba. **Anais...** Curitiba: ABP, 1980. p.929-931. 3v., v.3.

\_\_\_\_\_. Projeto de criação da BPIJBH. **Releitura**, Belo Horizonte, n.6, p.4-5, out./nov.1994.

CUNHA, Maria Antonieta *apud* COSTA E SILVA, Maria do Carmo; MAGGI, Maria do Carmo Santos; LOPES, Orliza Lima. Administração institucional: a experiência de administrar a BPIJBH. **Releitura**, Belo Horizonte, n.6, p.6-9, out./nov./dez.1994.

CYRRE, Magda Regina Lourenço. Leitura: um jogo social. **Ciências & Letras**, Porto Alegre, n.23/24, p.219-222, 1998.

DA LEITURA do mundo à leitura da palavra. **Leitura: teoria & prática**, Campinas, v.1,n.0, p.3-9, nov.1982.

DANTAS, Paulo (Org.). **Vozes do tempo de Lobato**. [São Paulo]: Traço, 1982.

DE FIORE, Ottaviano. A formação do leitor, uma tarefa. In: PRADO, Jason; CONDINI, Paulo (Org.) **A formação do leitor: pontos de vista**. Rio de Janeiro: Argus, 1999. p. 117-127.

DE MARCO, Conrado Silva. **Elementos de acústica arquitetônica**. São Paulo: Nobel, 1982.

DIMENSTEIN, Gilberto. **O cidadão de papel**: a infância, a adolescência e os... 14.ed. São Paulo: Ática, 1998.

DUFAY, François. École de massacre de la lecture. **Le point**, Paris, n.903, p.38-43, jan.1990.

DURO, Yvette Zietlow. Dimensão atual da biblioteca infanto-juvenil. **Revista Brasileira Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v.12, n.3/4, p. 211-222, jul./dez.1979.

\_\_\_\_\_. Experiências inovadoras da Biblioteca Lucilia Minssen. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 11., 1982, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: Associação Profissional de Bibliotecários da Paraíba, 1982.

\_\_\_\_\_. Hoje e amanhã: o centro referencial de literatura infantil e o futuro bibliotecário de referência. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 14., 1987, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: Associação Profissional de Biblioteconomia de Pernambuco, 1987. 2 v.,v.2, p.623-633.

\_\_\_\_\_. Tendências atuais do serviço de referência para crianças e adolescentes: uma abordagem. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 6., 1980, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: Associação Rio-Grandense de Bibliotecários, 1980. p.41-57.

EBY, Frederick. **História da educação moderna**: teoria, organização e práticas educacionais. 2.ed. Porto Alegre: Ed. Globo, 1976.

ENCICLOPÉDIA Barsa. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica do Brasil, 1992. v.14, p.80.

ENCICLOPÉDIA dicionário ilustrado. 4.ed. Rio de Janeiro: Seifer, 2000.

ESPANHA. Ministério de Cultura. **Prototipo de bibliotecas públicas**. Madrid: Ministério de Cultura, 1995. (Infraestructura culturales).

FARIA, Maria Alice de Oliveira. **Leitura em liberdade**: a biblioteca infantil circulante de Assis (BICA). Assis: UNESP, [199-]. Datilografado.

FARIA, Sueli de Fátima. Reflexos da falta de leitura na postura do bibliotecário. In: SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O bibliotecário e a análise dos problemas de leitura**. Porto Alegre: Mercado Aberto, [1986]. p.11-15.

FARINA, Modesto. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. São Paulo: Edgard Blücher, 1982.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS [FIAB]. **Normas para bibliotecas públicas**. São Paulo/Brasília: Quiron/INL, 1976.

FERNANDEZ, Sônia Ignez Gonçalves. A mediação do professor entre o texto e o leitor. In: MARTINS, M.H. (Org.) **Questões de linguagem**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 1993. (Coleção repensando o ensino).

FERRARI, Aldérica; LEAL, Carmelinda C.; BRASILEIRO, Moema F. Programação especial de férias: uma experiência na Biblioteca Infantil Monteiro Lobato. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 11., 1982, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: Associação Profissional de Bibliotecários da Paraíba, 1982.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, Carminda de Castro; TOLEDO, Maria do Rosário de Castro Ferreira; FERREIRA, Ruthe Helena Camargo. 1954-1979: jubileu dos Congressos de Biblioteconomia e Documentação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 10., 1979, Curitiba. **Anais...** Curitiba, Associação Bibliotecária do Paraná, 1979. v.1, p.50-61.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida; SILVA, Ezequiel Theodoro da. Leitura de histórias de leitura. **Trajeto**, Campinas, v.1, n.1, p.138-149, dez. 1994.

FIGUEIREDO, Lenita Miranda de. Quem não lê não conhece os caminhos da vida. **Folha da Tarde**, São Paulo, 26 dez.1977. p.10.

FIGUEIREDO, Nice. Marketing e serviços e produtos de informação; segundo a visão do Prof. Reiko Saracevic. In: ENCONTRO NACIONAL DE INFORMAÇÃO E DOCUMENTAÇÃO JURÍDICA, 2., 1986, Brasília. **Anais...** Brasília: ABDF/IBICT, 1986.

FONSECA, Edson Nery da. **Introdução à biblioteconomia**. São Paulo: Pioneira, 1992.

FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FRACCAROLI, Lenyra Camargo. **Bibliotecas infantis**. São Paulo: s.c.p., 1982. Datilografado.

\_\_\_\_\_. **Regulamento do recanto de leitura e lazer**. São Paulo: s.n., 1982. Datilografado.

FRANÇA, Rejane Carvalho de. **Biblioteca infantil: espaço criador de integração comunitária**. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 3., 1981, Campinas. **Anais...** Campinas: UNICAMP, 1981.

FREIRE, Norma. Cabeças abertas para outras leituras. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 12 [?] [19--]. Caderno 2, p.4

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 4.ed. São Paulo: Cortez, 1983.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. 31.ed. São Paulo: Cortez, 1995.

FREITAG, Barbara. Era informacional e uso do livro. In: O LUGAR do livro hoje. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n.142, p. 103-116, jul./set. 2000.

FREITAS, Joseania Miranda. **A história da Biblioteca Infantil Monteiro Lobato**: entrelaçamento de personagens e instituição. 1999. Projeto de Pesquisa (Qualificação de Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1999.

FREITAS, Maria Ester. Contexto social: o mundo do trabalho, a família e os “eternos” adolescentes. **RAE Ligth**, São Paulo, v.5, n.2, p.2-6, [1996].

FUNDAÇÃO CULTURAL DO ESTADO DA BAHIA. **Estatuto**. Salvador, [199-].

FUNDAÇÃO Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Disponível em: <<http://www.fnlij.org.br/>>. Acesso em: 11 fev. 2000.

GADOTTI, Moacir. **História das idéias pedagógicas**. 7.ed. São Paulo: Ática, 1999.

GALVÃO, Maria Cristina Barbosa. Construção de conceitos no campo da ciência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v.27, n.1, p.46-52, jan./abr.1998.

GERALDI, José Wanderley. Ainda e sempre - leitura. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 8, 1991, Campinas. **Anais...** Campinas: ALB, 1992. p.195-198.

GIACOMETTI, Maria Marta; VELLOSO, Maria de Fátima. Bibliotecária: uma profissão feminina. **Revista da ABDF Nova Série**, Brasília, v.10, n.1, p.15-16, jan./mar. 1987.

GÓES, Lúcia Pimentel de Sampaio. Bibliotecas infantis de São Paulo. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v.62, n.141, p. 97-102, jan./abr.1977.

GRACIOTTI, Mário. Lobato como editor. In: DANTAS, Paulo (Org.). **Vozes do tempo de Lobato**. [São Paulo]: Traço, 1982.

HAZA, Maria Trinidad Román. Em torno a la conducta lectora. In: CENTRO UNIVERISTARIO DE INVESTIGACIONES BIBLIOTECOLÓGICAS. **La información en el inicio de la era electrónica**: información, sociedad y tecnología. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1998. p.78-93, v.2. (Serie monografía, 25)

HEINTZE, Ingedore. **L'organization d'une petite bibliothèque publique.** Paris: Unesco, 1963.

HISTÓRICO da BIML. Salvador: Biblioteca Infantil Monteiro Lobato, [196-].

HURTADO, J. **La biblioteca y la promoción de la lectura.** Bogotá: Instituto Colombiano de Cultura, 1981.

INSTITUTO BRASILEIRO DE ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL. **Modelo de organização e regulamento de biblioteca municipal.** Rio de Janeiro: IBAM, 1971.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA [IBGE]. Conselho Nacional de Estatística. Serviço Nacional de Recenseamento. Censo Demográfico: contagem da população - 1950 Tomo I - Série Regional - Estado da Bahia. Rio de Janeiro: IBGE, 1955. v.xx.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Planejamento e Coordenação da Presidência da República. **Anuário estatístico do Brasil:** 1987. Rio de Janeiro, 1988. v.48, p.699-703.

\_\_\_\_\_. **Contagem da população:** Salvador. Rio de Janeiro, 1997.

INTERNATIONAL BOARD ON BOOKS FOR YOUNG PEOPLE. **What is IBBY?** Disponível em: <<http://www.ibby.org>>. Acesso em: 27 mar. 2000.

JACOB, Esther. **Como formar lectores?** Buenos Aires: Troquel Educacion, 1991.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

JIMÉNEZ, Santiago Yubero. Animación a la lectura en diversos contextos. In: CERRILLO, Pedro C.; PADRINO, J.G. **Hábitos lectores y animación a la lectura.** Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla, 1996.

JOLIBERT, Josette et al. **Formando crianças leitores.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. v.2.

JORDI, Catherine. **Guía práctica de la biblioteca escolar.** Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 1998.

JOSÉ, Elias. Minando o terreno. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 8, 1991, Campinas. **Anais...** Campinas, 1992a. p.201-204.

\_\_\_\_\_. Originalidade versus qualidade literária. **Releitura**, Belo Horizonte, n.2, p.4-5, jan./fev.mar. 1992b.

KLAJN, Elisa Maria. Monteiro Lobato: texto e renovação. In: RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker (Org.). **Do livro ao CD-ROM: novas navegações.** Passo Fundo: EDIUPF, 1999. p.47-60.

KLEIMAN, Angela. **Oficina de leitura: teoria e prática**. 3.ed. Campinas: Pontes: Ed. UNICAMP, 1995.

KOGAN, Abrahão; HOUAISS, Antonio. **Enciclopédia e dicionário ilustrado**. 4.ed. Rio de Janeiro: Seifer, 2000.

KOTLER, Philip; ARMSTRONG, Gary. **Administração de marketing: análise, planejamento**. 2.ed. São Paulo, Atlas, 1993a.

\_\_\_\_\_. **Princípios de marketing**. Rio de Janeiro: Prentice-Hall do Brasil, 1993b.

KUPSTAS, Márcia. **Monteiro Lobato**. São Paulo: Ática, 1988.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1993.

\_\_\_\_\_. Infância de papel e tinta. In: FREITAS, Marcos Cezar de (Org.). **História social da infância no Brasil**. São Paulo: Cortez: USF/IFAN, 1997.

\_\_\_\_\_. Livro didático: um (quase) manual de usuário. **Em aberto**, Brasília, v.16, n.69, p. 3-9, jan./mar. 1996.

\_\_\_\_\_. **Monteiro Lobato: a modernidade do contra**. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Coleção Encontro Radical, n.72).

LAJOLO, Marisa; ZILBERMANN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história & histórias**. São Paulo: Ática, 1984.

\_\_\_\_\_. **A leitura rarefeita: livro e literatura no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

LAMBERTS, Roberto; DUTRA, Luciano; PEREIRA, Fernando Oscar Ruttkay **Eficiência energética na arquitetura**. São Paulo: PW Editores, 1997.

LASSO DE LA VEGA, Javier. **Manual de Biblioteconomia: organización, técnica y científica de las bibliotecas**. Madrid: Editorial Mayfe, 1952.

LAURITO, Ilka Brunhilde. Lobato, bonecas e meninas. In: DANTAS, Paulo (Org.). **Vozes do tempo de Lobato**. [São Paulo]: Traço, 1982.

LEÃO, Lucia. **O labirinto da hipermídia: arquitetura e navegação no ciberespaço**. São Paulo: Iluminuras: FAPESP, 1999.

LEDESMA, Xavier Rodriguez. Lectura y educación en la modernidad latinoamericana. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n.28, p.35-41, dez.1998.

LEITE, Miriam L. Moreira. A infância no século XIX segundo memórias e livros de viagem. In: FREITAS, Marcos Cezar de (Org.) **História social da infância no Brasil**. São Paulo: Cortez:USF/IFAN, 1997.

LEITURA de Geneviève Patte. **Notícias da FNLIJ**, Rio de Janeiro, v.11, n.8, p.4, ago.1989.

LEON OTERO, Luis; BRIS, Mario Martins. **Cómo organizar una biblioteca escolar: (infantil, primaria y secundaria)**. Madrid: Editorial Escuela Española, 1988.

LEME, Roseli Teresa Silva (Coord.) A biblioteca infanto-juvenil como alicerce do futuro usuário das bibliotecas públicas e universitárias. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 11., 1982, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: Associação Profissional de Bibliotecários da Paraíba, 1982.

\_\_\_\_\_. As cores e a comunicação visual na biblioteca infanto-juvenil. In: ASSEMBLÉIA DAS COMISSÕES PERMANENTES, 4., 1978, São Paulo. **Anais...** São Paulo: FEBAB, 1978. p.343-364.

LEYVA, Elsa M. Ramírez. El lector: del mundo manuscrito al cibernético. In: CENTRO UNIVERISTARIO DE INVESTIGACIONES BIBLIOTECOLÓGICAS. **La información em el inicio de la era electrónica: información, sociedad y tecnología**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1998. p.95-138, v.2. (Serie monografía, 25)

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. São Paulo: Loyola, 1992.

LIMA, Regina Célia Montenegro de. Marketing de produtos de informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v.23, n.3, p. 373-376, set./dez. 1994.

LIMA, Regina Célia Montenegro de; FIGUEIREDO, Nice Menezes. Seleção e aquisição: da visão clássica à moderna aplicação de técnicas bibliométricas. **Ciência da Informação**, Brasília, v.13, n.2, p.137-150, jul./dez. 1984.

LIMA, Margarida Maria de Andrade Matheos de. Brasília Teimosa: uma biblioteca pública infantil em área carente. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 11., 1982, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: Associação Profissional de Bibliotecários da Paraíba, 1982.

LITTON, Gaston. **Bibliotecas infantiles**. Buenos Aires: Bowker Editores Argentina, 1973.

LOBATO, Monteiro. **Barca de Gleyre: 40 anos de correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944.

\_\_\_\_\_. **Minotauro**. 17.ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

\_\_\_\_\_. **Obras infantis completa: edição centenária: 1882-1982**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

LOBO, Luiz. **Os novos direitos da criança**. [Rio de Janeiro]: SESC, [199-].

LOCKS, Maria de Lourdes Ramos Krieger (Org.). **Livro, criança e lazer**. [Florianópolis]: Associação dos Professores da Universidade Federal de Santa Catarina, [198?].

LOPES, Eliane Marta Teixeira; GOUVÊA, Maria Cristina Soares de (Org.). **Lendo e escrevendo Lobato**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LOPEZ, Aura. La lectura, un placer sensual. **Rev. Interam. de Bibliot.**, v.15, n.2, p.57-64, jul./dic. 1992.

LÓPEZ, Héctor Guillermo Alfaro. Los usos de la lectura y la representación cultural: elementos para una teoría de la lectura. In: CENTRO UNIVERISTARIO DE INVESTIGACIONES BIBLIOTECOLÓGICAS. **La información em el inicio de la era electrónica: información, sociedad y tecnología**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1998. p. 32-73, v.2. (Serie monografía, 25)

LUCCAS, Lucy; SERIPIERRI, Dione. **Conservar para não restaurar: uma proposta para preservação de documentos...** Brasília: Thesaurus, 1995.

MACEDO, Neusa Dias de. Bibliotecas públicas paulistas: análise de um survey. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v.1, n.1, p.104-118, 1<sup>o</sup> semestre 1999.

MACEDO, Neusa Dias de; SIQUEIRA, Idméia Semeghini Próspero. Das diretrizes para bibliotecas à "declaração de princípios da biblioteca pública brasileira": comunicação. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v.25, n.3/4, p.69-78, jul./dez.1992.

MACHADO, Ana Maria. **Contracorrente: conversas sobre leitura e política**. São Paulo: Ática, 1999.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. **Leitura, literatura e escola**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

MANACORDA, Maria Alighiero. **História da educação: da antigüidade aos nossos dias**. 3.ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1992.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

\_\_\_\_\_. *apud* MENAI, Tania. Ler é poder. **Veja**, São Paulo, v.32, n.27, p.11-15, 7 jul.1999.

MANZANO, Mercedes Gómez del. **Cómo hacer a un niño lector**. Madrid: Narcea Ediciones, 1985.

- MARINHO, Raimunda Ramos. *Leitura: um caminho para a cidadania. Transinformação*, v.5, n.1/2/3, p.90-94, jan./dez. 1993.
- MARSCIANI, Francesco. *As mídias fazem mal às crianças? Nexos*, São Paulo, v.2, n.3, p.65-73, ago. 1998.
- MARTINEZ, Marina Quintanilha. *Cumplicidade com a criança e sua leitura de mundo. Releitura*, Belo Horizonte, n.2, p.4-5, jan./fev./mar. 1992.
- MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- MARTINS, M.J. de; RIBEIRO, M.L.G. **Serviço de referência e assistência aos leitores**. Porto Alegre: Ed. URGs, 1979.
- MATTOSO, Katia de Queirós. *apud* LEITE, Miriam L. Moreira. *A infância no século XIX segundo memórias e livros de viagem*. In: FREITAS, Marcos Cezar de (Org.) **História social da infância no Brasil**. São Paulo: Cortez:USF/IFAN, 1997.
- MELLO, Sérgio Bandeira de. *Muita energia no ano 2000. Leia Brasil*, Rio de Janeiro, v.1, n.2, p.1-8, dez.1999.
- MENAI, Tania. *Ler é poder. Veja*, São Paulo, v.32, n.27, p.11-15, 7 jul.1999.
- MERISSE, Antonio et al. **Lugares de infância: reflexões sobre...** São Paulo: Arte & Ciência, 1997.
- MILANESI, Luis. **A casa da invenção**. 3.ed. São Caetano do Sul: Ateliê Editorial, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Centro de cultura: forma e função**. São Paulo: HUCITEC, 1989. (Série Linguagem e Cultura, v.19).
- \_\_\_\_\_. *Leitura para informação e conhecimento*. In: ENCONTRO PARANAENSE DE LEITURA E LITERATURA, 2., 1985, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Biblioteca Pública do Paraná, 1985. p.17-31.
- MONTEIRO Lobato: obra infantil completa: edição centenária 1882-1982. São Paulo: Brasiliense, 1982. p. xvi.
- MONTEIRO Lobato: o pai de "Emília". Salvador: Biblioteca Infantil Monteiro Lobato, 1960.
- MORAES, Maria Lygia Quartim de. *Infância e cidadania. Caderno de Pesquisa*, São Paulo, n.91, p.23-30, nov.1994.
- MORAIS, José. **A arte de ler**. São Paulo: Ed.UNESP, 1996.
- MORALES, Gloria López. *O lugar do livro entre a nação e o mundo*. In: O LUGAR do livro hoje. **Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, n.142, p. 117-134, jul./set. 2000.**

MOSCOVICI, Fela. **Razão e emoção**: a inteligência emocional em questão. Salvador: Casa da Qualidade, 1997.

MÜLLER, Elsa. Bibliotecas infantiles. **Boletim Bibl. EUBCA**, Montevideo, n.14, p.7-14, 1978.

MÜLLER, Mary Stela. **Gerenciamento acadêmico**: um processo de mudança... Londrina: Ed. UEL, 1998.

MURALHA, Sidônio. **Um personagem chamado Pedrinho**. 4.ed. Rio de Janeiro: Nórdica, 1970.

NASTRI, Rosemeire Marino. Alguns aspectos da leitura. **Cadernos da ALB**, n.1, [1986], p.16-22.

NAVES, Elizabeth de Melo; OLIVEIRA, Marta. **Diagnóstico do setor editorial brasileiro**. Rio de Janeiro: Sindicato Nacional de Editores de Livros, 1998.

NERUDA, Pablo. **Confesso que vivi**: memórias. 2.ed. Rio de Janeiro: Difel, 1977.

NOBREGA, Nanci Gonçalves da. Biblioteca infantil: (infantil?). **Boletim Bibliográfico**, Rio de Janeiro, v.30, p.39-41, dez.1983.

\_\_\_\_\_. **Potencial e significado da biblioteca infantil**. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 1986. Texto distribuído na 9ª Bienal Internacional do Livro.

NOGUEIRA, Maria Cecília Diniz. Biblioteca pública: a ambivalência se seu papel. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v.15, n.2, p.222-248, set.1986.

NOSELLA, Maria de Lourdes Chagas Deiró. **As belas mentiras**: a ideologia subjacente aos textos didáticos. 7.ed. São Paulo: Ed. Moraes, 1981.

NUNES, Henrique Barreto. Livros, crianças, escolas, bibliotecas e o mais que adiante se verá. **Cadernos BAD**, Lisboa, v.3, p.49-56, 1994.

NUNES, José Horta. **Formação do leitor brasileiro**: imaginário da leitura no Brasil colonial. Campinas: Ed. UNICAMP, 1994.

NUNES, Lygia Bojunga. **O livro**: um encontro com Lygia Bojunga Nunes. Rio de Janeiro: Agir, 1988.

NUNES, Manuela Barreto. Bibliotecas públicas o livro para entender o mundo. **Cadernos BAD**, Lisboa, v.3, p.17-25, 1994.

OLIVEIRA, Ilka Maria de. Leitura e liberdade: alunos que gostavam de ler. **Horizontes**, Bragança Paulista, v.15, p.41-48, 1997.

OLIVEIRA, Lenora Gouvêa de. A tela como uma nova possibilidade de leitura. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE BIBLIOTECONOMIA, 3., 1999, Marília. **Anais...** Marília: UNESP, 1999. p.175-184.

PANET, Carmem de Farias. Atividades educativas na biblioteca infantil. **Caderno Biblioteconomia**, Recife, n.9, p.61-74, dez. 1985.

\_\_\_\_\_. **Implantação e funcionamento de bibliotecas infanto-juvenis**. João Pessoa: UFPB, 1988.

PARMEGIANI, Claude-Anne (Dir.) **Lecturas, libros y bibliotecas para niños**. Madrid: Fundación Germán Sánchez Rupipérez, 1997.

PATTE, Geneviève. El rol del bibliotecario como mediador cultural. In: SEMINARIO INTERNACIONAL DE BIBLIOTECARIOS ESCOLARES, 1999, Santiago. **Anais...** Santiago, 1999. p.244-247.

PEDRAZA, Mary Luz Isaza de. La promoción de la lectura a través de las bibliotecas público-escolares. **Rev. Interam.de Bibliot.**, Medellín, v.13, n.1, p.15-19, ene./jun.1990.

PELLEGRINI, Tânia. A literatura e o leitor em tempos de mídia e mercado. **Horizontes**, Bragança Paulista, v.15, p.325-335, 1997.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. 2.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PERROTTI, Edmir. **Confinamento cultural, infância e leitura**. São Paulo: Summus, 1990. (Coleção novas buscas em educação, v.38).

\_\_\_\_\_. Leitores, leitores e outros fins (apontamentos sobre a formação ao leitor).

PRADO, Jason, CONDINI, Paulo (Org.) **A formação do leitor: pontos de vista**. Rio de Janeiro: Argus, 1999. p.31-40.

\_\_\_\_\_. **O texto sedutor na literatura infantil**. São Paulo: Ícone, 1986.

PILETTI, Claudino (Org.). **Didática especial**. 7.ed. São Paulo: Ática, 1989.

PIMENTEL, Cléa Dubeux Pinto. Biblioteca pública e biblioteca escolar: uma integração necessária. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 11., 1982, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: Associação Profissional de Bibliotecários da Paraíba, 1982. p.1-15.

O PODER das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

POOLE, Frazer Glendon. **Programa para projeto do edifício da biblioteca central**. Brasília: UNB, 1973.

PORTELLA, Andréa. **Biblioteca desperta cegos para leitura.** Disponível em:<<http://www1.estado.com.br/jornal/suplem/seub/97/05/26seub008.html>>. Acesso em: 22 ago.1999.

POSADA, Socorro Jaramillo. El uso del tiempo libre y la promoción de la lectura en las bibliotecas. **Rev. Interam. de Bibliot.**, Medellín, v.14, n.2, jul./dic. 1991.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância.** Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

PRADA, Cecília. O Andersen da América Latina. **Revista Problemas Brasileiros**, São Paulo, n. 322, p. 22-24, jul./ago.1997.

PRADO, Iara Glória Areias. Para formar leitores na escola. In: PRADO, Jason; CONDINI, Paulo. **A formação do leitor: pontos de vista.** Rio de Janeiro:Argus, 1999.

PRADO, Jason, CONDINI, Paulo. **A formação do leitor: pontos de vista.** Rio de Janeiro: Argus, 1999.

PRADO E SILVA, Adalberto (Org.) **Novo dicionário brasileiro: Melhoramentos.** 2.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

PRATINI, Edson F. **Morfologias urbanas e o potencial de iluminação natural nos espaços interiores das edificações.** 1991. Dissertação (Mestrado em Desenho Urbano) - Universidade de Brasília, 1991.

PRAZERES, Diego. Má conservação ameaça Biblioteca Infantil. **Jornal de Londrina**, Londrina, 10 mar.2000. Caderno Cidade, p. 4A.

PREDEBON, O A raposa e as uvas de La Fontaine em fins do século XX. In: RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker (Org.). **Do livro ao CD-ROM: novas navegações.** Passo Fundo: EDIUPF, 1999. p.109-117.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Cultura. Departamento de Bibliotecas Infanto-Juvenis. Lobato. **Bibliografia Brasileira de São Paulo: Biblioteca Infanto-juvenil Monteiro Literatura Infantil e Juvenil**, v.7, 1996. p. 205-207.

PREMIO a un proyecto de Biblioteca para bebés. **Imaginaria**, Buenos Aires, 14 e 15 dic.1999. Disponível em: <<http://www.imaginaria.com.ar/01/4/bebes.htm>>. Acesso em: 25 mar. 2000.

PROJETO: estímulo à leitura. Rio de Janeiro: Tv Globo, 1998.

PROMOCION de la lectura: una experiencia en Bolivia. Genebra: Fundaciones Simón I.Patiño & Pro Bolivia, [199?].

PROUST, Marcel. **Sobre a leitura.** Campinas: Pontes, 1989.

QUEVEDO, Hercílio Fraga de. Caçadas de Pedrinho em espaço digital. In: RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker (Org.). **Do livro ao CD-ROM: novas navegações**. Passo Fundo: EDIUPF, 1999. p.69-81.

RESENDE, Vânia Maria **Literatura infantil & juvenil: vivências de leitura e expressão criadora**. São Paulo: Saraiva, 1993.

ROCCO, Maria Thereza Fraga. Leitor, leitura, escola: uma trama plural. In: PRADO, Jason; CONDINI, Paulo (Org.) **A formação do leitor: pontos de vista**. Rio de Janeiro: Argus, 1999. p.109-115.

ROCHA, Luis Carlos da. Há algo de degenerado no reino da sociedade industrial moderna. In: MERISSE, Antonio et al. **Lugares de infância: reflexões sobre...** São Paulo: Arte & Ciência, 1997.

RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker (Org.). **Do livro as CD-ROM: novas navegações**. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 1999.

\_\_\_\_\_. O desafio da tecnologia no ensino de literatura. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Do livro ao CD-ROM: novas navegações**. Passo Fundo: EDIUPF, 1999.

RUNKEL, Ana Maria Azinheira. Qual o papel das bibliotecas públicas nos nossos dias? **Cadernos BAD, Lisboa?**, v.3, p.27-37, 1994.

SABELLI, Martha. Bibliotecas públicas: "la biblioteca para todos", el espacio de cultura de la comunidad para la informacion, el debate y la creacion. **Informatio**, Montevideo, v.2, p.5-17, 1997.

SACCHETTA, Vladimir. O mercador da cultura. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 28 jan.1998. Caderno Mais, p.5.

SANDRONI, Luciana. **Minhas memórias de Lobato: contadas por Emília...** São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1997.

SANDRONI, Laura Constância; MACHADO, Raul (Org.) **A criança e o livro: guia prático de estímulo à leitura**. 2.ed. São Paulo: Ática, 1987.

SANTA MARIA, La promocion de la lectura desde la biblioteca publica. **Rev. Interam. de Bibliot.**, Medellín, v.15, n.1, ene./jun. 1992.

SANTA MARIA, Gloria Maria Rodriguez. Influencia del "Manifiesto de la Unesco sobre la biblioteca público" en Colombia. **Rev. Interam.Bibliot.**, Medellín, v.17, n.2, jul./dic.1994.

SANTOS, Cleide Maria Amorim dos **Crianças e adolescentes: uma questão de visibilidade**. In: NÚCLEO CEARENSE DE ESTUDOS E PESQUISAS. Fortaleza: NUCEPEC:UFC/CBIA, 1994.

SARTRE, Jean Paul. **As palavras**. 5.ed. Rio de Janeiro: Difel, 1978.

SCHUTZER, Hilda Ulbrich. Lenyra de Arruda Camargo Fraccaroli a mulher do ano. **Informativo do São Paulo Woman's Club**, São Paulo, maio 1989.

SCLIAR, Moacyr. A função educativa da leitura literária. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 8., 1991, Campinas. **Anais...** Campinas, 1992. p.145-155.

SESC. Departamento Nacional. **Boletim Bibliográfico**, Rio de Janeiro, n.18/19, p.1-219, dez. 1977/ jun.1978.

SILVA, Divina Aparecida; ARAÚJO, Isa Antines. **Auxiliar de biblioteca: noções fundamentais...** 3.ed. Brasília: Thesaurus, 1997.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na escola e na biblioteca**. Campinas: Papyrus, 1986a.

\_\_\_\_\_. Leitura e conscientização. In: ENCONTRO INTERDISCIPLINAR DE LEITURA, 1., 1984, Londrina. **Anais...** Londrina: UEL, 1984b. p. 64-71.

\_\_\_\_\_. **Leitura & realidade brasileira**. 3.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986b. (Série novas perspectivas, 5).

\_\_\_\_\_. Livro didático: do ritual de passagem à ultrapassagem. **Em aberto**, Brasília, v.16, n.69, p. 11-15, jan./mar. 1996.

\_\_\_\_\_. O bibliotecário e a formação do leitor. **Leitura: teoria & prática**, Campinas, v.6, n.10, p.5-10, dez. 1987.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Possíveis contribuições dos bibliotecários à dinamização da leitura no Brasil**. [Florianópolis], 1988. (paper de palestra proferida no Encontro de Bibliotecários das Regiões Sudeste e Sul, promovido pela Coordenadoria de Desenvolvimento Técnico do SESC/DN).

\_\_\_\_\_. **De olhos abertos: reflexões sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991a.

\_\_\_\_\_. Leitura ou "leidura"? In: ABREU, Márcia (Org.) **Leituras no Brasil**. Campinas: ALB/Mercado de Letras, 1995. p.23-27.

\_\_\_\_\_. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. 3.ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1984.

\_\_\_\_\_. **A produção da leitura na escola: pesquisas x propostas**. São Paulo: Ática, 1995a.

\_\_\_\_\_. Promoção da leitura no Brasil: (ou o perigo da perenização de Piripiri). **Releitura**, Belo Horizonte, n.1, p.4-7, nov./dez.1991.

\_\_\_\_\_. A leitura no mundo contemporâneo e a formação do leitor. **Estudos**, Goiânia, v.25, n.1/2, p.33-41, jan.jun.1998.

\_\_\_\_\_ (Org.). **O bibliotecário e a análise dos problemas de leitura**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1986c. (Cadernos da ALB, n.1)

\_\_\_\_\_. Leitura e conscientização. In: ENCONTRO INTERDISCIPLINAR DE LEITURA, 1., 1984, Londrina. **Anais...** Londrina: UEL, 1984. p.64-71.

SILVA, Ezequiel Theodoro da; MAHER, James P. O enigma da leitura no Brasil: afinal, quando começarmos a desvendá-lo? **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.26, p.89-91, set.1978.

SILVA, Rovilson José da. **A leitura literária nas 3ª e 4ª série do ensino fundamental do município de Londrina**. 2001. 110f. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

SILVA, Terezinha Elisabeth da. Políticas de ação cultural na biblioteca pública: experiências dos anos 80. In: CONGRESSO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 2., 1994, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: ABMG/Escola de Biblioteconomia e Documentação da UFMG, 1994. p.719-733.

SIQUEIRA, Maria das Graças. **Ler é conquistar autonomia**. São Paulo: APB, 1998. (Ensaio APB, 56).

SMOLKA, Ana Luiza B et al. **Leitura e desenvolvimento da linguagem**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989. (Série novas perspectivas, 31).

SOUSA, José Martínez de. **Diccionario de bibliología: y ciencias afines**. 2.ed. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 1993. (Colección biblioteca del libro).

SOUZA, Francinete Fernandes de; MARINHO, Vanildo Mousinho; ARAÚJO, Walkíria Toledo de. Biblioteca, leitura e desenvolvimento: algumas considerações. **Informação e Sociedade**, João Pessoa, v.3, n.1, p.62-70, 1993.

SOUZA, Francisco das Chagas de. **Biblioteconomia, educação e sociedade**. Florianópolis: UFSC, 1993.

SPINK, John. **Niños lectores**. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 1990.

STAIGER, Ralph C. **Caminos que llevan a la lectura**. Paris: UNESCO, 1979.

SUAIDEN, Emir José. **Biblioteca pública brasileira**. Brasília: LISA/INL, 1980.

\_\_\_\_\_. **Biblioteca pública e informação à comunidade**. São Paulo: Global, 1995.

\_\_\_\_\_. Bibliotecas públicas em sistemas de informação. In: CONGRESSO BRASILEIRO & JORNADA SUL-RIO-GRANDENSE DE BIBLIOTECONOMIA, 1977, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: Associação Rio-Grandense de Bibliotecários, 1977. p.48-66, v.2.

TAVARES, Denise Fernandes. **Sugestões para organização duma pequena biblioteca infantil.** 2.ed. São Paulo: Biblioteca Monteiro Lobato, 1960.

\_\_\_\_\_. Minha filha faz quinze anos. **Jornal da Bahia**, Salvador, 18 e 19 abr.1965.

\_\_\_\_\_. **As bibliotecas infanto-juvenis de hoje.** Salvador: Biblioteca Monteiro Lobato, 1970.

\_\_\_\_\_. **Histórico da BIML:** nascimento e funcionamento até 1970. Salvador, [1973]. Documento datilografado.

\_\_\_\_\_. **Prioridade nos programas de bibliotecas.** Salvador: Biblioteca Infantil Monteiro Lobato, 1973.

\_\_\_\_\_. *apud* FREITAS, Joseania Miranda. **A história da Biblioteca Infantil Monteiro Lobato:** entrelaçamento de personagens e instituição. 1999. 40f. Projeto de Pesquisa (Qualificação de Mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1999.

TAVARES, Maria Christina. de Moraes. **Atuação da biblioteca infanto-juvenil.** São Paulo: APB, 1994. 11p. (Ensaio APB, 3).

TEIXEIRA, Eliana. Novas navegações. In: RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker (Org.). **Do livro ao CD-ROM:** novas navegações. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 1999.

TSUPAL, Rodolfo. Leitura e atividades culturais na biblioteca pública: aspectos teóricos. **R.Bibliotecon.**, Brasília, v.15, n.2, p.149-165, jul./dez. 1987.

TRECE, Blanca Adrianzen. La biblioethèque publique au service des enfants. In: **Le développement des bibliothèques publiques en Amérique Latine:** conférence de São Paulo. Paris: UNESCO, 1953. (Manuels de l' Unesco a l'usage des bibliothèques publiques, 5).

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1994.

TV GLOBO. **Projeto de estímulo à leitura.** Rio de Janeiro: Tv Globo, 1998.

UM MUNDO mágico para as crianças. **Folha de Londrina**, Londrina, 9 abr.1978. Caderno Arte e Comunicação, p.15.

UNESCO. **Manifesto Unesco para bibliotecas públicas** São Paulo: Conselho Regional de Biblioteconomia, 1998. Folheto.

VÁLIO, Else Benetti Marques. (Coord.) **Base de dados em literatura infanto-juvenil**: Badali. Campinas: Alínea, 1997.

VALENTIM, Marta. **Disseminação da informação II**. São Paulo: Instituto Educacional Teresa Martin, 1995. Apostila de aula ministrada no Curso de Biblioteconomia.

WADA, Madalena Sofia Mitiko. **Democratização da cultura nas bibliotecas infanto-juvenis**. 1985, 130f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Biblioteconomia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

WELLFORT, Francisco. Governo, cultura, leitura e identidade. In: PRADO, Jason; CONDINI, Paulo (Org.). **A formação do leitor**: pontos de vista. Rio de Janeiro: Argus, 1999. p. 65-69.

WERNECK, Denise. BPIJBH: prosa ilustrada. **Releitura**, Belo Horizonte, n.6, p.19-22, out./nov./dez. 1994.

WILLARS, Glenys. **Re: Manifiesto de la biblioteca escolar**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <bortolin@uel.br> em 30 jul. 2000.

YUNES, Eliana. **Presença de Monteiro Lobato**. Rio de Janeiro: Divulgação e Pesquisa, 1982.

\_\_\_\_\_. A leitura e o despertar do prazer de ler. **Leitura: teoria e prática**, v.4, n.6, p.10-14, dez. 1985.

\_\_\_\_\_. De leitor para leitores: políticas públicas e programa de incentivo à leitura. In: ABREU, M. (Org.) **Leituras no Brasil**. Campinas: ALB/Mercado de Letras, 1995.

YUNES, Eliana; PONDÉ, Glória. **Leitura e leituras da literatura infantil**. São Paulo: FTD, 1988.

ZILBERMAN, Regina. O leitor e o livro. **Horizontes**, v.15, p.21-40, 1997.

\_\_\_\_\_. No começo, a leitura. **Em aberto**, Brasília, v.16, n.69, p. 16-29, jan./mar. 1996.

ZILBERMAN, Regina; SILVA, Theodoro da. **Leitura**: perspectivas interdisciplinares. 2.ed. São Paulo: Ática, 1991. (Série Fundamentos, n.42).

ZIRALDO. Meu amigo mais antigo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 13 set.1997. Folhinha, p.5-7.

## ANEXO A

### Carta de Denise Tavares

## BIBLIOTECA INFANTIL MONTEIRO LOBATO

PRACA ALMEIDA COUTO — JARDIM

SALVADOR — BAHIA

Salvador, 13 de junho de 1963.

Denise:

É muito certo que os filhos são o melhor caminho para o coração dos pais. Assim, escrevo para você, pedindo-lhe que conte no seu ilustre Papai uma história que está precisando de alguém com sensibilidade para dar-lhe um final feliz.

... Era uma vez uma moça que tem seu nome, professora humilde, que sonhou dar às crianças da Bahia a oportunidade de terem uma BIBLIOTECA INFANTIL.

Sabe você o que é uma biblioteca, minha amiguinha?

— É uma casa de livros. Uma biblioteca infantil é uma casa cheia de livros de histórias, livros para crianças.

Pois bem: a professora pediu aqui e ali, até que fez a biblioteca. Como ficou bonita! desde 18 de abril de 1950, ela passou a ser o mundo encantado das crianças bahianas. Mais de cem por dia. A casa foi ficando pequena e novamente a professora pediu até que conseguiu aumentar a casa. Mas, há um ano, o telhado desabou com a infiltração de águas da chuva e você nem queira saber o desastre! livros, muitos livros molhados, tudo perdido. Um prejuízo terrível! Afinal, conseguimos mudar para uma casa velha e estragada e há dois anos 20.000 livros estão desaparecendo e mãe e o cupim são os leitores...

Ah! Denise! se você soubesse como é horrível ver tantos livros — que estão valendo milhões e que tanto custaram juntar — estragarem-se num porão úmido! eles que deveriam con —

## BIBLIOTECA INFANTIL MONTEIRO LOBATO

PRAÇA ALMEIDA COUTO — JARDIM  
SALVADOR — BAHIA

tinuar recreando e instruindo centenas de meninos como você:

A Professora voltou a pedir, a pedir até pelo amor de Deus. Uma porção de gente boa e que compreende o valor dos livros também ajuda neste pedido. Já está pronto o projeto da nova casa — agora, um prédio grande e bonito, digno de abrigar livros e crianças.

Mas, Denise, parece que as fadas desapareceram e só existem bruxas! Nada de surgir alguém que possa (ou queira) conseguir o dinheiro (são oitenta milhões) para que se faça o prédio.

Houve um homem — somente um — ou melhor, um Príncipe, logo que lhe estou contando uma história, que deu 15 milhões quando era Ministro de Educação. Era só o que poderia dar naquela época. Ficou de dar o restante depois, mas não foi possível. Temos vivido da esperança dela voltar ao Ministério e então haver livros para crianças bahianas, outra vez. Porém, há uma senhora chamada Política que vem atrapalhando tudo e a gente não pôde ficar somente com esperanças quando elas dependem dessa caprichosa senhora. E se o Príncipe não voltar?... E se não nos puder ajudar?

Você, Denise, poderá perguntar-me, como tantas outras crianças me têm perguntado:

— e os outros homens dos governos por que não dão o dinheiro? Não há outros Príncipes?...

Esta é outra história que você somente entenderá quando crescer: existe algo chamado VERBA e quando o empreendimento não é de interesse para os homens de Governo, então, você nem imagina: a Verba desaparece! Não há verba! isto é, não há interesse que ela apareça. Porque dona Verba aparece aqui, ali, acolá, enorme, gorda, imensa, distribuindo-se sem nenhuma vantagem para o povo, mas satisfazendo todas as vaidades e interesses pessoais. Tem sido assim, minha queridinha, em todos os tempos. Para educação, para servir a crianças, dona Verba não vem, fica escondida lá no fundo das consciências dos poderosos: vocês meninos

## BIBLIOTECA INFANTIL MONTEIRO LOBATO

PRAÇA ALMEIDA COUTO — JARDIM

SALVADOR — BAHIA

representam tão pouco à mentalidade imediatista do homem público de maneira geral! vocês e educação servem quando há ou ropéis de campanhas a fazer: dona Verba vem, bem vistosa e rica, esbanja-se a não mais poder e no fim, vocês crianças e a educação continuam mais ou menos no mesmo...

Assim, Denise, essa triste historia poderá ter um fim horrível: desaparecidos os livros que a úmidade<sup>o</sup> o cupim estragam nos porões, acabou a BIDL!

Você já pensou como dói, neste país de analfabetos, de livros custando caro, inacessíveis à bolsa do pobre, vinte mil livros que deveriam se multiplicar em oportunidades de instrução e cultura, morrerem em caixotes?...

Mas, eu pensei em você para realizar o milagre — como uma verdadeira Fada Madrinha, como aquela que transformou Gata Borralheira na mais linda princesa: você tem uma varinha de condão que é o amor do seu Papai por você; quer tocar nesta mágica varinha e pedir-lhe para descobrir a Verba e nos mandar, urgente?

Então, minha menina, você poderá escrever o fim dessa história que será bonito como você, Denise, belo como ó a Infância, nobre como o Dver cumprido por um Homem Público, como seu Pai vem sabendo cumprir nessa espinhosa missão de Presidente.

Espero e confio em você, Denise, para terminar a história assim:

— então, uma fadinha muito boa chamada Denise Goulart veio em socorro das crianças bahianas e mandou o dinheiro que conseguiu com um Rei muito bom para construir a casa da tão útil BIBLIOTECA INFANTIL MONTEIRO LOBATO que reabriu, cheia de livros, mais bela, mais capaz de servir a todos os meninos.

Os livros ficaram contentes porque voltaram às mãos das crianças. E todos os homens de bem, capazes de entender quando

## BIBLIOTECA INFANTIL MONTEIRO LOBATO

PRAÇA ALMEIDA COUTO — JARDIM  
SALVADOR — BAHIA

vale o Saber, quanto serve e para que serve uma Biblioteca Infantil, todos bateram palmas alegres, muito alegres. Estava salvo o Reino Encantado da Carochinha.

Foi uma festa muito bonita e fada Denise reabriu o Palácio e todas as Crianças cantavam, toda a cidade comemorava o acontecimento.

Creia, Denise, você fará um grande bem se nos ajudar.

A portadora desta carta para você é a boneca Emilia. Você já a conhecia? ela mora no Sítio de dona Benta, aí neste livro que lhe mando para você ler com João Vicente. Garanto que vocês gostarão de Emilia e desejarão que todos os meninos daqui continuem a conhecê-la também.

Muito obrigada, minha bela menina.

---

Denise Fernandes Tavares

## ANEXO B

# Roteiro para a Entrevista Focalizada com as Diretoras

ROTEIRO PARA ENTREVISTA FOCALIZADA  
COM AS DIRETORAS DAS  
BIBLIOTECAS MONTEIRO LOBATO DE SÃO PAULO E SALVADOR

**Questões sobre os entrevistado**

- Quantos anos você tem?
- Sua graduação é em Biblioteconomia?
- Onde e há quanto tempo você fez a sua graduação?
- cursou uma pós-graduação? Onde? Em que área?
- Há quanto tempo você trabalha nesta biblioteca?
- Como é o preenchimento deste cargo? Indicação? Concurso? Eleição?

**Questões sobre a biblioteca**

- Quantos anos tem esta biblioteca?
- Qual a faixa etária que esta biblioteca atende?
- Além desta faixa etária, pessoas com outras idades a freqüentam?
- Qual o horário de funcionamento dela?
- Existe uma Comissão de Biblioteca?
- Qual é o acervo atual? (números)
- Ele tem atendido as necessidades do público infanto-juvenil?
- Você considera que ele esteja atualizado?
- Há um acervo específico para portadores de deficiência visual?
- Como as verbas de manutenção da biblioteca são captadas?
- Como é feita a aquisição de material bibliográfico? E os demais materiais?
- Qual é o número de empréstimo diário desta biblioteca ?
- E qual a freqüência diária?
- Qual a área (m<sup>2</sup>) reservada para esta biblioteca?
- Qual o número de salas/ambientes? Você considera adequado?
- O mobiliário é condizente com a faixa etária?
- Você considera apropriada a decoração do ambiente?
- A sinalização da biblioteca é satisfatória?
- E a iluminação é apropriada? Ela é prioritariamente natural ou artificial?

- Como é a ventilação?
- Quais os equipamentos que a biblioteca possui?
- Você os considera suficientes/adequados?
- Há iniciativas que visem dar melhores condições para que os deficientes físicos freqüentarem a biblioteca?
- E a Educação de Usuário, como é feita?
- Onde é feito o tratamento técnico desta biblioteca?
- O acervo está automatizado? Que programa utilizam?
- Como é feito o marketing desta biblioteca?
- Quais são os produtos de informação da biblioteca?

### **Questões sobre o staff**

- Qual a formação dos profissionais que atuam nesta biblioteca?
- Qual a forma de recrutamento de um funcionário para atuar na biblioteca?
- Concurso? Remanejamento? Indicação política?
- O funcionário ao ser admitido na biblioteca, passa por um período de treinamento?
- Qual a forma de ascensão do funcionário dentro desta biblioteca?
- Quanto a educação contínua destes profissionais, tem sido priorizada? Cite exemplos:

### **Questões sobre as atividades desenvolvidas**

- Quais as principais atividades culturais desenvolvidas por esta biblioteca?
- Qual a periodicidade destas realizações?
- Quais as dificuldades encontradas no planejamento e realização destas atividades?
- A seu ver, quais as atividades que podem realmente levar à leitura? Por quê?
- Das atividades declaradas, quais são desenvolvidas por esta biblioteca?

### **Outros assuntos**

- Há uma integração desta biblioteca com outras instituições da cidade? Que tipo?
- Na sua opinião como são tratadas as bibliotecas infanto-juvenis pelo poder público?

- Você considera que os bibliotecários encontram-se motivados e preparados para atuarem nesta área?
- Os eventos que possibilitam a discussão das problemáticas que envolvem as bibliotecas infanto-juvenis, são suficientes e satisfatórios?
- Qual o evento desta área que você participou em 1998/1999?
- Em que local eles ocorreram?

### **Finalizando**

Existe algo que queira acrescentar?

## ANEXO C

### Formulário da Entrevista Estruturada

- 1) Sexo /\_/\_/  
     1 Feminino  
     2 Masculino
- 2) Idade \_\_\_\_\_ /\_/\_/
- 3) Há quanto tempo você trabalha nesta Biblioteca?  
 \_\_\_\_\_ /\_/\_/
- 4) Qual a sua formação escolar? /\_/\_/  
     1 Primeiro grau incompleto  
     2 Primeiro grau completo  
     3 Segundo grau incompleto  
     4 Segundo grau completo  
     5 Terceiro grau incompleto  
     6 Terceiro grau completo /\_/\_/  
     7 Especialização  
     8 Mestrado  
     9 Doutorado
- 5) Qual o seu cargo nesta Biblioteca? /\_/\_/\_/  
 \_\_\_\_\_
- 6) Você foi admitido(a) nesta biblioteca, por intermédio de: /\_/\_/  
     1 remanejamento  
     2 concurso  
     3 indicação  
     4 outros \_\_\_\_\_
- 7) Para iniciar suas funções, recebeu um treinamento específico? /\_/\_/  
     1 sim           2 não
- Qual (is) \_\_\_\_\_
- 8) Como você faz para se manter atualizado(a) profissionalmente? /\_/\_/\_/  
 \_\_\_\_\_
- 9) Qual(is) foi (ram) o(s) evento(s) que você participou em 1998/1999? /\_/\_/\_/  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_
- 10) A temática foi voltada para as bibliotecas infanto-juvenis? /\_/\_/  
     1 sim           2 não
- 11) Você gosta do que faz? /\_/\_/  
     1 sim           2 não
- Em caso negativo. Por quê? \_\_\_\_\_
- 12) O nº de salas/ambiente é adequado p/ atender o fluxo do público infanto-juvenil /\_/\_/

Discordo	Concordo
Totalmente 1	Pouco 4
Bastante 2	Bastante 5
Pouco 3	Totalmente 6

13) Você considera a biblioteca um lugar agradável

/ \_ /

<b>Discordo</b>	<b>Concordo</b>
Totalmente 1	Pouco 4
Bastante 2	Bastante 5
Pouco 3	Totalmente 6

14) O acervo da biblioteca, tem atendido as necessidades do público infanto-juvenil

/ \_ /

<b>Discordo</b>	<b>Concordo</b>
Totalmente 1	Pouco 4
Bastante 2	Bastante 5
Pouco 3	Totalmente 6

Justifique: \_\_\_\_\_

15) O acervo está atualizado

/ \_ /

<b>Discordo</b>	<b>Concordo</b>
Totalmente 1	Pouco 4
Bastante 2	Bastante 5
Pouco 3	Totalmente 6

16) Como é feito a divulgação desta biblioteca?

\_\_\_\_\_

17) Quais são os produtos de informação, desta biblioteca?

/ \_ /

- 1 folhetos
- 2 bibliografias
- 3 boletim informativo
- 4 jornais
- 5 outros

18) A decoração da biblioteca é atraente

/ \_ /

<b>Discordo</b>	<b>Concordo</b>
Totalmente 1	Pouco 4
Bastante 2	Bastante 5
Pouco 3	Totalmente 6

19) O mobiliário é adequado ao público infanto-juvenil

/ \_ /

<b>Discordo</b>	<b>Concordo</b>
Totalmente 1	Pouco 4
Bastante 2	Bastante 5
Pouco 3	Totalmente 6

20) A ventilação da biblioteca propicia bem estar ao público infanto-juvenil.

/ \_ /

<b>Discordo</b>	<b>Concordo</b>
Totalmente 1	Pouco 4
Bastante 2	Bastante 5
Pouco 3	Totalmente 6



## ANEXO D

### Carta e Questionário para os Especialistas

Londrina, 08 novembro de 1999.

Prezada Profª

Sou mestranda em Ciências da Informação na UNESP/Marília e tenho como tema de pesquisa: **Promoção da leitura nas bibliotecas Monteiro Lobato de São Paulo e Salvador**. Esta opção deve-se ao fato das mesmas serem as primeiras bibliotecas (ainda em funcionamento) criadas, especialmente, para atender o público infanto-juvenil.

Os procedimentos metodológicos escolhidos, foram a entrevista "in loco" com as diretoras das Bibliotecas Monteiro Lobato de São Paulo e Salvador; a aplicação de um questionário com os funcionários, objetivando buscar informações sobre as realizações declaradas das duas bibliotecas, em especial aquelas voltadas à promoção da leitura; e finalmente, a elaboração do questionário em anexo, contendo as atividades desenvolvidas pelas referidas bibliotecas, para que especialistas possam avaliar a pertinência e a eficácia dessas atividades, quanto à promoção da leitura.

Portanto, sua participação nesta pesquisa é de extrema importância, visto que seu conhecimento e contribuição na área de leitura tem sido marcantes e notórios.

Sem mais, agradeço e informo que, caso seja mais fácil a devolução deste questionário via Internet, solicito enviar um e-mail, e remeterei outro, agilizando o trabalho, pois necessito obter sua manifestação até 25 de outubro de 1999.

Atenciosamente,

Sueli Bortolin

Mestranda UNESP/Marília

SUELI BORTOLIN  
Rua Comandante Rhul, 260 Jardim Califórnia  
86040-050 Londrina-PR  
fone (43) 337-2875  
e-mail bortolin@uel.br

**Por gentileza, assinale com um X as atividades que você considera que realmente possam contribuir para a promoção da leitura em Bibliotecas Infanto-juvenis**

- Apoio a pesquisadores da obra de Monteiro Lobato
- Apresentação de capoeira
- Apresentação de dança
- Apresentação de peças teatrais
- Árvore dos famosos (ex-leitores que hoje são famosos)
- Árvore dos mais leitores
- Atendimento ao público
- Atendimento por telefone
- Atividades literárias
- Atividades na praça (Artes na Rua)
- Banco de Textos Teatrais
- Bate-papo
- Brinquedoteca
- Cessão de espaço para ensaio de grupos de teatro, que se comprometem a fazer apresentações teatrais gratuitas
- Cessão do espaço para reuniões da Associação de Bairros (Ex: preservação da praça)
- Comemorações (Ex: Dia do artista, Folclore, Semana Nacional do Livro e da Biblioteca, Semana do Livro Infantil, Aniversário da Biblioteca, Festas Juninas, Monteiro Lobato, Semana da Criança, Dia das mães, Dia dos pais...)
- Concursos (poesias, histórias...)
- Conto dramatizado
- Curso 1º passos - para funcionários e para usuários (Ex: leitura, literatura, HQ, globalização cultural, sexualidade...)
- Curso de Expressão corporal/dança
- Curso de flauta
- Curso de teatro de bonecos
- Cursos para bibliotecários
- Destaque do mês (autores)
- Disponibiliza periódicos
- Dramatizações
- Efemérides do mês
- Empréstimo domiciliar de livros
- Encontro com Escritores ou Escritor na biblioteca
- Encontro ou Festival de contadores de histórias

- /\_\_\_/ Encontro PROLER
- /\_\_\_/ Eventos (mesa redonda,..)
- /\_\_\_/ Exibição de filmes (cineminha)
- /\_\_\_/ Exibição de filmes para funcionários
- /\_\_\_/ Exibição de vídeo
- /\_\_\_/ Exposição biobibliográfica
- /\_\_\_/ Exposição de HQ
- /\_\_\_/ Exposição de periódicos
- /\_\_\_/ Exposições temáticas (Ex: fotos, desenhos, objetos, escultura, pintores, escritores, ecologia...)
- /\_\_\_/ Futebol na praça/quadra
- /\_\_\_/ Grupo da 3ª Idade
- /\_\_\_/ Grupo de teatro
- /\_\_\_/ Hemeroteca
- /\_\_\_/ Hora da história ou Contação de histórias ou Hora do Conto
- /\_\_\_/ Jogos
- /\_\_\_/ Lançamento de Bibliografias
- /\_\_\_/ Lançamentos de livros
- /\_\_\_/ Oficina de artes (pintura, artesanato, sucata, origami, caixa de presentes, cenário, desenho, massa de modelar, reciclagem de papel, encadernação...)
- /\_\_\_/ Oficina de artes plásticas focando a leitura
- /\_\_\_/ Oficina de bonecos (fantoques, marionetes, títeres...)
- /\_\_\_/ Oficina de canto ou coral
- /\_\_\_/ Oficina de cartazes
- /\_\_\_/ Oficina de Contação de histórias para funcionários
- /\_\_\_/ Oficina de hemeroteca (com professores da rede estadual)
- /\_\_\_/ Oficina de idéias (interpretação de textos)
- /\_\_\_/ Oficina de origami
- /\_\_\_/ Oficina de pesquisa (como possibilidade de descoberta)
- /\_\_\_/ Oficina de teatro ou Curso de teatro
- /\_\_\_/ Oficina literária (Ex: poesia)
- /\_\_\_/ Oficina ou Aula de inglês
- /\_\_\_/ Oficinas ou Cursos temáticos (Ex: sexualidade na adolescência, literatura, ecologia, natal, carnaval...)
- /\_\_\_/ Ônibus biblioteca
- /\_\_\_/ Organização da memória da Biblioteca Monteiro Lobato e do acervo de Monteiro Lobato
- /\_\_\_/ Orientação a grupos de teatro amador
- /\_\_\_/ Orientação à pesquisa escolar
- /\_\_\_/ Orientação na apresentação formal de trabalhos



## MINHA ALMA QUIXOTESCA

Aqueles que sonham acordados têm conhecimento de mil coisas que escapam àqueles que sonham apenas adormecidos. Em suas brumosas visões, apanham lampejos da eternidade e ao despertarem têm arrepios ao ver que estiveram por um instante às margens do grande segredo.

Faço das palavras de Edgard Allan Poe minhas palavras e me aproprio delas com tamanha intensidade que chego a ter medo da Lei do Direito Autoral.

É sempre assim - quando leio um texto que gosto muito - digo: “Eu é que gostaria de ter escrito isso!!!”

Pois eu sonho sempre e não me preocupo em saber se é saudável ou não sonhar acordada. Caso não seja, por favor chamem um médico, pois tenho sérios problemas. A verdade é que durante toda a minha vida, sonhei acordada. E para os incrédulos, gostaria de informar que foram poucos os sonhos que eu não realizei.

Tenho claro na minha cabeça (razão) e em meu coração (emoção) que a “fantasia é o que temos de mais real em nossas vidas” (por mais contraditório que pareça). Apostando nisso, investi nas crianças todas as minhas energias e, como bibliotecária sempre tive um olhar afetuoso para as bibliotecas infantis.

O interesse por esse gênero de bibliotecas, surgiu em 1978 no curso de Biblioteconomia da UEL quando uma fada madrinha,

a professora Terezinha Gondo, me encantou com a apresentação de um texto sobre a Biblioteca Infantil de Clamart em Paris/França (que engraçado, Terezinha Gondo, só agora percebi que tive uma fada madrinha nipônica!!).

E daí sonhei, sonhei, sonhei durante muitos anos em conhecer aquela Biblioteca que é denominada “A alegria pelos livros”. E ficava imaginando que com esse nome só poderia ser um lugar muito gostoso.

Anos se passaram até que o sonho embalado fosse realizado. Superando as dificuldades financeiras, profissionais e de domínio da língua francesa, conheci em 1988, a biblioteca considerada modelo para o mundo.

Não tinha como achar defeito naquela instituição. Não era tão grande como aparentava nas fotos, mas trazia em sua filosofia intenções que me fizeram compará-la ao Paraíso (caso ele exista!). Não consigo ter claro na minha cabeça e na minha emoção, se foi pelo sonho há tanto tempo acalentado ou pela carência afetiva por estar num país estranho. Este foi o local mais acolhedor que já estive em minha vida (até esse dia não havia experimentado uma arquitetura tão envolvente!). Uma sala redonda na qual um contador de histórias levou as crianças (e aí eu me incluo) a uma maravilhosa viagem.

Mais alguns anos se passaram, até que em 1998 (nossa, isso é um prato cheio para a Numerologia!! Em 78 li o texto, em 88 fui à Clamart e em 98...). Em 1998, lá estava eu novamente envolvida, por todos os poros, com duas bibliotecas infantis.

Assim, passei a estudar nesse Mestrado, que agora chega ao fim, as Bibliotecas Monteiro Lobato de São Paulo e Salvador.

E só chega ao fim porque pelo meu caminho, encontrei muitas outras fadas (ih! como não tem masculino, vai mago mesmo). Pois é, encontrei muitas outras fadas e muito magos que com suas varinhas e poções mágicas me acompanharam nesses últimos anos.

Engraçado que eles tomaram formatos reais usando pele de mãe, de pai, de orientadora (que orientadora, gente!), de sobrinhos, de irmãos, de amigos-hospedeiros, de cunhados, de primos, de tias, de amigos de trabalho, de banca examinadora, de amigos de sala de aula, de amigos de viagem, de amigos de vida, de professor, de banca examinadora de entrevistados e de alunos.

E o que me resta agora além de agradecer **emocionadíssima** todos esses personagens? Só me resta perguntar: **VOCÊS ACHAM QUE VALE À PENA SONHAR????**